

# MEB Premiado Pela UNESCO

(Leia na página 4)

## CORREIO DA SEMANA

SEMANÁRIO DIOCESANO — Diretor: Cônego Eberto R. Andrade — SOBRAL, SÁBADO 26 DE OUTUBRO — ANO 51 — N. 26

### Agitação na Guanabara

RIO — Cenas de desordens manifestantes saíram ontem, após o fechada, das proximidades do Hospital Pedro Ernesto, em Vila Isabel, e acabaram travando sangrento conflito, na Praça Onze, com choques da Polícia Militar, lo qual resultaram um comerciante e um operário mortos a tiros e inúmeras pessoas, inclusive jornalistas, feridas a bala e pedradas.

### UVA Criada Por Lei

Banco de Sobral S/A  
Instalará Agência  
Juazeiro do Norte

### Sobral se Transforma e Cresce

Edvanir Maia da Silveira

# HISTÓRIA POLÍTICA DE SOBRAL

No tempo de Prado e Barreto (1963-96)

### Aniversário da Revolução

Em nome dos alunos, a administração agradece a presença amigável de D. Welxela Vieira, que durante três dias deixou de todos compromissos, para atendê-los de multade.

### Prefeitura Municipal de

EDITAL

Relação dos bens incorporados ao Município, em decorrência da aplicação dos do Fundo de Participação em DESPESAS DE CAPITAL, em 1969 — Regulamentação do Tribunal de Contas do Estado do Ceará — Lei nº 43.20/64 — Constituição do Código Civil Brasileiro (art. 66, inciso II) — Estabilidade da União.



### DOPS PRENDE EM SOBRAL ACUSADO DE SUBVERSÃO

João Sales, acusado de ser comunista e fichado como tal desde 1935, com várias entradas no DOPS, foi preso em Sobral por agentes que realizavam diligências neste sentido nas primeiras horas de ontem. Foram encontrados em seu poder, alguns panfletos (um deles era com o título "Cada um contra a Ditadura") e livros subversivos, além de outros livros que tratavam do assunto proibido. João Sales, ferido de id...

rena e gestos calmos) enviado para o DOPS de Fortaleza, foi autuado em flagrante pelo delegado Luiz Costa. Sua vez e de Federal todo pelos pccializ to pre de Or cial, J gou a que p se cor se ide penas pr...



Série Padre LIRA

agita os Federal

em tôças es e polci...

na Guanabara ocuparam toda a sessão matutina de ontem do Senado, dêles participando os Srs. Mário Martins, Atílio Fontana, Petrónio Portela, Eurico Resende e Aurélio Viana. Este último apoiando, em parte, o seu colega

para as podri rgidas na "PL o de Interv. aral no Ceará deputado José elredo Correia ou que, "é está faltando a necessário".



**Edvanir Maia da Silveira**

Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (1997), mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000), Doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013) e Pós-Doutora pela Universidade Federal do Ceará (2018). É professora Adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, foi tutora do Programa de Educação Tutorial (PET - História) e diretora do Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS) da UVA, entre 2014 e 2017. Foi coordenadora do curso de História da UVA entre 2018 e 2021. É líder do Grupo de Pesquisa História e Cultura Política (CNPq) e coeditora da Revista Homem, Espaço, Tempo (CCH-UVA). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: história, cidade e cultura política.

Edvanir Maia da Silveira

# HISTÓRIA POLÍTICA DE SOBRAL

*No tempo de Prado e Barreto (1963-96)*

Sobral - CE  
2021



## HISTÓRIA POLÍTICA DE SOBRAL: No tempo de Prado e Barreto(1963-96)

Série Padre Lira - Volume 2

© 2021 copyright by: Edvanir Maia da Silveira

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com

**Coordenação Editorial e Projeto Gráfico**  
Marco Antonio Machado

**Coordenação do Conselho Editorial**  
Antonio Jerfson Lins de Freitas

### Conselho Editorial

Andraia Rodrigues de Andrade  
Antonio Iramar Miranda Barros  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Cícero João da Costa Filho  
Francisco Dênis Melo  
Geramilde Costa e Silva  
Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
João Batista Teófilo Silva  
Juliana Magalhães Linhares  
Regina Celi Fonseca Raick  
Telma Bessa Sales

Tito Barros Leal de Pontes Medeiros  
Valéria Aparecida Alves  
Viviane de Sousa Lima

### Revisão

Daniel Martins de Carvalho

### Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

### Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia – Sobral-CE  
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613  
Filiada à



**Reitor**  
Fabianno Cavalcante de Carvalho

**Vice-Reitora**  
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

**Diretora das Edições UVA**  
Maria Socorro de Araújo Dias

### Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)	Maria Adelane Monteiro da Silva
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo	Maria Amélia Carneiro Bezerra
Ana Iris Tomás Vasconcelos	Maria José Araújo Souza
Carlos Augusto Pereira dos Santos	Maria Somália Sales Viana
Claudia Goulart de Abreu	Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Eliany Nazaré Oliveira	Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Eneas Rei Leite	Renata Albuquerque Lima
Francisco Helder Almeida Rodrigues	Simone Ferreira Diniz
Israel Rocha Brandão	Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque	Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

**Catálogo**  
Neto Ramos CRB 3/1374

S587h Silveira, Edvanir Maia da.  
História política de Sobral: no tempo de Prado e Barreto  
(1963-96). / Edvanir Maia da Silveira. – Sobral, CE:  
Sertão Cult, Edições UVA, 2021.

292 p.  
v.2 (Série Pe. Lira)

ISBN: 978-85-67960-48-7 - papel  
ISBN: 978-85-67960-49-4 - e-book – pdf  
ISBN: 978-65-87115-16-0 - e-book – pdf  
Doi: 10.35260/67960494-2021

1. História. 2. Política. 3. Ditadura. 4. Coronelismo. I.  
Título.

CDD 981



Este e-book está licenciado por Creative Commons  
Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Aos meus pais, Estelita e Francisco, que, mesmo em condições adversas, perceberam que o conhecimento era o melhor caminho para que suas filhas tivessem um futuro melhor.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), pelo investimento na formação e na produção de conhecimento, e, em nome do professor Orlando de Barros, ao Programa Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pelo acolhimento e aprendizado.

Sou grata aos diversos depoentes que se dispuseram a conversar, mesmo com tantos afazeres, fornecendo informações preciosas à compreensão do objeto desta pesquisa, e aos profissionais dos diversos centros de pesquisa por onde passei: Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro; Arquivo Público do Estado de Ceará, Biblioteca Menezes Pimentel e a Associação Anistia 64/68 – Jurídico e memória, em Fortaleza; Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS), Jornal Correio da Semana, Câmara Municipal de Sobral e Museu Dom José, em Sobral.

Reconheço o apoio dos amigos e dos colegas de trabalho e de pesquisa na UVA, solidários nessa árdua tarefa que é fazer Ciência neste país.

Gratifico minha família pela parceria cotidiana.





# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>1 A CIDADE E O GOLPE: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA.....</b>	<b>26</b>
1.1 Sobral na Historiografia.....	27
1.1.1 Cidade estagnada.....	32
1.1.2 Cidade em movimento.....	36
1.2 Cultura política na década de 1960.....	38
1.3 Historiografia do golpe de 1964.....	42
1.4 A “Revolução” em Sobral.....	47
1.4.1 Prado e Barreto.....	52
<b>2 CIDADE PULSANTE: A OPOSIÇÃO À DITADURA MILITAR EM SOBRAL.....</b>	<b>87</b>
2.1 A oposição à ditadura no Ceará.....	88
2.2 Os “subversivos” em Sobral - a Igreja, os estudantes, os comunistas e os artistas.....	98
2.2.1 A Igreja.....	98
2.2.2 Os estudantes.....	106
2.2.3 Os Comunistas e o MDB.....	125
2.2.4 Os artistas - O Festival Mandacaru.....	134
2.3 Eles eram subversivos e não sabiam?.....	141
<b>3 O PODER DOS “CORONÉIS”: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM SOBRAL NA VIGÊNCIA DO REGIME MILITAR.....</b>	<b>149</b>
3.1 Os “donos” do poder.....	149
3.2 O projeto urbano do regime militar.....	154
3.3 A Chefia de Cesário Barreto.....	160

3.4 Jerônimo Prado e o “milagre econômico” em Sobral-CE.....	167
3.4.1 A criação da Universidade Vale do Acaraú - UVA.....	172
3.4.2 O Plano Diretor de 1967.....	176
3.5 O espírito desenvolvimentista.....	178
3.5.1 Os Clubes de serviços.....	181
3.6 A modernização do espaço urbano – Energia, água, comunicações e habitação.....	185
3.6.1 Crescimento sem equidade.....	189
3.7 E a crise econômica?.....	191
3.8 Os questionamentos ao projeto autoritário.....	205
<b>4 A NOVA REPÚBLICA E A SOBREVIVÊNCIA DOS “VELHOS CHEFES”</b>	<b>213</b>
.....	.....
4.1 Sinais da Nova República em Sobral.....	214
4.2 A ascensão dos empresários ao poder do Ceará.....	217
4.3 A sobrevivência do projeto tradicional em Sobral.....	220
4.3.1 “Uma Princesa sem Príncipe”.....	222
4.4 Por outra Sobral.....	227
4.4.1 Os partidos de esquerda.....	227
4.4.2 Os Ferreira Gomes.....	229
4.4.3 Movimento Por uma Nova Sobral.....	231
4.5 A aliança Prado e Barreto.....	234
4.5.1 As eleições estaduais de 1990.....	237
4.6 A última cartada dos “velhos chefes”.....	239
4.6.1 “A Saga de Entra e Sai”.....	241
4.6.2 “E Sobral virou Geni...”.....	251
4.6.3 “E agora José, para onde...?”.....	259
4.7 A sucessão municipal.....	265
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>273</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>277</b>
<b>FONTES DOCUMENTAIS.....</b>	<b>285</b>



## PREFÁCIO

Este livro foi o resultado de uma laboriosa e aprofundada tese de doutorado, defendida em 2013 no Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A autora, a professora Edvanir Maia da Silveira, provinha da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), onde ensinava. Antes, havia cursado o mestrado na UNESP. Cuidava, assim, de sua formação profissional em cursos de pós-graduação já consolidados, que lhe permitissem as condições apropriadas de pesquisa. Durante o doutorado, residiu no Rio de Janeiro enquanto cursava as disciplinas na UERJ. Isso foi importante, pois assim pôde dispor de farto material documental existente na Biblioteca Nacional e nos arquivos públicos da ex-capital federal. Essas valiosas fontes foram adicionadas ao acervo histórico regional de que já dispunha, mas continuou a acrescentar material de pesquisa ao longo da redação de seu doutoramento. Cumpriu, por conseguinte, um itinerário exemplar de como se elabora, em todos os sentidos, uma tese bem fundamentada.

O tema de pesquisa ambienta-se em Sobral, a orgulhosa cidade cognominada Princesa do Norte, situada a noroeste do estado do Ceará, no intervalo cronológico de 1962 a 1996. Nesse período da história municipal se insere o Regime Militar (1964-85), que afetou decisivamente a vida política, econômica, social e administrativa da cidade. Até então, Sobral estruturava suas relações sob a típica dominação coronelista e clientelista, o que era então o mais comum em boa parte do nordeste,

e não menos no Ceará, onde predominava a vida rural. Adiante, entre 1964 e 1996, aos saltos, Sobral foi deixando o clientelismo à antiga, quando passou gradativamente a uma sociedade dinâmica, moderna em muitos aspectos, mas repetindo parcialmente um tipo atualizado de práticas políticas do passado. Foi esse um tempo assinalado pela introdução do distrito industrial, pela melhoria acentuada das comunicações e fornecimento de eletricidade, pelo incremento das vias de transporte e do surgimento de conjuntos de habitações populares financiados em geral pelas agências federais. Foi o tempo também da extensão da educação básica e da criação de uma universidade (inicialmente municipal, logo depois estadualizada), e da melhoria no abastecimento de água, e assim por diante, elementos não menos importantes para consolidar Sobral como um polo de desenvolvimento regional.

Até o momento do advento do Regime Militar, sentia-se que a atualização institucional e política da Princesa do Norte tinha sido escassa, exceto pela incorporação de uma ou outra inovação introduzida pela caminhada civilizatória geral do país, em consonância com a do mundo. Mas, passados os primeiros anos do governo militar, estabeleceu-se um quadro de desenvolvimento intenso no Brasil, que se convencionou chamar de “milagre brasileiro”. Por algum tempo houve recursos de sobra, que partiam do governo federal em direção aos estados e municípios, disponibilizados em grande medida pelo sistema financeiro internacional, que era o sustento principal das altas taxas de crescimento econômico. Tudo isso acontecia em meio ao poder discricionário constituído em Brasília, que contaminava tudo e todos. Mas os recursos federais não chegavam aos estados e municípios senão por meio de uma ordem política muito bem azeitada, estruturada em torno do partido oficial da ditadura, a ARENA. Nesses anos, a liderança política em Sobral coube a duas famílias eminentes, os Prado e os Barreto, que se adaptaram bem à realidade política nacional, e souberam explorar bem os canais por onde fluíam os recursos. Mais adiante, um terceiro clã, os Ferreira Gomes, passou a disputar o poder municipal, trazendo mais

intensidade às disputas políticas. Tal adaptação à realidade política foi de tal monta que, mesmo concorrentes nos pleitos municipais, o mesmo suporte partidário foi utilizado por um e outro, sob a denominação das sublegendas ARENA 1 e ARENA 2, estranha solução política que não foi singular em Sobral, mas Brasil afora.

Trata-se de uma adaptação local ao forçado bipartidarismo imposto pelo governo militar, saindo daí a ARENA e o MDB, o primeiro representante do governo federal derivado do golpe militar de 1964, e o segundo uma presumível oposição (porque em alguns estados, o partido dito oposicionista era amistoso para com o governo federal). Os três grupos políticos supracitados se aboletaram no partido do governo, nas duas sublegendas do bipartidarismo forçado, em linha com os governos estaduais que se seguiram, como os coronéis Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals. Mas, por que as sublegendas não impunham uma fricção intestina fratricida? Responde Edvanir que as relações pessoais a tudo governava, que a parentela mediava através dos postos ocupados no judiciário, nas forças armadas e no executivo federal, servindo de elemento apaziguador nas situações particularmente tensas.

Nesse ponto, a autora nos conduz diretamente ao ponto do mecanismo do poder em Sobral nas últimas décadas do século findo, que é também a chave para entender o objeto histórico por ela estudado: relações pessoais. Trata-se de uma verdadeira cultura política, que se pode desenhar assim: “nepotismo, clientelismo, paternalismo, autoritarismo e assistencialismo”, fazendo confundir o público e o privado, permitindo interpenetrar indistintamente como local do trânsito político a residência das autoridades municipais e a prefeitura. O voto aqui se torna moeda de troca; a promessa de uma benesse ao eleitor tem mais valor prático que qualquer argumento político ou ideológico. E, no geral, as três facções se arranjavam na inclinação assim formulada: ser amiga do rico e defensora do pobre.

Nos anos 1970, Sobral tinha uma das maiores arrecadações do estado. Esse tempo de relativa bonança, o do domínio dos Prado e Barreto,

consolidou o prestígio regional de Sobral no Ceará e trouxe incontestemente modernização, com resultado no bem-estar social e na educação dos munícipes, ainda que perdurasse uma significativa massa a reivindicar um lugar melhor na ordem socioeconômica. Assim, o velho clientelismo existente antes de 1964 não teria se extinguido com o advento dos Prado e dos Barreto, pelo contrário, apenas se aperfeiçoou e se adaptou às novas necessidades e exigências dos eleitores, porque é com a captura destes que se inicia outro sistema político clientelista. É, pois, de se imaginar, por exemplo, o valor do voto do eleitor que estivesse à espera de moradia, que provinha dos recursos da Caixa Econômica Federal que fluíam pelos caminhos que ligavam a política municipal à estadual, e esta à federal. Assim, em suma, os Prado e Barreto trouxeram mudanças importantes para Sobral, especialmente um real crescimento econômico, conforme a autora deste livro, cujo ápice se deu entre os anos de 1968 e 73, os do “milagre brasileiro”, que teriam ocorrido durante a ditadura militar, quando Sobral caminhava para cem mil habitantes. E aqui a autora instaura uma hipótese plausível, que se impõe na altura da campanha eleitoral de 1996.

A campanha de 1996 deu-se a uma década passada do fim da ditadura. As campanhas eleitorais de então faziam-se não raro com recorrência aos maus hábitos políticos praticados durante o regime militar. Foi nesse clima de disputas acirradas que se estabeleceu uma narrativa que tinha como objetivo desqualificar as administrações dos Prado e dos Barreto e que, com o tempo, assumiu a feição de uma estampa: os Prado e Barreto teriam governado Sobral como coronéis à antiga, praticando amplamente o clientelismo, tendo como resultado um período de estagnação e, portanto, de mau aproveitamento dos recursos derivados do “milagre brasileiro”. Foi nessa ocasião que o grupo político dos Ferreira Gomes saltou à frente, como poderoso clã que governou a cidade e o Ceará e, mais tarde, levou o seu filho mais importante a compor ministérios e a disputar o pleito presidencial. Os Ferreira Gomes estão no poder no Ceará até o presente.

Foi observando essas circunstâncias que Edvanir Maia da Silveira levantou outras questões fundamentais: como a liderança política dos Prado e Barreto se constituiu? Teria sido de modo a refletir as circunstâncias impostas pelo advento da ditadura? Como a sociedade sobralense apreendeu a ditadura militar, como a interpretou e como a ela reagiu na hora apropriada? O que resultou de positivo para o desenvolvimento de Sobral durante os mandatos dos Prado e Barreto e por que declinaram, deixando escapar a hegemonia política de que desfrutaram por lapso tão longo?

Tentando responder à primeira questão, Edvanir pondera que entre 1962 e 1996, durante a administração Prado e Barreto o município de Sobral tinha uma receita municipal exígua, por causa da generalizada sonegação de impostos, estando a cidade sem condições para investir em infraestrutura que a modernizasse. Obter recursos para tanto exigia dos líderes muita habilidade para busca-los além do âmbito municipal. A oportunidade que se encontrou para virar a página foi inserir a política municipal na ordem dominante e aproveitar o bom momento do “milagre brasileiro”. A autora pondera, a propósito que a narrativa de uma Sobral estagnada e incapaz não passou de um circunstancial “discurso midiático” posto em prática durante a campanha eleitoral de 1996. Foi quando a família Ferreira Gomes estabeleceu a sua longa hegemonia.

Não foi coisa nova, pois em 1986, um ano depois do fim da ditadura, no nível estadual, houve uma eleição em que uma desgastada liderança, cujos componentes se alternavam no poder desde 1962, ou seja, década e meia, foi combatida com argumento semelhante. Os que aspiravam chegar ao poder eram então jovens empresários que retrataram seus adversários como notórias figuras lendárias do coronelismo da velha república, conhecidos pelo farto anedotário que aludiam ao autoritarismo, patriarcalismo, clientelismo e assistencialismo, práticas incompatíveis com o tempo em que se vivia. Eis porque Edvanir Maia da Silveira balizou sua pesquisa na faixa cronológica que vai de 1962

a 1996, anos marcantes em que se introduziram narrativas políticas de confronto entre o velho e o novo, com consequente conquista do poder.

Nos anos 1980, o sistema clientelista modernizador de Sobral exauriu-se, vítima da fonte que o alimentava. Por toda a década, o Brasil não pôde mais custear os investimentos públicos a juros baixos devido ao abalo do sistema financeiro internacional iniciado em 1973 com a crise do petróleo. Os investimentos se interromperam, com muitas obras públicas abandonadas Brasil afora. De cima abaixo, de Brasília às capitais dos estados, e daí aos municípios, os recursos minguaram, desbaratando o “milagre brasileiro”. Em Sobral, o resultado foi a desaceleração acentuada do desenvolvimento. Manter o sistema público já se tornava um esforço desgastante. Instaurou-se então uma pressão generalizada no Brasil pela redemocratização.

Assinala então a autora que, com esse pano de fundo, o derradeiro Barreto não teve energia nem talento para evitar a defenestração, depois do escândalo municipal de ter a câmara de vereadores se cindido em duas. Nessa altura, os Ferreira Gomes chegavam ao poder e se apropriaram com grande competência da retórica da redemocratização, que tanto prorrompia em alarde naquele momento da Nova República. Profissionalizaram a administração pública e tomaram medidas para corrigir e recuperar Sobral do mandato relapso de Ricardo Barreto. Estavam, enfim, “mais bem sintonizados espiritualmente e materialmente com o novo momento”. Ainda que um tanto inusitado, deu-se que a esquerda se aproximou dos Ferreira Gomes por coincidir parcialmente os discursos no que tangia à redemocratização e o interesse pelas necessidades populares, ao menos na dimensão discursiva. Foi um momento interessante em que o sistema de poder construído pelos métodos e propósitos do passado se rearranjava para prosseguir. Isso lembra a famosa passagem de um livro de Lampedusa em que um personagem, um príncipe do sul da Itália, diz que é preciso mudar para que tudo fique no mesmo.

Diz a autora deste livro que Sobral é privilegiada pela historiografia, para a qual concorreram memorialistas e acadêmicos os mais diversos,



embora a maioria dos estudos, a seu ver, prestam-se mais à exaltação da cidade do que a entendê-la e compreendê-la. Edvanir teve em sua carreira a oportunidade de ensinar a história contemporânea do Brasil, tendo orientado um bom número de monografias de alunos sobre a história da cidade no século XX. Essa experiência lhe indicou a necessidade de promover um estudo circunstanciado da história da cidade, sob o rigor e a disciplina acadêmica. E escolheu justamente um momento especialmente importante da vida política da cidade, quando ela passou por incontestes progressos, não obstante tivesse sido governada pelo processo clientelista e coronelista, um tanto transformado, durante a profusão de recursos obtidos durante o “milagre brasileiro”. Reparou então que muito do que se dizia não tinha respaldo nos fatos.

Como as informações de que dispunha não fossem suficientes, Edvanir foi à pesquisa. Leu uma enormidade de documentos oficiais da cidade e livros de história, recolheu o que escreveram os memorialistas da cidade, consultou periódicos, entrevistou pessoas - “ouvidas cotidianamente” - e assim reconstituiu fatos muito mais precisamente do que a memória coletiva havia permitido preservar e que eram então correntes. Reconstituiu vários episódios importantes de modo preciso e claramente interpretados, dentre eles os episódios de oposição e protesto em plena ditadura militar, e a sobrevivência dos comunistas, abrigados no partido de oposição na vigência do bipartidarismo. Constituiu, por fim, um vasto painel filtrado teoricamente com a armadura do conceito de cultura política, conforme Serge Bernstein, o qual aplicou com exemplar habilidade no entendimento da natureza da realidade política e administrativa da cidade de Sobral sob o tacho da ditadura militar.

A respeito, Edvanir diz modestamente que diante das dificuldades enfrentadas na construção do texto ficaria de antemão satisfeita se conseguisse apresentar um panorama inteligível das três décadas cruciais da hegemonia dos Prado e Barreto. Na verdade, a autora ultrapassou de muito o modesto objetivo a que se impôs. Este livro proporciona muitos conhecimentos e ensinamentos; ele é modelar para investigações seme-

lhantes. É um livro acadêmico, mas o rigor e a precisão não impedem que a leitura seja agradável. Que os leitores recebam este livro com admiração, especialmente os sobralenses, como uma dádiva preciosa de uma concidadã da Princesa do Norte.

***Orlando de Barros***

*Rio de Janeiro, 26 de julho de 2021*



## INTRODUÇÃO

A cidade de Sobral, situada na região noroeste do estado do Ceará, ao longo da história, sempre esteve entre as mais importantes cidades do estado. Na Colônia, ainda vila, estava entre as três mais importantes da capitania. No Império, quando se emancipou, superou as suas contemporâneas, pela localização geográfica, pela sede do curato (depois diocese) e pela representação política junto ao governo imperial.<sup>1</sup> Na década de 1960, o município contava com uma população estimada em 90.885 habitantes e com a maior renda *per capita* do estado.<sup>2</sup> Nos anos 80, a cidade foi beneficiada com a implantação de um Distrito Industrial, uma das metas do Programa de Industrialização do Ceará, já que era considerado polo de desenvolvimento econômico do estado.<sup>3</sup>

O poder político de Sobral foi se definindo como objeto de estudo na minha experiência como professora da disciplina de História do Brasil República, nos grupos de pesquisa em história urbana e história política e na orientação de monografias sobre história local. Nas leituras e discussões sobre a história política de Sobral, as décadas de 1960 a 1990 apresentavam-se como período de estagnação econômica e práticas políticas conservadoras, quando comparadas ao período anterior e posterior. Os principais grupos políticos que exerceram o poder na

1 GIRÃO, Glória Giovana Sabóia Mont'Alverne. *As Transformações sócio-culturais em Sobral (1870-1920)*. Recife, 2001 (Dissertação de Mestrado).

2 *Correio da Semana*. Sobral, 06 de janeiro de 1968.

3 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. *Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral*. Fortaleza, 1981, p. 10.

cidade entre essas décadas foram *Prado* e *Barreto*. No período anterior, o bispo Dom José Tupinambá da Frota era referendado como promotor do desenvolvimento da cidade, e, no posterior, o grupo *Ferreira Gomes* é lembrado como revolucionário da história urbana de Sobral. Essas ideias estão presentes nas obras de memorialistas, em periódicos de circulação local e na fala de moradores da cidade, ouvidas cotidianamente.

Algumas das obras publicadas sobre o período são de autoria de sobralenses, que, mesmo utilizando o método científico, dedicam-se a consolidar uma memória de cidade nobre, opulenta e moderna. Embora seus trabalhos não deixem de trazer contribuições à historiografia local, já que eles têm mais acesso a fontes primárias, essa não é a única interpretação sobre o tema.

Monografias, dissertações e teses produzidas por professores e estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), além de um conjunto de fontes documentais, dão indícios de que a aliança dos governos municipais com os coronéis, no Ceará, e com o regime militar trouxeram investimentos para a cidade de Sobral, que experimentou, nas décadas de 1960-1990, a instalação de várias indústrias com importância econômica ainda hoje, a infraestrutura em energia, bem como a criação do primeiro Plano Diretor, e a fundação de uma Universidade Municipal, mais tarde transformada em Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Essas obras, produzidas, muitas vezes, por jovens intelectuais, ensaiam uma análise crítica, que, mesmo com menos acesso à documentação, abre novas possibilidades de compreensão.

Entre 1962 e 1996, o poder municipal foi disputado por *Prado*, *Barreto* e *Ferreira Gomes*. Com o golpe e o Ato Institucional número dois (AI-2), que estabeleceu o bipartidarismo, os partidos com representação em Sobral se organizaram em duas agremiações: ARENA e MDB. Os três grupos políticos, *Prado*, *Barreto* e *Ferreira Gomes* foram para ARENA, subdividindo-se em ARENA um e ARENA dois. *Prado* e *Ferreira Gomes* de um lado e *Barreto* do outro. Os dois grupos eram

aliados políticos dos governos estaduais, os coronéis Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals.

Como se constituiu a liderança política de Prado e Barreto? Como a ditadura militar foi apreendida pela cidade de Sobral? Qual o resultado das gestões de Prado e Barreto para o desenvolvimento local? Como eles sobreviveram ao declínio do poder dos coronéis? Quais as razões do fim da hegemonia política de Prado e Barreto em Sobral?

O objetivo desta pesquisa é investigar as mudanças e permanências ocorridas na cidade de Sobral entre 1963 e 1996, período em que o poder municipal esteve nas mãos de *Prado e Barreto*, que coincide, em grande parte, com a vigência do regime militar no Brasil.

A hipótese é que a aliança dos administradores locais ao projeto político dos coronéis trouxe uma série de mudanças para a cidade, entre elas, um real crescimento econômico, que teve seu ápice entre os anos de 1968 e 1973, durante o chamado “milagre econômico” do regime militar no Brasil. A ideia de cidade estagnada teria sido um discurso midiático construído na campanha eleitoral de 1996, que teve o grupo *Ferreira Gomes* como principal protagonista, numa repetição do que ocorrera na esfera estadual nas eleições de 1986, quando o grupo de jovens empresários disputava o poder com velhas lideranças, que também se revezavam no poder desde 1962. Em ambos os casos, os antigos administradores foram chamados de “coronéis”, no intuito de identificá-los às lendárias figuras dos coronéis da Primeira República: patriarcal, clientelista e assistencialista; imagem incompatível, portanto, com os novos tempos.<sup>4</sup>

Acredita-se que a nova história política mostra um caminho viável para análise da história de Sobral. Para Kenneth O. Morgan, a história política consiste em estudar, para qualquer corte do objeto social, como o poder é buscado, exercido, desafiado, usado abusivamente e negado. Isso implicaria, para Morgan, a abertura do historiador da política à interação, em dados momentos ou conjunturas, de enormes variedades

4 GONDIM, Linda Maria de Pontes. *Clientelismo e modernidade nas políticas públicas*. Os “governos das mudanças” no Ceará (1987-1994). Ijuí: ed.UNIJUI, 1998.

de forças políticas, sociais, econômicas, culturais e psicológicas, bem como o uso de materiais documentais extremamente variados, em especial para a história contemporânea.<sup>5</sup>

Segundo Ciro Flamarion Cardoso, entre os vários tipos de história política enumerados pelos historiadores, há uma *história política na longa duração*, que se trataria na verdade, de uma história da *cultura política* em vinculação com os sistemas de crenças, mais preocupada com as persistências do que com as mudanças. Os historiadores, nessa perspectiva devem preocupar-se com as intenções e preocupações dos políticos, tanto quanto com os eventos da política.<sup>6</sup>

A cultura política, de acordo com Serge Bernstein, constitui um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama. É, para ele, ao mesmo tempo um fenômeno individual, interiorizado pelo homem, e um fenômeno coletivo, partilhado por grupos numerosos. A identificação dessa cultura política, por meio do discurso, do argumentário e do gestual, permite ao historiador descobrir as raízes e as filiações dos indivíduos, estabelecendo uma lógica no seu comportamento. Na dimensão coletiva da cultura política, acrescenta ele, a identificação permite compreender a coesão de grupos organizados à volta de uma determinada cultura.<sup>7</sup>

Em síntese, o autor defende que, se a cultura política retira a sua força do fato de, interiorizada pelo indivíduo, determinar as motivações do ato político, ela interessa ao historiador por ser um fenômeno partilhado por grupos inteiros que se reclamam dos mesmos postulados e que viveram as mesmas experiências.<sup>8</sup> Espera-se que essa seja a perspectiva

5 MORGAN, Kenneth O. *apud* CARDOSO, Ciro Flamarion. *A história política e a tentação culturalista*. S.n.t., p. 11-14.

6 *Ibid.*, p. 10.

7 BERNSTEIN, Serge. A cultura política. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 350-362.

8 *Ibid.*, p. 361.

teórica mais promissora para se compreender essa parte da história de Sobral, em que culturas políticas aparentemente divergentes se relacionavam de tal forma a obscurecer os reais donos do poder.

Para este estudo, foram consultadas fontes escritas, orais e iconográficas. Os periódicos constituem uma das principais fontes desta pesquisa. O jornal *Correio da Semana*, periódico da Diocese de Sobral, que circula na cidade desde 1918, é a fonte mais utilizada neste trabalho e ajuda a entender a postura da Igreja Católica em relação ao golpe, bem como de outros setores da sociedade que se expressavam por meio desse veículo de comunicação, como estudantes, artistas, gestores, legisladores e outras lideranças políticas locais e regionais. Outros periódicos locais de circulação temporária, como a *Revista Risadinha*, os jornais *A Tesoura*, *O Debate*, *Mensagem*, *Coluna Hora* também contribuíram para compreensão de ideias e práticas de sujeitos diversos que atuavam na cidade. Os jornais *O Povo*, *Tribuna do Ceará* e *Diário do Nordeste*, de circulação regional, foram fundamentais para percepção da repercussão dos episódios locais em nível estadual e regional, bem como para compreensão do contexto mais amplo com o qual a cidade de Sobral se relacionava. O acervo de periódicos pode ser encontrado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, Biblioteca Municipal Menezes Pimentel, em Fortaleza-CE, no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS) e na sede do jornal *Correio da Semana*, ambos em Sobral.

Outra fonte escrita bastante utilizada nesta pesquisa são os documentos da Câmara Municipal de Sobral, atas, projetos, ofícios e requerimentos, a partir dos quais é possível entender as ideias políticas difundidas no espaço citadino e os conflitos empreendidos entre os diferentes grupos que delas se utilizavam.

Os documentos da Justiça Militar, relatórios, dossiês, IPMs, processos de indenizações, dentre outros, encontrados no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC) e na Associação Anistia 64/68, em Fortaleza,

foram imprescindíveis para a compreensão da atuação dos movimentos de esquerda em Sobral.

O acesso a esse conjunto de documentos não foi tarefa fácil. Apesar da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) já contar com um importante centro de documentação – o Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS) –, a maior parte do material necessário a esta pesquisa ainda se encontra em arquivos privados desorganizados, mal conservados ou mesmo inacessíveis. Parte significativa desta documentação está arquivada em Fortaleza e no Rio de Janeiro, onde não há restrições de acesso, mas a distância entre essas cidades e Sobral não deixa de constituir uma séria dificuldade aos pesquisadores sobralenses. O contexto repressivo de período estudado também contribui para que muitos documentos tenham se perdido voluntária ou involuntariamente. Os partidos de esquerda no Ceará não dispõem, ainda hoje, de um acervo organizado para pesquisa.

Os depoimentos constituíram uma fonte fundamental, visto que, sem elas, muitos episódios não teriam sido elucidados. Num tempo tão presente, muitos eventos ainda podem ser descritos pelos seus contemporâneos ou parentes próximos que, de alguma forma, testemunharam essas histórias que poucas fontes escritas registraram. Os depoentes confirmaram nomes e fatos políticos já citados nos documentos escritos, como também trouxeram dados novos que permitiram rever e/ou confirmar algumas hipóteses do trabalho. Muito mais poderia se conhecer, se mais pessoas se dispusessem a expor suas memórias. A atuação pública, o distanciamento da vida política ou simplesmente a falta de tempo fazem com que muitos sobralenses resistam a contar suas lembranças que muito poderiam contribuir na escrita dessa história.

Conversas informais, panfletos, charges, comentários de pé de página, coluna social, nota de velório, letras de músicas, peça de teatro, convite de formatura, convite de aniversário da cidade, fotos, vídeos,



entre outras fontes inusitadas, foram exploradas neste trabalho. O cruzamento de todo esse material foi a chave que possibilitou montar um panorama cronológico dessa história, uma das tarefas mais difíceis.

O livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro apresenta uma historiografia da cidade e o contexto político-cultural da década de 1960, que propiciou o golpe civil-militar de 1964 e, por consequência, a instalação do regime ditatorial no Brasil. Depois, caracteriza-se a experiência de Sobral, que, como outros municípios do estado do Ceará, teve grandes aliados ao novo regime. Identificam-se os sujeitos envolvidos, suas ideias e os conflitos vivenciados entre os próprios aliados, que era um grupo bastante heterogêneo. Entre os principais episódios desses conflitos está a divisão da Câmara Municipal em 1967-1970, que resultou numa intervenção federal no legislativo sobralense.

O segundo capítulo discorre sobre os projetos e ações dos micropoderes exercidos na cidade em oposição à ditadura militar, que também constituem um grupo bem diversificado. Discutem-se suas ideias e práticas que se manifestaram por meio do rádio, de periódicos impressos, pichações, passeatas, festivais de músicas, saraus, peças de teatro, entre outros. Transitando pela ARENA e o MDB, velhas lideranças da esquerda comunista, católicos, estudantes e artistas atuaram contra a cultura política da ditadura sem, no entanto, constituir-se em inimigos dos aliados do regime, em nível local.

No terceiro capítulo, investigam-se as principais mudanças materiais efetivadas no espaço urbano sobralense e a relação com o projeto urbano dos militares. Buscaram-se, nos periódicos e nos documentos da Câmara e da prefeitura, informações que ajudassem a perceber se, durante as administrações Prado e Barreto, a cidade foi beneficiada com recursos estaduais ou federais para melhoria do espaço urbano e se esse investimento realmente ocorreu, ou seja, se a aliança política com o regime militar rendeu algum ganho material para cidade no período entre 1964 e 1985.

No quarto e último capítulo, busca-se entender como as lideranças locais conseguiram sobreviver politicamente ao fim da ditadura e do poder dos coronéis no Ceará, já que não apoiaram o projeto de transição. Analisam-se as consequências dessa permanência para o desenvolvimento da cidade e os embates com os novos atores, propositores de outra cultura política.

## 1 A CIDADE E O GOLPE: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

A cidade foi, ao longo do século XX, o grande palco da história e, por isso, o tema por excelência para a pesquisa histórica.<sup>9</sup> Como sede das lutas sociais e dos poderes políticos, a dimensão política emerge como um dos principais definidores da cidade. É o lugar de uma multiplicidade de poderes e micropoderes que se refletem nas formas complexas mediante as quais se organiza a sociabilidade urbana.<sup>10</sup> Movimento e totalidade são assim os conceitos que caracterizam a cidade contemporânea. Como impulsionadora do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas, ela é um lugar de ebulição permanente.<sup>11</sup>

O objetivo deste capítulo é apresentar a cidade de Sobral e a conjuntura política marcada pela instalação do Regime Militar, desencadeada pelo golpe civil-militar de 1964.

Entre as muitas “princesas” do Ceará, Sobral, a *Princesa do Norte*, é privilegiada pela historiografia. Memorialistas e acadêmicos das mais diversas áreas dedicam suas obras à interpretação dessa cidade. A maioria dos trabalhos publicados, é verdade, prestam-se mais à sua exaltação do que à sua compreensão. Nos álbuns *O Centenário* da emancipação

9 PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. *Revista de Estudos Históricos. Cultura e História Urbana*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, n° 16, Ano 1995/2.

10 BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 62-63.

11 Cf. Walter Benjamin e Milton Santos *apud* SILVEIRA, E. M. *Naufrágio de uma cidade*. Franca, SP: UNESP, 2000, p. 64.

da cidade (1941) e do *Bicentenário da Vila* (1973), e em mais uma diversidade de publicações, há a missão de lembrar que Sobral é uma obra prima comparada a nenhuma outra. São obras preciosas enquanto fonte histórica, mas, como bibliografia, são um conjunto de datas, fatos e nomes de pessoas que fizeram ou fazem a glória da Princesa do Norte. O passado é sempre lembrado para justificar a sua origem nobre e opulenta e a necessidade de continuidade dessa tradição, que não é incompatível com a modernidade.

Figura 1 - Sobral no Ceará



Fonte: [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br). Acesso em: 30 mar. 2011.

Desse modo, o binômio, opulência e tradição, é a melhor tradução da história, ou da retórica, que construiu a cidade de Sobral no tempo. Seja para questionar ou fortalecer, todos remetem a essa referência, porque está presente no cotidiano local, no senso comum; essa imagem virou uma cultura da cidade. É muito comum ainda hoje se encontrarem estampadas, em painéis nos supermercados, imagens da cidade acompanhadas das expressões: “*Sobral, terra de D. José*”, “*Orgulho de ser sobralense*”, “*Sobralense de coração*”. A “sobralidade triunfante”<sup>12</sup>, ideia de que o sobralense é superior aos outros, pela origem *nobre e opulenta*, é correntemente encontrada no cotidiano citadino, mas, principalmente nos textos de escritores locais. O próprio sobralense reconhece esse bairrismo sem nenhum constrangimento.

A cidade ficou conhecida internacionalmente por ter sido o local de comprovação da Teoria da Relatividade de Albert Einstein, em 1919, e teve seu sítio urbano tombado como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1999.<sup>13</sup> Dista 235km da capital, Fortaleza, com a qual se conecta também por ferrovia, atualmente utilizada apenas para transporte de cargas. O acesso rodoviário é feito pela BR-222, que liga Ceará ao Piauí e, conseqüentemente, ao Maranhão e ao Pará. Conta com uma população de 188.271 habitantes,<sup>14</sup> sendo a quinta cidade mais povoada do estado e a segunda maior do interior. O clima é tipicamente tropical, quente e seco, com uma temperatura média de 30° centígrados e com uma altitude de 70 metros.

## 1.1 Sobral na Historiografia

De acordo com a historiografia cearense, ao longo de sua história, a cidade de Sobral sempre esteve entre as mais importantes cidades do Ceará. As razões apontadas para isso são de natureza muito diversa: geográfica, econômica, política, religiosa e cultural. Sua localização

12 Cf. FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral: opulência e tradição*. Sobral-CE: Edições UVA, 2000.

13 Disponível em [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br). Acesso em: 30 mar. 2011.

14 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Censo 2010.

geográfica, privilegiada pelo entroncamento das estradas que ligam o Ceará ao Piauí e Maranhão, aliada às atividades de criação de gado, do cultivo do algodão e da indústria, que em diferentes momentos foram determinantes no desenvolvimento econômico local, são alguns dos principais itens na lista das razões da opulência da cidade:

[Geografia] fertilizada por três rios, o Acaraú, o Coreau e o Jaibaras, favorecida pelo refrigério das serras da Meruoca e do Rosário, a cidade está separada de Fortaleza pelo Acaraú e pelo paredão da serra de Uruburetama. Daí seu comércio ser muito mais com o Piauí, o Maranhão, e o Pará, nos seus princípios, que com a capital, Fortaleza. O isolamento geográfico transforma a cidade no grande empório comercial da região. E da excelência do povoador que trouxe, principalmente, oriundo de Olinda e Recife, o gosto dos sobradões e dos hábitos sofisticados que iria surpreender os visitantes, na última metade do século passado.<sup>15</sup>

Para o economista Cláudio Lima, as cidades cearenses são originárias de quatro fontes: sesmarias, fazendas, entrepostos comerciais e de portos. Sobral é incluída nas que se originaram de entrepostos comerciais.<sup>16</sup> Ele afirma que, no século XVIII, ainda vila, Sobral estava entre as três mais importantes do estado. Das doze primeiras vilas cearenses no século XVIII, ela foi a nona na ordem de instalação (1773), mas, na hierarquia urbana com função de vila, ocupou o terceiro lugar com função comercial, administrativa e serviços, perdendo apenas para Aracati e Icó.<sup>17</sup> A pecuária foi uma importante atividade econômica desse século na região.

No século XIX, quando se emancipou politicamente (1841), superou as suas contemporâneas e alcançou o primeiro lugar com função de vila (administrativo, indústria, comércio e serviços). Essa colocação, segundo Lima, se deve ao fato de polarizar intensamente a produ-

15 BRÍGIDO, João *apud* COSTA, Lustosa da. *Clero, nobreza e povo de sobral*. Brasília: Senado Federal, 1987, p. 85.

16 LIMA, Cláudio F. *A construção do Ceará – temas de história econômica*. Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2008, p. 143.

17 *Ibid.*, p. 140.

ção da região norte, abastecendo-a em sua quase totalidade. Chegou a superar Fortaleza em alguns aspectos.<sup>18</sup>

De acordo com Giovanna Girão, o prestígio político das lideranças sobralenses no Império foi fundamental para impulsionar seu desenvolvimento. A autora afirma que alguns sobralenses ocuparam cargos importantes no governo imperial, permitindo que muitos recursos fossem carreados para a mais nova cidade cearense.<sup>19</sup> Apesar do título de cidade desde 1841, foi efetivamente no início do século XX que encontramos na historiografia sobralense registro de intervenções urbanas mais consistentes. Tais investimentos teriam sido efetivados principalmente pela Igreja Católica sob a direção do bispo Dom José Tupinambá da Frota.

Em sua tese de doutorado, sobre a influência da Igreja Católica na formação dos núcleos urbanos cearenses, o historiador Agenor Soares e Silva dedicou um capítulo à cidade de Sobral, que o autor intitulou de *Sobral: a “Roma cearense”*. Para ele, a Igreja Católica foi impulsionadora no desenvolvimento urbano de Sobral:

Dom José Tupinambá da Frota, representante do catolicismo ultramontano de fins do século XIX e início do XX, imprime um pensamento desenvolvimentista alicerçado no conservadorismo predominante da época, transformando Sobral num “laboratório” a céu aberto, um espaço profundamente disputado entre forças sociais que se apoderaram de seu passado aristocrático na tentativa de imprimir um sentimento de cidade ideal, onde a Igreja se apresentara enquanto força modificadora não somente dos costumes, mas da própria fisionomia urbana.<sup>20</sup>

---

18 *Ibid.*, p. 158.

19 O Barão de Sobral (José Júlio de Albuquerque Barros) foi Presidente do Conselho de ministro do Império; Dr. Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, Conselheiro do Império; Senador Francisco de Paula Pessoa, Oficial da Ordem da Rosa e Fidalgo Cavalheiro da Casa Imperial; Visconde de Sabóia (Vicente Cândido Figueira de Saboya), médico da casa imperial e cirurgião da Corte, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com importantes trabalhos publicados na França. GIRÃO, G. G. S. Mont’Alverne. *As Transformações sócio-culturais em Sobral (1870-1920)*. Recife, 2001 (Dissertação de Mestrado), p. 29.

20 SILVA JÚNIOR, Agenor S. e. *Cidades sagradas: a Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009, p. 150-1.

O autor acrescenta que, além das suas obras concretas, o clero local produziu uma extensa bibliografia que ajudou a construir uma memória religiosa do espaço, em que a igreja católica aparece como instituição religiosa que contribuiu com a povoação e o desenvolvimento da capitania.<sup>21</sup>

Essa tese sobre o papel da Igreja no desenvolvimento da cidade é reforçada no texto de outros autores como Herbert Rocha. Segundo ele, a criação da diocese de Sobral em 1915 foi um fato que trouxe substanciais mudanças à vida cidadina, tendo como primeiro bispo Dom José Tupinambá da Frota, um sobralense que teve sua formação eclesiástica em Roma e era dono de uma invejável capacidade administrativa. Mas,

paradoxalmente, a empreendedora mentalidade política do bispo identificava-se com a postura autoritária dos coronéis, vez que ambas eram avessas às mudanças estruturais na sociedade da época, aristocráticas e centralizadoras do poder.

Ao longo de seu bispado, afirma Rocha, D. José viabilizou, por meio da diocese, a execução de obras infraestruturais na cidade de Sobral, “muitas vezes tomando o lugar da municipalidade no cumprimento do seu dever.”<sup>22</sup>

Ainda de acordo com o arquiteto, embora os edifícios construídos pelo bispo se enquadrem no ecletismo e *Art Déco*, nota-se certa busca pelas formas clássicas, um estilo sempre resgatado quando se carece de um líder austero. Algumas das suas mais importantes obras foram: a Santa Casa de Misericórdia - 1925; o Ginásio Diocesano - 1919 (atual Colégio Sobralense); o Banco Popular de Sobral - 1927 (atual Casa do Cidadão); o Palácio Episcopal - 1916 (atual Colégio Sant’Ana); o Abrigo Coração de Jesus - 1953; O Seminário Menor da Betânia - (atual Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA); e reformas da Catedral

21 *Ibid.*, p. 157.

22 ROCHA Herbert. O lado esquerdo do rio. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e Turismo, Sobral: Escola de Formação de Saúde da Família Visconde de Sabugosa, 2003, p. 146.



e Igreja do Rosário - 1939.<sup>23</sup> O autor acrescenta que tais obras foram estrategicamente dispostas na cidade para demarcar o poder da igreja na cidade, que chegou a ser chamada de Micro-Roma. Ombreando-se às chaminés das fábricas, as torres das igrejas anunciavam a disputa de poder em uma sociedade de desiguais.<sup>24</sup>

A comprovação da teoria da relatividade (1919), aliada à descoberta do Calazar em 1950 pelo médico Tomás Aragão, a qual atraiu para Sobral médicos de vários países, e à criação do museu diocesano, o quinto em artes sacras do país,<sup>25</sup> tudo isso, solidificado pela historiografia local, virou monumento que imprimiram na história da cidade de Sobral a aura de um povo à frente de seu tempo.

Na segunda metade do século XX, Sobral estava entre os centros de primeiro nível na hierarquia urbana cearense, ao lado das cidades de Crato e Juazeiro do Norte, superadas apenas por Fortaleza, que ocupava nível especial na hierarquia.<sup>26</sup> Na década de 1960/70, o município experimentou um grande crescimento populacional, a instalação de várias indústrias e contava com uma população estimada em 90.000 habitantes.<sup>27</sup> Nos anos de 1980, a cidade foi beneficiada com a implantação de um Distrito Industrial, uma das metas do Primeiro Programa de Industrialização do Ceará, já que era considerada polo de desenvolvimento econômico do estado.<sup>28</sup>

Todavia, mesmo continuando no rol das cidades mais importantes do estado, em diversos aspectos, alguns autores defendem que a opu-

23 *Ibid.*, p. 147-155.

24 *Ibid.*, p. 157.

25 SILVA JUNIOR, *Op. cit.*, nota 12, p. 151-152.

26 Os critérios foram: tipos de estabelecimentos comerciais, serviços médico-hospitalares e bancários, número de firmas atacadistas e varejistas, número de municípios que transacionam nos centros mais importantes, papel de cada cidade que funciona como centro atacadista, importância como centro agrícola, número de alunos e pessoas doentes que procedem de outros municípios. LIMA, Cláudio F. *A construção do Ceará* – temas de história econômica. Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2008, p. 180.

27 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Censo de 1970.

28 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. *Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral*. Fortaleza, 1981, p. 10.

lência sobralense entrou em declínio a partir da segunda metade do século XX, especificamente nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Esse pensamento ganhou espaço no cotidiano citadino contemporâneo.

### **1.1.1 Cidade estagnada**

Herbert Rocha afirma que, do ponto de vista cultural, na segunda metade do século XX Sobral deixa de ser eurocêntrica para receber influência americana, ou seja, o acelerado declínio da economia local teria propiciado, na sua “classe dominante” local,

[...] uma personalidade anacrônica, ostentando um poder sem lastro e ou patrimônio sem liquidez, uma opulência alicerçada na virtualidade emanada dos importantes sobrenomes do passado. [...] o verniz da aristocracia local sobralense acabaria por transformar-se em gravura *Kitsch* (de qualidade inferior) na medida em que o capital local mudava de mãos e, de sobrenome, surgindo uma nova classe empresarial mais pobre, descompromissada com a história local, porém herdeira de sua fama.<sup>29</sup>

Rocha acrescenta que outras cidades regionais sofreram também esse declínio, embora Sobral tenha sentido mais dramaticamente, devido à supervalorização do “ego” daquela sociedade, fermentada pelo bispado de Dom José T. da Frota. Apesar de reconhecer o caráter elitista do projeto urbanístico da Igreja para a Sobral do início do século XX, Rocha faz duras críticas aos gestores da cidade nas décadas de 1960-70-80. Ele dedica o último capítulo do seu livro à segunda metade do século XX, intitulado simbolicamente de *Uma noite de 50 anos*, embora se refira especificamente a menos de 40 anos. Para Rocha, a morte de Dom José Frota, que fora o centralizador das diretrizes do desenvolvimento da cidade, somada à interrupção do processo democrático nacional com a tomada do poder central pelos militares em 1964, agravaram a falta de direção política de Sobral:

29 ROCHA, Herbert. *O lado esquerdo do rio*. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e Turismo, Sobral: Escola de Formação de Saúde da Família Visconde de Sabugosa, 2003, p. 19-20.

Observou-se naquele período a gradativa hegemonia política de grupos familiares, mais destacadamente a oligarquia Barreto e Prado, oriundos das hostes udenistas e petebistas (leia-se Sabóia e Monte), que sem compromisso com o papel histórico de Sobral no desenvolvimento regional do Ceará, não perceberam a involução do quadro sócio-econômico nacional que afligiu as cidades interioranas do Brasil.<sup>30</sup>

A principal crítica de Herbert Rocha aos gestores da segunda metade do século XX, os grupos políticos Prado e Barreto, é a falta de investimentos urbanos. Para ele, houve um intenso crescimento urbano que não encontrou correspondência na qualidade espacial da zona central e nos serviços de infraestrutura:

[...] a contribuição arquitetônica dos estabelecimentos comerciais e de serviços na paisagem urbana se processou de forma desconexa com o entorno. O lucro passou a superar todos os outros valores sócio-culturais que norteavam às intervenções urbanísticas.<sup>31</sup>

O autor reconhece certo crescimento econômico propiciado pela instalação de várias indústrias que prosperam até depois de século XX, assim como reconhece o crescimento urbano e populacional, propiciado pela migração, e a importância da criação do primeiro plano diretor da cidade, mas volta a insistir que, apenas na última década do século XX, a cidade retomaria seu desenvolvimento:

Este processo de decadência social, política e econômica experimentado por Sobral teve sua marcha sustada na última década do séc. XX. Há que se destacar o resgate da auto-estima do sobralense, fruto de uma conjugação de fatores estratégicos que merecem um novo estudo de desenvolvimento sobralense. Dentre esses fatores são notórios: o crescimento da Santa Casa de Misericórdia [...]; o crescimento da Universidade Estadual Vale do Acaraú [...]; a instalação da fábrica gaúcha de calçados Grendene Sobral S/A [...]; o surgimento de novos líderes políticos locais [...]; ... a eleição em 1996 do Prefeito Cid Gomes, marcando a retomada do desenvolvimento da cidade.<sup>32</sup>

---

30 *Ibid.*, p. 217.

31 *Ibid.*, p. 221.

32 *Ibid.*, p. 221.

Quando Herbert Rocha descreveu a “cidade de D. José” o autor deixou muito claro a relação de identificação entre o projeto moderno do bispo e as ideias autoritárias da aristocracia local. O que mudaria nas décadas seguintes aos anos 50, além da morte do bispo? O que o regime militar trazia de novo, já que Prado e Barreto eram herdeiros dos contemporâneos de Dom José Tupinambá? Não fica claro, portanto, na análise do autor de que decadência ele fala quando se refere à cidade de Sobral na segunda metade do século XX.

Infelizmente, o período relativo às décadas de 1960, 70 e 80 não fazia parte do projeto da obra de Rocha e, por isso, o autor dedica poucas páginas a esse momento, o que dificulta uma melhor compreensão da sua tese sobre essa época. Uma leitura muito semelhante vai aparecer nas obras da historiadora Glória Giovana Saboya Mont’Alverne Girão<sup>33</sup> e do filósofo José Teodoro Soares.<sup>34</sup>

Em Sobral *História e vida*, Giovanna Girão e Norma Soares ressaltam que, embora a cidade de Sobral sempre tenha sido uma cidade em desenvolvimento, justifica-se o título de segundo fundador da cidade outorgado a D. José, já que ele foi o grande empreendedor do desenvolvimento de Sobral no século XX. Segundo as autoras, o bispo dotou a cidade dos instrumentos básicos necessários ao exercício da função social e cultural que hoje desempenha na Zona Norte Cearense. Tal foi a influência do bispo, que o crescimento de Sobral se ressentiu com a sua morte. Elas afirmam que a morte de Dom José Frota, em 1959, e a paralisação da ferrovia Camocim-Sobral, em 1977, com a consequente desativação do porto de Camocim, teriam contribuído para a estagnação econômica e cultural de Sobral, e concluem:

O progresso só foi retomado nos últimos anos, com a chegada de novas indústrias e a expansão da Universidade Es-

33 GIRÃO, Glória Giovana S. M.; MAIA SOARES, Maria Norma. *Sobral – história e vida*. Sobral: Edições UVA, 1997, p. 92.

34 SOARES, José T. *A Idéia de modernidade em Sobral*. Fortaleza: Edições UFC/Edições UVA, 2000, p. 38.

tadual Vale do Acaraú, que desempenha papel preponderante na transformação do perfil sócio-econômico-cultural da Zona Norte do Estado.<sup>35</sup>

Teodoro Soares, do mesmo modo, diz que Sobral só recuperou seu prestígio nos anos de 1990, a partir de três motivos:

O crescimento e a preeminência da Universidade Estadual Vale do Acaraú no contexto das médias instituições de ensino, pesquisa e extensão do País; a nova fase dos empreendimentos religiosos e sociais da Diocese, a partir do presbiterato de Dom Aldo de Cillo Pagotto, inaugurado em 1998; e a ascensão, ao governo municipal, do Dr. Cid Ferreira Gomes, cuja administração moderna e eficiente neutralizou o clientelismo fortemente arraigado nas ações da prefeitura desde épocas imemoráveis. A parceria entre esses relevantes institutos da sociedade sobralense, certamente constitui [...] o motivo da ascensão do Município e da região no contexto do Ceará e do Brasil.<sup>36</sup>

Soares também não se estende na argumentação da sua tese. Ele dedica menos de uma página para criticar os administradores que antecederam Cid Gomes. O restante do livro é uma descrição das principais obras da administração de Cid Gomes, que esteve à frente do poder municipal entre 1997 e 2004.

O que é curioso na tese desses autores é a relação de continuidade que eles estabelecem entre estes dois personagens, originários de contextos muito diferentes: o bispo D. José Frota, do início do século XX, e o engenheiro Cid Gomes, do fim do mesmo século. O bispo e o engenheiro são identificados principalmente pelo espírito empreendedor, que se materializou em obras de impacto no espaço citadino. Nem a atuação de Dom José Frota nem a administração de Cid Gomes serão abordadas neste trabalho porque ambas ocorreram fora do período delimitado para esta pesquisa. Todavia, o uso desses trabalhos ajudará

35 As autoras se referem à última década do século XX. GIRÃO, *Op. cit.*, nota 25, p. 29-30.

36 SOARES, José T. *A Idéia de modernidade em Sobral*. Fortaleza: Edições UFC/Edições UVA, 2000, p. 38.

na compreensão do comportamento dos grupos políticos que atuaram entre o início e o fim do século XX na política municipal.

Mesmo com poucas páginas dedicadas ao tema, a tese de cidade estagnada está presente na cultura política local. Vários estudantes de graduação constataram essa leitura no senso comum sobralense quando da realização de entrevistas para seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Afirmações do tipo: “*essa época foi tão inerte que nem foto as pessoas tiraram da cidade*”, levou-nos a buscar outras leituras, como os Trabalhos de Conclusão de Curso de jovens historiadores da UVA, que, ao contrário, apontaram para a perspectiva de uma cidade em movimento.

### ***1.1.2 Cidade em movimento***

A historiadora Viviane Prado Bezerra, em *Memória política de Sobral: ditadura militar em foco (1963-1970)* procura entender como a cidade de Sobral vivenciou o regime militar e, a partir daí, construir uma interpretação do fato. Ela reclama da ausência de trabalhos sobre o período, já que Sobral tem uma produção literária constante sobre outros períodos. Seu trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro, ela situa o contexto político da cidade, no período em estudo, constatando que Sobral está inserida numa cultura oligárquica e que, portanto, tem muita dificuldade de se comportar de forma diferente. A partir de documentos da Câmara, periódicos e depoimentos, a autora constata que o período em estudo foi de muita efervescência política na cidade, resultado das disputas pelo poder entre direita e esquerda e, principalmente, entre a própria direita que se divide em várias sublegendas, com a instauração do bipartidarismo propiciado pelo Ato Institucional nº. 2 de 1965. No segundo capítulo, analisa a postura do periódico *Correio da Semana* diante do regime militar, a qual caracteriza como moderada, visto que, embora de origem conservadora, o jornal se adapta às diretrizes da Igreja Católica, que foram sendo redefinidas ao longo do regime militar. Por último, a autora analisa os vazios da memória sobre a ditadura em Sobral. A conclusão dela é que, apesar da presença da ditadura em Sobral, a imprensa e os depoentes silenciam

sobre esses fatos, considerando-os irrelevantes ou apenas casos isolados sem nenhuma conexão com as ideologias políticas em conflito nas principais cidades brasileiras.<sup>37</sup>

Na Dissertação, Viviane Bezerra aprofundou as ações políticas da Igreja Católica durante o regime militar, por meio do *Movimento de Educação de Base* e *O Dia do senhor*, que serão utilizados no capítulo segundo desta tese.<sup>38</sup>

José Geraldo de Oliveira Filho, em *A cidade e as mulheres de Sobral no Correio da Semana (1965-1970)*, também questiona a falta de bibliografia sobre o período. Ele analisa, no primeiro capítulo da referida obra, a administração de Cesário Barreto (1963-1967) e critica a tese de cidade estagnada, já que várias indústrias se instalaram na cidade naquele período e muitas obras foram executadas pelo prefeito. O autor destaca que, mesmo num período de crise econômica, como foram os primeiros anos da ditadura, a cidade atingiu a maior renda per capita do estado.<sup>39</sup> Oliveira Filho ressalta ainda muitos conflitos políticos vivenciados na cidade nesse período, citando o episódio das duas Câmaras como o mais exemplar.<sup>40</sup>

Outro trabalho que ajuda a entender a cidade de Sobral é o TCC de José Valdenir Rabelo Filho, intitulado: *Uma Sobral, muitas cidades: apresentando tensões e decifrando silêncios (1958-1966)*. Embora essa monografia remeta a um período anterior, a pesquisa ajuda a entender os conflitos políticos vivenciados na cidade durante a administração de Cesário Barreto. De caráter mais teórico, esse texto inova ao trazer à tona os conflitos políticos vivenciados não apenas entre as elites políticas, mas também entre os grupos que detinham o poder e os outros sujeitos, reprimidos politicamente pelo regime de exceção. A sua tese é a de que muitas cidades conviviam em Sobral, marcada por contradições

37 BEZERRA, Viviane Prado. Memória política de Sobral: ditadura militar em foco (1963-1970). Sobral: UVA, 2005 (Mimeo).

38 *Idem*. "Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu undo": O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980). Dissertação (Mestrado em História). Universidade federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

39 OLIVEIRA FILHO, José G. de. *A Cidade e as mulheres de Sobral no jornal Correio da Semana*. Sobral - CE: UVA, 2005, p. 29 (Trabalho de Conclusão de Curso).

40 *Ibid.*, p. 33-5.

e ambiguidades. Seu trabalho reforça a hipótese da cidade movimentada que buscamos decifrar.<sup>41</sup>

Francisco Paulo M. de Carvalho, em *Memórias do Movimento Estudantil em Sobral: a Ditadura Militar em Foco (1964-1970)*, analisa a história do movimento estudantil na cidade. Ele descreve um contexto bastante agitado pela ação dos movimentos estudantis secundarista e universitário, que questionaram a ditadura na cidade.<sup>42</sup>

José Lima Neto, no seu texto *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado (1967-1971)*, se propõe investigar a contribuição da administração de Jerônimo Prado para o desenvolvimento da cidade de Sobral. Utilizando-se de documentos da Câmara, da prefeitura, fontes orais e iconográficas, o autor elenca obras e dados estatísticos, que, para ele, comprovam o desenvolvimento da cidade durante a administração de Prado. Apesar de certa apologia ao administrador, o seu trabalho traz informações importantes para a compreensão da vida urbana de Sobral no período investigado.<sup>43</sup>

Encontraram-se, portanto, visões díspares acerca da cidade no período que se pretende investigar, em que conceitos como atraso e desenvolvimento, conformismo e resistência aparecem extremamente imbricados.

## 1.2 Cultura política na década de 1960

A segunda metade do século XX, que muitos historiadores consideram como uma “história do tempo presente”, constitui um divisor de águas em diversos aspectos da disciplina de História e da vida social. Depois de duas grandes guerras e muitas outras tragédias, a humanidade é chamada

41 RABELO FILHO, RABELO FILHO, José Valdenir. *Uma Sobral, muitas Cidades: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966)*. Monografia (Licenciatura em História), Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2009.

42 CARVALHO, Francisco Paulo M. de. *Memórias do Movimento Estudantil em Sobral: a Ditadura Militar em Foco (1964-1970)*. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2010.

43 LIMA NETO, José. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2009.



a repensar sua história e seu futuro. Na ciência histórica, a noção de razão e de progresso era posta em xeque. Para os questionadores do paradigma clássico (herança iluminista), as teorias e métodos históricos em voga não davam conta de explicar a problemática contemporânea; era preciso pensar outra ética para uma sociedade pós-moderna. Para outros, como os marxistas, era necessário apenas construir uma nova modernidade.<sup>44</sup>

George Iggers, em *Historiografia e século XX*, examina as profundas mudanças nas ideias em torno da natureza da História e da historiografia. Traça a hipótese de que a pesquisa e a escrita histórica sentiram a emergência das Ciências Sociais, que transformou a historiografia a partir da Segunda Guerra Mundial, quando as ideias pós-modernas forçaram uma reavaliação do relacionamento dos historiadores com seus temas e um maior questionamento sobre a possibilidade de uma história objetiva. A tese de Iggers é que a História é uma ciência e que a realidade existe para além do texto. Nesse sentido, embora realize interpretações, o historiador o faz com base em fontes documentais e com o compromisso de chegar o mais próximo possível da realidade (verdade). Contudo, ele defende que é preciso considerar as novas proposições como contribuição a uma maior aproximação entre texto e realidade. A narrativa, as micro-histórias, a história oral, o cotidiano são alternativas que podem iluminar o trabalho do historiador, trazendo à tona sujeitos e práticas muitas vezes obscurecidas pelas análises clássicas, mas que podem explicar muito da história.<sup>45</sup>

Nessa conjuntura, a história política experimenta a volta da fortuna, trazendo perspectivas promissoras com o conceito de cultura política, que, para René Rémond, não é apenas um elemento entre outros na paisagem política, “é um poderoso revelador do *ethos* de uma nação e do gênio de um povo”.<sup>46</sup> Do mesmo modo, Pierre Rosawallon defende

44 Cf. MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996; ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

45 IGGERS, George. History and the challenge of postmodernism. In: IGGERS, George. *Historiography in the Twenty Century: From Scientific to the Postmodern Challenge*. Hanover; London: Wesleyan University Press, 1997, p. 97-146.

46 REMOND, René. Do político. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 450.

que o político “é o lugar onde se articulam o social e sua representação, a matriz simbólica na qual a experiência coletiva tem suas raízes e, ao mesmo tempo, reflete sobre si mesma”.<sup>47</sup>

A cidade é o palco onde contracenam todos esses projetos de um novo tempo. Chamada a reconstruir seus espaços de vivência com o fim da segunda guerra, segundo Rykwert, a população se manifesta no sentido de decidir sobre os destinos de suas cidades, cobrando dos arquitetos e gestores uma mudança de concepção do espaço urbano, de modo que traga dignidade aos seus habitantes.<sup>48</sup> Essa revirada nos valores atinge especialmente à juventude, para quem a sociedade de consumo constitui a degradação, e não a evolução da humanidade, e que, por isso, propõe uma sociedade alternativa, um mundo realmente novo.

Para Marcelo Ridente, as revoluções de libertação nacional, tais como a Revolução Cubana (1959), a Independência da Argélia (1962) e a Guerra do Vietnã (1959), foram exemplos de insurgências de povos subdesenvolvidos contra grandes potências e são fundamentais para compreensão dos episódios que marcaram o ano de 1968: manifestações contra a Guerra do Vietnã; a Primavera de Praga; o maio libertário dos estudantes e trabalhadores; a alternativa pacifista dos hippies; a luta armada; e lutas radicais de negros, mulheres e outras minorias. “Enfim, os sentimentos e as práticas de rebeldia contra a ordem e de revolução por uma nova ordem fundiam-se criativamente”.<sup>49</sup>

Apesar da influência internacional, o Brasil tem especificidades que antecipam o ano de 1968. Há um consenso entre os analistas de que, quando foi impetrado o golpe civil-militar de 1964, um processo de democratização (liberal) política e social se desenrolava no país. Trabalhadores urbanos e rurais, estudantes, intelectuais e militares de baixa

---

47 ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político, p. 12. In: *Revista Brasileira de História*. v. 15, nº 30, p. 9-22, São Paulo, 1995.

48 RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar*. A História e o futuro da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 3-27; DEL RIO, Vicente. Os anos 60: contexto para mudanças disciplinares. In: *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990, p. 19.

49 RIDENTE, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX, o tempo das dúvidas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 135-136.

patente mobilizavam-se em busca das reformas de base, constituindo-se ameaça à ordem vigente.

No campo institucional, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), era a oposição concedida, pela imposição do bipartidarismo. Mas fora dessa esfera, vários grupos se organizaram para combater o regime: o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), a Ação Popular (AP), a Política Operária (Polop), a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Para Ridente, a principal fonte de recrutamento de militantes estava no meio estudantil, berço do único movimento de massas que se rearticulou nacionalmente nos primeiros anos após o golpe.<sup>50</sup>

O ano de 1968, no Brasil, foi marcado por uma série de manifestações nas ruas, nas universidades, no meio operário. *A Passeata dos Cem Mil*, no Rio de Janeiro, constituiu a mobilização de maior alcance social, reunindo estudantes, artistas, intelectuais, religiosos e populares, como resposta à crescente repressão política. A reação ao regime difundia-se também na música popular, na literatura, no teatro, no cinema e nas artes plásticas, mas o AI-5 deu um duro golpe e o “o ano rebelde de 1968 foi sucedido pelos assim chamados *anos de chumbo*”.<sup>51</sup>

Ao analisar o significado dessa geração, o jornalista Zuenir Ventura assevera:

os nossos “heróis” são os jovens que cresceram deixando o cabelo e a imaginação crescer. Eles amavam os Beatles e os Rolling Stones, protestavam ao som de Caetano, Chico ou Vandré, viam Glauber e Godard, andavam com a alma incendiada de paixão revolucionária e não perdoavam os pais- reais ou ideológicos- por não terem evitado o golpe de 1964. Era uma juventude que se acreditava política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento. Uma simples arqueologia dos fatos pode dar a impressão de que esta é uma geração falida, pois ambicionou uma revolução total e não conseguiu mais do que uma revolu-

50 *Ibid.*, p. 150.

51 *Ibid.*, p. 153.

ção cultural. Arriscando a vida pela política, ela não sabia, porém, que estava sendo salva historicamente pela ética.<sup>52</sup>

A década que testemunhou os projetos de revolução terminou com ditaduras militares em diversos países do Cone Sul. Nas décadas seguintes, presenciou-se a luta entre esses dois projetos, um conservador, e outro que se pretendia revolucionário, luta essa que, apesar de desigual, foi contínua.

### 1.3 Historiografia do golpe de 1964

De acordo com o historiador Carlos Fico, a abordagem propriamente histórica da ditadura é recente. A maioria dos trabalhos é de cientistas políticos, sociólogos e dos próprios participantes do episódio. Na primeira fase, a literatura sobre o golpe teria sido marcada por dois gêneros: a *Politologia* – inspirado na vertente norte-americana da ciência política – e a *Memorialística* – oficial e de esquerda.<sup>53</sup> Já a produção recente, ele ressalta, levada a cabo pelos historiadores, tem valorizado a subjetividade, o cotidiano, as mentalidades, daí vários trabalhos sobre cultura no período.<sup>54</sup>

Ao selecionar o que considera os trabalhos mais sólidos sobre as causas do golpe, Carlos Fico os classificam em três correntes: *tentativas de teorização da ciência política, as análises marxistas e a valorização do papel dos militares*. Fico cita dois autores, que são referência no uso da análise da ciência política: Alfred Stepan, em *Os militares na política: as mudanças de padrões na vida brasileira*, e Wanderley G. dos Santos, em *Os cálculos dos conflitos - impasses nas políticas brasileiras e crises de 1964*. Para esses autores, a causa do golpe é de natureza política. O golpe civil-militar tornou-se possível pela inabilidade de João Goulart em reequilibrar o jogo político entre civis e militares e/ou entre os partidos políticos.<sup>55</sup>

---

52 ENTURA, Zuenir. *1968 - o ano que não acabou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 16.

53 FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH. n° 47. Jan.-Jun., 2004, p. 32.

54 *Ibid.*, p. 39.

55 *Ibid.*, p. 42-45.

A respeito das análises marxistas, Fico destaca Jacob Gorender, em *Combate nas trevas*, e René Armand Dreifuss, em *1964 – a conquista do Estado. Ação política e golpe de classe*. Aqui a causa seria de natureza econômica. O golpe teria sido uma reação da burguesia industrial e multinacional às reformas de base previstas por Goulart.<sup>56</sup>

Quanto à valorização do papel dos militares no processo golpista, Fico cita os autores: Daniel Aarão R. Filho, em *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*, e Gláucio Ary D. Soares, em *O golpe de 64*. Embora reconheçam a contribuição do capital internacional e da classe média brasileira, os autores citados defendem que o golpe foi determinado pela ação dos militares, que se sentiram incitados a intervir contra o governo Goulart.

A tese de Fico, com a qual concorda este trabalho, é que todas as proposições acima devem ser consideradas na explicação sobre as causas do golpe:

As transformações estruturais do capitalismo brasileiro, a fragilidade institucional do país, as incertezas que marcaram o governo João Goulart, a propaganda política do Ipês, a índole golpista dos conspiradores, especialmente dos militares – todos são causas, macroestruturais ou micrológicas, que devem ser levadas em conta, não havendo nenhuma fragilidade teórica considerarmos todas razões do golpe tanto os condicionantes estruturais quanto os processos conjunturais ou os episódios imediatos. Que uma tal conjunção de fatores adversos – esperamos todos – jamais se repita.<sup>57</sup>

Para a maioria dos historiadores, o movimento militar que destituiu João Goulart foi um golpe; para os seus autores, foi uma revolução. Em concordância com os primeiros, quando utilizar-se aqui a palavra revolução, para se referir ao golpe, ela aparecerá sempre entre aspas.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 50-51.

<sup>57</sup> FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH. nº 47. Jan.-Jun., 2004, p. 56.

No Ceará, não há estudos aprofundados que ajudem a compreender esse momento de uma forma mais detalhada. Pelas poucas fontes a que se teve acesso, constatou-se que a maioria dos municípios aderiu à ditadura. Com a decretação do Ato Institucional número dois (AI-2), que extinguiu os partidos políticos, foram criadas duas agremiações: o *Bloco Democrático Renovador* e a *União Parlamentar Revolucionária no Ceará*, que mais tarde se denominariam MDB (registrado em 17 de maio de 1965) e ARENA (fundada em 08 de julho de 1966),<sup>58</sup> respectivamente. Contudo, pelo menos nesse momento, as duas legendas divergiam apenas na esfera local, pois ambos apoiavam o golpe e a instalação do regime militar.<sup>59</sup>

Entre 1962 e 1982, o poder político no estado foi revezado por três coronéis com patentes do exército, período que a historiografia denominaria mais tarde de “ciclo dos coronéis”. O primeiro e mais representativo deles foi o Coronel Virgílio Távora, que ficou no governo estadual entre 1962-1966/1979-1982. Segundo o sociólogo Josênio Parente, a eleição de Virgílio Távora em 1962 foi resultado de um grande pacto político chamado de *União pelo Ceará*, em que, num acordo urdido pelo governador Parsifal Barroso, os maiores partidos do período, PSD e UDN, uniram-se para derrotar Carlos Jereissati, um forte nome que disputava a liderança do PTB como governador. Ele acrescenta, ainda, que Távora, eleito governador, e Carlos Jereissati, Senador, se tornariam as duas grandes lideranças da transição para a ideologia da modernidade no Ceará.<sup>60</sup>

Com o golpe civil-militar de 1964, Virgílio Távora, antigo aliado de João Goulart teve dificuldade de ser aceito pelo novo regime. Mas não tardou a sua adesão ao golpe de 64, dada a sua condição de militar e a in-

---

58 MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará*. 1947-1966. Rio-São Paulo – Fortaleza: ABC editora, 2005, p. 235-236.

59 ESTADO DO CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará. *Acervo Virgílio Távora*. Organização Partidária. Arena. Fortaleza, 1967/78. No caso de Tabuleiro do Norte na região leste do estado, o MDB, apesar de ocupar o poder municipal durante toda a vigência do bipartidarismo, não se constituiu em oposição ao regime.

60 PARENTE, Francisco J. O Ceará dos “coronéis” (1945-1986). In: SOUZA, S. (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 392-396.

termediação do seu tio Juarez Távora.<sup>61</sup> Durante a ditadura, três militares cearenses assumiram altos postos na nação: o Marechal Castelo Branco, na presidência da República; o Marechal Juarez Távora, no Ministério da Viação e Obras Públicas, e o General Juracy Magalhães, no Ministério das Minas e Energia.<sup>62</sup> Os governos posteriores, Plácido Castelo, Adauto Bezerra e César Cals mantiveram a aliança com o novo regime.

Segundo Airton de Farias, a Assembleia Legislativa do Ceará foi a primeira do país a cassar deputados por razões políticas (10 de abril de 1964, antes do primeiro Ato Institucional), e muitos deles foram presos logo em seguida.<sup>63</sup> O autor acredita que foi uma forma de limpar a imagem de Távora junto ao novo regime, que, apesar de apoiá-lo, continuou merecendo muitas desconfianças por parte do presidente Castelo Branco.

Farias acrescenta que os fatores que contribuíram para as perseguições foram as atitudes: dos empresários locais, que remeteram à Assembleia e à Câmara Municipal de Fortaleza um memorando, pedindo a cassação de parlamentares “subversivos”; da imprensa, por meio dos jornais *O Povo* e o *Correio do Ceará*, que publicaram editoriais exaltando a ação das Forças Armadas; da Igreja Católica, que realizou missa em Ação de Graças em homenagem aos “revolucionários”; dos setores do movimento estudantil, intitulados de “democratas” e de outros segmentos da sociedade, que promoveram, em 16 de abril de 1964, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, estimada em 70 mil pessoas.<sup>64</sup>

Com a adoção do bipartidarismo em 1965, o governador Virgílio Távora foi para a ARENA, que congregava militantes dos antigos e recentemente extintos UDN, PSD, PSP e PTB, enquanto o seu vice, Figueiredo Correia, foi para o MDB, que reunia membros do PSD, PTB e algumas lideranças de esquerda, ainda não cassadas. O principal interlocutor cearense com a ditadura foi o deputado Paulo Sarasate, que

61 Juarez Távora é um líder político cearense e foi ministro da Aviação e Obras Públicas no governo de Castelo Branco. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br/producao/dossiês/aeravargas1/biografias](http://www.cpdoc.fgv.br/producao/dossiês/aeravargas1/biografias). Acesso em: 14 jan. 2013.

62 Três cearenses no governo. *Correio da Semana*, 18 de abril de 1964.

63 FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007, p. 52.

64 *Ibid.*, p. 52-53.

conseguiu eleger o obscuro Deputado Federal Plácido Aderaldo Castelo (1966-1971) para o governo do estado nas eleições de 1966.

Apesar de certo isolamento do Governo Federal, Távora mantinha-se como importante líder político no estado. Com a morte de Castelo Branco e Saragat, Távora, aliado aos coronéis César Cals e Adauto Bezerra, constituiria o que ficou conhecido como *ciclo dos coronéis* no Ceará. César Cals de Oliveira Filho ascendeu ao posto de líder político por pertencer ao IV Exército de Recife, onde fez carreira militar e pelos vínculos que mantinha com o chefe do Sistema Nacional de Informação (SNI), João Batista Figueiredo. Embora considerado pouco hábil na capacidade de articulação política, o seu governo foi marcado pela extensão do autoritarismo no Ceará, criando em 1971, o Sistema Estadual de Informações (SEI), para colher informações dos “subversivos” e até mesmo dos seus aliados coronéis.<sup>65</sup>

A ascensão de Adauto Bezerra (1974-1978) foi articulada por Humberto Esmeraldo, um amigo da região do Cariri, muito influente junto a Ernesto Geisel, que o considerava quase um filho.<sup>66</sup> A capacidade de aliar economia e política fez do coronel uma grande liderança que surpreendeu até seus aliados. No *pacto dos coronéis*,<sup>67</sup> a ARENA dividia-se em três sublegendas, cada sublegenda liderada por um dos coronéis, que constituíram a força política hegemônica no estado, revezando-se no poder de acordo com alianças que cada coronel estabelecia com o poder federal: ora governo, ora deputado, ora senador. Este era o lema: aliados na cúpula, divididos na base,<sup>68</sup> um modelo que se estenderia à política sobralense.

Para Rejane Carvalho, a ditadura inverteu drasticamente o pêndulo das relações entre governo estadual e os chefes políticos municipais, com

65 FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007, p. 52.

66 Informação prestada por uma historiadora da Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, sul do Ceará.

67 MOTA, Aroldo. História política do Ceará *apud* CARVALHO, R. V. A. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, J.; ARRUDA, J. M. (Org.). *A Era Jereissati – modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 21.

68 CARVALHO, Rejane V. A. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, J.; ARRUDA, J. M. (Org.). *A Era Jereissati – modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 10.



a nítida “estadualização” de todos os pleitos eleitorais, antecidos à indicação dos governadores pelo regime militar. A consequência disso foi a redução da importância das chefias políticas regionais. O ápice da força política de cada chefe era atingido no momento de exercício do seu mandato como governador. O governismo, ou seja, a centralização do poder nas mãos do governo do estado, para autora foi, portanto, aguçado pelo regime militar, alterando as regras de disputa eleitoral vigente até então.<sup>69</sup>

O fim dos anos 70 e início de 80, no Ceará, foi marcado por uma crise da ditadura e do acordo dos coronéis. Virgílio assumiu mais uma vez o governo (1979-1982), mas os coronéis não conseguiram um consenso quanto à indicação do próximo governador, e a decisão foi tomada à mesa do Governo Federal no *acordo de Brasília*, que escolheu o tecnocrata Luiz Gonzaga Mota para concorrer às eleições de 1982. Bezerra seria o vice, Távora concorreria ao Senado e Cals ficaria com a prefeitura de Fortaleza, tendo como candidato seu filho César Cals Neto.

Embora começasse o governo como um burocrata, Mota mudou sua postura, pois visava ao título de “quarto” coronel, com sua própria facção, “os gonzaguistas;” migrando para o PMDB, partido que nesse momento já recebia muita influência dos inimigos do regime. Contudo, Mota não se diferenciava dos seus antecessores: clientelismo, empirismo e desorganização da máquina pública eram características marcantes do seu governo.<sup>70</sup>

Mas os ventos das diretas começaram a soprar no Ceará. Em 1985, foi eleita prefeita de Fortaleza a petista Maria Luíza Fontenele, considerado um marco na história política do estado. No governo do estado, a nova liderança vinha da burguesia industrial cearense. Paradoxalmente, “o governo das mudanças” nasceu da estrutura econômica montada pelos coronéis e da campanha política pela redemocratização.<sup>71</sup> A competência técnica, proibidade administrativa e o personalismo seriam marcas dessas novas lideranças que atualmente ainda se sucedem no poder estadual.

69 *Ibid.*, p. 12.

70 FARIAS, Airton de. *História da Sociedade Cearense*. Fortaleza: Livro Técnico, 2004, p. 450.

71 Tasso Jereissati e Ciro Gomes, sucessivamente governos do Ceará, participaram dos comitês pró-diretas no Ceará.

## 1.4 A “Revolução” em Sobral

No período do golpe civil-militar de 1964, o prefeito de Sobral era Cesário Barreto Lima, do PTN. O seu principal opositor era Jerônimo Medeiros Prado, da UDN. Com o bipartidarismo, ambos foram para a ARENA, criando duas sublegendas: ARENA um de Prado e a ARENA dois de Barreto. Os outros partidos se reagruparam no MDB, embora não constituíssem propriamente uma oposição, já que os membros do MDB se aliavam ora a Prado, ora a Barreto.

A recepção do Golpe em Sobral foi divergente, como em todo o país. De um lado, “viva à Revolução”, de outro, “abaixo a ditadura”. Uma pequena amostra dessas opiniões pode ser percebida nos diversos jornais de circulação local, nos documentos da Câmara Municipal, nos depoimentos de pessoas que viveram o período, nos Inquéritos Policiais Militares, nas manifestações artísticas, entre outras fontes, em que aparece a posição da Igreja, de estudantes, vereadores, jornalistas, artistas e comerciantes. Para explicitar melhor a ação desses grupos, serão detalhados agora os sujeitos e suas práticas. Neste capítulo, tratar-se-á apenas dos aliados do regime.

A postura da Igreja Católica em Sobral pode ser notada nesta mensagem do bispo diocesano, poucos dias após o golpe:

### **Mensagem de Paz**

Dom João Mota

[...]

A revolução vitoriosa que o Brasil esta festejando hoje, é o resultado do grande desejo de Paz, anseio profundo de cada brasileiro, em tôda a história do Brasil.

Nas noites escuras das ameaças e da destruição, vê-se com maior clareza o sinal da vitória, deixado pelo Criador no Céu da Pátria. [...]. Que especial privilégio êsse do Brasil, de fazer revolução sem sangue!

Creio que até os que ameaçam a ordem, reconhecem depois que erravam o caminho. [...].<sup>72</sup>

---

72 *Correio da Semana*. Sobral, 04 de abril de 1964.

Dom Mota era bispo de Sobral durante o golpe, o que significa que o apoio ao golpe era uma postura oficial da Igreja Católica em Sobral. O argumento de *revolução sem sangue* aparece em vários artigos de colunistas locais do jornal *Correio da Semana*, quando das comemorações do aniversário da “Revolução” nos anos seguintes.

Foi instalado no Brasil um Governo Revolucionário de uma sensatez e de equilíbrio notáveis, que não deixou de levar pelos justos clamores de vingança que ecoavam de um extremo a outro da Nação, clamores que não poderiam ser atendidos porque lançariam ao solo pátrio sangue brasileiro, ainda que, de maus irmãos. A Revolução que foi feita **sem efusão de sangue**, continua a ser consolidada **sem sangue**.<sup>73</sup> (Grifos nossos).

A nota a seguir expressa o apoio do Centro Estudantil Sobralense ao golpe, ao mesmo tempo em que esclarece que, no entanto, não era unânime a posição dos estudantes:

#### **Movimento estudantil**

Vitória no âmbito nacional das forças armadas.

Vitória no âmbito estudantil da **Linha Nova**.

Aprovada *in totum* a nova diretoria do CES [Centro Estudantil Sobralense] [...]

Estudantes **democratas** assumiram a direção do Centro dos Estudantes Secundaristas do Ceará (CESC).<sup>74</sup> (Grifos nossos).

No estudo sobre o Centro Estudantil Cearense (CEC), Altamar Muniz afirma que o CEC foi criado nos anos de 1930 e reproduzia a experiência da Casa do Estudante do Brasil, fundada em 1929, no Rio de Janeiro. A entidade era voltada para o apoio a estudantes carentes do estado e, sem compromisso político, de caráter assistencialista, continha inclusive um departamento de Polícia Estudantil que objetivava acomodar, disciplinar e patrulhar a vida dos estudantes. O CEC matinha boas relações com a

73 MARTINS, Aurélio. REVOLUCAO E O BRASIL (I). *Correio da Semana*. Sobral, 1º de maio de 1965.

74 *Correio da Semana*. Sobral, 11 de abril de 1964. *Democratas* eram como os estudantes aliados do golpe se intitulavam.

Liga Eleitoral Católica, que foi aliada aos integralistas no Ceará. Até os anos 40, o Centro representava estudantes secundaristas e universitários, quando perdeu lugar para o Centro dos Estudantes Secundaristas Cearenses (CESC) e a União Estadual dos Estudantes (UEE-CE), entidades que se manifestariam contra o nazifascismo. Para o autor, é sintomático que o fim da hegemonia do CEC coincidissem com o fim do Estado Novo, já que ambos compartilhavam de ideias semelhantes.<sup>75</sup>

O Centro Estudantil tinha representação em várias cidades do interior do Ceará. Em Sobral, na região noroeste do estado, o Centro Estudantil Sobralense (CES) surgiu nos anos 1940 e durou até a década de 1970. O CES teve características muito semelhantes ao de Fortaleza, contando, inclusive, com a Polícia Estudantil (PE), formada por alunos escolhidos, que trabalhavam na vigilância do comportamento estudantil, em parceria com o Comissariado de Menor e com a Polícia Militar, fiscalizando o lazer dos estudantes, inclusive nos prostíbulos.<sup>76</sup> Uma das poucas ações políticas do Centro foi garantir o direito à meia-entrada nas casas de diversões. Na coluna estudantil, do jornal *Correio da Semana*, foram encontradas informações de que, com o golpe, o CES ganhou nova diretoria, sob a presidência de Djacir Vasconcelos, a qual se intitularia de “Linha Nova”. O CES nessa gestão, apesar de questionar a elitização da educação e de afirmar a necessidade de os estudantes inteirarem-se dos problemas sociais, manifestava claro apoio à ditadura.<sup>77</sup> No período, o órgão tinha um programa de rádio, intitulado *Hora Estudantil*, que ia ao ar às 16h, todos os sábados, pela Rádio Educadora do Nordeste.

Foram encontradas, ainda, outras manifestações estudantis de apoio ao golpe em jornais temporários que circularam pela cidade, inclusive no Colégio Sobralense, local onde foram forjadas muitas manifestações em oposição à ditadura. Não se sabe quanto tempo durou essa aliança, pois em 1969 o CES aparece como opositor do regime, tanto em depoimento de membros da diretoria, como nos relatórios do DOPS.

75 MUNIZ, Altemar da Costa. *Movimento Estudantil e Estado Novo*. s.n.t. 24p.

76 MOURA, Edvar Pereira. Entrevista concedida à autora. Sobral, 26 de novembro de 2010.

77 *Correio da Semana*. Sobral, 02 de maio de 1964. Acervo Tancredo A. Brito.

O Presidente Castelo Branco veio a Sobral duas vezes durante a gestão de Cesário Barreto. Na primeira vez, em 1965, ele visitou a Companhia de Eletrificação do Norte Cearense (CENORTE), as obras da Fábrica de Cimento do grupo Antônio Ermírio de Moraes, do Centro Social que homenageia a esposa falecida, Argentina Castelo Branco, e as obras do Hotel Municipal, oportunidade em que recebeu o título de cidadania sobralense:

Sobral viveu das 10 às 14 horas, no dia 28, os maiores momentos de alegria e vibração, com a visita do eminente Presidente da República Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. O prefeito Cesário Barreto Lima, marcou mais um grande tento para sua profícua administração, trazendo pela primeira vez na história do município, um choque da nação em pleno exercício, um chefe na nação de suas elevadas funções. Dois pronunciamentos foram feitos pelo presidente Castelo Branco, na Princesa do Norte. O primeiro por ocasião do lançamento da pedra fundamental do “Centro Social Dona Argentina Castelo Branco”, justa homenagem, da prefeitura a saudosa memória da esposa do Marechal Castelo Branco. [...] o ilustre visitante, em brilhante discurso falou sobre os objetivos da Revolução, finalidade dos Atos Institucionais, da necessidade das reformas constitucionais, terminando a sua oração com as seguintes palavras: - **“O título de Cidadão Sobralense, que agora recebo enobrecido me identifica com a tradição deste município e com a permanente aspiração de Sobral, que é a de todo Brasil, de viver a democracia. Uma democracia na base da realidade brasileira, em cuja prática as lideranças atuais proporcionem o surgimento nas gerações que seguem de líderes autênticos e renovadores. [...]”**.<sup>78</sup>(Grifo nosso).

As atas da Câmara, nos anos seguintes, dão sinais de continuado apoio ao novo regime.<sup>79</sup> Na justificativa do Projeto de Lei, que previa o título de cidadania sobralense ao presidente Castelo Branco, há uma clara manifestação da comunhão do Poder Legislativo sobralense à ditadura:

78 O Marechal da Revolução em Sobral. *Correio da Semana*. Sobral, 01 de janeiro de 1966, p. 6.

79 As atas da Câmara Municipal de Sobral do período do golpe foram perdidas.

O relevante serviço público prestado ao Brasil pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, à frente de uma Revolução que modificou os destinos e a história brasileira, conquistou-lhe a admiração e o respeito de todos os seus patrícios e de todos os brasileiros de boa vontade, voltados para o futuro de nossa pátria e de seus filhos. Presidente da República numa conjuntura das mais difíceis e pontilhada de incertezas para a vida nacional e a sobrevivência da civilização na face da terra, o ilustre e bravo cearense tem-se mostrado **o timoneiro indormido e vigilante, indiferente aos gritos dos fanáticos e às armadilhas dos subversivos e corruptos**, dedicado única e exclusivamente para os interesses do Brasil e dos brasileiros.

[...]

E, nada podendo lhe dar de mais significativo que a nossa cidadania honorária, como penhor desse nosso reconhecimento e admiração, apresentamos a essa augusta Casa o projeto de lei em apreço, que, temos a certeza, merecerá a unânime e entusiástica aprovação dessa Casa.<sup>80</sup> (Grifo nosso).

Ainda por toda a década de 1970, a “revolução” mereceu elogios dos empresários locais. Uma nota no jornal informou sobre a programação do SESI (Serviço Social da Indústria) para as comemorações do aniversário do golpe de Estado:

#### **SESI comemora aniversário da Revolução.**

Em homenagem ao 6º aniversário da Revolução do ano de 1964, o SESI, agência de Sobral, convidou o Tenente José Faustino do Nascimento, para dar uma palestra sobre a significativa data, aos alunos dos cursos populares.

Dada a sua grande capacidade intelectual, o Ten. Faustino, fez a explanação do assunto de um modo bem claro ressaltando sempre o nome do Presidente que tanto trabalha em pról da Paz em nosso País.<sup>81</sup>

Mas o principal aliado do novo regime na cidade foi o poder executivo. Mesmo sendo revezado por grupos diferentes, ora Prado, ora Barreto, a Prefeitura Municipal de Sobral foi uma fiel aliada do regime militar durante toda a sua vigência no país.

80 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Projeto de Lei nº 26/65*. Sobral, 28 de outubro de 1965.

81 *Correio da Semana*. Sobral, 11 de abril de 1970.

### ***1.4.1 Prado e Barreto***

O poder local no município de Sobral durante todo o regime militar esteve nas mãos das facções Prado e Barreto, grupos políticos que se revezaram na administração municipal de 1963 a 1996. José Sabóia, Francisco Monte, Dom José Tupinambá da Frota e Padre Palhano Sabóia foram as principais lideranças políticas que antecederam e influenciaram na formação das facções Prado e Barreto no poder político da cidade.

José Sabóia de Albuquerque foi o líder da UDN em Sobral até 1950, ano em que faleceu. Francisco Monte, sogro de Parsifal Barroso - governador do Ceará entre 1959-1962 -, foi aliado de Sabóia na UDN, separando-se nos anos 50, quando foi militar no PTB, legenda que representou como Deputado Federal até 1961.<sup>82</sup> No novo lugar que ocupou na política local, Chico Monte se aliou ao principal adversário político de Sabóia, o bispo Dom José Tupinambá da Frota, que, embora não fosse filiado a nenhum partido político, exercia muito poder na cidade de Sobral. Essa aliança durou até 1958, quando Dom José rompeu com Monte para apoiar o seu afilhado Padre Palhano Sabóia.<sup>83</sup> A partir daí Cesário Barreto Lima ingressou na política como grande articulador financeiro da campanha do candidato da igreja de Dom José T. da Frota, pela UDN.

Segundo o cronista César Barreto, a vaidade, o jogo de intrigas e os interesses políticos contrariados acabaram por provocar em pouco tempo o rompimento político de Cesário Barreto com o padre Palhano Sabóia, e o primeiro passou a comandar violenta campanha contra o filho adotivo de Dom José T. da Frota.<sup>84</sup> Nas eleições de 1962, Palhano Sabóia fez oposição a Barreto, apoiando a candidatura de Jerônimo Medeiros Prado.<sup>85</sup> Tais disputas renderiam mais tarde a cassação de Sabóia como Deputado Federal, em 1964, comemorado com muita festa pelo

82 CAVALCANTE, Arnaud de Holanda. *Sociedade sobralense vultos em destaque*. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 168.

83 COSTA, Lustosa da. *Sobral, cidade de cenas fortes*. Rio- São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003, p. 64.

84 LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2ª ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 165.

85 COSTA, *Op. cit.*, nota 72, p. 71.

grupo político Barreto.<sup>86</sup> Palhano Sabóia e Barreto fizeram as pazes em 1969, mas se desentenderam novamente em 1975.<sup>87</sup>

Ao analisar a história política do Ceará, Josênio Parente afirma que as elites políticas da região Norte do estado se caracterizam pela falta de fidelidade partidária e pela independência política na relação com a esfera estadual e nacional, tornando-os menos coesas e mais fragmentadas.<sup>88</sup> O período entre 1945 e 1964 caracteriza-se pela existência de partidos nacionais, dos quais entre os mais fortes estão o Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), todos com representação em Sobral.

Segundo Penha Ribeiro,<sup>89</sup> 1962 foi o ano em que se iniciou a formação das facções Prado e Barreto na política em Sobral, tendo como chefes políticos, Jerônimo Medeiros Prado pela UDN, apoiado pela família Sabóia e Ferreira Gomes, e Cesário Barreto Lima, pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN), o qual se uniu ao grupo da *União Pelo Ceará* de Virgílio Távora, já que havia rompido com a facção Montista e Parsifal Barroso.<sup>90</sup>

Cesário Barreto Lima nasceu em Sobral - Ceará. Foi empresário, pra-cinha do exército, desportista, Presidente da Associação Comercial, sócio do Rotary Clube, diretor da indústria de laticínios Lassa em 1969.<sup>91</sup> Sua família originou-se no município de Jaguaratama, passando por Crateús e São Benedito, no mesmo estado. Ele é sobrinho do jornalista Deolindo Barreto Lima, assassinado nas dependências da Câmara Municipal de Sobral no ano de 1924.<sup>92</sup> Ingressou na política sobralense em 1962, com

86 MELO, João Abdelmoumen. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra em 2004.

87 COSTA, *Op. cit.*, nota 72, p. 95.

88 PARENTE, F. Josênio. O Ceará dos “coronéis” (1945-1986). In: SOUZA, S. Org. *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 383.

89 RIBEIRO, Penha Magalhães. *Da Santa Mataria à Taparuaba: um breve estudo da oligarquia Barreto no distrito de Taparuaba (1962-1992)*. Sobral: UVA, 2001 (Trabalho de Conclusão de Curso), p. 24. *Ibid.*, p. 25.

90 RABELO FILHO, José Valdenir. *Uma Sobral, muitas Cidades: apresentando tensões, e decifrando silêncios(1958-1966)*. Sobral: UVA, 2009 (Trabalho de Conclusão de Curso), p. 59.

91 *Correio da Semana*. Sobral, 10 de maio de 1969, p. 5.

92 LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2ª ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 174.



a eleição municipal que o fez Prefeito de Sobral entre 1963 e 1966 e Deputado Federal nos anos 70.<sup>93</sup> Muitos membros da família foram residir no Rio de Janeiro, onde fizeram carreira política ou militar.

**Figura 2** - Cesário Barreto Lima, ex-prefeito de Sobral (1962-66)



**Fonte:** sobralemrevista.blogspot.com.br. Acesso em 07 jan. 13.

Há um periódico dos anos 70, que circulava na família Barreto, intitulado *Mensagem – periódico para notícias da família Barreto e afins*.<sup>94</sup> Nesse material, é possível encontrar o histórico da família enfatizando conquistas e perdas. Nas Forças Armadas, foram listados trinta e um parentes, dentre eles, sete generais. Dentre os mais conhecidos, está Luiz Flamarion Barreto, intelectual do exército, membro da Academia de História Militar, a quem é atribuído proteção a Cesário Barreto durante a vigência da ditadura, e Adalberto Barreto, ministro do Superior Tribunal Militar, em 1958.<sup>95</sup> Mais dois membros da família assumiram

93 CAVALCANTE, Arnaud de Holanda. *Sociedade sobralense vultos em destaque*. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 127.

94 A edição do periódico era feita pelo Jornal Correio da Semana.

95 *Mensagem*. Periódico para notícias da família Barreto e afins. Sobral, 1975, p. 4.

o poder municipal: Joaquim Barreto Lima (1971-1972/1983-1988) e Francisco Ricardo Barreto Dias (1993-1996).

Jerônimo Medeiros Prado é originário de São Vicente - Jaibaras, atual distrito de Sobral. Nos anos 30, tornou-se comerciante. Na seca de 1958, ganhou licitação pública para abastecer os flagelados da seca com o depósito de alimentos, o que lhe rendeu uma boa condição financeira. Na década de 60 foi sócio do Cine Alvorada e, em 70, agente fundador da indústria de óleos vegetais *Brasil Oiticica* - ambas funcionaram até os anos 90. Sua condição de agropecuarista e importante comerciante, o aproximou de lideranças políticas como José Sabóia que o levou a ingressar na UDN. A eleição de 1962, contra Cesário Barreto, credenciou-o como novo nome na política local,<sup>96</sup> elegendo-o no pleito seguinte, 1967-1971.<sup>97</sup> A passagem pela administração pública é lembrada pela fundação da Universidade Vale do Acaraú, em 1968, com recursos do município, que mais tarde transformou-se em Universidade Estadual Vale do Acaraú, e pela elaboração do primeiro plano diretor da cidade de Sobral, em 1967. Sua biografia o caracteriza como homem simples, honesto, respeitado pela sua serenidade e capacidade de articulação política: “pacífico, humilde, inteligente, operoso e cheio de bom senso”.<sup>98</sup> José Parente Prado foi o único membro da família a sucedê-lo na administração municipal, por dois pleitos (1973-1976/1989-1992), além de ter sido deputado por três legislaturas. A eleição de 1977 foi a única em que uma facção fez o sucessor. O grupo Prado lançou a candidatura do seu aliado José Euclides Ferreira Gomes Júnior, que mais tarde criou sua própria facção política, transformando-se em concorrente na disputa pelo poder municipal.<sup>99</sup>

96 LIMA NETO, José. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. Sobral, 2009 (Trabalho de Conclusão de Curso), p. 11-26.

97 CAVALCANTE, Arnaud de Holanda. *Sociedade sobralense vultus em destaque*. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 245.

98 SOARES, José T. (Org.). *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003, p. 38.

99 Jerônimo Prado faleceu em 2003, aos 94 anos de idade. Sua morte foi noticiada em jornais da capital, e seu corpo reverenciado na Câmara de vereadores. O reitor da Universidade e o prefeito decretaram luto de três dias em Sobral. Fonte: *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 18 de outubro de 2003 *apud* LIMA NETO, p. 25.

**Figura 3** - Jerônimo Medeiros Prado, ex-prefeito de Sobral (1967-70)

**Fonte:** SOARES, J. T. (2003).

A ARENA, no Ceará, teve hegemonia durante todo o regime militar, mas não foi tranquilo seu “reinado”, visto que atuou bastante fragmentada, dividindo-se em duas sublegendas na maioria dos municípios, e em alguns casos, até em três. Em Sobral, a ARENA teve posição majoritária e dividiu-se em três sublegendas. A partir das eleições de 1982, a ARENA assumiu a denominação de Partido Democrático Social (PDS), mantendo ainda suas sublegendas, que disputaram essa eleição com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT).<sup>100</sup>

De acordo com relatórios da agremiação partidária, ao longo do regime, vários membros do MDB migraram para ARENA, embora o contrário também seja verdadeiro. O MDB foi crescendo gradativamente, e, a partir da década de 70, a disputa ficou mais acirrada. Na cidade de Farias

<sup>100</sup> Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Secretaria de Informática. Coordenação de estatística e Informações eleitorais. Seção de Estatísticas. Eleições Municipais de 15 de novembro de 1866, 1970, 1972, 1976, 1982 e 1988. – Município de Sobral.

Brito, por exemplo, na década de 1970, 141 funcionários da prefeitura municipal, aliados à ARENA foram substituídos por emedebistas.

No texto que escreveu sobre partidos políticos no Brasil, Rogério Schmitt cita a cientista política Maria Dalva Kinzo, que afirma:

o propósito estratégico do regime era montar um sistema partidário organizado em termos de apoio ou oposição ao governo, reunindo em uma única legenda todos os congressistas cujas tendências políticas fossem favoráveis ao regime, e num modesto partido de oposição as forças políticas restantes.<sup>101</sup>

Schmitt acrescenta que o princípio era criar organizações provisórias, o que justifica nenhuma das novas legendas, oficializadas em 1966, apresentarem a palavra “partido” em sua denominação. Segundo Rodrigo Motta, o MDB teve muita dificuldade de ser aceito pelas esquerdas, excetuando-se o PCB, que seria o único grupo organizado de esquerda a se ligar ao MDB, desde o início. A partir de 1974-75, vários grupos começaram a se aproximar do partido, por diversas razões: pela credibilidade construída pelos “autênticos”<sup>102</sup> em 1973-74; pelos esforços dos emedebistas em se aproximarem dos movimentos sociais e da intelectualidade; e pela divulgação mais eficiente de imagem efetivamente oposicionista, mostrando-se um partido preocupado com os problemas sociais e empenhado na luta pela democracia.<sup>103</sup> A fragmentação da oposição, por meio do pluripartidarismo, seria a próxima estratégia política que socorreria o regime até as eleições de 1985.<sup>104</sup> Rodrigo Patto Sá Motta caracteriza a ARENA como importante instrumento político, que garantiu ao regime significativas vitórias nos pleitos de 1966 e 1970, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país.

No trabalho sobre a memória política da ARENA, Lúcia Grinberg mostra que a história da ARENA envolve uma disputa pela memória

101 SCHMITT, Roberto. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000 (Coleção Descobrir o Brasil), p. 33.

102 Autênticos foi uma expressão criada pela imprensa do período para caracterizar os militantes fiéis ao MDB.

103 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J. *Revolução e democracia – 1964...* RJ: Civilização Brasileira, 2007, p. 295.

104 *Ibid.*, p. 47.

tanto da UDN (União Democrática Nacional) quanto do Partido Social Democrático (PSD). A ARENA é lembrada com a imagem de subordinação e adesismo aos militares no executivo, um perfil negativo, já que significa a participação após o sucesso do movimento de 1964, e não a atuação efetiva no processo.<sup>105</sup> “... O MDB era referido como partido do ‘sim’ e a ARENA como partido do ‘sim, senhor’, o que significa dizer que ambos ‘se dobravam à vontade do poder, mas a Arena o fazia com mais servilismo e menos pudor’”.<sup>106</sup>

Segundo a autora, a historiografia sobre a ARENA questiona a compreensão dessa agremiação como partido, devido à limitada influência no governo ou à diversidade de origens partidárias de seus membros. Ela defende a ideia de que, se a ARENA foi instituída pelo regime militar, seus membros não o foram, apresentando uma grande maioria de militantes com longa prática na política partidária.<sup>107</sup> Grinberg conclui que a ARENA foi um bode expiatório ao inverso do regime militar: fraca, risível e sem poder nenhum. Todavia, continua a autora, é preciso reconhecer que é representativa de boa parte da história dos partidos políticos no Brasil: UDN, PSD e até PTB, formando grande parte da geração seguinte de políticos, quando as alternativas se limitavam a mesma e ao MDB.<sup>108</sup>

No caso do Ceará, a ARENA foi um grupo bastante heterogêneo e dividiu a representação do regime com o MDB. Nos relatórios do partido no Ceará, foram encontradas discussões em torno do papel da ARENA no governo ditatorial. Num texto sobre as perspectivas para as eleições de 1978, a situação do partido era considerada bastante preocupante, dado o crescimento do MDB em nível nacional. Dentre as providências que o partido deveria tomar para continuar liderando estavam: “a Arena precisa deixar de ser *partido Do governo para ser partido No governo*”, e deveria ocorrer uma forte integração entre as esferas municipal, estadual e federal.<sup>109</sup>

105 GRINBERG, Lúcia. Uma memória política sobre a Arena: dos “revolucionários de primeira hora” ao “partido do sim, senhor”. In: REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *O Golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004, p. 143.

106 MOTTA, Rodrigo de Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*: Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 118.

107 *Ibid.*, p. 149.

108 *Ibid.*, p. 158.

109 ESTADO DO CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC. Acervo Virgílio Távora. Organização Partidária. Arena. Fortaleza, 1967/1978 (Documento sem nota tipográfica).

Apesar das dificuldades vivenciadas pela agremiação, não se crê que isso indique que a ARENA, pelo menos no Ceará, tenha sido risível, fraca e sem poder como sugeriu Grinberg. A agremiação, mesmo fragmentada, era a representante oficial do regime político vigente, portanto ocupava os postos majoritários na vida política nos estados e municípios. Era por meio da ARENA que os recursos, os cargos e a proteção aos correligionários chegavam aos interiores do país, com ou sem eleição. Talvez a leitura de Grinberg se aplique à segunda metade dos anos 70, quando o MDB começa a crescer, recebendo, em seus quadros, vários membros, os quais mais tarde constituiriam os partidos de esquerda. Ainda assim, a agremiação ocupava lugar privilegiado junto ao regime.

Esse foi o quadro dos mandatos no executivo em Sobral ao longo das disputas políticas entre Prado e Barreto (1962-1996):<sup>110</sup>

**Tabela 1** –Prefeitos de Sobral-CE (1962-1996)

PREFEITOS	PERÍODO	PARTIDOS
Cesário Barreto Lima	1963-1966	PTN
Jerônimo Medeiros Prados	1967-1970	ARENA 1
Joaquim Barreto Lima	1971-1972	ARENA 2
José Parente Prado	1973-1976	ARENA 1
José Euclides Ferreira Gomes Júnior	1977-1982	ARENA 1
Joaquim Barreto Lima	1983-1988	PDS – 2
José Parente Prado	1989-1992	PFL/PDS
Francisco Ricardo Barreto Dias	1993-1996	PPR

**Fonte:** Elaborada pela autora a partir de fontes diversas.

A partir desse quadro, percebe-se uma interrupção no revezamento entre Prado e Barreto nas eleições de 1976, quando pela primeira vez o grupo Prado conseguiu fazer seu sucessor: José Euclides Ferreira Gomes Júnior. Apesar de vir de família tradicional, o advogado Ferreira Gomes era desconhecido na militância política, e, por isso, foi fundamental o apoio de José Prado à sua eleição. Depois de eleito, o Ferreira Gomes cindiu do grupo dos Prado e constituiu uma terceira facção, a ARENA três.

110 Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Secretaria de Informática. Coordenação de estatística e Informações eleitorais. Seção de Estatísticas. Eleições Municipais de 15 de novembro de 1966, 1970, 1972, 1976, 1982, 1988 e 1992 – Município de Sobral. [www.tre-ce.gov.br](http://www.tre-ce.gov.br). Acesso em 20 de junho de 2011. Não há registro da eleição de 1985 em Sobral.

Nas eleições de 1982, Prado e Barreto voltaram a disputar o poder municipal, sendo Barreto vitorioso. O fortalecimento do grupo Ferreira Gomes obrigaria os velhos chefes a se unirem. Numa aliança histórica, Prado e Barreto se juntaram nas eleições de 1988 contra o candidato dos Ferreira Gomes. Vitoriosos, voltaram a disputar entre si o poder executivo nas eleições de 1992, pelo menos oficialmente, pois há muitas controvérsias sobre a relação dessas agremiações nessa eleição. O último executivo dessa geração, Ricardo Barreto, foi afastado do poder municipal antes de concluir seu mandato, assumindo o vice-prefeito Aldenor Façanha Júnior.

O afastamento de Barreto do executivo se deu num contexto de mudança na estrutura de poder em nível nacional e estadual, propiciada pelo fim do Regime Militar e pela ascensão da Nova República, que trazia interferência à esfera municipal. O vice-prefeito Aldenor Façanha Júnior (1994-1996) assumiu a gestão em meio à turbulência do processo de afastamento de Barreto e contou com o apoio da terceira facção política, os Ferreira Gomes, que, junto com os partidos de esquerda, criaram as condições para ascender ao poder municipal no pleito seguinte.

Josênio Parente, ao estudar a política no Ceará republicano, caracteriza as elites cearenses como estruturalmente frágeis, se comparadas às de outros estados do Nordeste, como Pernambuco e Bahia, por exemplo. Algumas razões para esta singularidade, segundo o autor, seriam as condições climáticas que afetam o estado com secas periódicas, trazendo interferência à vida política, ainda não explorada significativamente pela historiografia, e a divisão do estado em três regiões políticas não articuladas: Sobral, Cariri e Sertão Central. A respeito desse assunto, fala Josênio Parente:

A família, no Ceará, não indica oligarquia e nem é critério de fidelidade partidária, sobretudo em se tratando da zona Norte do Estado. A fidelidade circunstancial está na capacidade de distribuir recurso em momentos específicos. O clientelismo, então, não é sinônimo de coronelismo, de oligarquias fortes internamente, mas um mecanismo tradicional de criar fidelidades quando a ideologia não consegue.<sup>111</sup>

111 PARENTE, Josênio. *In*: SOUZA, Simone (Org.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 386.

Em acordo com essa tese, que será mais bem explorada no capítulo três deste trabalho, apesar da referência aos grupos políticos locais pelo sobrenome de família, duvida-se de que os conceitos de oligarquia e coronelismo deem conta de explicar a complexidade do contexto em análise. Em quase quarenta anos, só um grupo conseguiu fazer seu sucessor, e o candidato não era da família, mas um aliado político que mais tarde iria cindir do grupo. O revezamento entre Prado e Barreto não era acordado entre os grupos, pelo contrário, ele se dava pela falta de acordo. Mesmo no final dos anos 80, quando se desmontou a estrutura dos coronéis em nível estadual, Prado e Barreto continuaram liderando em Sobral.

Apesar de se configurarem como aliados do regime militar e terem práticas políticas muito semelhantes, Prado e Barreto foram opositores durante trinta anos em que se revezaram no poder local; as renhidas campanhas eleitorais para o legislativo e o executivo são os melhores exemplos dessa assertiva. Ao que tudo indica, eles seguiram o mesmo lema dos coronéis no Ceará: *união na cúpula, divisão nas bases*.

#### **1.4.1.1 As duas Câmaras**

Entre os muitos conflitos que marcaram as relações de poder entre Prado e Barreto, a divisão da Câmara Municipal é o mais exemplar deles. Como imaginar o funcionamento de uma cidade com duas Câmaras? Em Sobral, isso ocorreu mais de uma vez.

O álbum *O Centenário* de Sobral de 1941 noticia a ocorrência de uma primeira divisão da Câmara em 1887:

#### **Câmara em Duplicata**

A 7 de janeiro deste anno verificou-se, duas câmaras em duplicata, cada qual com número de votos iguais e ambas com número ilegal para funcionarem. Ambas tomaram posse, ambas quíriam (sic) estar com o direito. Nenhuma direito tinha. Uma era conservadora a outra era Liberal.



Ambas foram nullas por acto do governo, voltando a funcionar a do quadriênio anterior.<sup>112</sup>

Infelizmente a matéria não dá maiores explicações sobre o fato. Em 1924, uma nova disputa entre duas Câmaras tem fim trágico. Segundo outro artigo desse mesmo álbum, no dia 15 de junho de 1924, deveria realizar-se a eleição para preenchimento das vagas para representação federal em todo estado. Ao iniciar a primeira sessão eleitoral da cidade, como as demais, dois presidentes se apresentaram, daí estabeleceu-se uma confusão permeada de tiros de arma de fogo que terminou com a morte do jornalista Deolindo Barreto e com outros feridos.<sup>113</sup>

O caso das *Duas Câmaras* de 1968 é o mais recente deles. Todavia, para compreendê-lo, foi necessário montar um complicado quebra-cabeça. Cruzando documentos da Câmara, jornais, depoimentos de seus participantes e descrição de cronistas, tenta-se apresentar uma versão coerente dos fatos.

Durante os anos de 1967 e 1970, o prefeito da cidade era Jerônimo Prado. A Prefeitura e a Câmara funcionavam no mesmo prédio, o Executivo, no térreo, e o Legislativo, no andar de cima. Ao longo de todo o ano de 1967, a relação entre situacionistas (Prado) e oposicionistas (Barreto) já era muito delicada no legislativo sobralense.<sup>114</sup> As disputas se acirraram no final de outubro, quando o presidente em exercício, João Abdelmoumen Melo, se recusou a pôr a ata da reunião anterior em votação, por duas sessões consecutivas. A oposição se retirou do plenário e realizou sessão paralela no rol do salão nobre sob a direção do secretário Antonio Lisboa. Ficou estabelecida mais uma vez duas câmaras: a “*Câmara Um*”, representada pelos vereadores da situação, e a “*Câmara Dois*”, pelos vereadores da oposição.<sup>115</sup>

112 FILHO, Craveiro (Org.). *O Centenário* – álbum histórico comemorativo do 1º centenário da cidade de Sobral – 1841. Sobral, 1941, p. 157.

113 *Ibid.*, p. 182. Cf. também SANTOS, Chrislene C. dos. *Imprensa, conflito e morte: a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1884-1924)*. Tese (Doutorado em História) Campinas-SP: UNICAMP, 2006.

114 OLIVEIRA FILHO, José G. de. *A Cidade e as mulheres de Sobral no jornal Correio da Semana*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2005, p. 34.

115 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata de 69ª sessão ordinária*. Sobral, 23 de outubro de 1967. Estiveram presentes 14 edis.

Uma semana após o episódio, a *Câmara Um* (Prado) publicou a Resolução de nº. 9/67 que extinguiu os mandatos dos oito vereadores da oposição, sob a justificativa de eles faltarem cinco sessões consecutivas, e os proibia de realizar suas sessões paralelas na antessala do salão nobre da Câmara. Desconsiderando a decisão, já que constituíam a maioria da casa, os rebelados prosseguiram a sessão de pé, porque os móveis haviam sido recolhidos, quando foram interrompidos por um sargento que os intimou a saírem. Os vereadores se dirigiram até o 3º Batalhão da Polícia Militar para reclamar com o delegado, que não solucionou o problema.<sup>116</sup> Enquanto aguardavam o resultado do processo perpetrado na Justiça Militar contra a *Câmara Um* e contra o delegado regional, os cassados passaram a reunir-se num edifício no centro da cidade.<sup>117</sup>

Após muitos conflitos, os “rebelados” ganharam o processo na justiça e em 12 de fevereiro de 1968, tais vereadores foram reintegrados à Câmara oficial:

Como já é de conhecimento público, os vereadores cesaristas serão reintegrados à Câmara Municipal de Sobral, voltando a normalidade política à cidade.<sup>118</sup>

Às 16hs de 2ª feira última, o Juiz Dr. José de Carvalho Rocha, compareceu ao Segundo Cartório e assinou o despacho concedendo oficialmente a reintegração dos Vereadores Francisco Cândido do Nascimento, Lourival Fonteles, José Augusto Linhares, Anacleto Figueiredo Paula Pessoa, Raimundo Sousa Sales, Wilson Oliveira, Antonio Lisboa e Bernardo Félix da Silva, cujos mandatos haviam sido extintos por ocasião do caso do funcionamento das “Duas Câmaras”.<sup>119</sup>

---

116 – Não houve cassação, mas, sim, extinção de mandatos. *O Povo*. Fortaleza, 06 de novembro de 1967.

117 O prédio localizava-se na rua Mons. Linhares, altos do Bar Antarctica onde funcionava o curso CÂMBOSA. Fonte: *Correio da Semana*. Sobral, 11 de novembro de 1967 *apud* OLIVEIRA FILHO, J. G de. *Op. cit.* p. 34.

118 AGUIAR, Lima. Administração. Economia e finanças. *Correio da Semana*. Sobral, 17 de fevereiro de 1968, p. 2.

119 SOARES, José Maria. Coluna da Cidade. *Correio da Semana*. Sobral, 17 de fevereiro de 1968, p. 6.

A “normalidade política” do legislativo sobralense estava longe de se efetivar. Há duas versões sobre uma nova divisão da Câmara. De acordo com o jornalista José Maria Soares, durante a sessão de reintegração dos vereadores da *Câmara dois* (Barreto), o presidente se recusou a reintegrar um dos vereadores opositores – Francisco Lourival Fonteles. Como o vereador não acatou a decisão de retirar-se do plenário, argumentando a inconstitucionalidade do ato, a polícia foi chamada pelo presidente, e ao contrário do solicitado, a autoridade policial interveio garantindo a permanência do vereador. Inconformado com a afronta, o presidente deu por encerrada a sessão e retirou-se do plenário acompanhado de sua bancada. Os oito vereadores reintegrados permaneceram no recinto e deram continuidade à sessão sob a direção do vereador mais votado, Bernardo Félix da Silva, e uma nova Mesa Diretora foi constituída. Os edis permaneceram no plenário durante toda a noite com a previsão de se manterem reunidos até as 17 horas do dia seguinte, horário determinado pelos pradistas para a próxima sessão.<sup>120</sup>

De madrugada, a polícia deu um prazo para que a sessão fosse encerrada. Deputados e o comandante da Polícia Militar vieram até Sobral no intuito de solucionar o conflito. O presidente pradista baixou resolução, suspendendo os trabalhos por tempo indeterminado, enquanto os cesaristas continuavam acampados, no intuito de repetir a mesma proeza dos seus adversários: realizar cinco sessões para cassar o mandato dos opositores.<sup>121</sup> A confusão era tanta que nem mesmo o prefeito sabia a qual Câmara deveria atender. Recaía sobre a Justiça a tarefa de solucionar o conflito. O equilíbrio nas relações de força em disputa obrigava o judiciário a ter cautela, protelando por mais trinta dias a solução do problema.

Episódio deplorável para a história política de Sobral, está sendo registrado nos anais da Câmara Municipal, com o rumoroso caso ligado aos lamentáveis desentendi-

120 SOARES, José Maria. Coluna da Cidade. *Correio da Semana*. Sobral, 17 de fevereiro de 1968.

121 SOARES, José Maria. Em Sobral vereadores rebelados elegem mesa da câmara. *O Povo*. Fortaleza, 25 de março de 1968.

mentos entre vereadores situacionistas e oposicionistas, na luta pela conquista da composição da mesa diretora do legislativo. Choques violentos de paixões, descomposturas e um sem número de ocorrência degradantes, que não se justificam nos tempos civilizados em que vivemos, marcam com tintas negras, um capítulo que as gerações futuras haverão de repugnar, possuídas de intenso sentimento de repulsa, decepção e vergonha.<sup>122</sup>

Já para o cronista César Barreto, o motivo foi a eleição da nova Mesa Diretora: “No beco do Cotovelo, o coração da cidade, apostas eram feitas, e as conversas nas rodas políticas só tratavam da eleição na Nova Mesa da Câmara”.<sup>123</sup> De acordo com ele, os Barretos haviam elegido oito dos quinze vereadores e apoiavam, para presidência da Câmara, Lourival Fonteles, enquanto os Prados indicavam José da Mata e Silva. Ainda de acordo com o cronista, a polícia foi convocada para acalmar os ânimos e garantir a segurança do prédio da Câmara. O candidato cesarista ganhou com apenas um voto de diferença. A oposição pediu anulação já que dois vereadores cesaristas não poderiam ter votado por terem faltado cinco sessões consecutivas. Os sete vereadores pradistas desceram para o andar térreo, fizeram uma nova eleição e elegeram José da Mata e Silva. Estabeleceram-se, assim, as *Duas Câmaras*, em 1968. A polícia fechou a entrada do prédio para evitar confrontos e os cesaristas acamparam no andar de cima.<sup>124</sup>

Segundo os depoentes, o fato ganhou repercussão nacional.<sup>125</sup> Os jornais da capital estampavam em suas primeiras páginas: “*Sobral tem duas Câmaras de vereadores*”; “*Tensão em sobral, com duas Câmaras, a alta e a baixa*”; “*Vereadores acampados no histórico prédio da Câmara sobralense*”. As disputas repercutiram na Assembleia Legislativa e no Congresso Nacional por meio dos representantes sobralenses.<sup>126</sup>

122 SOARES, José Maria. Coluna da Cidade. *Correio da Semana*. Sobral, 30 de março de 1968, p. 6 apud OLIVEIRA FILHO, p. 35.

123 LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2ª ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 180.

124 *Ibid.*, p. 180-181.

125 Essa informação aparece na obra de César Barreto Lima e no depoimento de João Abdelmoumen Melo, já citados.

126 LIMA, *Op. cit.*, nota 113, p. 182.

Uma matéria do jornal *Correio da Semana*, de 14 de maio de 1968, condena a divisão da Câmara para a imagem da cidade:

Até quando, turbulenta Câmara, abusarás de nossa paciência? [...]

Queixumes contrários ao pensamento ou convicção de quem, na esquisita duplicidade legislativa, encontrasse procedência ao expediente usado pela Câmara de sua predileção para expurgar a outra, ilegítima, espúria, desenhada, embora não soubesse qual a legal. E ainda admitisse não haver insulto à cidade que está crescida e merece que se lhe divulgue a importância, em manchetes, para ser alvo da atenção de todos, mesmo dos que lhe tentam desdoirar, com piadas irônicas, desenvolvendo, lá fora, a pecha de Sobral duas-avenidas, Sobral dois cemitérios, Sobral duas-câmaras. [...] <sup>127</sup>

Infelizmente não existem mais as atas que poderiam ter registrado esses conflitos. Aliás, não há ata no mês de março; encontrou-se uma única ata do mês de abril, incompleta. As atas do mês de maio e meses posteriores praticamente não fazem referência a conflitos. Muitas sessões, inclusive, são canceladas por falta de matéria e de orador.

Na vigésima oitava sessão ordinária de 15 de maio de 1968, um requerimento assinado por três vereadores, dos oito reintegrados a Câmara depois de ordem judicial, solicita a realização de sessões secretas, com a finalidade de examinarem as atas aprovadas no período em que estiveram afastados. O requerimento foi aceito e, no dia seguinte, 16 de maio, ocorreu a primeira sessão secreta, que, antes mesmo de se efetivar foi cancelada, segundo o secretário, por tumulto causado pelos vereadores situacionistas, que tentavam arrombar a porta do plenário. Ainda de acordo com a ata, uma nova sessão foi marcada para o dia 20 de maio. <sup>128</sup>

Não foi encontrada nenhuma ata da sessão do dia 20 de maio, mas acredita-se que foi nessa data em que as duas Câmaras se enfrentaram,

127 *Correio da Semana*. Sobral. 14 de maio de 1968 *apud* BEZERRA, Viviane P. *Memória política de Sobral: ditadura militar em foco (1963-1970)*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2005. *Op. cit.*, p. 07.

128 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 1ª sessão secreta*. Sobral, 16 de maio de 1968.

embora haja duas outras versões sobre a data do conflito. O cronista César Barreto afirma que esse enfrentamento ocorreu no vigésimo segundo dia depois da divisão das Câmaras,<sup>129</sup> já o vereador pradista, Abdelmoumen Melo, afirma que foi no quinto dia, conforme depoimento abaixo:

Eles começaram a criticar o Zé da Mata numa sessão ordinária e o Zé da Mata muito zangado retirou-se e pediu a bancada para retirar-se e nós nos retiramos. Aí eles [os cesaristas] tomaram conta da Câmara, fecharam e ficaram fazendo sessão secreta pensando em nos cassar. [...] no quinto dia nós vimos que o negócio tava sério e quebramos a Câmara. As portas muito largas do tempo do Império, nós quebramos de marreta. Eu lembro do episódio, eles atirando lá de dentro. O Lourival e o Anacleto Figueiredo era muito corajoso. Atirando lá de dentro na gente, era nós quebrando as portas e eles atirando. O resto tinha pulado tudo. Só num pulou o Zé Ribeiro, porque tava doente. [...] Foi repercussão nacional, [...] repórter das grandes emissoras do Brasil estavam aqui. Seu Jerônimo foi muito corajoso, realmente nos deu toda garantia pra quebrar as portas e tudo, nós fizemos um serviço bem feito lá. [...] tiraram retrato do Zé Edílson pulando na corda. Conta até um episódio que o Bernardo N. da Silva que deus o tenha, [...] diz que ele pulou de uma certa altura, ele vinha descendo a corda quando uma pessoa gritou: não atira no homem pelas costas! Diz que ele pulou, saiu todo ferido, [...], esse é o episódio humorístico de ser narrado.

[...] Depois o General Josias com o prestígio dele, a perseguição do Cesário era muito grande ao Sr. Jerônimo Prado, o General Josias conseguiu que a Câmara de Sobral entrasse em recesso por um ano aí Sr. Jerônimo ficou governando por decreto. Ficou tranqüilo governando por decreto, a Câmara passou um ano sem se reunir, o General Josias conseguiu no ministério da justiça.<sup>130</sup>

Os documentos encontrados contrariam as duas versões. Uma resolução da *Câmara Um*, do dia 02 de abril de 1968, exonera os vereadores pradistas; o que significa que o confronto não ocorreu para evitar a exoneração:

129 LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2ª ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 183.

130 MELO, João Abdelmoumen. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra em 2004.

O Presidente da Câmara Municipal de Sobral, no uso de suas atribuições que lhe outorga o parágrafo 1º do artigo oitavo do Decreto-Lei, nº. 201 de 27 de fevereiro de 67 e, [...]

CONSIDERANDO enfim, que os Vereadores Antonio Atibones Bastos Aguiar, Hugo Alfredo Cavalcante, João Abdelmoumem Melo, Manuel Elisio Feijão, José Edmilson Frota Carneiro e José Maria Linhares deixaram de comparecer a cinco (5) sessões ordinárias consecutivas da Câmara Municipal de Sobral, sem que estivessem licenciados;

RESOLVE:

Artigo 1º - declarar extintos os mandatos dos Vereadores [...], com fundamento no artigo 8º, inciso III, parágrafo 1º do Decreto-Lei nº. 201, de 27 de fevereiro de 67 e determinar a imediata convocação dos Suplentes respectivos, na forma da Lei.  
[...].<sup>131</sup>

O registro do conflito, assim mesmo lacônico, só aparece nesta nota do *Correio da Semana* em 25 de maio, portanto, mais ou menos dois meses depois da disputa política:

- O espetáculo deprimente desta semana, na Câmara Municipal, com os dois grupos de vereadores em pleno século XX, lutando de marrêtas, picarêtas e tiros de revólveres, em busca do poder, aí está, para registro da história do município, como forte depoimento do baixo nível de civilidade daqueles que fôram eleitos para defensores dos direitos do povo.<sup>132</sup>

Como a edição do jornal é semanal, supõe-se que o episódio ocorreu no dia 20 de maio de 1968, quando estava prevista mais uma sessão secreta da Câmara Alta ou Câmara Um. Segundo outro depoente, com a cassação dos vereadores pradistas, os suplentes exigiam o direito de assumir seus lugares. Para impedir que isso acontecesse na sessão se-

131 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. RESOLUÇÃO 03/68. Francisco Lourival Fonteles (Presidente). *Correio da Semana*. Sobral, 06 de abril de 1968.

132 *Correio da Semana*. Sobral, 25 de maio de 1968.

creta do dia 20, os vereadores acampados no salão nobre travaram as portas do salão por dentro para evitar o acesso a todos. Ao subir para a Câmara, todos eram revistados pela polícia, que se encontrava no início da escada. Entretanto, o que poucos sabiam era que as ferramentas que seriam usadas para quebrar as portas do salão já haviam sido colocadas entre o assoalho da antessala do salão nobre e o teto da prefeitura, que ficava no andar inferior do prédio, exatamente acima da mesa do prefeito Jerônimo Prado, que apoiou seus aliados.<sup>133</sup>

A narração dessa história revela uma disputa pela memória de ambos os grupos. O depoente pradista João Abdelmoumen Melo garante que eles ganharam a disputa, quando o General Josias Ferreira Gomes conseguiu, junto ao Ministério da Justiça, um recesso de um ano que permitiu ao prefeito Jerônimo Prado administrar por decreto. Todavia, o cronista cesarista defende que seu grupo foi o vitorioso. Uma semana depois de uma entrevista do ex-prefeito Cesário Barreto ao jornal *O Povo*, afirmando que “a revolução ainda não tinha chegado à cidade de Sobral”, um decreto do Poder Executivo Federal declarava o recesso de 60 (sessenta) dias dos dois Poderes Legislativos Sobralenses. O cronista afirma que, após o recesso, o Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa aos cesaristas encerrando esse episódio político.<sup>134</sup>

A versão dos Barretos se confirma na nota do jornalista Lima Aguiar, em 25 de maio:

Finalmente veio a palavra final da justiça, sobre o “affaire” dos vereadores sobralenses, dando ganho de causa ao bloco do Cesário Barreto. A morosidade da justiça, a politicagem baixa, e outros ingredientes tão comuns a Sobral, deram oportunidade a alguns lances deprimentes e demonstrações de “cenas fortes”. O povo coitado é quem perde e a cidade também.<sup>135</sup>

133 CONSTÂNCIO, Raimundo. Entrevista concedida à autora em 27 de fevereiro de 2011 e MELO, João Abdelmoumen. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra em 2004.

134 LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2ª ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 185.

135 *Correio da Semana*. Sobral, 25 de maio de 1968.



Entretanto, em 1º de junho de 1968, o jornalista desmente o fato, culpando uma emissora de televisão pelo equívoco:

Nossa estação de TV, em um de seus programas informativos, noticiou a vitória do bloco cesarista na questão política de Sobral. Referida notícia foi depois desmentida pela própria emissora, o mesmo acontecendo com a nossa coluna, que faz hoje a devida retificação.<sup>136</sup>

Não foram encontradas outras notícias a respeito do fim do recesso, no entanto, é possível que as duas versões sobre o resultado do conflito se completem. As atas das sessões de todo o ano de 1968 mostram um aliado dos Barreto na direção da casa, ao mesmo tempo em que os jornais notificam a existência de duas Câmaras funcionando paralelamente até fevereiro de 1969, quando uma eleição da Mesa Diretora normalizaria a situação.

De acordo com a *Ata da Trigésima Sessão Ordinária*, ocorrida em 03 de junho de 1968, o presidente Francisco Lourival Fonteles comentou com os seus pares como vinha se processando o movimento da Câmara junto à Justiça Federal, frisando que não havia mais possibilidade de acordo e que, no caso de uma nova eleição, seriam eleitos os mesmos do dia 24 de março último.<sup>137</sup> A ata diz ainda que um vereador narrou as ocorrências da segunda sessão secreta, que, supõe-se, foi no dia em que ocorreu o conflito, mas infelizmente os detalhes do relato não foram registrados pelo secretário. Nessa sessão, estiveram presentes oito edis, o que significa que era apenas uma das Câmaras.

Ainda nesse mês, o jornal *Correio da Semana*, na Coluna da Cidade, de José Maria Soares, fala de um clima de tranquilidade no legislativo local com duas Câmaras:

As duas Câmaras Municipais, que se encontravam inativas, depois dos últimos acontecimentos com repercussão

136 *Correio da Semana*. Sobral, 01 de junho de 1968.

137 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 30ª Sessão Ordinária*. Sobral, 03 de junho de 1968.

nacional, resolveram prorrogar o seu período de atividades por mais 15 dias e já estão realizando diariamente às 16hs, sessões normais, cada qual, no seu cantinho, sem nenhuma interferência policial, dentro de clima da maior cordialidade, enquanto os seus membros aguardam o julgamento da justiça sobre o intrincado caso. Por outro lado, estiveram em Sobral, dois Oficiais da Justiça Federal – Helel de Castro Sales e Luiz Augusto Rebouças, - acompanhados de agentes da Polícia Federal, para citar o Prefeito Jerônimo Medeiros Prado, efetuar a prestação de contas do exercício de 1967, junto a Secretaria Judiciária da Justiça Federal e aos vereadores diplomados para integrarem a relação processual objetivada no procedimento.<sup>138</sup>

De acordo com as atas, não era de cordialidade a relação das duas Câmaras. Durante todo o mês de setembro, encontrou-se referência à solicitação de proteção policial à Câmara por parte do presidente Fonteles, e há constante reclamação de que tais pedidos não eram atendidos. Na trigésima segunda sessão ordinária, do dia 02 de setembro, por exemplo, com a presença de dez vereadores, há registro de invasão da Câmara por nove edis, numa tentativa de instalar uma “pseudo” Câmara, e do consequente encerramento da sessão, por falta de apoio policial. Na sessão seguinte, há leituras de ofícios enviados ao Delegado Regional e Especial de Sobral, solicitando a presença da polícia nas sessões da Câmara, negada pela terceira vez, e também a leitura do telegrama dirigido ao Tribunal de Justiça, ao governador e ao Secretário de Polícia, comunicando as últimas ocorrências no legislativo.<sup>139</sup> Nos dias que se seguiram ao mês de setembro, há pouca ou nenhuma referência aos conflitos. A maioria das sessões, mesmo com quórum, não se realizava por falta de matéria a ser votada ou de orador. De modo geral, o registro dos conflitos nas atas ocorreu de forma muito superficial, obscurecendo a compreensão dos confrontos.

Durante quase um ano de recesso, como afirmou o depoente pradis-ta, as atenções se voltavam para a Justiça Federal que deveria validar

138 *Correio da Semana*. Sobral, 08 de junho de 1968.

139 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 33ª Sessão Ordinária*. Sobral, 03 de setembro de 1968. Ofício nº 34/68.

uma das Câmaras, mas a morosidade no veredicto deixava os vereadores muito angustiados acerca do seu futuro político:

[...] o vereador Francisco Cândido falou sobre o tão falado episódio da Câmara Municipal de Sobral, que há mais de um ano vive neste litígio, embora se tenha recorrido a Justiça Federal, através de uma ação culminatória, sem que se tenha obtido qualquer solução, em virtude do nobre Dr. Juiz Federal, e apesar do competente parecer do nobre Procurador Regional da República, ter-lhe-se julgado incompetente para solucionar o caso. Com referência a ação declaratória, impetrada por um suplente de vereador e um ex-vereador, na justiça comum, desta cidade, disse o nobre vereador, referente a alguns boatos, propalados na cidade, dentro deles que diz: se a justiça validar a nossa Câmara, que a outra Câmara continuaria no mesmo litígio, tendo o orador discordado e duvidando se assim acontecesse, fosse desrespeitada a sentença judicial, por qualquer outra autoridade.<sup>140</sup>

Nota-se, portanto, que, nos meses de maio, setembro e outubro de 1968, ocorreram sessões ordinárias sob a direção da ala cesarista, embora fosse clara a afirmação de que a questão das duas Câmaras não havia sido solucionada. De acordo com outros depoentes, durante todo o período em que vigoraram as duas Câmaras, o prefeito administrou por decreto, visto que a “*Câmara Alta*” ou “*Câmara Um*”, considerada a oficial, não tinha quórum para aprovar os projetos.

A eleição subsequente para a mesa diretora da casa só deveria ocorrer em 1970, não obstante, um acordo feito nos bastidores do poder determinou a eleição para março de 1969, que ocorreu com aparente tranquilidade:

CÂMARA – Encerrou-se o tão rumoroso caso das duas Câmaras Municipais de Sobral. A eleição da Mesa do Legislativo que alguns observadores julgavam fôsse tumultuada, por acontecimentos lamentáveis, como os do

140 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 56ª Sessão Ordinária*. Sobral, 14 de outubro de 1968.

ano passado, ocorreu no dia 24 último, dentro de clima da maior calma, sem a necessidade de proteção policial e sem o registro de nenhum incidente. Apenas oito Vereadores, os componentes da chamada Câmara Dois, integrantes do bloco oposicionista, compareceram e realizaram sob a presidência do Edil Francisco Lourival Fonteles, a eleição da Mesa para o período 1969-70, sendo escolhido por unanimidade a seguinte chapa: - Presidente: – Francisco Lourival Fonteles. Vice-Presidente: - Anacleto Figueiredo Paula Pessoa. 1º Secretário: - Antonio Lisboa. 2º Secretário: - Francisco Cândido do Nascimento. Os trabalhos da referida sessão foram assistidos pelo Deputado Federal Regis Monte Barroso, Deputado Estadual Joaquim Barreto Lima, representantes da imprensa e grande multidão. Fato digno de registro, foi a visita de cordialidade que os Edis fizeram logo após a posse, ao Gabinete do Prefeito Jerônimo Medeiros Prado sendo recebido com toda distinção pela autoridade municipal, pelo Deputado Federal Jozias F. Gomes e pelos Deputados Estaduais João Frederico F. Gomes e Carlos Alberto Arruda, havendo na ocasião, troca de cumprimentos e discursos pronunciados pelo Vereador Francisco Cândido do Nascimento e o Deputado Jozias F. Gomes.<sup>141</sup>

Numa nota do jornalista Ribeiro Ramos, no jornal *Correio da Semana* de 1969, ele relembra os episódios conflituosos de 1968, como problema superado:

Graças a Deus já pertence ao passado – um triste e doloroso passado - o episódio das duas Câmaras em Sobral, e quando por isso mesmo, houve um tremendo desaguiado entre o Legislativo e o Executivo desta cidade, fato que causou, lá fora, um tremendo impacto inteiramente desfavorável para nós. O Brasil inteiro tomou conta do tristíssimo fato, e nós, como cidade civilizada, decaímos muito e muito no conceito de que até então gozávamos. Esta é a cruel verdade. Agora, por mercê de Deus e por obra e graça do Ato Institucional nº. 5, tudo isso passou, já pertencendo, assim, à História.<sup>142</sup>

141 A eleição da mesa diretora ocorreu em 24 de março de 1969. *Correio da Semana*. Sobral, 29 de março de 1969.

142 *Correio da Semana*, Sobral-CE, 17 de maio de 1969.

Mas o passado continuava a bater à porta do legislativo sobralense e não era tranquilidade o que se percebia na política de Sobral naqueles anos. O Ato Complementar nº 68, de 29 de setembro de 1969, decretou o fechamento da Câmara Municipal de Sobral, sendo revogado apenas em 23 de abril de 1970, pelo Ato Complementar nº 82 da Presidência da República.<sup>143</sup>

### *Câmara Municipal volta a funcionar*

A Câmara Municipal de Sobral que teve seu recesso compulsório levantado por ato complementar editado pelo Presidente da República, reiniciou suas atividades legislativas na última quarta-feira, fazendo no mesmo dia a eleição para sua nova mesa diretora que ficou assim constituída: - Presidente: José Edmilson Frota Carneiro; Vice-Presidente: Francisco Lourival Fonteles, 1º Secretário: Antonio de Lisboa, 2º Secretário: João Abdelmoumem Melo. Na última quinta-feira nova reunião daquele poder foi realizada e serviu para nomeação das comissões.<sup>144</sup>

Todas essas fontes revelam que eram equilibradas as relações de forças dos dois grupos. Como em outros momentos na história de Sobral, durante o regime militar, Prado e Barreto tinham parentes ou aliados políticos nas Forças Armadas. No Álbum do Bicentenário da Vila de Sobral, em 1973, é apresentada uma lista com mais de sessenta e seis oficiais do exército, da marinha e da aeronáutica nascidos na cidade, e vários depoentes se remetem a esses nomes quando discutem a relação de Prado e Barreto com o regime.<sup>145</sup> Não há dúvida de que a demora na decisão sobre o caso das *Duas Câmaras* deveu-se ao equilíbrio nas relações de poder que ambos os grupos estabeleciam com autoridades políticas militares, em nível estadual e nacional.

143 Diário Oficial da União. Seção I – Parte I – *Ato Complementar nº 82* de 23 de abril de 1970. Ano CVII – nº 76. Capital Federal – Sexta Feira, 24 de abril de 1970. Não foram encontradas fontes que esclareçam a razão do fechamento da Câmara Municipal de Sobral em 1969.

144 *Correio da Semana*. Sobral-CE, 02 de maio de 1970. A eleição provavelmente ocorreu no dia 26 de abril de 1970.

145 Álbum do Bicentenário da Vila. Sobral, 1973. [No prelo].

**Figura 4** - Vereadores da Câmara Baixa (Pradistas). Da direita para esquerda: Edimilson Frota, João Abdelmoumen Melo, Manoel Elísio Feijão e José da Mata e Silva



**Fonte:** LIMA, C. B., 2004.

**Figura 5** - Vereadores da Câmara Alta (Cesaristas). Da direita para esquerda: Bernardo Félix, José Augusto Linhares, Anacleto de Paula Pessoa. Em pé: Lourival Fonteles, e os radialistas Edson Silva e Marcelo Palhano



**Fonte:** LIMA, C. B., 2004.

### 1.4.1.2 *As campanhas eleitorais*

A disputa eleitoral para o executivo é outro memorável exemplo de que a relação dos aliados da ditadura não era harmônica. Segundo os cronistas, eles não se juntavam nem em festa religiosa, e essas regras eram seguidas pelos seus correligionários. No período de eleição, a cidade era dividida em duas, fato comum em outras cidades cearenses.<sup>146</sup> As campanhas eleitorais transformavam a cidade em campo de batalha, e as casas das principais lideranças, em quartel general. As relações políticas ainda eram muito pessoais, e a fidelidade à liderança era muito importante, não interessando muito a ideologia partidária.

O cronista César Lima descreve a campanha de 1976 como uma das mais acirradas da história da cidade: “*O duelo da caça com a cerveja*”. Segundo Lima, os Barreto eram aliados do ex-governador Virgílio Távora, e os Prado, do governador Adauto Bezerra. O candidato dos Prado, José Euclides Ferreira Gomes Júnior (ARENA um), tinha o apoio do padre Palhano Sabóia, diretor da Rádio Tupinambá de Sobral, que dividiu o apoio do clero sobralense. A Rádio Educadora do Nordeste, de propriedade da diocese de Sobral, apoiou Cesário Barreto (ARENA dois). Lima afirma que nem a Justiça Eleitoral conseguia conter os abusos eleitorais cometidos por essas rádios. Famílias e amizades foram desfeitas com o acirramento da campanha: “Quem era Barreto não passava na calçada de Prado”.<sup>147</sup>

O autor afirma que um diferencial nas campanhas eleitorais em Sobral eram as grandes passeatas pelas ruas da cidade após o encerramento do comício:

A pesquisa eleitoral [...] era medida pelo tamanho da passeata de um candidato. [...].

O desfile, em roteiros pré-determinados, pelas principais ruas e avenidas do município, era um espetáculo digno de um grande “show carnavalesco”.

146 No município de Morada Nova, região leste do estado, os grupos denominavam-se *Caboré e Coruja* e a rivalidade entre eles era conhecida na região.

147 LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2ª ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 196.

Carros alegóricos, charangas, carroças, bicicletas, motos, enfim, todo tipo de veículos automotores, além de diversos animais, como cavalos, jumentos e burros, participavam dos animados cortejos eleitorais.

As pessoas acompanhavam pulando, correndo, gritando, dançando e cantando as músicas dos candidatos ao som de samba, carros de som e charangas musicais.

As portas, as janelas e calçadas das ruas por onde passavam as passeatas, estavam sempre “apinhadas” de gente, com bandeiras e retratos nas mãos de seus favoritos no embate eleitoral. O foguetório em cada esquina, anunciava a passagem do festivo cortejo político. Puxadores orientavam e davam o ritmo a verdadeira “onda de gente”, num movimento uniforme e sincronizado.

Os candidatos, geralmente à frente, comandavam a “leva humana”, de cima dos “cangotes” dos fortes e apaixonados cabos-eleitorais.<sup>148</sup> (Grifos do autor).

Empresário do ramo de cerveja, Cesário Barreto utilizou-a como símbolo da sua campanha, e o slogan: *Cesário é gente nossa!* Os Prado, estrategicamente, lançaram a garrafa de cachaça que, junto com o slogan *Zé pra Zé*<sup>149</sup>, deu uma imagem de popularidade ao candidato. “Era a guerra do pobre contra o rico”. Deu certo, diz o cronista; *Zé* ganhou com a maioria de 420 votos, depois de uma grande confusão no encontro das duas passeatas no último comício da campanha.<sup>150</sup>

Outro episódio marcante, citado por César Lima foi o da eleição de 1988, quando pela primeira vez Prado e Barreto se aliaram numa disputa eleitoral. No final dos anos 80, com o fim do regime militar e a ascensão da Nova República, outra geração de lideranças começava a ganhar espaço na política local. Os Ferreira Gomes, que já havia cindido a aliança com os Prado, lançaram a chapa Padre José Linhares Ponte e Cid Ferreira Gomes para candidatos à eleição de 1988. Padre *Zé*, como é conhecido, era administrador da Santa Casa de Sobral, a mais importante instituição de saúde da região, e tinha o apoio de parte do clero sobralense e do governador Tasso Jereissati. Segundo Lima,

148 *Ibid.*, p. 202.

149 *Zé pra Zé*, porque o prefeito de então se chamava José Prado e o candidato José Euclides.

150 LIMA, *Op. cit.*, nota 136, p. 198-199; 205.



nesse contexto de mudança conjuntural, aliado às “loucuras” do então prefeito “Kinkão”, os tradicionais rivais foram obrigados a se aliarem, se quisessem continuar no poder.

Numa crônica pitoresca intitulada *As Priscilas*, César Lima descreve a dificuldade de Cesário Barreto para convencer seus correligionários da aliança. Segundo ele, numa política sempre dominada por homens, três mulheres se destacaram nos últimos 40 anos como exemplo de luta, coragem e fidelidade partidária, as irmãs: Novinha, Cléo e Djanira. Aliadas fiéis de Cesário Barreto, elas passaram a simbolizar a alma do “Cesarismo”. As famosas Priscilas, como eram conhecidas, eram eficientes cabos eleitorais, participavam de todos os eventos políticos durante as campanhas eleitorais na cidade de Sobral, sendo respeitadas pelos adversários mais ferrenhos, diz ele. “As Priscilas nunca viraram, nunca mudaram de partido”. Nunca receberam uma tentativa de suborno na política de Sobral. Os adversários reconheciam a “lealdade canina” e a paixão sem limites das três irmãs pela causa Cesarista.<sup>151</sup>

Ainda de acordo com o cronista, ao serem informadas sobre a aliança entre Barreto e Prado, as irmãs reagiram:

Cesário, durante 30 anos você nos ensinou a odiar os Prados e agora, em poucos minutos, quer nos ensinar a amar, seu Jerônimo, José Prado e o resto da “curriola pradista... É mais fácil convencer um macaco a deixar de comer banana que um Cesarista a votar num Prado.<sup>152</sup>

E o líder teria argumentado:

Djanira, estou ciente dos riscos, assumo toda a responsabilidade, mas a administração do nosso “querido e doido” Joaquim Barreto, está inviabilizando o lançamento de um candidato da família Barreto. “Se todos os amigos me deixarem, mas se eu contar apenas com o apoio de vocês, enfrente de pé mais este desafio da minha vida pública”.<sup>153</sup>

---

151 *Ibid.*, p. 224.

152 *Ibid.*, p. 226.

153 *Ibid.*, p. 226-227.

O “animador cultural” da campanha dos Barreto, Senhor Raimundo Arruda de Sousa (Darlei), também era um fiel aliado do grupo e disse que queimou suas músicas quando os Barreto se aliaram aos Prado.<sup>154</sup> Por mais semelhantes que fossem as ideias e as práticas políticas de Prado e Barreto, levando-os a se unirem num determinado momento, a divergência entre esses dois grupos já havia se consolidado culturalmente entre os seus eleitores, que não se conformaram com a aliança. O cronista César Barreto conclui dizendo que a vitória foi muito apertada, pois muitos outros cesaristas não aceitaram a coligação e votaram no candidato da oposição.

### ***1.4.1.3 As relações com o Regime Militar***

A política de união na cúpula e divisão nas bases, praticada pelos governos estaduais e seguidas pelas lideranças sobralenses, obscureceu, em diversos momentos, os reais aliados da ditadura. Na disputa por privilégio junto ao governo militar, os grupos usavam os mesmos instrumentos praticados nas disputas entre a direita e a esquerda: delação, cassação, abuso de poder, ameaça e prestígio pessoal.

Deponentes que nos concederam entrevista afirmam que, em 1964, por exemplo, os Barreto foram determinantes na cassação do deputado padre Palhano de Sabóia, pelas boas relações que a família tinha com as Forças Armadas. A cassação teria sido determinada apenas na madrugada, a última cassação homologada nesta data. A demora na decisão, diz um depoente, dava-se porque “Castelo Branco não gostava de cassar padre”,<sup>155</sup> porém os Prado, aliados a Palhano Sabóia, também tinham prestígio junto aos militares. O resultado foi tão comemorado pelos Barreto que até monsenhor Sabino Loiola, defensor fiel da ditadura e inimigo de Sabóia, questionou a postura dos Barreto.<sup>156</sup>

---

154 Conversa informal com Darley, cantor e compositor que animava os comícios dos Barretos.

155 MELO, João Abdelmoumen. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra, 2004.

156 MELO, João Abdelmoumen Melo. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra, 2004.

No mesmo ano, os vereadores pradistas elaboraram um abaixo-assinado, acusando o prefeito Cesário Barreto de comunista. De acordo com documentos da Justiça Militar, no dia 22 de maio de 1964, foi enviado à 10ª Região Militar em Fortaleza um abaixo-assinado dos vereadores da Câmara Municipal de Sobral, informando que o então prefeito de Sobral estaria envolvido com grupos subversivos, conforme segue:

Os abaixo assinados, Vereadores da Câmara Municipal da cidade de Sobral, neste Estado, imbuídos dos mais nobres sentimentos de brasilidade e confiança nos dignos chefes militares de nossas bravas Forças Armadas, nessa fase árdua de recuperação nacional, vimos com devida vênua, levar ao conhecimento de V. Excia., para que sejam adotadas as devidas providencias de acordo com o que estabelece o Ato Institucional baixado pelo Comando Supremo da Revolução, fatos que reputamos graves e lesivos aos interesses nacionais e atividades subversivas, em que estão implicados o atual prefeito do Município de Sobral, Sr. Cesário Barreto Lima, bem como dois vereadores da comuna. Pelos documentos anexos, comprovadas pelas fotografias inclusas, poderá V. Excia. aquilatar da gravidade que os mesmos denunciam.<sup>157</sup>

Ao documento foram anexados: cartaz da campanha eleitoral de 1962, em que Cesário Barreto aparece ao lado de candidatos do Partido Comunista, que tiveram seus mandatos cassados depois do golpe;<sup>158</sup> e fotos do prefeito junto aos ferroviários após uma vitória do movimento grevista. Nesse período, os ferroviários era uma das categorias de trabalhadores mais organizadas.

157 Abaixo-assinado dos vereadores da Câmara Municipal de Sobral endereçado a 10ª Região Militar, datado de 22 de maio de 1964. Autos de Inquérito Policial Militar. Fortaleza, 11 de junho de 1964. Acervo Anistia 64/68.

158 O Deputado Federal Adahil Barreto teve a suspensão de direitos políticos e mandato cassado a 10 de abril de 1964, e, Aníbal Fernandes Bonavides, que então exercia sua profissão de advogado, tem a suspensão de direitos políticos definida em 08 de junho do mesmo ano. OLIVEIRA, Paulo Affonso Martins de. Atos Institucionais: sanções políticas: aposentadoria, banimento, cassação de aposentadoria, cassação de disponibilidade, cassação de mandato, confisco de bens, demissão, destituição de função, dispensa de função, disponibilidade, exclusão, exoneração, reforma, rescisão de contrato, suspensão de direitos políticos, transferência para a Reserva. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2000 (Série Documentos de História Política; nº. 4). Ver páginas 09 e 32 respectivamente. *Apud* RABELO FILHO, José Valdenir. *Uma Sobral, muitas Cidades*: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966). Sobral: UVA, 2009 (Trabalho de Conclusão de Curso), p. 59.

**Figura 6** - Foto de Cesário Barreto, ao lado dos ferroviários num movimento grevista vitorioso



**Fonte:** Associação Anistia 64/68. Fortaleza-CE.

**Figura 7** - Cartaz de campanha eleitoral do ano 1962 na cidade de Sobral. Cesário Barreto ao lado de seus correligionários políticos



**Fonte:** Associação Anistia 64/68. Fortaleza-CE.

O prefeito foi intimado a depor no vigésimo terceiro Batalhão de Caçadores do Exército (23º BC) e levou consigo vários documentos que comprovavam sua fidelidade ao regime, reconhecido pela “boa sociedade sobralense”. Dentre os documentos em sua defesa estão: artigos de revista e jornais, em que manifesta seu apoio aos militares, além de cartas de sociedades beneficentes, agradecendo o apoio do prefeito a tais instituições; e prestação de contas à Câmara Municipal que comprovavam sua probidade administrativa.<sup>159</sup>

A acusação de comunista a Barreto pode parecer esdrúxula hoje, quando podemos visualizar sua trajetória política marcadamente de direita, mas, nos anos 60, quando iniciava sua vida política, tachar uma pessoa de comunista era uma acusação corriqueira para tirar de cena qualquer desafeto. Além do mais, era de conhecimento público a existência de “rebeldes” na família Barreto. O polêmico jornalista Deolindo Barreto, que morreu desafiando o autoritarismo, deixou como herança um filho comunista, que, embora não atuasse em Sobral, mantinha relação com a família e não escondia sua identidade ideológica. O coronel da Força Aérea Brasileira (FAB), Jocelyn Barreto Brasil, primo de Cesário Barreto, passou grande parte de sua vida conciliando o que parecia inconciliável, a vida militar e a militância comunista. Com a ditadura de 64, o Estado fez a sua escolha, expulsando-o da FAB. Entre as décadas de 1950 e 1990, Brasil escreveu vários livros expressando seu pensamento político, entre eles: *A invasão dos americanos no Brasil e Marxismo – a varinha de condão*.<sup>160</sup>

Outro episódio importante também deve ser citado. Encontramos nas atas da Câmara de 1967 um pedido do vereador cesarista Francisco Lourival Fonteles<sup>161</sup> para concessão do título de Cidadão Sobralense ao senhor João Sales, o mais famoso comunista da cidade, militante do

159 Ministério da Guerra. IV Exército. 10ª Região Militar. Radiograma oficial solicitando ao Prefeito Municipal de Sobral – Cesário Barreto Lima depor em Inquérito Policial Militar no 23º BC. Fortaleza, 16 de junho de 1964. Acervo Anistia 64/68.

160 “O andarilho da utopia”. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 09 de junho de 1999.

161 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 50ª Sessão Ordinária*. Sobral, 18 de setembro de 1967. Estiveram presentes 13 vereadores.

PCB desde 1935, preso várias vezes, acusado de subversão.<sup>162</sup> No mês seguinte, esse mesmo grupo acusa a presidência do legislativo de *prática ditatorial*,<sup>163</sup> pelo não encaminhamento dos seus projetos ao executivo e pede a demissão do presidente da Casa, baseado nas certidões do DOPS de 1952 que o apresentam com uma conduta questionável.<sup>164</sup>

As disputas entre os próprios aliados do regime fizeram com que ora assumissem o discurso de oposição, ora de situação, obscurecendo os reais papéis desses sujeitos, o que caracteriza uma falta de identidade entre os aliados do regime militar, que parecia chegar de forma muito diferente nos interiores brasileiros.<sup>165</sup>

Ricardo Mendes, na tese de doutorado sobre as direitas no Brasil, identifica projetos diversos entre os executores da “revolução”. Para ele, havia alguns pontos comuns nos projetos das direitas, que as uniram em prol do golpe de 1964: o combate ao comunismo, à corrupção e à subversão e as condições de enfrentamento cada vez mais radicalizadas. Mendes defende que havia consenso sobre a decisão do golpe, mas não sobre o que fazer depois. Após 1965, os conflitos dentro da própria direita reacenderam, por isso não se pode afirmar que apenas um único grupo tenha tido hegemonia na condução de regime militar.<sup>166</sup> Mendes classifica as direitas responsáveis pelo golpe em três grupos: militares, políticos e elite empresarial. Ele defende que o golpe não encerra o debate político iniciado na década de 1960, apenas o circunscreve às direitas.<sup>167</sup>

---

162 DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL, *Prontuário n.º 13*. Secretaria de Polícia e Segurança Política do Estado do Ceará, Seção de Investigações e Segurança Política. Arquivo da *Associação Anistia 64/68*. Fortaleza-CE.

163 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL *Ata da 59ª Sessão Ordinária*. Sobral, 02 de outubro de 1967. Estiveram presentes 11 vereadores.

164 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 62ª Sessão Ordinária*. Sobral, 10 de outubro de 1967. Presentes 11 vereadores.

165 Nos municípios de Tabuleiro do Norte e Morada Nova - CE, por exemplo, o próprio MDB se organizou como reflexo das divergências apenas em nível local, pois não constituía na prática oposição ao regime ditatorial.

166 MENDES, Ricardo Antônio Souza. *Visões das direitas no Brasil (1961-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 20??, p. 268-278.

167 *Ibid.*, p. 279.

Ouvimos com muita frequência de depoentes pradistas que os Barreto cometeram muitas arbitrariedades em Sobral, durante o regime militar, pelo fato de eles contarem com parentes nas Forças Armadas. As boas relações da família Barreto com o regime aparecem nesta crônica, em que César Barreto Lima descreve uma das visitas do Presidente Castelo Branco a Sobral, em 1966:

O Chefe Maior da Nação era amigo pessoal do General Flamarion Barreto, irmão do prefeito da Princesa do Norte. Em 1953, O General Castelo, tinha visitado a cidade de Sobral como comandante da 10ª Região Militar, acompanhado do Major Flamarion, e tinha pernoitado na residência do Sr. Chagas Barreto, genitor do amigo oficial e do prefeito do município.

O presidente Castelo Branco, durante a visita à cidade de Sobral, fez questão de quebrar o rígido protocolo e fazer uma visita de cortesia à casa do patriarca dos Barretos, acompanhado de toda a sua comitiva.

O Marechal tomou água de coco e recordou alegremente com a mãe do prefeito, Dona Sinhá, da rede de varandas brancas com cheiro de baú, em que tinha dormido no andar de cima e do sabor da tapioca com cuscuz, no café da manhã.<sup>168</sup>

O fato de vir de uma família com longa tradição nas Forças Armadas não protegeu Barreto do constrangimento de depor num inquérito policial, e, ainda pior, de ser acusado de subversão, o que significa que os Prado, aliados aos Ferreira Gomes, não tinham menos poder político.

A parceria de Prado e Barreto com os coronéis e com o regime militar não impediu que eles continuassem na direção do poder municipal com a ascensão dos empresários no poder estadual e da Nova República no governo federal. Por dez anos, eles continuaram revezando-se na direção do executivo sobralense até a eleição de 1992. Com o fim da hegemonia dessa geração, sua passagem pelo poder municipal foi denominada de “época dos coronéis”, em Sobral, identificando-os como

168 LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2ª ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 15-16. Nesta visita Castelo Branco inaugurou o Hotel Municipal e o Centro Social Argentina Castelo Branco.

“forças do atraso”, numa apropriação do recurso midiático utilizado pelo “governo das mudanças”, no Ceará, em 1986, quando Tasso Jereisati derrotou os coronéis Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals. A diferença do caso do Ceará é que os coronéis foram derrotados junto com o regime militar. A sobrevivência dos “coronéis” sobralenses, dez anos após o fim da ditadura, pode significar que eles se adaptaram às mudanças ou que o vento das mudanças soprou mais tarde em Sobral.

Apesar de tantos aliados e do estigma de cidade conservadora, não foi homogênea a recepção da ditadura militar em Sobral. Membros da Igreja Católica, dos estudantes, militantes do PCB e outros setores da sociedade local não foram coniventes com o novo regime, resultando em alguns confrontos políticos que movimentaram a vida da cidade durante as décadas de 1960-1970.



## 2 CIDADE PULSANTE: A OPOSIÇÃO À DITADURA MILITAR EM SOBRAL

A marca de uma cidade “conservadora” parece se confirmar na descrição da aliança dos governos municipais ao golpe civil militar de 1964, analisada no capítulo anterior. Nesse sentido, soa muito estranho falar na existência de uma *oposição* à ditadura militar em Sobral, já que para muitos, a ditadura não teria mesmo chegado à cidade, contudo a análise das fontes sobre o tema apontou uma lista de sujeitos e práticas enquadrados como subversivos, o que leva a crer que nem todos aceitaram o regime e que, portanto, houve oposição.

Na perspectiva de melhor compreender a existência de uma oposição à Ditadura Militar em Sobral, este capítulo pretende analisar as ideias e práticas desses sujeitos, que, por meio de suas agremiações, se posicionaram na contramão do poder, inserindo-se no rol dos que defendiam uma cultura de resistência.

Na obra *Direita e Esquerda*, Norberto Bobbio afirma que essas duas palavras podem designar diversos conteúdos conforme os tempos e as situações. Ele afirma que, de todos os critérios propostos para tal distinção, o mais frequentemente adotado

é a diversa postura que os homens organizados em sociedade assumem diante do ideal de igualdade, que é, com o ideal da liberdade e [...] da paz, um dos fins últimos

que os homens se propõem a alcançar e pelos quais estão dispostos a lutar.<sup>169</sup>

Nessa perspectiva, a Esquerda seria marcada pelo “artificialismo”, a ideia de que mesmo as desigualdades naturais são socialmente modificáveis, enquanto a Direita está mais disposta a aceitar aquilo que é natural e aquilo que é a segunda natureza, ou seja, o habitual, a tradição, a força do passado.<sup>170</sup> Autodenominando-se esquerdista, Bobbio defende em sua tese que o elemento que melhor caracteriza os movimentos de “esquerda” é o igualitarismo, entendido como tendência a exaltar mais o que faz os homens iguais do que o que os faz desiguais e, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais.<sup>171</sup>

## 2.1 A oposição à ditadura no Ceará

De acordo com os registros de práticas subversivas encontrados na documentação da DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social) do Ceará, Fortaleza e Crateús aparecem como os principais focos de conflitos entre o regime e setores da sociedade local. As referências a Fortaleza são quase sempre remetidas à atuação do movimento estudantil. As obras de Bráulio Ramalho,<sup>172</sup> sobre a história do Movimento Estudantil Cearense; de Edmilson Maia Júnior,<sup>173</sup> sobre a memória dos estudantes universitários em Fortaleza e de Airton de Farias,<sup>174</sup> acerca da Luta Armada, deixam muito evidentes que, no Ceará, tanto a repressão quanto a resistência aconteceram logo após o golpe e que os estudantes secundaristas e universitários foram os principais sujeitos dessa luta.

---

169 BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda*. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1995, p. 95.

170 *Ibid.*, p. 106.

171 *Ibid.*, p. 110.

172 RAMALHO, Bráulio. *Foi assim! O movimento estudantil no Ceará (1928-1968)*. Rio-São Paulo-Fortaleza: ABC Editora, 2002.

173 MAIA JÚNIOR, Edmilson Alves. *Memórias de luta: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969)*. Fortaleza, UFC, 2008.

174 FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007.

Bráulio Ramalho, em seu livro *Foi Assim!*, afirma que, no dia 1º de abril de 1964, em Fortaleza, houve intensa mobilização de secundaristas, universitários e outras categorias no Clube dos Estudantes Universitários (CEU), que se alternaram em discursos inflamados pela legalidade, seguindo em passeata até a Praça José de Alencar, que foi invadida pelo exército. No dia seguinte, ocorreu uma concentração da mesma natureza no Sindicato dos Ferroviários, que também foi reprimida pelo Exército.<sup>175</sup>

As principais correntes de esquerda que agremiaram esses estudantes foram: o Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT), a Ação Popular (AP) [vinda da Juventude Estudantil Secundarista Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC)], o Partido Comunista do Brasil (PC do B), a Ação Libertadora Nacional (ALN), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e a Frente Nordeste de Libertação (FNL). O Liceu e a Universidade Federal do Ceará (UFC) foram importantes palcos desses conflitos, onde os estudantes planejavam e debatiam a resistência à repressão. Grupos culturais como o CACTUS, criado em 1965, e o Grupo Universitário de Teatro e Arte (GRUTA), criado em 1966, bem como os festivais de música, contribuíram na disseminação de uma cultura de questionamento à ditadura.<sup>176</sup> Entre os eventos de repercussão nacional com participação de militantes cearenses estão: o *Congresso de Ibiúna-SP* (1968) e a *Guerilha do Araguaia* (1967-1974).

No interior do estado, Crateús é lembrada mais pela ação da Igreja Católica do que do PC do B. As práticas político-religiosas do bispo Dom Antônio Batista de Frago, o Dom Frago, no município de Crateús, oeste do estado, é um primoroso exemplo de oposição da Igreja à ditadura, reconhecido internacionalmente. De acordo com Antônio Torres Montenegro, a maioria das publicações sobre a Igreja Popular e sobre outros temas relacionados à Teologia da Libertação fazem referência ao exemplo de Crateús. O autor enumera algumas razões para que um município aparentemente sem “importância” ganhe tanta visibilidade: a) os movimentos de trabalhadores rurais eram foco de aten-

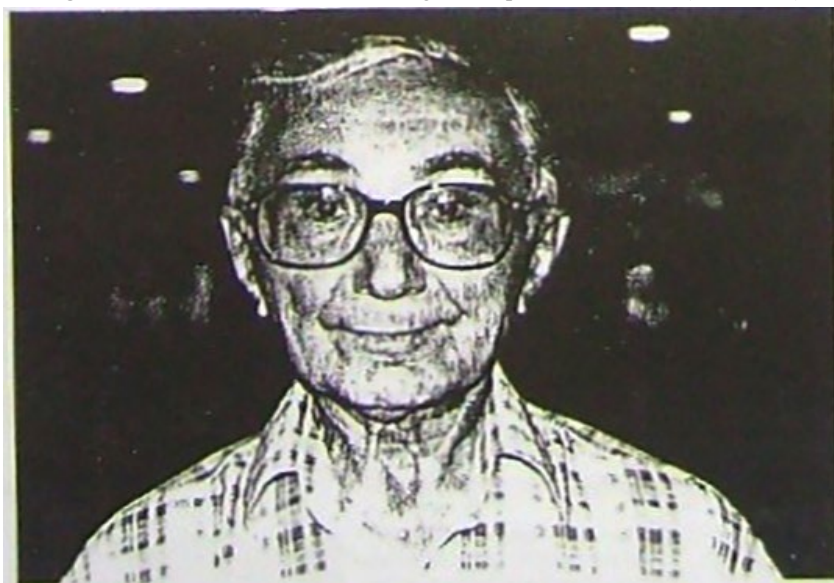
175 RAMALHO, *Op. cit.*, nota 4, p. 191-2.

176 Cf. RAMALHO, FARIAS e MAIA JÚNIOR. *Op. cit.*, notas 4, 5 e 6.

ção dos militares, por isso vigiava Fragozo; b) setores da elite política e da sociedade local manifestaram-se publicamente seu descontentamento com a igreja do bispo; c) a Igreja Católica possuía ampla rede de comunicação e apoio dentro e fora do Brasil; e d) havia uma preocupação do bispo em publicar seu trabalho diocesano, inclusive fora do Brasil.<sup>177</sup>

As práticas políticas religiosas de Dom Fragozo constituíram-se em referência de questionamento da ditadura dentro da Igreja Católica e atraíram seguidores dentro e fora da instituição. Ele é referência da Igreja Progressista junto a Dom Helder Câmara, Dom Evaristo Arns e Dom Aloísio Lorscheider. Para Montenegro, nos textos produzidos por Fragozo, fica clara a união entre os conceitos marxistas e os princípios fundamentais do cristianismo, com mais clareza conceitual do que em Dom Helder Câmara.<sup>178</sup>

**Figura 8** - Dom Antonio Batista de Fragozo, bispo de Crateús-CE (1964-1984)



**Fonte:** *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 24 nov. 2005.

Fragozo protegeu o militante do PC do B, Vladimir Pomar, que ficou na região de Crateús de 1964 a 1972. Em entrevista ao jornal *Diário do Nordeste*, Fragozo afirma discordar das ideias de Pomar, mas o res-

177 MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 107.

178 *Ibid.*, p. 109.

peitava pela sua honestidade e responsabilidade, embora diga não ter conhecimento das ações planejadas pelo partido. Diz que a proteção aos militantes se dava devido à coerência de seus discursos em favor dos oprimidos e das injustiças.<sup>179</sup> A célula do partido situava-se em Novo Oriente, à época, distrito de Crateús-CE.

A luta armada também teve atuação no Ceará. De acordo com Airton de Farias, em *Além das Armas*, os principais grupos foram a Ação Libertadora Nacional (ALN) e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), embora tenha ocorrido a ação pontual de outros grupos como a Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares (VAR-Palmares) e a Frente de Libertação Nordestina (FLNE). Ele afirma que o PC do B, embora não tenha atuado diretamente, foi responsável pelo recrutamento e treinamento de guerrilheiros que atuavam na Guerrilha do Araguaia.<sup>180</sup>

O autor enumera algumas singularidades na luta armada cearense. Na década de 70, enquanto as ações armadas no centro-sul diminuía, no Ceará elas alcançavam seu ápice: a ALN tinha limites explícitos, sendo os militantes cearenses muitas vezes impedidos de agirem por ordem da direção nacional, que tinha como foco Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte; os militantes do PCB foram sistematicamente vigiados e perseguidos pelo regime, enquanto, no resto do país, isso se deu principalmente a partir de 1974, quando a esquerda armada encontrava-se derrotada<sup>181</sup>, para ele, um equívoco da repressão, pois a luta armada cearense ficou a cargo de jovens militantes, que só seriam conhecidos pelos comunistas de 64 quando estavam todos presos na década de 70.<sup>182</sup>

---

179 *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 24 de fevereiro de 2005.

180 FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007, p. 25.

181 FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007, p. 26.

182 *Ibid.*, p. 57.

Figura 9 - Mapa da guerrilha no Ceará



Fonte: SNI, *apud* Diário do Nordeste, Fortaleza, 24 de nov. de 2005.

Ele afirma que o início da derrota da luta armada no Ceará foi marcado pelo episódio de São Benedito, considerado um dos mais equivocados e desastrosos atos da Esquerda no estado:

No início da década de 70 a ALN achou que poderia criar um núcleo forte no nordeste, na divisa entre Ceará/Piauí, e escolheu a Serra da Ibiapaba.

Um militante do grupo convenceu os colegas da necessidade de justiciar um comerciante do município de São Benedito<sup>183</sup> [...]. Este seria um “explorador” que cerceava vidas e que estava se preparando para denunciar os guerrilheiros. Após difícil decisão dos militantes, o comerciante foi seqüestrado e morto com um tiro na tes-

183 Cidade situada na Serra da Ibiapaba, noroeste do Ceará.

ta, sendo o corpo jogado num matagal. Após a ação, os esquerdistas, que esperavam o apoio da população pela morte do suposto “opressor”, descobriram que havia sido usado para resolver uma questão pessoal – o comerciante teria deflorado a filha do militante. Prenderam-se quatro pessoas pelo incidente, uma tragédia que muitos esquerdistas ainda hoje se recusam a comentar.<sup>184</sup>

Em 1976, instalava-se o Movimento Feminista pela Anistia (MFPA), um dos primeiros do país, sob a presidência da professora Nildes de Alencar, irmã de Frei Tito de Alencar.<sup>185</sup> Além disso, o Ceará também preconiza a campanha pelas Diretas. Um dos primeiros Comitês pró-Diretas foi o do Ceará, com o apoio de Tasso Jereissati e Ciro Gomes. Uma grande passeata a favor das *Diretas* e da redemocratização realizou-se em 1984, em Fortaleza, com a presença de mais de 40 mil pessoas.<sup>186</sup>

No início do século XXI, a memória da ditadura ganhou evidência no Ceará com a criação da *Associação Anistia 64/68 – Jurídico e memória*, em 2000. A instituição se apresenta como fruto do Movimento Anistia 20 Anos, uma entidade sem fins lucrativos que reúne pessoas vítimas das violências políticas, praticadas pelas ditaduras que já vigoraram no Brasil, em particular a de 1964, aberta à participação de qualquer pessoa que concorde com seus estatutos. A Associação Anistia 64/68 é composta por uma equipe de advogados que atuam na preparação e acompanhamento de requerimentos de reparação econômica, nas instâncias administrativas federais, estaduais e no judiciário. Ela contempla também a formação de acervo documental, jornalístico, oral, material, audiovisual, bibliográfico e iconográfico, disponibilizado à pesquisa (Centro de Documentação e Memória).<sup>187</sup> Esse material,

---

184 FARIAS, Airton de. *História da Sociedade Cearense*. Fortaleza: Livro Técnico, 2004, p. 435.

185 *Ibid.*, p. 441. Tito de Alencar Lima era cearense, foi diretor da Juventude estudantil Católica - JEC em 1963. Ingressou no noviciado dos dominicanos em Belo Horizonte em 1966 e fez a profissão de votos no ano seguinte, mudando-se então para São Paulo para estudar Filosofia na Universidade de São Paulo. Em outubro de 1968, foi preso por participar de um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna. Foi fichado pela polícia e tornou-se alvo de perseguição da repressão militar. Em 1969, foi preso juntamente com outros dominicanos pelo Delegado Fleury, do DOPS. Durante cerca de trinta dias, sofreu torturas nas dependências deste órgão, as torturas sofridas nos porões da chamada “Operação Bandeirantes”, foi por ele descritas num documento que correu pelo mundo e se transformou em símbolo de luta pelos direitos humanos. Exilado na França, e traumatizado pela tortura que sofreu, Frei Tito submeteu-se a um tratamento psiquiátrico. Seu estado era instável, vivendo uma agonia da alternância entre prisão e liberdade diante do passado, suicidou-se em 10 de agosto de 1974. Sua história inspirou o livro *Batismo de Sangue* escrito por Frei Betto. Disponível em: [www.torturanuncamais-rj.org.br](http://www.torturanuncamais-rj.org.br). Acesso em 19 de junho de 2011.

186 FARIAS, Airton de. *História da Sociedade Cearense*. Fortaleza: Livro Técnico, 2004, p. 445.

187 *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 15 de janeiro de 2005.

que é produzido como requisito para os processos de indenização, uma espécie de biografia dos supostos militantes políticos, constitui uma rica fonte histórica que contribui na escrita da história da ditadura no Ceará.

Do ponto de vista político, a associação contribuiu para a criação da *Comissão Especial de Anistia Wanda Rita Othon Sidou*,<sup>188</sup> criada pela Lei 13.202, de 10 de janeiro de 2002, no Governo Tasso Jereissati, mas só instalada em 03 de setembro de 2003, pelo Governador Lúcio Alcântara, sendo regulamentada pelo Decreto nº. 27.242, de 5 de novembro de 2003, quando passou a funcionar junto à Secretaria da Justiça e Cidadania. São funções da comissão:

Receber e avaliar a procedência dos pedidos de indenização das pessoas detidas sob acusação de terem participado de atividades políticas entre os dias: 2 de setembro de 1962 a 15 de agosto de 1970, que hajam ficado sob a guarda e responsabilidade de órgãos da estrutura administrativa do Estado do Ceará ou em quaisquer dependências desses órgãos e que sofreram sevícias que deixaram comprometimentos físicos e psicológicos, fixando o seu valor, acordo com os critérios estabelecidos na referida Lei.<sup>189</sup>

Outro episódio marcante para o debate e produção histórica sobre o tema no Ceará foi a publicação de uma série de reportagens intitulada *Segredos da Ditadura*, pelo jornal *Diário do Nordeste* de Fortaleza, em dezembro de 2004. As matérias resultaram do fato de que o jornal recebeu de um cidadão vinte caixas de arquivos com documentos do Departamento de Operações Políticas e Sociais (DOPS) do Ceará, documentos oficiais sigilosos que seriam descartados. De posse desse material, a instituição criou uma série de reportagens, com o objetivo de denunciar a negligência do poder público estadual, abrir um debate em torno do tema e contribuir para a escrita da história política do Ceará, nos anos de ditadura.<sup>190</sup>

188 Vanda Sidou foi uma advogada que defendeu judicialmente muitos militantes de esquerda durante a ditadura.

189 Disponível em [www.ceara.gov.br](http://www.ceara.gov.br). Secretaria de Justiça. Acesso em 19 de junho de 2011.

190 *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 21 de dezembro de 2004.



Figura 10 - Capa do jornal de lançamento das matérias sobre a ditadura



Fonte: *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 13 jan. 2005.

A publicação de tais fontes causou muita confusão na sociedade local. Os militares reagiram, acusando a redação do jornal de insuflar o ódio contra as Forças Armadas, que apenas teria cumprido seu papel de defender o país<sup>191</sup>; ex-militantes e representantes de associações em defesa dos atingidos pela repressão aplaudiram a iniciativa, esperançosos de que os processos de anistia possam ser julgados com justiça.<sup>192</sup>

191 *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 13 de janeiro de 2005.

192 *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 13 de janeiro de 2005.



Figura 12 - Apoio de instituições sociais às matérias do Diário do Nordeste



Fonte: DN. Fortaleza, 13 jan. 2005.

O acesso a essa documentação estará facilitado, acredita-se, com a aprovação da Lei Estadual de Acesso à Informação aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado, em 21 de junho de 2012. Muito material já foi catalogado e inserido no projeto *Memórias Reveladas* do Arquivo Nacional, que prevê torná-lo acessível a todos. Várias informações sobre a experiência da cidade de Sobral – CE, na vigência do regime militar, foram encontradas nesse acervo e revelam que, apesar da pecha de cidade conservadora, houve em Sobral práticas de oposição à ditadura.

## **2.2 Os “subversivos” em Sobral - a Igreja, os estudantes, os comunistas e os artistas**

A ideia de subversão ao regime militar em Sobral aparece no depoimento de religiosos e leigos engajados nas ações da Igreja Católica na Diocese de Sobral, de ex-estudantes que militaram no movimento estudantil, na história de membros do Partido Comunista e, principalmente, nos Relatórios de Atividades Políticas e Sociais, realizados por agentes do DOPS em Sobral, em que são listados nomes de pessoas e descritos episódios, caracterizados como práticas políticas questionadoras da ordem vigente que deveriam ser prontamente reprimidas para a garantia da ordem e do desenvolvimento da cidade.

### **2.2.1 A Igreja**

À primeira vista, parece contraditório citar a Igreja tanto no grupo dos aliados como dos opositores do regime. O que realmente a classifica é o fato de ter postura paradoxal e ambígua em relação à ditadura, porque havia vários grupos dentro da instituição, uns a favor e outros contra o golpe, e os mesmos setores que apoiaram o golpe em 1964 mudaram de postura a partir de 1968, entrando no time dos opositores, por razões diversas.

De acordo com a historiografia sobre o tema, desde fins dos anos de 1950 e início dos anos 60, a Igreja Católica se aproximou dos movimentos dos trabalhadores rurais e urbanos, buscando neutralizar a influência comunista ou das esquerdas em geral junto aos trabalhadores. Com o golpe, a situação alterou-se, e esses setores da Igreja passaram a ser rotulados de comunistas. Estabeleceu-se, então, uma verdadeira batalha discursiva, de acusação e defesa entre a Igreja e o regime, tendo a imprensa como palco privilegiado dessa disputa.<sup>193</sup>

---

193 MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111.

Alguns autores chamam atenção para o fato de que a *Igreja Povo* começava a se concretizar nas práticas dos religiosos antes mesmo das deliberações do *Concílio Vaticano II* (1962-65), e das conferências de *Medellin* (1968) e *Puebla* (1979). A experiência de Dom Frágoso, ainda no Maranhão, constitui um exemplo disso.<sup>194</sup> Do mesmo modo, um episódio vivenciado pelo Padre Osvaldo Chaves, em Sobral, no ano de 1952, acredita-se, também aponta nessa direção. Segundo Joan de Oliveira, a Semana Santa em Sobral é uma tradicional festa religiosa que mantém, ainda hoje, aspectos e características litúrgicas do século dezenove, integrando o patrimônio cultural da cidade. Na Semana de Santa de 1952, Padre Osvaldo Chaves foi escolhido pelo bispo Dom José Tupinambá da Frota para fazer o sermão do encontro, o momento mais importante da *Procissão dos Passos*, que é a principal procissão da Semana Santa. Pela primeira vez o sermão foi transmitido por uma emissora de rádio. Longe de fazer um sermão tradicional, Padre Osvaldo Chaves falava do *Cristo-Povo*, expressão jamais esquecida por aqueles que o ouviam:

Sermão do Encontro, Ave Maria, eu estava naquele dia, lá, o Cristo-Povo. Naquele dia eu fui com D. José, fui ajudar a missa do palácio no outro dia, e Dom José “puto”: *sermão comunista, cristo-povo!* Naquele tempo padre Osvaldo já tinha essas coisas, o cristo-povo lascado [...] Dom José reclamou bem um ano. [...] Ele fala coisas da Teologia da Libertação trinta anos antes. Tudo aquilo que a Teologia da Libertação falou, o próprio Concílio, padre Osvaldo já tinha falado. Os poemas dele, nas aulas dele, os temas sociais, fortes, e eu acho que o seminário não comportava... Mas eu acho que naquele tempo, realmente, o padre Osvaldo falava do sofrimento do povo, ele distribuía pães, numa igreja de Dom José. O bispo-conde nunca, jamais faria isso. Quando o padre Osvaldo fala no cristo-povo, nas comunidades eclesiais de base, Dom José ficou chocadíssimo, realmente. Foi chamado de comunista. Eu não sabia o que ele estava dizendo, mas depois eu via que ele se referia a essa visão do padre Osvaldo com o compromisso. Eu e Dom José, temos certeza, jamais esqueceremos aquele sermão.<sup>195</sup>

194 *Ibid.*, p. 110.

195 FERNANDES, José Cândido em entrevista concedida a OLIVEIRA, Joan E. Nem um dia sem uma linha. A oficina de trabalho do Padre Osvaldo Carneiro Chaves. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009, p. 73-4.

Viviane Bezerra, em sua dissertação sobre a Igreja em Sobral, afirma que, no Ceará, as experiências da *Igreja Povo de Deus* se constituíram no âmbito da organização dos trabalhadores em sindicatos rurais e formação de lideranças comunitárias, como o MEB, e outras experiências de educação popular. Com a ditadura militar, a igreja teria reorientado sua prática no sentido de proteger o clero e os movimentos populares sob sua orientação.

Sem o confronto direto com os militares e, em defesa de sua autonomia, a Igreja, no Ceará, abraça a pastoral popular, conquanto não se confrontasse com o poder político e com os setores conservadores, orientada pelos postulados de João XXIII, na Encíclica *Mater et magistra e Pacem in terris*.<sup>196</sup>

A historiadora acrescenta que essa reorientação pastoral da Igreja se evidenciou também na imprensa católica, que publicava, ao mesmo tempo, artigos em favor das reformas sociais e artigos em defesa da propriedade privada “como resultado da ‘*ordenação dos bens*’”.<sup>197</sup>

De acordo com Antônio Torres Montenegro, foi principalmente a partir de 1968 que a Igreja Católica no Brasil se constituiu lentamente em um polo de resistência ao regime militar.<sup>198</sup> Encontraram-se, na imprensa sobralense de 1968, textos da Igreja reclamando da repressão. A matéria de capa intitulada “É direito da igreja, em regime democrático pregar sua doutrina” questiona uma declaração de um membro das Forças Armadas a um canal de televisão cearense, quando afirma serem boas as relações entre as Forças Armadas e o clero nacional:

### **BOAS RELAÇÕES?**

SEM mesmo nos aprofundar-mos a análise dos fatos ocorridos, verificaremos que não se pode dar muita ênfase a afirmação, pois representantes categorizadas das forças armadas, tem desrespeitado os direitos democráticos, - até como pessoas humanas-, de bispos e sacerdotes do

196 BEZERRA, Viviane Prado. “Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo”: O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980). Fortaleza, UFC, 2008 (Dissertação de Mestrado), p. 21.

197 *Ibid.*, p. 21.

198 BRUNEAU *apud* MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 134.

clero brasileiro, provocando, pronunciamentos e protestos de âmbito nacional em documentos oficiais de bispos do Brasil. Não foram pronunciamentos particulares.

SERÁ que nossas forças armadas, dentro de um regime democrático, tem o direito de fazer calar nossos bispos ou qualquer cidadão na pregação da doutrina social da Igreja sob o pretexto de subversão?

SE tal direito lhes assiste, temos de afirmar: ou nossas forças armadas consideram a doutrina social da Igreja como subversiva, - (e que tenham a autenticidade DE afirmar oficialmente) ou não existe para nós liberdade de pensamento e nem democracia.<sup>199</sup>

Outra matéria, de capa intitulada “*Desrespeito a liberdade de pensamento!*”, questiona o processo empreendido pelos militares ao bispo auxiliar do Maranhão, Dom Edmilson da Cruz, antigo bispo sobralense. De acordo com o artigo reproduzido do jornal *O Povo* de Fortaleza, na homilia de uma missa em comemoração à vitória das Forças Armadas brasileiras contra o Nazismo, o bispo Dom Edmilson da Cruz fez os seguintes questionamentos:

### **Encarando a realidade**

[...]

No fato que comemoramos, êsses princípios já foram anunciados. Como cidadão e não como autoridade eclesiásticas, aproveitando diante dos senhores militares a ocasião propícia, como quem ama a sua pátria tanto como qualquer militar, faço as seguintes perguntas: Será que na situação atual podemos dizer que no Brasil existe liberdade de imprensa? De Rádio? Sabe-se de passeatas impedidas pelas autoridades. Ora, se nós temos uma lei básica que assegura ao cidadão a liberdade de expressão, de punição e de representação, e se a autoridade jurou defender essa lei básica então afirmo que aquela atitude encerra uma falta de tática, porque sob o pretexto de abafá-la, o que consegue, é criar nos outros países uma imagem deformada da nossa pátria; uma falta de coerência, porque deixa de manter os princípios que a carta magna defende; uma falta de responsabilidade, porque impede a aplicação dos princípios que deveria defender.

[...].<sup>200</sup>

199 *Correio da Semana*. Sobral, 17 de fevereiro de 1968.

200 *Correio da Semana*. Sobral, 18 de maio de 1968.

Ainda de acordo com o texto, os militares se retiraram do recinto e abriram processo contra o bispo, que recebeu a solidariedade de vários colegas, entre eles, o bispo de Sobral Dom Valfrido Teixeira Vieira:

**Telegramas enviados a Dom Edmilson Cruz.**

[...] Dom Manuel Edmilson Cruz – Palácio Arquiepiscopal- São Luis-MA. Fraternal abraço de solidariedade Dom Valfrido Teixeira Vieira, Bispo de Sobral.

[...]

O Diretor desta Folha também enviou sua manifestação de solidariedade: Hipoteco total solidariedade face últimos acontecimentos. Abraços: Pe. Egberto.<sup>201</sup>

Nos anos de 1970 e 80, ficaram cada vez mais frequentes os questionamentos da Igreja e de outros setores da sociedade à continuidade do regime. De acordo com Maria Paula Nascimento, a luta democrática que reuniria amplos setores da sociedade civil contra a ditadura se dá entre 1974 e 1985, com a derrota da luta armada. A Igreja Católica, os estudantes, o MDB, a imprensa alternativa, associações de bairros, de profissionais liberais e as minorias políticas: negros, mulheres e homossexuais constituíam os principais atores desse eclético grupo que compunha o novo cenário político nacional.<sup>202</sup>

Este texto, encontrado no jornal *Correio da Semana*, questiona a continuidade da “revolução”:

**O mito da revolução permanente**

Antônio Carlos de Moura Campos.

Revolução e democracia são duas realidades visceralmente incompatíveis. Dizia Merleau Ponty que “as revoluções são verdadeiras como movimentos e falsas como regime”. Isto é, valem para aquele momento fugaz em que os antigos donos do poder já caíram e os revolucionários ainda não assumiram o controle real da situação.

[...]

Revolução no poder é terror. De esquerda ou de direita, as revoluções vitoriosas nutrem-se muito mais do ódio

201 *Correio da Semana*. Sobral, 18 de maio de 1968.

202 ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Orgs.). *Revolução e Democracia* – 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (Coleção As Esquerdas no Brasil, vol. 3), p. 342.



que destilam sobre os “contra-revolucionários” do que do amor à justiça e a liberdade.

[...]

Conseguirão os atuais dirigentes do país convencer-se de que a opção pela democracia – tantas vezes reiterada pelo presidente Figueiredo – implica necessariamente o abandono da opção pela revolução permanente? Revolução que não se transforma em democracia se condena a negatividade histórica. Revolução permanente é repressão permanente!<sup>203</sup>

Não foi encontrada referência sobre o autor do artigo, não obstante é notável que as suas ideias coadunem com a postura desse jornal, pela moderação. Do mesmo modo, a *Revista Risadinha* é outro periódico que circulou no período e reflete um pouco desse conflito entre a Igreja e o Regime. Ela se apresenta como defensora da Igreja e reforça a crítica aos comunistas:

### Apresentação

Hoje é um dia diferente dos outros para nós. Dia em que concretizamos uma idéia feliz graças a Deus. Estamos satisfeitos, vem a lume esta pobre e modesta revista... porém, honesta, sincera e rica de espírito. Não queremos fazer política e sim combatermos com a toda força que nos vir n’álma, a idéia criada por homens inescrupulosos que tentam com suas façanhas diabólicas, destruir uma criação divina... a IGREJA CATÓLICA, templo sagrado de JESUS. E estes homens a quem me refiro são eles: OS COMUNISTAS ATEUS. Daqui desta tribuna iremos falar bem alto para todos aqueles que nos quiser ouvir!!! Vamos falar das infiltrações comunistas do nosso País. Das injustiças que campeiam no coração da cidade e dos maus-tratos que recebem os humildes da terra de D. José. Não queremos intrigas de maneira alguma, e sim, queremos trabalhar pelo bem-estar da nossa coletividade... dando o direito a quem é de direito. Apenas temos muito boa vontade e é dela que vamos tirar proveito para conseguir eliminar os erros que invadem a nossa URBS.<sup>204</sup>

Esse periódico, mesmo conservador e defensor dos princípios católicos, critica a continuidade do regime:

203 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de janeiro de 1980, p. 3.

204 *Risadinha*. Revista crítica, humorística, noticiosa e literária (1979-1981). Sobral, 12 out. 1979. n° 1, p. 1.

### O nosso credo.

Do Partido Comunista – Livrai-nos Senhor.  
Do Regime Ditatorial – Livrai-nos Senhor.  
Das Línguas Ferinas – Valei-nos Senhor  
Dos Namoros impróprios - Valei-nos senhor  
Das Riquezas mal ganhas - Valei-nos Senhor  
Das façanhas dos “rabos de burros”. Valei-nos Senhor  
De arranjar intrigas políticas – Livrai-nos Senhor.<sup>205</sup>

Ora como aliada, ora como opositora, a Igreja Católica foi uma das principais personagens na trama política que consolidou o regime militar em Sobral. O Colégio Sobralense, o Movimento de Educação de Base (MEB), O Dia do Senhor, o Centro Estudantal Sobralense, o jornal *Correio da Semana* e a Rádio Educadora do Nordeste foram veículos por meio dos quais a Diocese de Sobral manifestou seu apoio ou questionou a ditadura militar.

Ouviram-se, de vários depoentes, nomes de religiosos envolvidos em episódios de oposição ao regime. Sermões, palestras, textos ou proteção a estudantes militantes aparecem na lista das ações praticadas por esses padres que representariam apenas uma parte da Igreja Católica em Sobral. Nos arquivos do DOPS, o seminário diocesano aparece como o principal reduto comunista na cidade.<sup>206</sup>

#### 2.2.1.1 O Jornal e a Rádio

Fundado em 1918, pelo bispo Dom José Tupinambá da Frota, o semanário católico *Correio da Semana* circula ainda hoje na cidade como porta voz dessa instituição. Era o único jornal impresso de grande circulação local, lido na cidade durante a instalação da ditadura. O periódico constituiu-se numa das fontes mais importantes para a história de Sobral do século XX. Nele, é possível encontrar tanto o “viva a revolução”, quanto o “abaixo a ditadura”.

205 *Risadinha*. Revista crítica, humorística, noticiosa e literária (1979-1981). Sobral, 12 out. 1979. nº 1, p. 4.

206 ESTADO DO CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório de Viagens a Sobral*. 14 de dezembro de 1967. 5p.

Para a historiadora Viviane Bezerra, essa postura dúbia revela-o como um jornal moderado, visto que refletia a linha política adotada pela Igreja no período e seguida fielmente pelo bispo diocesano Dom Valfrido Vieira. Para José Rabelo Filho, que estudou os jornais da época, o semanário é um jornal conservador. As posições divergentes publicadas representavam apenas opiniões particulares dos colunistas que possivelmente fugiam ao crivo da direção do periódico. Analisando o material, dir-se-ia que ele, como todos os outros veículos de formação e informação da diocese, é a expressão dos projetos em disputa, dentro da Igreja e da sociedade sobralense, por isso, ora conservador, ora progressista.

A Rádio Educadora do Nordeste também é de propriedade da Diocese de Sobral. Fundada em 1959, tinha uma boa audiência na cidade na década de 1960. Situada, hoje, na Praça Quirino Rodrigues, centro, funciona ao lado da Cúria Diocesana e do jornal *Correio da Semana*. Pela direção da rádio, passaram monsenhor Sabino G. Loiola, padre Luizito Dias Rodrigues, Leunam Gomes, padre Egberto Rodrigues de Andrade e Carlos Gomes Carneiro, ou seja, aparecem tanto nomes de aliados do regime quanto de opositores.

Monsenhor Sabino Loiola e padre Egberto Rodrigues são referendados como conservadores e aliados da ditadura. O primeiro é conhecido pela sua campanha anticomunista desde a década de 1940, disseminada em toda região norte do estado por meio do jornal *Correio da Semana*, das Semanas Sociais e da criação de Comitês Anticomunistas.<sup>207</sup> De acordo com o ex-estudante, João Ribeiro Paiva, em fins dos anos 60, o programa dos estudantes na Rádio Educadora, mudou de nome e de conteúdo, tornando-se menos religioso e mais laico, abrindo espaço para a realidade social. *A Hora Estudantil* passou a chamar-se *A Voz do Estudante* e foi fechado por padre Egberto, à época diretor, quando foi posta no ar a leitura do polêmico discurso de Dom Frágoso, em que ele afirma que Cuba poderia servir de exemplo para a América Latina:

---

207 SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha*. A militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE (1927-1950). Fortaleza, 2007, p. 47 (Coleção Mundos do Trabalho).

Nosso programa foi cortado. Nós tínhamos lido um desses pronunciamentos do Dom Fragoso em que ele dizia que Cuba podia ser um exemplo para América Latina. Isso foi considerado pela censura algo muito desagradável pra eles, e foi cortado. E nós não fomos nem avisados disto. Eu soube por Padre Osvaldo que anotou num papel a mão. Tinha visto num quadro de avisos do rádio que eu João Ribeiro Paiva, Antônio de Alcântara Macedo e Lauro Araújo Lima não podíamos entrar para os estúdios da rádio e nenhum programa, como perniciosos, adjetivo que Padre Egberto encontrou para nos qualificar.<sup>208</sup>

Padre Luizito Rodrigues e o Professor Leunam Gomes são citados na lista dos progressistas que driblavam a censura para garantir que os programas do MEB e dos estudantes continuassem no ar, mesmo sob a vigilância da repressão. Os depoimentos de ex-militantes do movimento estudantil dizem que os programas dirigidos pelo MEB e pelo movimento estudantil constituíam um veículo de resistência à ditadura na medida em que animava agricultores e estudantes a lutarem pelos seus direitos, desafiando a vigilância do DOPS. Desse modo, fica evidente que o jornal e a rádio eram utilizados tanto para propaganda como para contrapropaganda da ditadura, já que os dois lados tinham acesso à estrutura desses órgãos de imprensa.

### **2.2.2 Os estudantes**

Conforme estudo de José Roberto Martins Filho, dois processos fundamentais explicam os episódios que marcaram a atuação do movimento estudantil nas décadas seguintes a 1950: a abertura da universidade aos setores médios e o surgimento de uma corrente política, vinculada à Igreja Católica – a AP, que serviu como canal de introdução de setores importantes dos estudantes secundários e universitários, no campo da política.<sup>209</sup>

208 PAIVA, João Ribeiro. Entrevista concedida à autora em 17 de agosto de 2010.

209 MARTINS FILHO, José Roberto. O movimento estudantil nos anos 1960. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Orgs.). Revolução e democracia – 1964... Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 187.

Em um contexto de urbanização e industrialização aceleradas, de presença política da classe operária urbana e, mais tarde, da eclosão das ligas e sindicatos camponeses, a militância católica constituía uma terceira via entre o comunismo soviético e o capitalismo norte-americano. No clima geral de efervescência cultural, formou-se uma geração de estudantes imersos no nacionalismo e na preocupação com os problemas nacionais, principalmente com a questão do desenvolvimento e da responsabilidade das elites.<sup>210</sup>

O autor ressalta que, nos fins da década de 50, o movimento se desarticulou e, por isso, não foram poucos os estudantes a apoiarem o golpe, mas os primeiros anos do regime decepcionaram os jovens estudantes que, a partir daí, buscaram reconstruir entidades estudantis, entrando em choque direto com as políticas da ditadura militar.<sup>211</sup>

No Ceará, de acordo com Edmilson Alves Maia Júnior, houve reação estudantil. A Ação Popular, o PC do B e os trotskistas foram as principais organizações por meio das quais os estudantes, principalmente universitários, atuaram em reação à ditadura. Uma peculiaridade cearense, citada por vários autores que pesquisam o período, é de que, ao contrário da maioria brasileira, o principal condutor das lutas estudantis no Ceará não foi a AP e sim o PC do B. A razão apontada para o fracasso da primeira é o fato de que vários militantes da AP foram presos e processados pelo AI-2, na tentativa de reconstituição da União Estadual dos Estudantes (UEE), e acabaram deixando o movimento nas mãos de militantes inexperientes. Quanto à ascensão da segunda, os motivos foram: a opção de investir nos Diretórios Centrais (DCEs) e a abertura política na relação com estudantes de outras agremiações e, até mesmo, os sem grupo.<sup>212</sup>

Dos principais eventos que marcaram a atuação desses estudantes na resistência ao regime em Fortaleza, Maia Júnior cita o *Massacre da José de Alencar* e a *Passeata dos Vinte Mil*. De acordo com o autor, era esta a notícia do jornal *Gazeta de Notícias*, no dia 25 de junho de 1968:

210 *Ibid.*, p. 188.

211 *Ibid.*, p. 192-3.

212 MAIA JÚNIOR, Edmilson Alves. *Memórias de luta: ritos políticos do movimento estudantil universitário* (Fortaleza, 1962-1969). Fortaleza, UFC, 2008, p. 49-50.

A manifestação realizava-se em torno da estátua de José de Alencar, no centro da Praça, quando foram cercadas todas as saídas e os policiais foram dispersar o comício. Durante cerca de duas horas, “as violências se prolongaram pondo em pânico a população que transitava pelo centro”. Hora do rush, 18 horas, a manifestação ocorria justamente no principal terminal de ônibus, totalmente lotado. A polícia bateu “indiscriminadamente em todos” – “quem não correu foi espancado” – não importou se era estudante, jornalista ou transeunte esperando seu ônibus.<sup>213</sup> (Grifo do autor)

Um estudante foi alvejado com dois tiros. A manifestação era um protesto contra a repressão realizada no Rio de Janeiro na semana anterior – a Semana Sangrenta. Para Maia Júnior, a repercussão do episódio na imprensa local animou o movimento estudantil de tal forma que, três dias depois, realizou-se a Passeata dos Vinte Mil, um dia depois da Passeata dos Cem mil, no Rio de Janeiro, 27 de junho de 1968:

Vinte mil pessoas pararam e silenciaram por um minuto a um só gesto. Era noite. Foi impressionante. E, por fim, chegaram ao CEU [Centro Estudantil Universitário]. A multidão se dispersou. Nas rodinhas de vozes roucas comentavam: “Vencemos. Tudo foi muito bom e muito bonito. Nós provamos que não somos baderneiros. Não houve um só incidente. As idéias vencem as armas. Queríamos uma Democracia assim”.<sup>214</sup>

Tais eventos expressam que o movimento estudantil cearense estava sintonizado com movimentos de resistência à ditadura que ocorriam em outras capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, embora tivessem os universitários na linha de frente, estavam acompanhados dos secundaristas representados pelo Centro dos Estudantes Secundaristas do Ceará (CESC).

As práticas políticas dos estudantes durante o regime militar, em Sobral, apresentam-se de forma obscura. As informações obtidas se ori-

---

213 *Ibid.*, p. 92.

214 *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 28 de junho de 1968 *apud* MAIA JÚNIOR, *Op. cit.*, nota 44, p. 124.

ginaram do relato de ex-alunos e professores, atuantes no meio secundarista do Colégio Sobralense, escola privada, exclusiva para rapazes, sob a direção da diocese; e do Colégio Estadual, escola pública, aberta para ambos os sexos. Não há, nesses depoimentos, um discurso coerente sobre a organização do movimento estudantil na cidade, embora eles tenham participado dos mesmos episódios ou pelos menos tenham ouvido falar deles.

De acordo com o ex-estudante do Colégio Sobralense, Edilson Aragão, a ação política estudantil no referido colégio aconteceu em diferentes gerações. O movimento dos anos 60 foi o mais perseguido, com prisões, torturas e até morte. O Centro Estudantil Sobralense, que congregava estudantes de escolas públicas e privadas, era a entidade que guiava o movimento e estava sob a direção de Francisco Lopes. Aragão relata que houve um período de “pasmaceira”, sem participação política, quando a geração de meados dos anos 70 reacendeu o movimento com a fundação do jornal *Quinzena Estudantil* e a realização de eventos literários, que não escaparam à vigilância do regime.

Por falta de acesso às fontes em tempo hábil, este trabalho se deterá apenas a geração de 60. As principais ações dos estudantes dessa geração foram: a homenagem a Che Guevara, proposta pelos Humanistas do Colégio Sobralense, em 1967; a passeata pela construção da Avenida do Estudante, realizada pelo Colégio Estadual, em 1968 e o projeto de explosão do palanque das autoridades, nas comemorações do dia 7 de setembro de 1969.

Em entrevista à historiadora Viviane Bezerra, Francisco Lopes disse haver dois grupos no movimento estudantil sobralense: o Centro Estudantil Sobralense (CES) e a Casa do Estudante (espaço cedido pela Igreja para abrigar estudantes de baixa renda), ficando a primeira no posto de comando do movimento estudantil. O lapso de memória do depoente não permite esclarecer o ano em que ele assumiu a direção da entidade, mas provavelmente a partir de 67. Ele diz que o objetivo

do movimento era protestar contra os problemas locais, formando uma consciência contra o regime de exceção:

Nosso objetivo em atacar as coisas locais era formar a consciência de base contra a revolução. Ai a gente se reunia sempre para protestar em relação as coisas de Sobral. Mas o objetivo de tudo isto era deixar bem vivo o sentimento de protesto em todo classe estudantil e estendia, o movimento não era só sobralenses... quando se estava aqui a nossa ação era visando o local, mas, no entanto a gente mantinha relação com Fortaleza, com Recife, e sempre tinha alguns dos estudantes participando de movimento nacional para trazer o que de quente das informações da política nacional para gente devagarinho ir disseminando esse sentimento de consciência, porque hoje nós não temos.<sup>215</sup>

Lopes participou do programa *A Voz do Estudante* com o apoio do MEB e de outros membros da Igreja, principalmente do padre Luizito Dias, suposto mentor político do movimento contra a ditadura. Lopes participou da passeata dos estudantes, momento em que foi preso. Posteriormente, o ex-estudante só ouviu falar da *homenagem ao Che Guevara* e acredita que *a história da bomba* foi uma invenção dos militares para prender os estudantes, como realmente o fizeram.

O ex-militante conta que as reuniões do movimento estudantil aconteciam sempre em dois momentos. Uma reunião oficial acontecia para chamar o DOPS, momento em que eles elogiavam o regime, e outra para planejamento das ações a serem realizadas contra o regime. As reuniões eram realizadas no Abrigo Coração de Jesus, na capela do Sobralense e principalmente na residência dos militantes. As informações sobre as reuniões eram repassadas no programa de rádio, inclusive as secretas, informadas por meio de códigos. O autor diz que nunca foi comunista, apenas um homem de consciência.<sup>216</sup>

215 LOPES, Francisco Lopes. Entrevista concedida à historiadora Viviane Bezerra Prado em 07 de julho de 2004.

216 LOPES, Francisco Lopes. Entrevista concedida à historiadora Viviane Bezerra Prado em 07 de julho de 2004.



Outro estudante, Francisco Sabóia, do Colégio Estadual, disse que seu grupo, o qual não é nomeado, era composto por cerca de vinte pessoas e era ligado à UNE, que tinha como líderes Luis Travassos e Wladimir Palmeira. O grupo teria se organizado a partir das discussões nas aulas da disciplina de Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Moral e Cívica, momento em que questionavam a postura de defesa do golpe pela professora. Os alunos do Estadual juntamente com os estudantes do Sobralense fizeram um grupo de estudo e durante esses encontros, compartilhavam panfletos vindos do Rio de Janeiro, São Paulo e até de Cuba, traduzidos por padre Luizito Dias. Sabóia relata, também, a participação em pichações na cidade. O estudante se afastou do movimento por pressão da família, já que era pobre e estaria mais vulnerável à repressão, a exemplo do seu pai, que havia sido integralista. Mesmo não pertencendo ao quadro de alunos do Colégio Sobralense, acredita ter participado do episódio em homenagem a Che Guevara, bem como do projeto da explosão do palanque montado em comemoração à festa de 7 de setembro, que não foi efetivado, porque os alunos foram descobertos pelos militares, e alguns, presos.

João Ribeiro foi militante do movimento estudantil no Colégio Sobralense, seminarista, envolveu-se na luta contra a ditadura sob a proteção de membros da Igreja Católica, engajados no projeto de uma igreja renovada. Afirma que o movimento recebia a visita de estudantes de outras localidades, embora não lembre a origem ou filiação política. Ele confirma que havia circulação de estudantes de outras escolas no Grêmio Escolar-Literário Dom José. O grêmio funcionava sob a coordenação de um padre e realizava eventos literários em datas comemorativas. Ribeiro ficou conhecido por ter sido o orador da turma, que homenagearia Che Guevara, e pela leitura do discurso de Dom Frágoso no programa de rádio *A Voz do Estudante*, que o levaria a afastar-se temporariamente da cidade, sob a proteção de padres e freiras:

Eu passei quinze dias escondido num porão em Reriutaba, num convento e foi o Padre Zé Linhares quem escreveu o bilhete e eu fui em cima de um caminhão de carga

mesmo, e lá entreguei o bilhete ao Monsenhor Ataíde e ele já me indicava o lugar pra eu ir que era o porão e eu fiquei um quinze dias lá [...].

Eu saía por essa região, sabe? Fui pra Tianguá, eu mudava o nome, eu dizia que era de outro lugar, se ia pra outra cidade já dava outro nome [...] eu e outros colegas, por que a gente saía organizando os estudantes, pedindo apoio pra causa, porque era assim que a gente tinha algumas informações. Havia algumas perseguições [...].<sup>217</sup>

Algumas religiosas faziam um trabalho social na cidade junto aos prostíbulos, que ficavam localizados próximos ao quartel, Rua Joaquim Lopes, no centro da cidade. As freiras recebiam bilhetes dessas meretrizes, que informavam sobre a presença de agentes policiais na cidade, e repassavam para os padres, os quais avisavam aos estudantes. Segundo Felisbela Parente, as informações repassadas auxiliavam na segurança do movimento, permitindo que a sua programação fosse temporariamente suspensa e depois retomada com menos riscos.<sup>218</sup> A proteção dos religiosos foi fundamental para a continuidade do movimento estudantil, já que os estudantes eram muito jovens.

Ribeiro diz não ter participado da passeata dos estudantes em 1969, por sugestão de colegas, porque era muito visado pela polícia, mas ouviu falar da história da bomba e participou de pichações na cidade.

Alguns desses depoentes garantem que não havia parceria entre o movimento estudantil secundarista e o universitário, uma vez que a UVA ainda não tinha sido fundada,<sup>219</sup> mas foi encontrado num relatório da Delegacia Regional e Especial de Sobral, em 1968, um item dedicado à atuação política dos subversivos na Faculdade de Filosofia Dom José (futura UVA). O relatório descreve que a eleição do Diretório Acadêmico Dom Coutinho foi encaminhada no sentido de dar lugar, na chapa, “a um grupinho de subversivos formados por dois padres e dois

217 PAIVA, João Ribeiro. Entrevista concedida ao historiador Francisco Paulo Carvalho em 20 de abril de 2009 *apud* CARVALHO, Francisco Paulo M. de. p. 55 e 57.

218 PAIVA, Felisbela Parente. Entrevista concedida ao historiador Francisco Paulo Carvalho em 04 de maio de 2009 *apud*. CARVALHO, p. 58.

219 SABÓIA, Francisco. Entrevista concedida à autora e gravada em 03 de novembro de 2006.

estudantes, sendo os últimos eleitos”. O Diretório Central teria enviado um representante da UNE para essa eleição:

CHAPA ‘UNIÃO E PROGRESSO’.

Presidente: Francisco Jerônimo Torres

Vice-Presidente: **Francisco Leunam Gomes**

Secretário: Mirian Maia Goersh

Tesoureiro: Antonio Fernandes Vieira

Orador Oficial: Domingos Alves Melo

Bibliotecário: Norma Maria Sousa

Representante junto ao D.C.E: **Maria Valnê Alves.**<sup>220</sup>  
(Grifos nossos)

Os padres Pedro Van‘Ool e Osvaldo Chaves são acusados de pregarem e desenvolverem temas revolucionários nos últimos minutos de aulas na Faculdade de Filosofia Dom José, assim como por meio de trabalhos escritos. Padre José Linhares relata a presença de pessoas vigiando suas aulas por trás da porta e a apreensão do livro *O Capital* de Karl Marx do seu acervo, que ele utilizava na disciplina de Sociologia para discutir os sistemas políticos, capitalismo, comunismo etc. Por esses motivos, foi obrigado a escolher entre a prisão e o exílio.<sup>221</sup>

Outra referência aos universitários só apareceria na década de 80. Muitos estudantes do Sobralense e do Estadual, nas décadas de 60 e 70, continuariam a atuação política, mais tarde, como estudantes ou professores da UVA, criando o Diretório e Centro Acadêmicos, que resultaram na fundação de células de vários partidos de esquerda, como o Partido Comunista do Brasil (PC do B) e o Partido dos Trabalhadores (PT). A ação política dos universitários era mobilizar estudantes para os congressos da UNE, divulgar jornais de esquerda, como a *Voz Operária* e promover pichações contra a ditadura.<sup>222</sup>

No trabalho de conclusão de curso, em História, Paulo Carvalho cita um conjunto de depoimentos que reforçam a atuação do movimento

220 CEARÁ. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 23 de setembro de 1968. APEC (Datilografado) 3p. Panfleto Anexo.

221 PONTES, José Linhares. Entrevista concedida à autora em 23 de novembro de 2012.

222 FERREIRA, Gilvan Azevedo. Entrevista concedida à autora em 22 de fevereiro de 2011.

universitário, em Sobral, nos anos 80, já depois da ditadura. O autor cita o episódio de comemoração ao Dia Internacional da Juventude, em 1985, em que, numa caminhada, saindo do bairro do Junco até o bairro Dom Expedito, os estudantes encenaram o enterro do então presidente José Sarney, que, apesar de ser um representante do período democrático, era tido como “herdeiro” do regime militar, merecendo muitos questionamentos das esquerdas ao seu governo.<sup>223</sup>

Descrever-se-á agora, os três principais episódios que marcaram a atuação do movimento estudantil sobralense nos anos de 1960.

### **2.2.2.1. A homenagem a Che Guevara**

O líder revolucionário Ernesto Che Guevara morreu em 1967, com grande repercussão mundial. No mesmo ano, os estudantes do Colégio Sobralense<sup>224</sup> o elegeram para homenagem póstuma na festa de colação de grau. De acordo com depoentes, os estudantes tiveram conhecimento da história deste guerrilheiro por meio de trabalhos escolares, proposto na disciplina de Português. Segundo Padre Osvaldo Chaves, à época professor da disciplina, depois do tema ter sido explorado pela imprensa, sugeriu aos estudantes que pesquisassem sobre a vida do guerrilheiro. O professor de História Pedro Van’Ool, que apoiou a ideia do professor de português, disse ter auxiliado na pesquisa dos estudantes, quando o procuravam para compreensão dos quase 60 artigos que encontraram sobre o tema. Van’Ool afirma, em seu depoimento, que a maioria dos artigos reproduzia a visão dos militares sobre o líder, mas que alguns pasquins traziam outra visão, e os meninos foram se animando com o tema. Próximo à festa de formatura, admirados com a coerência das práticas do líder revolucionário, os estudantes escolheram o guerrilhei-

---

223 Cf. CARVALHO, Francisco Paulo M. de. *Memórias do Movimento Estudantil em Sobral: a Ditadura Militar em Foco (1964-1970)*. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2010, p. 61-63.

224 O Sobralense era um escola dirigida pela Diocese de Sobral, exclusivo para meninos e o Colégio Santana, para meninas.

ro para uma homenagem póstuma. Entretanto, isso daria muito trabalho ao colégio, considerando o contexto político.<sup>225</sup>

Os pais, preocupados com a reação dos militares, procuraram a escola com o objetivo de evitar conflitos, mas o professor Van ‘Ool, em depoimento, disse que não interferiria na decisão dos alunos, por não achar necessário. A polêmica resultou em acaloradas reuniões de pais e mestres.

Um dia antes da festa, com os convites manualmente confeccionados,<sup>226</sup> levando o nome do guerrilheiro na lista de homenagens, o DOPS reagiu. De acordo com o Professor Van ‘Ool, ele foi procurado por militares vindo de Fortaleza, determinando o fim da homenagem, sob pena de uma intervenção militar:

Quando eu estava terminando a missa no abrigo, chegaram oito militares, se identificaram, [...] **“então, nós viemos aqui para acabar com essa bagunça”**. Que bagunça? [...] **“Essa bagunça, esses comunistas, o Senhor com o padre Oswaldo é que tão botando essa idéia**. Quem disse isso? Vocês ouviram badalar o sino não sabe nem de onde. Não tem nada de anarquia, nada de bagunça. [...]. O que houve foi um estudo crítico depois da morte de Che Guevara, para os alunos por conta própria, orientados por nós, pela gente, descobrirem o certo e o errado. Eles descobriram muita coisa errada, mas descobriram um pontinho certo – *a coerência no agir*. O que eles admiraram no Che Guevara? Só isso. E por isso eles querem fazer uma homenagem póstuma. Não faz mal a ninguém, não. Não vai contra o regime militar, não vai contra o capitalismo, não vai contra a ninguém, nem contra a igreja nem contra aos pais nem contra aos senhores, ninguém. **“Não, mas nós viemos pra breicar”** [...] Aí eu fiz uma proposta, já que os senhores se deslocaram de Fortaleza pra cá, era domingo de manhã. Daqui a pouco esses moleques como vocês chamam vem brincar comigo, porque mesmo não sendo mais diretor eu ofereço esporte que é pra tirar a ociosidade. Daqui a pouco eles vêm. Já que os senhores estão convencidos de eles estão errados, porque nós não estamos, vamos fazer a mesa redonda e conversar com eles. **“Nós não viemos pra perder**

225 VAN ‘Ool, Padre Pedro. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra e gravada em 07 de julho de 2004.

226 PAIVA, João Ribeiro. Entrevista concedida à autora e gravada em 17 de agosto de 2010.

*tempo com moleques*". Aí eu me ofendi de novo, aí eu me levantei e disse eu também não vou perder tempo, [...] com o Senhor, e fui-me embora [...] *"De qualquer jeito se houver a festa, haverá intervenção"*. [...] logo em seguida chamei os alunos, contei o que tinha havido, e então eu disse, bom vocês é que decidam, seus pais tem medo, o exército vai interferir, a polícia federal vai interferir caso vocês promovam essa festa. Agora se quiserem dou uma sugestão, mas vocês decidam não sou eu não. Se com o Che Guevara não pode, sem o Che Guevara ninguém faz a festa. Eles aceitaram a idéia, não houve festa<sup>227</sup> (Grifos nossos).

A reação do professor rendeu-lhe o enquadramento na Lei de Segurança Nacional pela terceira vez. As outras duas vezes foram ocasionadas pela expulsão de um aluno da escola, que havia agredido o professor. Já que o estudante era filho de um deputado influente, o Padre foi denunciado como subversivo.<sup>228</sup>

O diretor do colégio padre José Linhares Pontes descreve este como o mais ridículo espetáculo da história da "revolução", quando o colégio foi cercado por trezentos militares no intuito de reprimir a homenagem. O episódio teria sido noticiado pelo *Jornal do Brasil* e pela *BBC* de Londres. Todavia, os estudantes não se curvaram à repressão, e, em acordo com a direção do colégio, receberam os diplomas debaixo de uma árvore, passando despercebidos pelos militares, os quais pernottaram à porta do Colégio Sobralense, por motivo de as luzes estarem acesas, esperando pelos aplausos que não aconteceram.<sup>229</sup>

O grande paradoxo é que Guevara era o terceiro homenageado numa lista que começava com o Papa João XXIII, seguido do bispo Dom José Frota. Tinha como *Patrono* o Deputado Federal General Josias Ferreira Gomes e *Paraninfo* o prefeito Jerônimo Medeiros Prado, ambos membros da ARENA local. A justificativa, de um aluno, do nome da turma ser o do

227 VAN 'Ool, Padre Pedro. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra e gravada em 07 de julho de 2004.

228 VAN 'Ool, Padre Pedro. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra e gravada em 07 de julho de 2004.

229 PONTES, José Linhares. Entrevista concedida à autora em 23 de novembro de 2012.

General Josias F. Gomes era a escolha fazer parte de uma estratégia do grupo para não chamar muita atenção, já que, naquela época, batizar turmas com nomes de personalidades era comum, assim como da necessidade da turma por patrocinadores para uma excursão à Bahia. O ex-estudante diz que os dois líderes ficaram em maus lençóis por essa homenagem.<sup>230</sup>

Este foi o convite da turma de Humanistas do Colégio Sobralense de 1967.

**Figura 13** - Convite de formatura do Primeiro Grau dos estudantes do Colégio Sobralense, em 1967



Fonte: Acervo João R. Paiva.

O jornal *O Povo* publicou uma nota sobre o assunto sem nenhum comentário: “GUEVARA – os Humanistas de 1967, do Colégio Sobralense, assinalaram no convite para a sua festa de formatura, uma homenagem póstuma ao guerrilheiro Che Guevara, recentemente mor-

230 PAIVA, João Ribeiro. Entrevista concedida à autora e gravada em 17 de agosto de 2010.

to na Bolívia”.<sup>231</sup> Entretanto, o episódio não passou despercebido pelos militares. Agentes do DOPS se deslocaram a Sobral para proceder à investigação. O relatório confirma que a motivação para escolha do guerrilheiro foi a pesquisa proposta pelo professor de portugueses.

Com o recebimento do telegrama da 10ª Região Militar, que, segundo Ribeiro, dizia: “*As Forças Armadas Brasileiras mobilizadas por mar, terra e ar, não permitirão a realização desta festa*”, a festa teria sido adiada para o dia 13 de dezembro, e o fato teria causado indignação na sociedade local. O relatório diz que, em um cartaz encontrado num bar, os concluintes foram chamados de *Guevaras*, e o padre Osvaldo Chaves, de causador do movimento. Um comerciante indignado reuniu pais de estudantes, prometendo acabar com a festa, se ela fosse levada adiante. Os agentes descrevem, inclusive, que o delegado local teria se disponibilizado a proteger os humanistas, se a promessa do comerciante fosse levada a cabo, como forma de manter a ordem.<sup>232</sup>

Ainda de acordo com o relatório, o movimento recebia reação também de membros religiosos, alguns contrários aos estudantes, e outros a favor. Em entrevista aos agentes, Monsenhor Sabino Loiola afirmava estar disposto a fazer um abaixo-assinado junto à população e às autoridades para evitar a realização da homenagem. Sabino teria informado que a frase que aparece no convite: “*Ninguém tem maior amor que o daquele que dá a vida por seus irmãos*”, teve a palavra irmãos colocada no lugar original bíblico de AMIGOS<sup>233</sup>, e que tudo teria começado há quatro anos, quando um seminarista, depois padre, foi à França e manteve contato com essa linha doutrinária, fundando o jornal *Brasil Urgente*, em São Paulo, o qual o Padre José Linhares, à época, Reitor do Seminário e Diretor do colégio, teria ajudado a divulgar entre os estudantes e seminaristas. Dom Frago, bispo de Crateús, aparece no

231 SOARES, José Maria. Coluna de Sobral. *O Povo*. Fortaleza, 27 de novembro de 1967. Arquivo Biblioteca Nacional. RJ.

232 CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório de Viagens a Sobral*. 14 de dezembro de 1967. 5p.

233 “Ninguém tem maior amor do que este: de dar a alguém a sua vida pelos seus amigos” (João, 15.13).



relatório como uma referência para os estudantes sobralenses, que planejaram uma visita a Crateús, e distribuíram em Sobral uma pequena quantidade do manifesto de autoria do bispo: “*O bispo de Crateús e Cuba – trechos do discurso de D. Fragozo ao povo*”.<sup>234</sup>

Sobre a confecção dos convites, o relatório confirma que os estudantes tiveram dificuldade em encontrar uma gráfica que os imprimissem e confirma a autoria do trabalho artístico por um fabricante de flâmula da cidade. Os estudantes teriam recebido a solidariedade de entidades estudantis, como a UNE, UBES, DCE, CESC e outras entidades de quase todo o Brasil.<sup>235</sup>

O orador da turma, João Ribeiro, confirma a versão dos professores sobre o episódio e lembra que, quarenta anos depois, a turma GUEVARA pensou em pôr em prática o desejado projeto, chegando a contatar a filha de Ernesto Che Guevara para representar o pai na homenagem devida, o que não se consolidou. Quando descreve a confecção do convite e a escolha dos homenageados, fica claro, na fala do depoente, que aquelas eram escolhas conscientes: um general no nome da turma e o Che Guevara no final da lista para não chamar a atenção. Os estudantes discordavam do regime vigente, mas sabiam que precisavam ser cautelosos para enfrentá-lo.

### **2.2.2.2 A Passeata pela Avenida do Estudante**

O Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota era a maior escola pública de ensino ginásial da cidade, muito respeitado pelo nível de ensino e aprovação nos vestibulares. Os professores eram os mesmos das boas escolas particulares da cidade, o Colégio Sobralense e o Colégio Sant’Ana, ambos sob a direção da diocese de Sobral. O Grêmio Estudantil Domingos Olímpio é citado como importante organização política dos estudantes dessa escola.

234 CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório de Viagens a Sobral*. 14 de dezembro de 1967. 5p.

235 Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório de Viagens a Sobral*. 14 de dezembro de 1967. 5p.

No ano de 1968, uma passeata dos estudantes do Estadual terminou na prisão de alguns estudantes. Segundo depoimento do estudante Francisco Lopes,<sup>236</sup> presidente do Centro Estudantil Sobralense, que participou da manifestação, o objetivo da passeata era reivindicar a construção de uma avenida de acesso à escola, já que a estrada que levava à instituição ficava intransitável nos períodos chuvosos.

Em 1968, o jornal *Correio da Semana* discutia boletins escritos por estudantes reivindicando a solução do problema:

**A juízo os fatos. Os estudantes tem razão.**

A uma semana circulava pela cidade dois boletins que se sabe escritos pelos nossos estudantes. Vasados no direito que lhe assiste de reivindicar e no solidarismo, tão peculiar e justo, a uma classe que se conscientiza, e que deixa de ser uma passagem para se auto afirmar e determinar como um Estado. Analisando com sensatez e sem preconceitos, vemos que suas reivindicações se cingem de VERDADE E ANSEIOS.

Talvez a maioria dos sobralenses não desconheça a estrada que dá acesso ao Colégio Estadual. Mas faze-la, diariamente, numa ida e retorno necessários, obrigando-se a se descalçar para enfrentar o lamaçal, bancar o malabarista para safar-se aos respingos de lama, dos veículos passantes, tudo isso ainda misturado com escuro... e agravado pelo ver de uma via asfaltada e iluminada dando acesso a um clube quase solitário... Paciência!.

[...]

A JUÍZO OS FATOS. OS ESTUDANTES TEM RAZÃO.<sup>237</sup>

Foram encontradas ainda, no jornal, notícias de que o projeto da *Avenida do Estudante* estava em fase de conclusão e que seria uma grande realização do prefeito Jerônimo Prado, no entanto a passeata era um indício de que o projeto não foi posto em prática.<sup>238</sup> Francisco Lopes e outros estudantes foram presos e levados à delegacia. As três principais escolas da cidade fecharam; estudantes e professores se aglomeraram em frente à delegacia em protesto. O ex-aluno Edilson Aragão relembra o episódio:

236 LOPES, Francisco. Entrevista concedida à historiadora Viviane Bezerra Prado e gravada em 07 de julho de 2004.

237 *Correio da Semana*. Sobral, 18 de maio de 1968, p. 2.

238 *Correio da Semana*. Sobral, 29 de junho de 1968, p. 2.

E eu saí do Colégio Sobralense pendurado na rural do Pe. Luizito. Do São João descemos ali para a prefeitura que é o prédio da Câmara hoje [...]. O Chico Lopes foi preso naquele momento, e eu vi o sofrimento da mãe o tempo todo, e aquilo foi brotando em mim o sentimento de participação. Eu tinha 11 anos de idade e até hoje as imagens não me saem da memória.<sup>239</sup>

Para Chico Lopes, a manifestação de apoio ocorria por tais razões: a construção da avenida era fundamental para os estudantes terem acesso ao Colégio Estadual, durante o período de chuvas, já que a via ficava intransitável, e o fato de os detidos serem estudantes de conduta respeitável na sociedade local.<sup>240</sup> Ele acredita que o que os salvou efetivamente de serem enviados para o 23º Batalhão de Caçadores do Exército (23BC), em Fortaleza, um dos porões da ditadura no Ceará, foi a estratégia política de entregar a filha do coronel da polícia local como líder do movimento. Segundo ele, a filha do Coronel Pratagil, comandante da Delegacia Regional e Especial de Sobral, estava infiltrada no Centro Estudantil. Cientes desse fato, os estudantes a colocavam à frente de todas as manifestações, para que, nos momentos da repressão, eles fossem protegidos. Foi o que ocorreu no episódio da passeata: como a suposta líder do movimento era filha do Coronel, o caso foi encerrado e os estudantes liberados depois do interrogatório:

Nós fizemos uma chantagem com a filha do Coronel, porque nós sabíamos que ela era espiã, a filha do Coronel Pratagil, eles sabia que ela era espiã do pai, mas eles não se prepararam, mandaram que ela se infiltrasse no movimento estudantil, e nós sabendo que ela era filha do coronel, sem que ela soubesse que a gente tinha esse conhecimento, mandávamos sempre que ela tomasse todas as iniciativas. Quando nós fomos presos, a gente já sabia que ia ser presos, mandamos fazer a cobertura fotográfica de toda a atividade da filha dele. Foi o poder da contra-espionagem. [...] Nós preparávamos todo esquema e votávamos como se ela fosse a líder do movimento estudantil em Sobral.

239 ARAGÃO, Francisco Edilson Ponte. Entrevista concedida à autora em 30 de novembro de 2012.

240 LOPES, Francisco. Entrevista concedida à historiadora Viviane Bezerra Prado e gravada em 07 de julho de 2004.

Quando nós... era meio dia mais ou menos, fomos presos aqui na frente do Feirão da Moda, na praça José Sabóia, e eles nos iam levar para o 23 BC em Fortaleza, o CES naquela época tinha um advogado chamado Dr. Moacir Sobreira e tinha um promotor aqui em Sobral um promotor de justiça Dr. Adeil Cavalcante e o Dr. João de Deus e aquelas alturas todo o movimento intelectual de Sobral. Na hora que eu estava sendo investigado, prestando depoimento, eu citei que nós apenas acompanhávamos a menina, nem me lembro o nome dela. E quem é ela? Era filha do Coronel, e o Coronel para proteger a filha, pediu que deixasse as coisas sem processo sem nada e desistiu de nos mandar pra Fortaleza.<sup>241</sup>

Vários depoentes afirmam que, depois deste fato, qualquer grupo de conversa pelo centro da cidade era disperso pela polícia. Não foi encontrada nenhuma referência a esse episódio específico na documentação do DOPS, embora seja frequente a referência ao Centro Estudantal como foco subversivo.

### ***2.2.2.3 O projeto de explosão do palanque de 7 de setembro de 1969***

As comemorações do dia 7 de setembro, consolidada como data cívica, tornaram-se alvo de crítica dos movimentos sociais ao longo da história do Brasil. Nas últimas décadas, diversos setores da sociedade civil, entre eles a Igreja Católica, têm aproveitado o evento oficial para protestar contra a exclusão social. Nas décadas de 1960/70, a comemoração da Independência do Brasil, para os opositores da ditadura, perdia sentido. Marchar era uma apologia ao autoritarismo, empreendido pelos governos militares, portanto, o desfile do dia 7 de setembro deveria ser boicotado pela categoria estudantil. Esse discurso aparece num panfleto distribuído pelo Centro Estudantal Sobralense, em parceria com o CESC, na cidade de Sobral em 1968:

---

241 LOPES, Francisco. Entrevista concedida à historiadora Viviane Bezerra Prado e gravada em 07 de julho de 2004.

## POR QUE MARCHAR?

Liberdade significa justiça. Não é fome nem escravidão, mas como o Governo gosta sempre de botar o povo prá marchar obrigou a todos os colégios a desfilar em no dia 7 de setembro. E os estudantes vão embora forçados, comemorar o que na realidade não existe: Liberdade. A prova de que não existe é que nesse dia vão desfilar forçosamente ombro a ombro com aqueles que os perseguem, que os maltratam e que os matam em praças públicas: os militares. Não será isso uma incoerência?

Não será isso uma mentira pública, não será uma prova de que querem fazer do povo autênticos bestas? Será que eles pensam que o povo se conforma com a falta de condições de vida, com a falta de escolas e de tudo que ele precisa e que não tem?

O dia há de chegar. Ainda acreditamos na bravura de nosso povo, que é pacato, mas quando não pisam nos seus calos. E esse povo um dia há de sair às ruas, mas para comemorar a sua liberdade do regime capitalista, parasita e explorador. Avante/ para frente é que se vai ainda que a opressão dos militares e do Governo queiram sempre nos botar para trás. O estudante sabe o que quer por isso é inconformado e inquieto com a desorganização que ora sofre o seu país.

CESEC e CES.<sup>242</sup>

De acordo com relatório do DOPS, havia uma manifestação estudantil prevista para esse evento, mas foi previamente reprimida pela polícia. Este episódio está entre os fatos mais polêmicos na história do movimento estudantil sobralense. Segundo o ex-estudante Francisco Sabóia, havia um projeto de explosão do palanque das autoridades nas comemorações do dia 7 de setembro de 1969:

E nós tínhamos um plano, a minha turma, da gente assaltar o Tiro de Guerra, retirar todas as armas e munições, e também, a gente tinha outro plano de explodir o palanque, no dia 07 de setembro. 1969. Com todas as autoridades presentes. [...] Primeiro, a gente tinha que detonar a ponte, que só tinha uma entrada mais acessível

242 CEARÁ. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 23 de setembro de 1968. Panfleto Anexo. APEC (Datilografado). SABÓIA, Francisco. Entrevista concedida à autora e gravada em 03 de novembro de 2006.

pra Sobral que era pela ponte velha, Otton de Alencar. A gente explodindo a ponte, pronto. Como é que ficaria a entrada? (Inaudível)... fosse de Fortaleza era muito difícil. Se viesse pela Serra Grande, demorava muito. Mas é... eu não sei se era utopia nossa, que a gente era muito jovem, então a gente sonhava alto.<sup>243</sup>

Sabóia relata que o plano foi descoberto pelos militares e alguns dos seus colegas presos: Márcia Barreto, Fernando Agripino e Amilcar Ximenes Pontes, entre outros estudantes do Estadual e do Sobralense. O estudante João Ribeiro, do Colégio Sobralense, afirma que ouviu falar do projeto da bomba, mas não tinha maiores informações a respeito do episódio. Outros depoentes dizem não acreditar na existência do plano. Para o ex-estudante Francisco Lopes, foi uma invenção dos militares para prenderem os estudantes que assumiram o movimento depois dele.<sup>244</sup> Alguns professores do Sobralense não acreditam; acham que a prisão dos estudantes foi apenas uma forma dos militares manifestarem seu poder ou fatos isolados sem expressão política de resistência.<sup>245</sup> O certo é que os estudantes foram presos sob esse argumento.

Um Dossiê do DOPS confirma, em grande parte, a versão contada pelo estudante Francisco Sabóia. De acordo com a fonte, três pessoas foram presas, carregando instrumentos que seriam usados para explosão do palanque das autoridades, no dia 07 de setembro, e da Ponte Otton de Alencar, que liga Sobral a Fortaleza. A explosão da ponte, de acordo com os depoimentos dos detidos, objetivava o assalto ao carro pagador da REFESA, que, em data programada, passava pelo local. Entre os detidos estavam: um estudante menor e dois adultos. Dentre os três, apenas um dos adultos foi preso, já que o segundo era delator da polícia, ajudando, portanto, na prisão dos envolvidos.<sup>246</sup>

243 SABÓIA, Francisco. Entrevista concedida à autora e gravada em 03 de novembro de 2006.

244 LOPES, Francisco. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra e gravada em 07 de julho de 2004.

245 CHAVES, Padre Osvaldo. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra e gravada em 23 de julho de 2004.

246 DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. Dossiê da Delegacia de Ordem Política e Social/Ceará. *Inquérito n° 41*. Início 10 de setembro de 1969.

Os detidos foram acusados de prática de terrorismo:

### **PORTARIA**

Tendo sido prêso em flagrante delito e apresentado nesta delegacia o indivíduo (fulano de tal), e colhido em igual condição, o menor (fulano de tal), quando os mesmos, as 22:00 horas de hoje, em frente ao Pôsto Esso, nesta cidade de posse de um estopim e de uma tampa de cortiça, procuravam meios para confecção ou aquisição de uma bomba, com que pretendia destruir o palanque das autoridades, no dia 7 de setembro, armado à praça Dr. Antônio Ibiapina, nesta cidade, numa autêntica demonstração terrorista, tudo indicando fazerem parte de uma rede subversiva, determino que, atuada em Portaria, se lavre contra o primeiro o respectivo auto de prisão.

Determino também que, depois, sejam os ditos elementos apresentados à Secretaria de Polícia, para os devidos fins, em virtude de quererem por em prática atos contra a Segurança Nacional. [...].<sup>247</sup>

Embora haja uma convergência de informações, é curioso que os depoentes cite os mesmos episódios sem que eles se relacionassem pessoalmente. Em alguns casos, eles sequer se conheceram, porém são unânimes em afirmar que os estudantes estavam engajados na oposição à ditadura e que contaram com a participação e a proteção de membros da Igreja Católica sobralense.

### **2.2.3 Os Comunistas e o MDB**

A atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na região norte do Ceará teve como principal cenário a cidade de Camocim, a 127 km de Sobral. Em *Cidade Vermelha*, o historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos analisa a atuação do PCB no meio operário na cidade de Camocim-CE. Ele afirma que, em um contexto em que a economia gravitava em torno do porto e da ferrovia, a militância comunista encontrou nesse

247 PORTARIA. Delegacia Especial de Polícia em Sobral. 6 de setembro de 1969, p. 2. In: DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. Dossiê da Delegacia de Ordem Política e Social/Ceará. *Inquérito n° 41*. Início 10 de setembro de 1969.

operariado um terreno fértil para difusão das ideias socialistas e comunistas, fazendo dessa cidade um referencial na história do PCB no Ceará.<sup>248</sup>

Em Sobral, nessa mesma região, a atuação do partido aparece na história do marceneiro Francisco Albertino Silva, conhecido como Chagas Albertino e do comerciante/garçom, João Sales. A militância de Albertino, que tinha como nome de guerra “Sampaio”, teve início nos anos 50, transformando sua casa em Quartel General do partido, local onde ocorriam reuniões e estudos e onde se hospedavam companheiros. Dois jornais eram lidos pelos militantes, *A Voz Operária*, editado no Rio de Janeiro e o *Democrata*, em Fortaleza, os mesmos lidos pelos comunistas em Camocim.

Segundo o ex-militante Raimundo Constâncio (conhecido como Raimundo Albertino), a perseguição era muito forte, por isso a atuação do partido se dava principalmente por meio de pichações. “*Paz, pão, terra e liberdade*”, era uma das frases mais pichadas. A única prisão política do seu pai, Chagas Albertino, foi no início dos anos 50. Ele descreve que houve um saque ao mercado de Sobral pelos flagelados da seca de 1958, quando na oportunidade, o senhor Albertino fazia compras no local. Reconhecido por um policial como militante comunista, Chagas Albertino foi acusado e preso pela autoria do episódio. Outros companheiros de Albertino foram presos em suas residências, e todos foram enviados à sede do DOPS, em Fortaleza, onde permaneceram por mais de vinte dias. De acordo com o depoente, nenhuma prova foi encontrada e os suspeitos foram liberados, sem sofrer torturas.

O aniversário da Revolução Russa de 1917 e da fundação do Partido Comunista no Brasil (1922) também eram motivos de manifestação dos militantes. Segundo o depoente, cada militante soltava um rojão, altas horas da noite, em diversos pontos da cidade, em comemoração a essas datas.<sup>249</sup> Um relatório do DOPS, de 1967, descreve que, na semana do aniversário da Revolução Comunista Russa, a cidade foi pichada com frases do tipo: “*Os intelectuais também querem o socialismo*”; “*Uma*

248 SANTOS, Carlos A. Pereira dos. *Cidade Vermelha – a militância comunista nos espaços de trabalho. Camocim-CE (1927-1950)*. Fortaleza, UFC/UFRJ, 2007.

249 CONSTÂNCIO, Raimundo, filho de Chagas Albertino. Entrevista concedida à autora e gravada em 27 de fevereiro de 2011.



*bomba atômica tem poder para destruir uma cidade de 200 000 pessoas*”; “*Viva Prestes*”; “*Viva o Partido Comunista do Brasil*”, e uma grande quantidade de panfletos foi distribuído nas fábricas.<sup>250</sup>

**Figura 14 -** Raimundo Constâncio, filho de Chagas Albertino



**Fonte:** Acervo da autora.

Apesar de todas essas expressões, Raimundo Constâncio afirma que o movimento operário não era tão articulado em Sobral, contando com poucos membros efetivos. Constâncio diz que o pai, Chagas Albertino, com nome de guerra Sampaio, acreditava ter recebido Luis Carlos Prestes, em sua residência. Albertino relatou que, num certo dia, um companheiro chegou à residência da família, apresentando-se como Plácido, e pediu um lugar reservado para dormir. Não conversou, não se alimentou nem aceitou nenhum conforto, dormindo numa porta sobre o chão, e foi embora antes que todos acordassem. Tempos após o ocorrido, vendo uma foto do líder, o senhor Albertino estava certo de que o companheiro que hospedara, era Prestes.<sup>251</sup> Um historiador local garante que Prestes jamais passou por Sobral.

250 ESTADO DO CEARÁ. SECRETARIA DE POLÍCIA E SEGURANÇA PÚBLICA. DELEGACIA REGIONAL E ESPECIAL DE POLÍCIA. Relatório. Sobral, 14 de dezembro de 1967, p. 3. 5p.

251 CONSTÂNCIO, Raimundo. Entrevista concedida à autora e gravada em 27 de fevereiro de 2011. Chagas Albertino faleceu aos 83 anos, em Sobral no ano de 1984.

O nome de Chagas Albertino aparece nos relatórios policiais de Práticas Políticas e Sociais em Sobral, em 1967 e 1968, atuando com João Sales,<sup>252</sup> o nome mais conhecido da presença do PCB na cidade durante a ditadura de 1964. Sales foi garçom e proprietário dos bares *Antártica* e *Crepúsculo* na década de 1960.

**Figura 15** - João Sales, militante do PCB



**Fonte:** Acervo Osmarina do Nascimento.

Segundo fontes da Associação Anistia 64/68 em Fortaleza, João Sales militava na esquerda desde a década de 1930, como membro da Aliança Nacional Libertadora (ANL), que resultou em duas prisões (1935 e 1936). Foi preso pela terceira vez como membro do Partido Republicano Socialista (PRS), também em 1936 e, na quarta vez, pela militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1940. De acordo com as mesmas fontes, suas atividades políticas se iniciaram em Forta-

252 ESTADO DO CEARÁ. SECRETARIA DE POLÍCIA E SEGURANÇA PÚBLICA. DELEGACIA REGIONAL E ESPECIAL DE POLÍCIA. Relatório. Sobral, 14 de dezembro de 1967, p. 3. 5p.

leza, onde residiu durante boa parte de sua vida, como proprietário dos bares/restaurantes *Gruta e Flôr do Mar*. Entrou na clandestinidade nos fins dos anos 40 refugiando-se na Amazônia, onde passou a viver como garimpeiro. Voltou ao Ceará nos anos 60, instalando-se na cidade de Sobral, onde foi preso pela quinta vez, acusado de incentivar a formação de uma *Frente Familiar Cristã*, contra a ditadura:

Nesta data [26-09-68] foi constatado que JOÃO SALES vem mantendo contactos constantes e sucessivos com operários e camponeses, fazendo abertamente proselitismo do comunismo. Juntamente com Chagas Albertino [Albertino], carcereiro da CADEIA PÚBLICA DE SOBRAL vem promovendo pichações esquerdistas, nos principais pontos da cidade. O epigrafado fez abertamente uma arrecadação para financiar os movimentos esquerdistas, indo às residências de SOBRAL, além de organizar reuniões nas casas de família, estimulando a formação de uma “FRENTE FAMILIAR CRISTÃ”, contra a ditadura.

Preso nesta data [14-10-1968] por exercer atividades subversivas e entregue à SDR DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL.<sup>253</sup>

Em relatório do DOPS, sobre as atividades políticas e sociais em Sobral, Sales também aparece próximo a religiosos, conforme segue:

No dia 7 de setembro, das 17:00 as 18:30 horas, vimos reunirem-se em torno de uma mesa, na capela do Colégio Sobralense, o Pe. José Linhares Ponte, o Pe. Luizito e o comunista João Sales e mais quinze mulheres de classe operária, onde parecia tratar de assunto extra religião, animadamente.<sup>254</sup>

Nesse documento, ele é descrito como autêntico comunista, que afirma ter uma filha vivendo na URSS e prega a doutrina comunista

253 DEPARTAMENTO DE ORDEM PÚBLICA E SOCIAL – DOPS. Secretaria de Polícia e Segurança Pública – SPSP. Secretaria de Investigação e Segurança Política – SISP. *In*: Processo de Indenização de João Sales. Dossiê do DOPS. p. 18. Acervo Associação Anistia 64/68. Fortaleza-CE.

254 CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 23 de setembro de 1968. 3p.

aos seus fregueses. Como líder, está sempre em contato com camponeses e operários e é um pichador ativo, acompanhado pelo carcereiro Chagas Albertino.<sup>255</sup> Raimundo Constâncio lembra que seu pai participava das reuniões no Abrigo e diz que, quando interrogado pela polícia, a primeira pergunta feita a qualquer militante de esquerda era se participava das reuniões do padre Luizito.<sup>256</sup>

Paulo Graco Sales, filho de João Sales, o qual o acompanhou durante muitos anos de sua vivência na cidade de Sobral, diz que a Frente acima citada era um grupo político-religioso, formado por pessoas que liam a realidade nacional à luz da Bíblia. As reuniões ocorriam no Abrigo, mas a Frente foi suprimida pela ameaça dos militares, que viam naquilo um movimento subversivo.

As reuniões eram lá no abrigo, ali perto do Sobralense, eles faziam as reuniões às cinco horas. A DOPS foi até lá pra prender todo mundo. Aí meu pai pegou a bíblia e disse assim: bom, nós estamos lendo aqui a bíblia, vocês estão prendendo a gente porque Jesus Cristo disse: dividir o pão, o que isso? É socialismo. Aí entrou os padres também pra concordarem com essa tese, nós não estamos aqui fazendo Frente, nós estamos aqui trabalhando, conscientizando o povo, pra fazer uma reunião, abria a bíblia e explicava o que a bíblia de Jesus Cristo queria pra humanidade. [...]. Nesse momento ele não foi preso, eles foram ameaçados, aí mandaram parar com as reuniões. ***Mas existia um grupo com esse nome?*** Existia, Frente Familiar Cristã que o meu pai participava.<sup>257</sup>

Para Graco, Sales era um “comunista católico”. Para justificar aos militares a justeza de seus atos ele afirmava: “Jesus Cristo era socialista”.<sup>258</sup>

A prisão de Sales foi noticiada em vários jornais da capital no dia 16 de outubro de 1968: *Comunista Preso* – Tribuna do Ceará; *DOPS*

255 CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 14 de dezembro de 1967, p. 5. 5p.

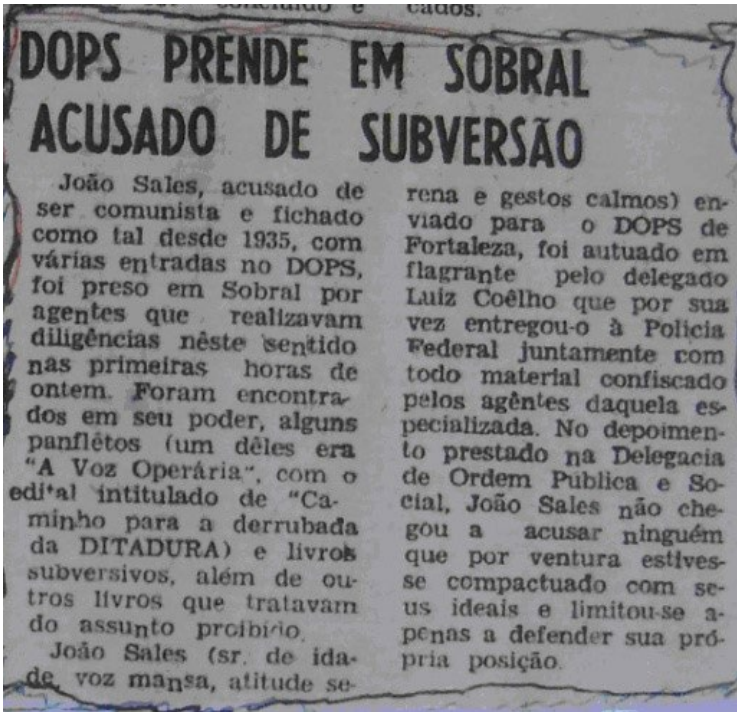
256 CONSTÂNCIO, Raimundo. Entrevista concedida à autora em 27 de fevereiro de 2011.

257 SALES, Paulo Graco. Entrevista concedida à autora em 15 de setembro de 2010.

258 CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 14 de dezembro de 1967, p. 5. 5p.

*prende em Sobral acusado de subversão - Gazeta de Notícias; D.O.P.S prende comunista e apreende material subversivo – Unitário*<sup>259</sup>, mas para Graco, o motivo da prisão foi um desentendimento com um cliente policial. Por esse crime, Sales foi processado. Julgado inocente, foi absolvido pela Auditoria Militar da 10ª Região, no Ceará.<sup>260</sup>

**Figura 16** - Notícia da prisão de João Sales. Gazeta de Notícias. Fortaleza, 16 out. 1968



**Fonte:** Acervo Associação anistia 64/68.

Sales foi eleito suplente de vereador por duas legislaturas. Como o PCB estava na ilegalidade, candidatou-se pelo MDB, um importante aliado do PCB no período. O MDB, apesar de criado para representar uma oposição consentida, teve sua estrutura aproveitada pelas esquerdas criando os “autênticos do MDB”. Com a vitória eleitoral de 1974,

259 CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 14 de dezembro de 1967, p. 5. 5p.

260 DEPARTAMENTO DE ORDEM PÚBLICA E SOCIAL – DOPS. Secretaria de Polícia e Segurança Pública – SPSP. Secretaria de Investigação e Segurança Política – SISP. *In*: Processo de Indenização de João Sales. Dossiê do DOPS. p. 18. Associação Anistia 64/68. Fortaleza-CE.

ele passou a canalizar o descontentamento dos mais variados setores da sociedade contra o regime militar, tendo papel importante na “Campanha pelas Diretas” e na negociação que levou ao fim do regime.<sup>261</sup> Segundo o historiador Rodrigo Motta, o PCB foi o único grupo organizado de esquerda que se ligou ao MDB desde o início:

O MDB se ajustava bem à estratégia estabelecida pelo PCB para enfrentar o regime militar. Na sua avaliação, era necessário construir uma frente democrática para tornar possível a derrota da ditadura, envolvendo todos os setores da oposição. Assim, o MDB foi encarado como espaço privilegiado para o estabelecimento da almejada frente democrática. O PCB manteve sua estrutura clandestina em funcionamento, mas orientou a maior parte de seus militantes para a atividade legal dentro do MDB, partido a que deveria filiar-se e ajudar a construir.<sup>262</sup>

Além do MDB, Sales tinha boas relações com Prado e Ferreira Gomes, chegando a subir no palanque de campanha, já que, em Sobral, o MDB não constituía propriamente uma oposição ao regime, tanto que alguns emedebistas apoiavam Prado, e outros, Barreto.

João Sales faleceu no ano de 1987, com 81 anos na cidade de Sobral.<sup>263</sup> Em texto usado como subsídios para o relatório no processo de indenização da Comissão de Anistia, sua filha Glice Sales, assim o descreve:

[...] sempre foi **duro na queda**, íntegro, autêntico que sempre se opunha a qualquer gesto arbitrário, quando via o mais fraco oprimido pelo mais forte. Aquilo era incompatível a sua natureza. O homem que era visto sempre arrodado de gente, tão simples quanto ele, dando cor e sentido a palavra igualdade, alentando os fracos que se fortaleciam do seu entusiasmo, de sua fé nos homens, quando estes despertam para uma retomada de direitos. Quando erguia a voz, expressivamente calma, era movido pelo entusiasmo de esclarecer, com firmeza e con-

261 ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Orgs.). *Revolução e Democracia – 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (Coleção As Esquerdas no Brasil, vol. 3), p. 336.

262 MOTTA, Rodrigo P. Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Orgs.). *Revolução e Democracia – 1964...* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (Coleção As Esquerdas no Brasil, vol. 3), p. 291.

263 Morreu de Acidente Vascular Cerebral, Diabete Mellitus e Hipertensão Arterial. Fonte: Certidão de óbito. João Sales. Cartório Édison Almeida, 16 jul. 1999. Sobral-CE.

vicção, o que aprendera dele mesmo, do seu contexto de menino sem infância e sem livros, avaliando os gritantes contrastes humanos desta vida, com seus olhos ávidos e sua mente livre.

Nos bares de sua propriedade, não lhe faltavam ouvintes, nem nas praças abertas para a liberdade de seus pensamentos. Uns, assustados, outros, coniventes com as suas idéias de fraternidade e desejo de luta. [...]

Meu pai era imprescindível!!<sup>264</sup> (Grifo da autora)

O estudante João Ribeiro diz ter conhecido João Sales e lembra que o seu bar se localizava, no centro da cidade, próximo ao cinema, ponto de encontro dos jovens militantes. Havia muito folclore a respeito da imagem desse comunista, que, porém, não condizia com a realidade, pois ele aparentava ser um homem muito simples.<sup>265</sup> Raimundo Constâncio, filho de Albertino, o qual conheceu a trajetória de Sales, garante que o comunista era um homem corajoso e questionador do regime vigente.

É paradoxal que o comunista mais famoso da cidade fosse católico, comerciante respeitado e com boas relações com grupos políticos divergentes do seu (ARENA e MDB), mas isso não o desqualifica como esquerdista e opositor do regime. Muitos militantes reprimidos pela ditadura descobriam nos cárceres o que era ser um comunista. Sales teve sua vida dedicada à luta política e tinha tanta convicção da sua ideologia e ação política que a assumia publicamente, mesmo ciente dos riscos a que se expunha. Não poupou argumentos para questionar suas detenções e nem mesmo as “boas” relações com o poder local o protegeu suficientemente da repressão.

Sales matinha um bom relacionamento com os Prado, e Albertino, com os Barreto. Ambos apoiaram as candidaturas do MDB para deputados e vereadores. Com a volta do pluripartidarismo e a mudança da sigla para PMDB, os partidos de esquerda, nascidos na década de 80, com representação em Sobral, uniram-se ao PMDB na luta pelo fim da ditadura e da hegemonia de Prado e Barreto, no poder municipal.

264 Texto de Glice Sales, filha de João Sales, anexado ao relatório do processo de Indenização de João Sales. Acervo Associação Anistia 64/68. 2p.

265 PAIVA, João Ribeiro. Entrevista concedida à autora e gravada em 16 de agosto de 2010.

## 2.2.4 Os artistas - O Festival Mandacaru

De acordo com Marcos Napolitano,<sup>266</sup> os Festivais de Música Popular televisivos no Brasil ocorreram com mais frequência entre 1965 e 1968, tendo como palco as TVs Excelsior e Record, constituindo, de certo modo, uma oposição ao iêiêiê da jovem guarda. Embora a canção de protesto não fosse a sua principal característica, é nesse meio que ela se consolida, paralela a uma nascente indústria cultural que viu nesse estilo um promissor investimento. Entre 1966-67, diz o autor, “o triunfo da MPB era ao mesmo tempo, um triunfo político, termômetro da popularização de uma cultura de resistência civil ao regime militar”, que incluía desde membros da corrente engajada e nacionalista até a imprensa liberal, decepcionada com o que se mostrava ser a consolidação do golpe que eles haviam apoiado, certa de que seria provisório.<sup>267</sup>

Napolitano diz que esse modelo de festivais praticamente se esgotaria em fins de 68, não apenas pela repressão política, mas também pela aceleração de produção da indústria cultural, que acabou minando muitas fontes de arte musical. E esse ciclo ficaria para história do Brasil como um “tesouro perdido” da experiência cultural coletiva em que arte, política e lazer pareciam se confundir.<sup>268</sup>

Essa cultura dos festivais se estenderia por todo o Brasil, ocupando também os espaços do rádio, do teatro, das praças e das universidades. No Ceará, segundo Wagner Castro,<sup>269</sup> a reorganização musical cearense, ocorrida a partir da década de 60, tem duas matrizes: uma no Conservatório, organizando festivais, e a outra na nascente ‘Música Popular Cearense’, que buscava novas melodias e referências poéticas. Não havia uma preocupação com a estética musical a seguir, mesmo com as referências da Bossa Nova e do Tropicalismo. A singularidade da música popular cearense apareceria nos Festivais Nordestinos de 1969,

---

266 NAPOLITANO, Marcos. Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS, D. A. *O golpe militar e a ditadura – 40 anos depois*. São Paulo: Edusc, 2004, p. 205.

267 *Ibid.*, p. 210-211.

268 *Ibid.*, p. 216.

269 CASTRO, Wagner. *No tom da canção cearense – do rádio e tv, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979)*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.



com letras mais verbalizadas na visualização da cidade, um forte teor poético, quase sempre sem refrão.<sup>270</sup>

Os festivais viraram um meio de expansão cultural da música cearense, originária principalmente da universidade, embora não necessariamente com engajamento político. Fortaleza, Crato e Sobral eram as sedes dessas disputas em nível local, mas eles se estenderiam aos níveis regional e nacional. A expansão da música cearense na voz dessa geração constituiria o que se chamou de *Pessoal do Ceará*. De acordo com as pesquisas sobre o tema, esse título foi atribuído a alguns jovens cantores como Fagner, Belchior, Ednardo, entre outros, quando eles se aventuraram no Rio de Janeiro e São Paulo, em busca de uma carreira musical, embora não tenham constituído propriamente um grupo.<sup>271</sup>

De acordo com Castro, *O Pessoal do Ceará*, embora não contemple todos os músicos dessa geração, acabaram virando o referencial da MPB no Ceará da década de 60 e 70, período em que eles gravaram LPs e voltaram ao estado como júri de outros festivais, principalmente como artistas consolidados da música brasileira, divulgando seus trabalhos.<sup>272</sup>

Os trabalhos sobre os festivais de música no Ceará não fazem nenhuma referência à cidade de Sobral, contudo, foram encontradas, na pesquisa da história local, fontes que informam sobre a ocorrência de vários festivais. Segundo o músico Vicente Lopes, premiado em três festivais sobralenses, o primeiro festival de música em Sobral ocorreu em 1973 - o *Festival Intercolegial da Canção*, realizado pelo Colégio Sobralense, do qual ele era estudante. Ele reforça a informação de que o Sobralense foi celeiro da cultura em Sobral no período, ao lado do Colégio Estadual. Isso, para ele, teria inspirado a produção de outros festivais.

Em 1975, aconteceu o I FEMUTE – Festival de Música do Tesoura. *A Tesoura* era um jornal produzido pelos estudantes do 2º grau do Colégio Sobralense, desde 1974, que circulava como anexo do jornal de circulação estadual, *Tribuna do Ceará*. De acordo com a matéria, os

---

270 *Ibid.*, p. 269- 270.

271 CASTRO, Wagner. *No tom da canção cearense – do rádio e tv, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979)*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

272 *Ibid.*

candidatos eram alunos do 1º e 2º graus do Sobralense e do Estadual. A música premiada foi “*O Velho*”, de Aragão Guimarães, e o evento ocorreu no Derby Club, em 04 de outubro de 1975.<sup>273</sup>

Nesse mesmo ano, teria início o mais consistente dos festivais sobralenses, o *Festival do Mandacaru*. De acordo com Haroldo Holanda, que coordenou as quatro versões do festival junto com Clodoveu Arruda (ex-prefeito de Sobral) e muitos colaboradores, o Festival Musical do Mandacaru era de âmbito estadual e aconteceu de 1975 a 1978, sempre com o Teatro São João lotado nos seus dois dias de realização. O evento, que tinha como slogan em seus cartazes “a serviço da música popular brasileira”, mostrou o talento de muitos músicos cearenses. O evento teve o patrocínio da Prefeitura Municipal de Sobral e do Banco do Estado do Ceará (BEC)<sup>274</sup> e marcaria a reabertura do teatro na cidade.<sup>275</sup>

Lopes teve sua música *Canto do Cisne*, premiada com o primeiro lugar.

A cultura dos festivais do período teria contribuído para o sucesso do evento que se repetiu por mais quatro versões até 1986, ganhando dimensão estadual, conforme se constata em notas de jornais da capital, que divulgaram várias versões do festival. Esse dado é importante, considerando que alguns dos festivais ocorridos em Fortaleza foram pouco divulgados por essa mesma imprensa.<sup>276</sup>

A segunda versão do festival ocorreu em 1976 e foi noticiada no jornal *O Povo*:

---

273 *A Tesoura*. Órgão da 1ª série de 2º grau do Colégio Sobralense. Encarte da Tribuna do Ceará produzido por estudantes do Sobralense em nov. de 1975. 8p. (última edição).

274 HOLANDA, Haroldo. Os festivais de música e a musicalidade dos professores. Fortaleza, CEFET, 2008 (Monografia do curso de Pós-Graduação em Música).

275 *Correio do Ceará*. Fortaleza, 04 de novembro de 1975. Acervo José Maria Soares. MUSEU D. JOSÉ.

276 Castro afirma isso quando fala da dificuldade das fontes.

**Figura 17** - Cartaz do Festival de 1976, criado pelo pintor Nando



**Fonte:** Acervo Vicente Lopes. Sobral, 2010.

Festival do Mandacaru  
dias 29 e 30 em Sobral.

Sobral (Sucursal) – Realizar-se-á nos próximos dias 29 e 30 o II Festival do Mandacaru numa promoção dos universitários desta cidade e com o decisivo apoio da Prefeitura Municipal e da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Mais de 30 músicas já estão inscritas para o festival cuja comissão escolherá a melhor, dentre dez, previamente escolhidas. O Festival Mandacaru se realizará no Teatro São João.

A composição classificada em primeiro lugar receberá um prêmio de Cr\$ 2.500,00, o 2º lugar no valor de Cr\$ 1.300,00 e o terceiro lugar Cr\$ 750,00. Ainda como parte

das realizações do Festival do Mandacaru no dia 30, no Teatro São João haverá palestra a cargo de editores da revista “O Saco”. O Festival contará com a participação do conjunto BR - Som.

Por ocasião do Festival o Governador Aduino Bezerra inaugurará com o Prefeito José Parente Prado uma biblioteca pública e um monumento a Dom José Tupinambá da Frota.<sup>277</sup>

Essa nota foi encontrada no acervo do radialista sobralense José Maria Soares, que apresentou as quatro versões do evento. Mais uma vez, vai para Lopes o primeiro lugar, dessa vez, com a música *Anonimato*.<sup>278</sup> Em 1977, aconteceu a terceira versão, e, na sua última participação, Lopes foi o vencedor, com a música *Viravento*. O colunista do jornal *O Povo* e membro da comissão julgadora do festival, Eliezer Rodrigues, fez duras críticas à organização do festival, mas elogiou a qualidade dos vencedores como “jovens irrequietos em busca de mudanças no seu tempo”.<sup>279</sup>

Lopes era muito bem relacionado com os músicos de Fortaleza do mesmo período. Compôs junto com Ednardo as músicas *Lagoa de Aluá e Fornalha*, gravadas no disco do músico fortalezense. Foi contratado pela Polygram, no Rio de Janeiro, e trouxe para o júri dos festivais de Sobral músicos conhecidos da MPB cearense, como Petrúcio Maia, Ricardo Bezerra e Fausto Nilo, nas quatro versões de que participou.

Ao fazer referência ao regime militar, o depoente afirma que todas as músicas a serem apresentadas no festival passavam previamente pela censura. Foram encontradas letras de músicas com o carimbo do DOPS e, também, ofícios da comissão organizadora, solicitando a liberação das letras para dar início ao festival. Reproduzindo informações do colega Haroldo Holanda, Vicente Lopes reforça que, no primeiro festival, as letras das músicas foram vistoriadas e liberadas pelo delegado local, contudo, poucas horas antes do show, ele foi abordado por um tenente

277 *O Povo*. Fortaleza, 21 de outubro de 1976. Acervo José Maria Soares. MUSEU DOM JOSÉ, Sobral.

278 LOPES, Vicente. Entrevista concedida à autora e gravada em 07 de dezembro de 2010.

279 *O Povo*. Fortaleza, outubro de 1977. Acervo José Maria Soares. MUSEU D. JOSÉ. Sobral.

coronel da Polícia Federal que o inquiriu sobre a liberação das músicas e o comunicou que, no próximo evento, as letras deveriam ser analisadas em Fortaleza. Nesse Festival nenhuma música foi censurada.<sup>280</sup>

Vicente Lopes diz que sua geração não percebia a ditadura com tanta clareza, mas sabia das restrições de direitos individuais e as contestava dentro das possibilidades:

O Festival Mandacaru foi uma iniciativa desses estudantes sobralenses que por inquietação, motivados também pela necessidade de ter um espaço para apresentar as suas músicas, [...] nós não tínhamos aonde dar eco, [...] e também já estimulados pelo o que estava acontecendo em nível nacional, os festivais. Então nós fizemos aqui o Festival Mandacaru cujo marketing era o próprio violão apoiado no mandacaru. Aquilo ali era a própria expressão muito emblemática da nossa realidade. A gente tinha o comportamento de contestação, bastava ver as figuras: eu tinha o cabelo enorme, andava de macacão [...] eu tinha uma conduta que colocava em xeque o *status quo*, eu tinha uma consciência disto. Mas por outro lado, eu tinha um alibi que era ser universitário, estudante de engenharia.<sup>281</sup>

Apesar de não ter militado em nenhuma organização política, Lopes diz que notava o contexto cidadão bastante movimentado. Lembra da homenagem ao Che Guevara, quando cursava a quarta série no Sobralense; da passeata dos estudantes; e até de ter presenciado a prisão de um manifestante, que morava na sua rua, acusado de envolvimento no episódio do projeto da bomba. As rodas de violão nas praças da cidade e o próprio festival eram momentos de apreensão dos quais sua geração tinha consciência.

*O Quinteto Agreste* foi o vencedor da IV versão do festival (1978) com a música *Medo*, de Mário Mesquita e Arlindo Araújo. A música *Retirante* ficou com o segundo lugar e *Sobralada*, em terceiro. O festival contou com a presença de mais de 500 pessoas, entre elas músicos, intelectuais, artistas de teatro e universitários de Sobral e Fortaleza. A

280 LOPES, Vicente. Entrevista concedida à autora e gravada em 07 de dezembro de 2010. Os discos do “pessoal do Ceará” tiveram músicas censuradas.

281 LOPES, Vicente. Entrevista concedida à autora e gravada em 07 de dezembro de 2010.

comissão julgadora foi composta por Jairo Solon Mota, Rômulo Cas-sundé, Artenio Araújo, Cláudio Costa, Marinha Dias, Cícero Paiva e José Cordeiro Damasceno.<sup>282</sup>

Não foram encontradas referências ao quinto festival, mas, quase dez anos após o quarto festival, aparece, em 1986, num jornal local, a notícia do VI Festival Mandacaru, lembrando o trabalho do grupo anterior, referendando-se como continuidade do projeto:

### Mandacaru

Estamos de volta com mais um Festival do Mandacaru de Sobral. Nem todo mundo lembra o trabalho que Haroldo Holanda tinha para fazer brilhar no palco a força da cultura e do talento dos sobralenses. É um talento que às vezes parece tímido, fica escondido, depois fica zangado e resolve explodir mais uma vez do VI Festival do Mandacaru, dia 10 de maio de 1986.

[...]

É intenção da comissão organizadora trazer Belchior para fazer a apresentação do Festival e para o júri.

O que se pode fazer de concreto é divulgar a explosão de beleza e talento da música de Sobral e jogar fora a tesoura que corta as asas da criação e voar... ver de bem alto tudo que somos, que fizemos e que somos capazes de fazer.

Herbert Rocha.<sup>283</sup>

Essa cultura dos festivais continuaria por toda a década de 1980. O festival que nasceu na contestação da ditadura e terminou na celebração da redemocratização, como em outras regiões do Brasil, também contribuiu para a construção de uma cultura de resistência. Observando o diversificado grupo de colaboradores desses festivais (prefeitos, professores, músicos, diretores de escola e membros da Academia Sobralense de Letras), vê-se que foi ambígua a relação dos festivais de música em Sobral com o regime militar.

282 *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 07 nov. 1978. Acervo José Maria Soares. Museu Dom José. Sobral.

283 *Coluna da Hora*. Sobral, março de 1986.

## 2.3 Eles eram subversivos e não sabiam?

Embora não tenha sido possível detectar a filiação ideológico-partidária do movimento estudantil sobralense, os depoimentos dos estudantes e a documentação do DOPS são fortes indícios de que havia um movimento estudantil organizado, aliado aos estudantes de outras regiões do estado, e empenhado na oposição à ditadura, que incomodou visivelmente os aliados do regime por meio de pichações, panfletos, reuniões secretas, passeatas, programas de rádio etc.

Os relatórios da polícia dão conta do conteúdo das pichações, espalhadas pela cidade, as quais a polícia assumia sua incapacidade de evitar, dada a escassez de praças no contingente policial da cidade:

[...]

### 2.2.-Pichamentos.

[...] Queremos socialismo cristão, + escolas – quartéis, queremos a liberdade do camponês, o estudante é a única esperança, 7 de setembro é ilusão, abaixo à ditadura, UNE, abaixo o clero burguês, o povo no poder, 7 de setembro é mentira, 30º congresso da Une, abaixo a burguesia, cooperar com a ditadura é não ser patriota, real liberdade só virá com a derrubada da ditadura, quando será a nossa independência? A revolução popular dará melhores condições, Brasil dominado pelos militares.<sup>284</sup>

Alguns panfletos também chegaram às mãos da polícia, como este distribuído pelo movimento estudantil, no dia 7 de setembro de 1968, que questionava as desigualdades sociais, agravadas pelo governo dos militares:

### AOS ESTUDANTES E AO POVO EM GERAL

Em 1964, o Brasil contava com quase 60+ (%) de analfabetos, 500 mil tuberculosos sem hospitais, a fome matando mais de duas mil crianças por dia um grande número de desempregados, carístia, salários baixos...

O povo ia solucionar êsses problemas, mas no dia 1º de abril daquele mesmo ano os militares se apossaram do

284 Estado do Ceará. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 23 de setembro de 1968. APEC (Datilografado)p. 2.

poder: deram o golpe de estado, e ficou governando o Brasil sem faculdades humanas, ante cristão e sem idoneidade cívica.

Hoje a situação continua mais alarmente: mais desempregados, mais carestia, mais salários de fome, mais analfabetos e maior número de mortandade infantil.

O Govêrno temendo o povo prega uma revolução, cujos princípios se resume em dois:

1º - Tirar o pão de quem tem pouco, para dar aos que tem muito.

2º - Deixar o povo analfabeto para explorá-lo mais.

Portanto, dizer que o Brasil é independente, é ignorar os princípios de justiça e liberdade, é fechar os olhos para a grande maioria de brasileiros que vivem mergulhados no infortúnio da fome, da nudez, da doença e do analfabetismo, é apoiar o neo-colonialismo americano, com sua sêde insaciável de exploração.

Chegou a hora companheiros, de derrubarmos as estruturas superadas da política suja do Brasil. Chegou a hora de deixarmos para as gerações do futuro um belo exemplo de patriotismo, é para todos os brasileiros condições de vida digna de uma pessoa humana.

“Não há foice contra a espada, não o fogo contra a pedra, não o fuzil contra a enxada”.

Granada contra a granada/ Metralhadora contra Metralhadora/

É a nossa guerra, é sagrada, a nossa guerra não falha.

CENTRO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DO CEARÁ  
CENTRO ESTUDANTAL SOBRALENSE.<sup>285</sup>

As reuniões secretas realizadas pelo movimento estudantil não estavam fora do alcance da repressão, como os estudantes acreditavam:

[...]

### **7. Reuniões suspeitas.**

7.1. As atividades do Colégio Sobralense, normalmente desenvolve-se pela manhã e a tarde, entretanto a partir das 17:00 horas, estudantes penetram no recinto do Colégio para reuniões, esportes, etc.

[...]

7.4. Domingo próximo passado, dia 22, O Centro Estudantal Sobralense realizou reuniões em sua sêde para

285 CEARÁ. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 23 de setembro de 1968. Panfleto Anexo. APEC (Datilografado).



tratar de assuntos não chegados ao nosso conhecimento e, está programado para o próximo outras reuniões de carácter suspeito.<sup>286</sup> (Grifo nosso)

Do mesmo modo, os programas de rádio foram, muitos deles, gravados pelos agentes do DOPS, descrevendo, em seus relatórios, os temas explorados nesses programas e os nomes dos sujeitos que deveriam ser considerados subversivos.

O movimento estudantil, de acordo com a historiadora Maria Paula Araújo, foi um ator de muita importância para a luta democrática. Praticamente liquidado na luta armada, em 1974, o movimento começava a viver um processo de reconstrução e revitalização, de um lado, reconstruindo suas entidades, de outro, atuando na frente de lutas pelas liberdades democráticas. Refletindo os debates travados no interior da esquerda brasileira, os estudantes empurravam o movimento político para as ruas, dando visibilidade às bandeiras democráticas da oposição e granjeando a simpatia da opinião pública. Desse modo, para Araújo, o movimento estudantil foi um ator especial: barulhento, corajoso, ousado e responsável em certa medida pela radicalização da luta democrática ao longo da década de 1970.<sup>287</sup>

A atuação da igreja ao lado da resistência também aparece, tanto na fala dos depoentes, quanto nos documentos policiais. Vários padres contribuíram com a luta, incentivando leituras e análises críticas acerca da realidade social e política, escondendo estudantes da polícia e principalmente falando de liberdade, de esperança, de um mundo novo.<sup>288</sup> O informativo católico *Brasil Urgente*, que circulava no movimento estudantil fortalezense durante a ditadura, também era lido em Sobral.<sup>289</sup>

286 CEARÁ. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 23 de setembro de 1968. APEC (Datilografado), p. 3.

287 ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Orgs.). *Revolução e Democracia – 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (Coleção As Esquerdas no Brasil, vol. 3), p. 336-338.

288 OLIVEIRA, Joan E. *Nem um dia sem uma linha*. A oficina de trabalho do Padre Osvaldo Carneiro Chaves. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009, p. 122-128.

289 CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 14 de dezembro de 1967, p. 3. 5p.

Padre José Linhares confirma sua colaboração na divulgação do periódico na cidade.<sup>290</sup> Entre os nomes mais citados por essas práticas estão os padres Osvaldo Chaves, Pedro Van 'Ool, Luizito Dias Rodrigues e José Linhares. Há também muita referência ao bispo Dom Fragoso, de Crateús, citado como a fonte de muitas inspirações “subversivas”.

Padre Luizito Rodrigues é descrito como uma figura fascinante: culto, carismático, irreverente e um grande crítico do regime militar. Professor nas escolas públicas e privadas da cidade, é lembrado como mentor intelectual dos estudantes, pois defendeu os estudantes presos na passeata, mesmo não sendo advogado, e protegeu os programas do MEB e dos estudantes quando era diretor da Rádio Educadora.

Padre Osvaldo e Pedro Van 'Ool são citados nos episódios de homenagem a Che Guevara. Quanto ao padre José Linhares, é mencionado protegendo os estudantes da repressão. Nos documentos do DOPS, esses mesmos nomes são citados na lista de subversivos. Numa biografia sobre a atuação de padre Osvaldo Chaves, como professor, Joan de Oliveira assim o descreve:

Padre Osvaldo sempre se soube um homem do seu tempo. Não fugiu a isso. Não buscou na ignorância vigente no sertão pobre, espoliado, desculpa para não saber e não conhecer as coisas. Não buscou, na clausura do seminário, se esconder de sua época, do seu século turbulento e tumultuado [...]. Quando pronunciou a expressão cristo-povo no Sermão do Encontro de 1952, padre Osvaldo o fez compreendendo, como Drumond o afirmara pouco antes em *A rosa do povo*, que aquele era um tempo de partido, tempo de homens partidos. Padre Osvaldo nunca teve filiação partidária mas jamais deixou de ter posições políticas firmes, sólidas, posições sociais, posições humanas. [...] Agiu da mesma forma quando se antecipou à chamada *Teologia da Libertação*, quando das palavras do seu sermão, lembrado por muitos como digno de um Vieira, quando daquele sermão passou das palavras aos gestos e aos atos. A pastoral do padre Osvaldo era uma pastoral do povo, do seu povo. Fez uma opção de vida e enfrentou o que tinha que ser enfrentado por conta dela. Pagou o seu preço. Não é exagero dizer que ele enfrentou os poderosos de plantão, ele os desafiou [...] Com ges-

---

290 PONTES, José Linhares Pontes. Entrevista concedida à autora em 23 de novembro de 2012.

tos simples, com atos simples, com suas reuniões e suas orações nas casa do bairro dom Expedito. Ali, [...] padre Osvaldo desafiou a ditadura militar com o seu trabalho pastoral. Levou a pecha de comunista, em uma época em que esse epíteto poderia lhe render a prisão, a tortura e até a morte. Picharam a sua igreja, atentaram contra ela. Recebeu a “visita” dos meganhas, dos “homens da lei”, que o pressionaram, que diziam abertamente: “nós prendemos e arrebentamos”. Padre Osvaldo, mancando, puxando da sua perna (herança da poliomielite), pedalando a sua bicicleta, não se rendeu, não se dobrou, continuou com o seu trabalho. [...].<sup>291</sup>

As informações chegavam ao DOPS por meio de relatórios produzidos pela delegacia regional ou por agentes enviados de Fortaleza para investigar episódios específicos. Vários depoentes relataram a presença de pessoas estranhas no ambiente citadino.

Segundo Felisbela Paiva, professora do Colégio Estadual, em fins de 1968, os professores do Estadual fizeram uma greve, já que estavam com os salários atrasados há quase um ano e sequer havia um contrato de trabalho. Houve uma manifestação de solidariedade dos estudantes ao movimento dos professores, que aconteceu em frente à sede do Centro Estudantal Sobralense. Para o ex-estudante João Ribeiro, a greve era também uma luta contra a ditadura.<sup>292</sup>

Os professores do Colégio Sobralense, Osvaldo Chaves e Pedro Van ‘Ool, embora citados como aliados desses mesmos estudantes e acusados de subversivos por membros da sociedade local, não reconhecem a existência de um movimento estudantil organizado e de oposição à ditadura. Para eles, os episódios acima citados foram fatos isolados que não caracterizam um movimento organizado de resistência ao regime, leitura que eles estendem para o resto da sociedade. Na opinião dos padres professores, 40 anos depois, a ditadura não trouxe mudanças ao cotidiano da cidade. A Faculdade, os meios de comunicação e a polícia

291 OLIVEIRA, Joan E. *Nem um dia sem uma linha*. A oficina de trabalho do Padre Osvaldo Carneiro Chaves. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009, p. 140.

292 CARVALHO, Francisco Paulo M. de. *Memórias do Movimento Estudantil em Sobral: a Ditadura Militar em Foco (1964-1970)*. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2010, p. 52-54.

local não teriam tido sequer trabalho em manter a ordem, pois as agremiações políticas apenas cuidaram de não desagradar os militares, portanto, a reação da cidade de Sobral ao golpe teria sido de neutralidade.<sup>293</sup>

A descrição que os professores fazem do contexto sobralense ao falarem do episódio de homenagem a Che Guevara não é nada neutra, pois fica muito evidente a presença autoritária do regime na cidade, como por exemplo: a presença de pessoas estranhas nas missas e reuniões do círculo bíblico; a vinda de militares de Fortaleza para suspender a festa que homenagearia Che Guevara; o enquadramento do professor de história na Lei de Segurança Nacional, inclusive pela expulsão do filho de um deputado; as pichações na cidade, acusando padres de comunistas; e a censura aos programas de rádio da diocese. Tudo isso evidencia claramente uma mudança no cotidiano da cidade, propiciada pela instalação do regime militar.

É importante ressaltar as ambiguidades que permearam a luta política desses sujeitos contra a ditadura. Em alguns momentos, parece um movimento radical bem organizado e com orientação comunista (passeata, panfletos, reuniões clandestinas, estratégias de driblar a censura, percepção da espionagem, articulação com outros grupos e regiões) que despertava a preocupação do regime; já em outros, assume características bem conservadoras, que não chegam a incomodar as estruturas (bons alunos, boas relações com o prefeito, com a igreja e com a “boa sociedade”), por isso não foram reconhecidos como subversivos. Isso diz que, assim como os aliados, os opositores da ditadura também ganhavam feições muito peculiares à estrutura política local, o que não significa que não fosse oposição.

Embora a linha que separa amigos de inimigos do regime em Sobral seja flexível, obscurecendo o lugar dos sujeitos, é tão nítida que não passa despercebida. Mesmo que as ações desses sujeitos não tenham chegado a constituir uma resistência à ditadura em Sobral, é certo que

---

293 VAN 'OOL, Padre Pedro. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra e gravada em 07 de julho de 2004; CHAVES, Padre Osvaldo. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra e gravada 23 de julho de 2004.

havia uma cultura de resistência em construção na cidade que se somava a outros movimentos dessa natureza em diversos pontos do país.

Todos esses fatos permitem afirmar que o poder político da ditadura militar chegou à cidade de Sobral e foi apreendido de forma diversa: apoiado por uns e questionado por outros. Isso leva a crer que interferiu em outras esferas da vida urbana. Entender as transformações materiais que essa interferência provocou no contexto citadino, será o objetivo do capítulo que segue.



### **3 O PODER DOS “CORONÉIS”: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM SOBRAL NA VIGÊNCIA DO REGIME MILITAR**

O poder municipal em Sobral, durante todo o período do regime militar, foi aliado do projeto da ditadura militar que governava o país. A hipótese deste trabalho é que essa aliança rendeu muitos investimentos em infraestrutura no espaço urbano sobralense. Para responder a essa inquietação, o objetivo deste capítulo é investigar as transformações ocorridas na cidade de Sobral no período em que vigorava o regime militar. Busca-se perceber se o projeto urbano dos coronéis se efetivou na cidade de Sobral, entre os anos de 1964 e 1985, resultando no desenvolvimento da cidade.

#### **3.1 Os “donos” do poder**

A história política do Ceará, entre 1962 e 1985, ficou conhecida na historiografia local e no senso comum, como “tempo dos coronéis”. Os governos do Ceará nesse período, em maioria, eram representados por homens com patente militar, contudo a referência às administrações como época dos coronéis foi, de acordo com um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Ceará (UFC), uma expressão criada nas campanhas eleitorais dos anos 80, liderada pelo jovem empresário Tasso Jereissati, que se apresentava como “governo das mudanças”, numa tentativa de diferenciá-lo dos opositores, identificando-os como figuras do atraso na política brasileira.<sup>294</sup>

294 GONDIM, L. M. P. *Clientelismo e modernidade nas políticas públicas – os “governos das mudanças” no Ceará (1987-1994)*. Ijuí-RS: Editora UNIJUÍ, 1998 (Coleção Outros Diálogos).

Conceituar as práticas políticas contemporâneas de “coronelistas”, não é uma denominação apenas da academia, pois, mesmo no senso comum, essa cultura está cristalizada, e não tem sido fácil criar novos conceitos, novos referenciais de análise. José Murilo de Carvalho no seu texto *Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual* traz uma contribuição muito significativa ao debate. O autor afirma que há imprecisão e inconsistência no uso dos conceitos básicos como mandonismo, coronelismo e clientelismo, principalmente, e que as novas pesquisas empíricas seriam mais profícuas ao debate do tema do que as longas discussões teóricas que se têm feito, que, em quase nada, contribuem para elucidação da compreensão da relação entre poder local e poder nacional.<sup>295</sup>

A interpretação que Carvalho faz do conceito de coronelismo no clássico Vitor Nunes Leal seria:

Coronelismo é um sistema político, uma complexa rede de relações que vai desde o coronel até o presidente da República, envolvendo compromissos recíprocos. O coronelismo, além disso, é datado historicamente [1889-1930]. Na visão de Leal, ele surge na confluência de um fato político [o federalismo] com uma conjuntura econômica [a decadência econômica dos fazendeiros].<sup>296</sup>

Ele afirma que o *mandonismo*, diferentemente do coronelismo, não é um sistema, é uma característica da política tradicional. Existe desde o início da colonização e sobrevive ainda hoje em regiões isoladas. A tendência é que desapareça completamente à medida que os direitos civis e políticos alcancem todos os cidadãos. A história do mandonismo confundir-se-ia pois, com a história da formação da cidadania.<sup>297</sup>

O *clientelismo*, por sua vez, seria um atributo variável de sistemas políticos macros que podem conter maior ou menor dose de clientelis-

295 CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 40, n°. 02, 1997, p. 1.

296 CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 40, n°. 02, 1997.

297 *Ibid.*, p. 3.



mo nas relações entre atores políticos. Não há dúvida de que o coronelismo, no sentido sistêmico aqui proposto, envolve relações de troca de natureza clientelística, mas, o coronelismo não pode ser identificado como clientelismo, que é um fenômeno muito mais amplo. Clientelismo assemelha-se ao conceito de mandonismo; ele é o mandonismo sob o ponto de vista bilateral, apresentando um conteúdo que varia ao longo do tempo, de acordo com os recursos controlados pelos atores políticos, em nosso caso, pelos mandões e pelo governo.

Carvalho conclui, afirmando que os três conceitos estão relacionados, mas não são sinônimos. Cada conceito guarda sua especificidade, além de representar curvas diferentes de evolução: o coronelismo surge, atinge o apogeu e cai num período relativamente curto; o mandonismo segue uma curva sempre descendente, e o clientelismo apresenta uma curva ascendente com oscilações e uma virada para baixo nos últimos anos. “Os três conceitos, assim concebidos, mantêm uma característica essencial em uma abordagem histórica: a ideia de diacronia, de processo, de dinamismo”.<sup>298</sup>

Para o autor, clientelismo seria o conceito que melhor se adequaria à política contemporânea. Analisando um caso semelhante ao de Sobral, ele afirma:

Exemplo claro dessa situação é o da cidade que na década de 60 era dominada por duas famílias, cujo poder se baseava simplesmente na capacidade de barganhar empregos e benefícios públicos em troca de votos (Carvalho, 1966). As famílias não tinham recursos próprios, como os coronéis, e o fenômeno não era sistêmico, embora houvesse vínculos estaduais e federais. Por vários anos as duas famílias mantiveram o controle político da cidade, alternando-se no poder. Os resultados eleitorais eram previstos de antemão com precisão quase matemática. Os votos tinham dono, eram de uma ou de outra família. Tratava-se de um caso exacerbado de clientelismo político exercido num meio predominantemente urbano. Não se tratava de coronelismo.

---

298 *Ibid.* p. 4.

No texto *Coronelismo e Neocoronelismo*, a socióloga Rejane Accioly Carvalho questiona a adequação dos parâmetros teóricos do coronelismo à análise política do Nordeste, em especial, após as transformações registradas na estrutura agrária da região a partir da década de 70. A hipótese apresentada pela autora é que, mesmo que se considere conservador o processo de modernização acionado pelo Estado no Nordeste rural, não é mais possível salvar o esquema interpretativo coronelista para entender a política regional e, muito menos, invocar um coronelismo regional para elucidar os contornos da política nacional:

[o coronelismo] foi definitivamente perdido à medida que o Estado, via políticas de desenvolvimento rural, unificou a nova natureza da terra, não mais como mera “condição natural” de produção mas, como equivalente de capital. O significado da concentração da terra no Nordeste já não é, portanto, diferente do que se registra a nível nacional. Não há mais uma regionalidade conservadora a ser invocada. A reação contra reforma agrária já não tem os rostos e as vozes do passado.<sup>299</sup>

Para Rejane Carvalho, a constante mudança de nomenclatura do processo político indica que essa mesma nomenclatura não mais dá conta de explicar uma determinada realidade, requerendo assim um novo conceito. Ao analisar a política cearense nas décadas de 1960-80, a autora se apropria do conceito de mandonismo, proposto por Maria Isaura Pereira de Queiroz, que ela chama de “política como arte de chefia”. Nesse sentido, a análise teórica de Rejane Carvalho é muito próxima da perspectiva proposta por José Murilo de Carvalho: o que muitos analistas têm chamado de coronelismo é na verdade, mandonismo e/ou clientelismo, com predominância do último.

Para o sociólogo Josênio Parente, mesmo considerando uma regionalidade nordestina, a história política do Ceará guarda algumas especificidades. A seca e a fragmentação das elites políticas do estado em três

299 CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. Coronelismo e neocoronelismo: eternização do quadro de análise política do Nordeste? In: *Cadernos de Estudos Sociais*. Recife, vol. 3 n.º. 3, p. 193-206, jul./dez., 1987.

sub-regiões: Sobral, Fortaleza e Cariri trazem interferências à política local, as quais não foram esclarecidas pela academia, o que torna a história política do Ceará diferente dos outros estados nordestinos. A caracterização de frágeis, atribuída por Parente às elites políticas cearenses deve-se ao fato de, em situações de normalidade, não formarem oligarquias fortes e permanentes como em Pernambuco, Paraíba e Bahia.

De acordo com o autor, o Ceará tem quase a totalidade do seu território afetado pelas secas. Ao mesmo tempo em que fragilizava suas elites econômicas e políticas, a seca fortalecia a formação de um quadro técnico e moderno instrumentado para conhecer e interferir de forma racional nos seus efeitos. Basta ver que dois importantes órgãos técnicos, o DNOCS (1906) e o BNB (1954) tiveram o Ceará como sede.

Quanto ao fator de desarticulação, Parente afirma que as elites cearenses estão divididas em três regiões - norte, sul e centro - e que não existe homogeneidade, nem integração espacial entre elas. O período de 1945 a 1964 é um exemplo típico desse processo, em que nenhum grupo conseguiu eleger seu sucessor ao governo do estado. Esse fato é singular em relação ao Nordeste e até mesmo ao padrão brasileiro. Na história do século XX cearense, vários grupos passaram pelo poder e não há uma relação de continuidade entre si.<sup>300</sup> Para o autor, a aparente contradição entre a debilidade natural das elites políticas e seu fortalecimento em momentos pontuais, pode ser explicada pela influência de fatores externos à política local, que é a interferência do poder da União.<sup>301</sup>

Em concordância com as teses acima apresentadas, o conceito de coronel será utilizado neste texto apenas como referência à patente militar dos dirigentes políticos da ditadura militar em nível nacional e dos governadores do Ceará entre 1962 e 1982. Às lideranças da política sobralense no período analisado, nossa referência será a de *Chefe Político*, e às suas práticas, a de clientelistas.

300 PARENTE, Josênio C. O Ceará e a modernidade. In: *A Era Jereissati*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 126-127.

301 *Ibid.*, p. 128.

## 3.2 O projeto urbano do regime militar

Segundo Vicente Del Rio, desde os fins da Segunda Guerra Mundial, a cidade vinha vivenciando significativas mudanças. Mesmo os centros que não haviam sido bombardeados, eram considerados deteriorados ou decadentes. Os arquitetos tinham um importante papel na reconstrução das cidades, contudo a nova concepção de cidade não havia agradado a diversos setores sociais, e os anos de 1960 viram surgir as primeiras críticas e protestos generalizados sobre a qualidade do ambiente urbano, outrora proposto tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada.<sup>302</sup> As intervenções urbanísticas e os programas de renovação urbana das grandes cidades passaram a sofrer intensas e violentas ondas de protestos.

De acordo com Fausto Brito, as décadas de 1940 e 1960 no Brasil vivenciaram um intenso processo de migração. As trajetórias migratórias seriam alimentadas pelos fortes desequilíbrios regionais e sociais que têm caracterizado o desenvolvimento capitalista no Brasil, servindo como poderoso mecanismo de transferência espacial do “excedente demográfico” de determinada região, incapaz de absorvê-lo em sua economia e sociedade, para outras, onde mais se desenvolveu a economia urbano-industrial ou se expandiu a fronteira agrícola.<sup>303</sup>

O resultado disso, de acordo com Milton Santos, foi que, entre 1960 e 1980, a população urbana aumentou de forma surpreendente, alcançando cerca de 50 milhões de habitantes, isto é, um número quase igual à população total do País em 1950.<sup>304</sup> Para o autor, o forte movimento de urbanização que se verificou a partir do fim da Segunda Guerra é contemporâneo a um forte crescimento demográfico, resultado de uma natalidade elevada e de uma mortalidade em descenso, cujas causas essenciais são os progressos sanitários, a melhoria relativa nos padrões de vida e a própria urbanização.<sup>305</sup>

302 DEL RIO, Vicente. Os anos 60: contexto para mudanças disciplinares. In: *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990, p. 19; RYKWERT, Joseph. *A Sedução do lugar – a História e futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

303 BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? *Revista de Estudos históricos – Cultura e História Urbana*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, nº 16, Ano 1995/2.

304 SANTOS, M. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 29.

305 *Ibid.*, p. 31.

Santos acrescenta que esse período foi marcado por um evidente processo de desmetropolização, que não significa a diminuição no tamanho das metrópoles, mas o aparecimento das cidades médias que aumentam em volume, crescendo sua participação na população urbana. Essas cidades médias foram, crescentemente, *lôcus* do trabalho intelectual, o lugar onde se obtém informações necessárias à atividade econômica. Eram, por conseguinte, cidades que reclamam cada vez mais trabalho qualificado, enquanto as maiores cidades, as metrópoles, por sua própria composição orgânica do capital e do espaço, poderiam continuar a acolher populações pobres e despreparadas.<sup>306</sup>

Nas cidades médias do Nordeste, os serviços são apontados como o instrumento de atração, ao contrário de outras regiões onde a indústria se constituía em carro chefe. Em Sobral, apesar dos serviços contribuírem para o desenvolvimento da cidade, de acordo com os geógrafos, coube a indústria o papel de dinamizadora da economia local entre as décadas de 1960 e 1980.<sup>307</sup>

No estudo *Urbanização e centralismo autoritário*, o arquiteto Geraldo Serra afirma que a principal característica da administração pública brasileira na vigência do regime militar, que ele denomina “centralismo autoritário”, é a proposta de racionalidade nas decisões administrativas, que se efetivaria por meio do planejamento detalhado dos investimentos e dos espaços, em todos os níveis. Planejamento, centralismo e autoritarismo estavam plenamente associados neste pacto militar-tecnocrático. O planejamento era uma técnica para introdução de racionalidade nos processos de decisão e a correção dos objetivos fixados *a priori*. A autoridade era necessária para afastar os entraves internos e externos da implementação do “plano”, e a centralização das decisões impediria que os diversos agentes econômicos e políticos desobedecessem às diretrizes do “plano”.<sup>308</sup>

---

306 *Ibid.*, p. 123.

307 HOLANDA, Virgínia C. Cavalcante. *Dinâmica sócio-espacial de uma cidade média/Sobral-CE*. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2000.

308 SERRA, Geraldo. *Urbanização e centralismo autoritário*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1991, p. 146-148.

A política urbana dos militares esteve profundamente imbricada com a política econômica do regime político vigente, embora não seja consensual a interpretação sobre a política econômica de regime militar. Para Luis Prado, o projeto era o liberal, que tinha como princípios básicos: a separação entre política e economia; a não diferenciação da estrutura do Estado brasileiro para o de outros países; a ideia de que as raízes do nosso atraso estavam no populismo econômico e de que o papel do Estado seria apenas o de garantir estabilidade monetária; e um modelo de tributação que incentivasse os investimentos.<sup>309</sup>

Para Francisco de Oliveira, o que ocorreu foi uma continuidade do modelo econômico anterior, o da *substituição das importações*. Ao mesmo tempo, o regime externalizou o padrão de financiamento da acumulação de capital, criando uma contradição entre a aceleração da acumulação e as bases do financiamento interno.<sup>310</sup> Com isso, a ditadura cortou a possibilidade de um desenvolvimento nacional autônomo. O problema gerado por isso, afirma o autor, foi que o regime jogou para uma constelação internacional a oportunidade de intervenção das classes sociais na política.<sup>311</sup>

Já para o historiador Damião Lima, os militares fundiram os dois principais projetos de desenvolvimento - o nacionalismo varguista e o desenvolvimentismo juscelinista:

Do ideário desenvolvimentista foi retirada a proposta de crescimento acelerado da economia; do ideário nacionalista, a utilização dos resultados positivos da economia para justificar a centralização política e, de ambos, o fato de a industrialização manter-se como carro chefe do projeto de desenvolvimento.<sup>312</sup>

309 PRADO, Luiz D.; EARP, Fábio S. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. O Brasil Republicano. O tempo da ditadura. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 217.

310 OLIVEIRA, F. de. Ditadura militar – a redundância autoritária. In: REIS, D. A.; RIDENTE, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Pato Sá (Orgs.). *O golpe militar e a ditadura – 40 anos depois* (1964-2004). Bauru-SP: Edusc, 2004, p. 117-123.

311 *Ibid.*, p. 123.

312 LIMA, D. *Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)*. 2004. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Os três autores concordam num ponto: o modelo econômico executado pelo regime militar foi excludente e concentrador de renda.

A crise das cidades, gerada pela urbanização acelerada desde as décadas de 1940/50, foi, de acordo com Serra, uma preocupação do governo autoritário desde o primeiro momento. Ela foi identificada inicialmente como sendo meramente uma crise habitacional, por isso a primeira iniciativa foi criar o Banco Nacional de Habitação (BNH) em 1964.<sup>313</sup> O historiador Damião Lima acredita que as políticas urbanas, como tantas outras, tiveram o intuito de acalmar os ânimos políticos da sociedade ansiosa por mudanças. Para isso, foi criado o Sistema Financeiro de Habitação e o BNH, utilizando, como fonte de recursos, letras imobiliárias, cadernetas de poupança e o recém criado Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), que era gerido pelo BNH.<sup>314</sup> Vários outros órgãos de apoio foram criados, como o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU). Durante os dois primeiros anos, o BHN concentrou-se na construção de moradias, tanto que, apenas em 1967, a política de desenvolvimento urbano ampliou sua atuação. No ano seguinte, foi criado o sistema financeiro de saneamento, e, em 1971, o BNH era transformado em empresa pública, quando passou a atuar mais fortemente no campo do desenvolvimento urbano.<sup>315</sup>

Damião Lima diz que foram criados vários subprogramas que infelizmente não vingaram, já que demandavam a contrapartida dos estados e municípios. O projeto Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada (CURA) foi instituído e regulamentado pelo BNH em 1973, um dos poucos levados adiante. O CURA propunha o financiamento para a complementação urbana dos vazios citadino e o suprimento de redes de infraestrutura ou de equipamentos sociais urbanos. Como as obras a se-

---

313 SERRA, Geraldo. *Urbanização e centralismo autoritário*. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1991, p. 146.

314 LIMA, D. *Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)*. 2004. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 5.

315 BANCO NACIONAL DE HABITAÇÃO. *BNH 1974 - Relatório de Atividades*. Rio de Janeiro: BNH, 1974 *apud* LIMA, *Op. cit.*, nota 21, p. 6.

rem desenvolvidas, bem como a área do CURA<sup>316</sup>, eram definidas pela prefeitura, em obediência ao Plano de Desenvolvimento Local Integrado do município, foi grande o interesse dos prefeitos pelos empréstimos do projeto. Os recursos para pagamento dos empréstimos, teoricamente, estariam assegurados pelo aumento da arrecadação municipal, oriundos das contribuições de melhoria e do IPTU progressivo. Mesmo assim, os militares exigiam que fossem dadas, como garantia dos empréstimos, as cotas do ICM do município demandante, envolvendo os bancos estaduais nas negociações.<sup>317</sup> Apesar de tantas garantias, a liberação de recursos pelo BNH teria sido minguada. Mesmo assim, o CURA constituiu-se no principal instrumento de ação do governo militar nos anos 70.

Lima acrescenta que a política nacional de desenvolvimento urbano teve mais destaque no II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), mas não evoluiu o suficiente para solucionar os graves problemas de urbanização, pois incorria no mesmo erro dos anteriores – a centralização. A proposta de descentralizar os investimentos criava outra forma de centralização, com a criação dos Polos Regionais. A ideia era que, após alcançar certo nível de desenvolvimento, esses polos irradiariam o progresso para regiões circunvizinhas, porém o efeito multiplicador não ocorreu nos níveis previstos:

Ao manter o viés centralizador, criando pólos de desenvolvimento e submetendo a política de desenvolvimento urbano à mesma lógica da política econômica, os militares acentuaram os problemas que esses centros urbanos já enfrentavam. Os novos pólos de desenvolvimento criados fora do Sudeste, se converteram rapidamente, em ilhas de prosperidade no mar de desemprego e de desorganização urbana

---

316 Para a liberação dos empréstimos visando a implementação do Projeto CURA algumas exigências teriam que ser satisfeitas, além das duas já citadas, entre elas: a delimitação de uma área, chamada área CURA. O primeiro CURA deveria se dar em área carente e afastada do centro das cidades e era necessária, também, a elaboração de um plano urbanístico para esta área. O plano deveria conter levantamento físico e socioeconômico, comprovação da viabilidade das obras e a utilização de mecanismos fiscais e de mercado para a consecução dos objetivos do programa. *Ibid.*, p. 10.

317 Ao utilizarem as cotas de ICM como garantia nos empréstimos e envolver os bancos estaduais ficava garantido o pagamento dos empréstimos do projeto, pois, antes das cotas do ICM chegarem às prefeituras eram depositadas nos bancos estaduais e, nesse momento, a cobrança seria efetuada. *Ibid.*, p. 11.



no seu entorno. Em resumo, o que ocorreu foi a extensão dos problemas urbanos, vivenciados pelas metrópoles, para outras cidades localizadas nas regiões Sul e Nordeste.<sup>318</sup>

No ano de 1974, quando o “milagre econômico” já havia perdido força, essa política começou a ser revista, e foi criado o Programa Nacional de Capitais e Cidades de Porte Médio, que teve por objetivo aprofundar a nova aliança política, celebrada entre o Governo Federal e as oligarquias regionais, já que as grandes cidades concentravam as contestações ao regime.

Em 1979, uma Nova Política de Desenvolvimento Urbano foi proposta com a resolução 0003, que criava programas que cobrissem todos os centros urbanos.<sup>319</sup> O Programa Nacional de Capitais e Cidades de Porte Médio foi, ao lado do CURA, o de maior êxito, embora não tenha tido tempo para se efetivar.

Não foram poucas as críticas ao BNH e suas práticas encontradas na literatura sobre o tema. Lima conclui que as políticas urbanas do regime, de modo geral, acabaram não trazendo os resultados esperados, primeiro, porque essas políticas constituíam apenas estratégias para o governo manter-se no poder, segundo, porque algumas dessas políticas sequer tiveram tempo para serem implementadas.<sup>320</sup>

A partir de 1982, o governo federal perde o rumo e ocorre a completa submissão do governo Figueiredo à política do FMI; dois anos depois a ditadura militar chega ao fim. Isso significa que o único programa da nova política de desenvolvimento urbano do pós 1979, a ser de fato implementado, teve menos de três anos de duração, pois, a partir desse ano toda a política do governo se resumia a evitar a insolvência, a pagar os juros escorchantes cobrados pelo grande capital e, principalmente, elaborar a estratégia de saída do poder.<sup>321</sup>

---

318 *Ibid.*, p. 7.

319 BRASIL. Ministério do Interior. *Resolução nº 003 de 11 de setembro de 1979*. Brasília: 1979 *apud*. LIMA, *Op. cit.*, nota 21, p. 11.

320 LIMA, D. *Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)*. 2004. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 12.

321 *Ibid.*, p. 13.

Esse projeto urbano do regime militar chegou à cidade de Sobral por meio da ação política de seus administradores, tendo Cesário Barreto e Jerônimo Prado, como principais lideranças. O BNH e órgãos auxiliares executaram obras de infraestrutura no espaço sobralense, conforme poderá se ver no decorrer deste capítulo.

### 3.3 A Chefia de Cesário Barreto

O prefeito de Sobral no período do golpe que instalou o regime militar no Brasil era Cesário Barreto Lima (1962-1966). Membro da ARENA local, ele era aliado do presidente Castelo Branco e do governador Virgílio Távora, o que significava que o governo municipal trabalhava junto com o estadual e o federal na construção do novo regime.

Sobral era considerada uma cidade média. A zona urbana do distrito-sede em 1950, abrigava 78,88% da população, chegando ao final do século XX com 97,57%.<sup>322</sup> Em *O Lado esquerdo do rio*, Herbert Rocha afirma que a cidade de Sobral sempre viveu no lado esquerdo do rio, que tinha como outro polo a linha férrea - os trilhos. Segundo ele, na década de 1970, o intratrilhos estava praticamente todo ocupado pela elite sobralense. Fora dos limites dos trilhos estabeleciam-se núcleos habitacionais de população de baixa renda e alguns sítios.<sup>323</sup> “A barreira física dos trilhos impedia a integração física das áreas “intra” e “extra” trilhos. Era pejorativo no meio social mais abastado, dizer que alguém morava “depois da linha”.<sup>324</sup>

De acordo com Luís Prado, entre 1946 e 1960, o Brasil vivenciou um período de crescimento econômico, com uma das maiores taxas de crescimento do PIB do mundo. A partir de 1963-1967, o crescimento caiu pela metade, e, embora a solução proposta pelos economistas Roberto Campos e Octávio Bulhões tivesse início já em 1965 com o *Plano de*

322 ROCHA Herbert. *O lado esquerdo do rio*. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e Turismo, Sobral: Escola de Formação de Saúde da Família Visconde de Sabugosa, 2003, p. 216-217.

323 *Ibid.*, p. 212.

324 *Ibid.*, p. 212.

*Ação Econômica do Governo* (PAEG - 1965-1966), somente a partir de 1968 é que os resultados efetivamente apareceriam no cenário nacional.<sup>325</sup>

Essa instabilidade econômica, dos primeiros anos do regime autoritário, proporcionou ao presidente Castelo Branco, impopularidade, a qual foi sentida em Sobral:

Temos feito, desta coluna, reparos à política econômica do Governo Revolucionário.

Aliás críticas formuladas no sentido construtivo, pois somos dos que aplaudiram, sem reservas, o movimento armado que derribou o desgoverno passado.

Mas a verdade é que o povo, empregado o termo no significado das classes sociais em geral, já se acha cansado de suportar os sacrifícios que lhes são impostos, sob a alegativa da necessidade de corrigir erros, que vinham de muito sendo cometidos.

Ouve-se com freqüência, que essa fase de transição será em breve paralisada, seguindo-se melhores dias, como fruto da sadia política financeira, capaz de somar a inflação asfíxiante, abrindo ensejo para a Nação se integre no ritmo do desenvolvimento desejado.

São autores dessa orientação econômico-financeira principalmente o sr. Roberto Campos, ministro do Planejamento, e o titular da Fazenda, sr. Otavio Gouveia de Bulhões.

O Presidente Castelo Branco limita-se a dar uma chancela, a apoiar. Não se julgando expert na matéria, ao que parece, não intervém diretamente nesse setor administrativo, posto que não possa se eximir da responsabilidade dos resultados.

Enquanto isso se passa – e já se vai um ano da Revolução, constata-se a continua agravação do custo de vida, como conseqüência imediata do aumento dos preços de utilidades e serviços. Produtos agrícolas, manufaturas, transportes, nada escapa à onda aumentista.

Os menos abastados, impacientes pela prolongada espera, já não crêem na promessa de parada de preços.<sup>326</sup>

---

325 PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 217.

326 *Correio da Semana*. Sobral, 15 de maio de 1965.

As boas relações de Barreto com o presidente da República e com o governador do estado não deixaria Sobral para trás. Vídeos da imprensa oficial atestam por duas vezes a visita do presidente Castelo Branco à cidade de Sobral, durante a administração de Cesário Barreto, com o objetivo de inaugurar obras públicas.<sup>327</sup> Aliás, Castelo Branco era amigo pessoal da família Barreto, tendo sido colega do General Flamarion Barreto, irmão de Cesário Barreto, na Academia Militar.

**Figura 18** - Visita do Presidente Castelo Branco à Sobral, 1965



**Fonte:** *Correio da Semana*. Sobral, 21 jan. 1995.

Virgílio Távora, governador do estado em duas gestões (1963-66/1979-82), foi responsável por importantes obras de infraestrutura no Ceará. Suas ações foram registradas pelos periódicos sobralenses:

#### VIRGÍLIO TROUXE MILHÕES PARA O CEARÁ

O Governador Virgílio Távora voltou da SUDENE trazendo milhões para o Ceará, cujos planos de aplicação serão: 1º - Construção da rodovia Iguatú-Acopiára. 2º - Convênio de 40 milhões, para reequipamento da Faculdade de Veterinária do Ceará. 3º - 50 milhões para o abastecimento de água, Maranguapé, Iguatu, Mucambo, Alcântaras e Ipueiras. 4º - 145 milhões para o desenvolvimento da pesca no Ceará, 100 milhões para o DNOCS, 45 milhões, para o Governo do Estado.<sup>328</sup>

327 *Correio da Semana*. Sobral, 01 de janeiro de 1966.

328 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de junho de 1965.

O governador executou várias obras na região Norte durante a gestão de Cesário Barreto (1963-1967), conforme notícia o *Correio da Semana*:

ALCÂNTARAS - Em companhia de secretários de Estado, Presidente e Diretor da CENORTE, o governador Virgílio Távora inaugurou oficialmente [...], a rede de distribuição de Energia Elétrica desta cidade.<sup>329</sup>

Há muitos meses o Governo do Estado fez grandes serviços na pista de nosso aeroporto, no Bairro Betânia. [...] Sobral precisa de um aeroporto à altura de seu comércio e de sua indústria.<sup>330</sup>

Inauguração hoje em Sobral

O Exmo. Prefeito Municipal Cesário Barreto, no arrojo de sua grande administração vem dotar seu município de novos benefícios, inaugurando hoje, com a presença do Sr. Governador e ilustre comitiva da Capital do Estado, Grupo Escolar Da. Sinhá Sabóia, Centro Social Trajano de Medeiros, Mercado Público, e no distrito de Taperuaba, Grupo Escolar Francisco Monte. Obras estas que marcam e identificam um grande administrador.<sup>331</sup>

A cooperação política entre Barreto e Távora era recíproca, e a parceria durou por todo o período em que os membros da família Barreto estiveram na chefia do poder municipal. Castelo Branco e Virgílio Távora até chegaram a receber título de cidadania sobralense na gestão de Cesário Barreto.<sup>332</sup>

De acordo com a historiografia econômica, nos anos 1960, com o objetivo de conter as disparidades regionais, o Nordeste passou por um processo de intervenção estatal patrocinado pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS). A meta era implantar infraestrutura, modernização das atividades existentes e a instalação de novos investimentos, mas o planejado não ocorreu de forma equilibrada, pois Bahia e Pernambuco foram os maio-

329 Inaugurada a rede de energia elétrica de Alcântaras. *Correio da Semana*. Sobral, 18 de abril de 1965.

330 *Correio da Semana*. Sobral, 18 de abril de 1965.

331 *Correio da Semana*. Sobral, 7 de agosto de 1965. Outra nota dá a mesma notícia: *Correio da Semana*. Sobral, 31 de julho de 1965.

332 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. Projeto de Lei nº 26/65. Sobral, 28 de outubro de 1965.

res beneficiários, sobrando ao Ceará apenas 8,6% dos investimentos.<sup>333</sup> Para compensar tais desequilíbrios foi criado, em 1962, a Companhia de Desenvolvimento do Ceará (CODEC), que, articulada ao Plano de Metas Governamentais (PLAMEG I) do governo Virgílio Távora e à Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), dotaram o território cearense de fixos necessários à atividade industrial, como a subestação da Usina de Paulo Afonso na região do Cariri, no sul do estado.<sup>334</sup>

O modelo econômico cearense nessas duas décadas era o mesmo projeto dos militares, a formação de polos regionais, sendo a dinamização dos centros regionais - as cidades médias - a mola propulsora do desenvolvimento da região. Apesar do sucesso na atração de investimentos, os estabelecimentos industriais concentraram-se basicamente na Região Metropolitana de Fortaleza, ficando o interior do estado carente de investimento.

Para remediar a situação, foi criado o projeto ASSIMOW. De acordo com a geógrafa Virgínia Holanda, a ideia foi do professor Morris Assimow do Departamento de Engenharia da Universidade da Califórnia (UCLA), que visava integrar os estudantes da referida universidade aos problemas ligados à industrialização nas regiões menos desenvolvidas do mundo. O projeto teria sido aplicado em 1962 no Cariri, em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC) e o BNB. Em 1966, sob a coordenação da equipe cearense, o projeto manteve a ideia original, mas recebeu a denominação de Projeto Universitário de Desenvolvimento Industrial do Nordeste (PUDINE) e foi aplicado em Sobral.<sup>335</sup>

Segundo Holanda, o objetivo do PUDINE era incentivar a criação de pequenas e médias empresas, capacitar a força de trabalho local e, ainda, fomentar políticas públicas que garantissem a modernização do

---

333 ALMEIDA, Diego Gadelha de. *Indústria e Reestruturação Sócio-Espacial: A Inserção de Sobral (CE) na Divisão Espacial da Produção Calçadista*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008, p. 59.

334 *Ibid.*, p. 71.

335 HOLANDA, Virgínia C. Cavalcante. *Dinâmica sócio-espacial de uma cidade média/Sobral-CE*. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2000, p. 105.

espaço sobralense. Sobral há muito ocupava um lugar importante na história da indústria cearense. A escolha da cidade foi baseada nos seguintes critérios: contingente populacional; localização geográfica; existência de um distrito industrial; rede rodoferroviária para transporte de cargas; e presença de uma base industrial ligada, sobretudo, ao setor tradicional.<sup>336</sup>

Embora os efeitos do PUDINE tenham aparecido efetivamente apenas nas administrações posteriores a de Barreto, duas importantes indústrias foram instaladas naquela época, ainda trazendo importantes resultados para a economia local, sendo elas: *Moageira Serra Grande Ltda* e *Del Rio refrigerantes*, ambas instaladas em 1964.

Além das indústrias, os serviços receberam investimentos do poder local, especialmente no ano de 1965. Na prestação de contas da sua administração, o prefeito Cesário Barreto destaca: “‘Fomento à Produção’; Instrução Pública; Previdência e Assistência Social; Habitação e Serviços Urbanos’ e outros serviços complementares [...] de sua profícua administração.”<sup>337</sup>

O sistema de telefonia também foi melhorado:

Inaugurado em Sobral o Sistema de Micro- Ondas  
Foi solenemente inaugurado em Sobral no dia de ontem o Serviço de Micro-ondas instalado à rua Comendador Rocha 166 em moderníssimo prédio.

A mencionada festividade contou com a presença de várias autoridades civis, militares e eclesiásticas que viram de perto mais uma grande obra do Governo do Estado. Contando com 8 cabines luxuosamente decoradas para bem servir o povo da Princesa do Norte, **o serviço de Micro-ondas** esta sobre a orientação do Ilmo Sr. Capitão Lima, é um grande passo para levar nossa terra ao progresso.

**O Presidente da República Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, fez a primeira ligação telefônica da Capital para Sobral**, e nesta oportunidade falou com sua Excia. Dom Walfrido Teixeira Vieira. As outras ligações que sucederam à primeira, foram feitas pelo Governador Virgílio Távora com o Prefeito Cesário Barreto

336 *Ibid.*, p. 105.

337 *Correio da Semana*. Sobral, 22 de maio de 1965.

e o Prefeito de Fortaleza com o Presidente da Câmara Municipal.<sup>338</sup> (Grifos nossos).

Várias outras obras de infraestrutura e serviços foram noticiados pela imprensa durante a administração de Cesário Barreto no ano de 1965: como a verba de 45 milhões de cruzeiros na construção do *Mercado Público*, que seria uma de suas maiores realizações;<sup>339</sup> a verba de dez milhões de cruzeiros, que o prefeito conseguiu junto ao governador Virgílio Távora para a extensão do *serviço de águas até as casas populares que estavam sendo construídas pela prefeitura*;<sup>340</sup> a inauguração do moderno *galpão* para verdureiros junto ao Mercado Municipal, construído em curto espaço de tempo; a nova *Avenida Eurípedes Ferreira Gomes* que dá acesso ao clube AABB, também construída em parceria com o governo do estado<sup>341</sup>; e a *fábrica de cimento de Sobral*, que deveria ser concluída até o fim do corrente ano.<sup>342</sup>

Cesário Barreto não conseguiu eleger um sucessor, mas foi eleito Deputado Federal nas eleições de 1979. Nos anos 80, Cesário encerrou sua atuação na vida pública, mas manteve-se como importante liderança política, apoiando Carlos Virgílio (filho de Virgílio Távora) para Deputado Federal, e intervindo no poder local por meio dos seus parentes eleitos em pleitos posteriores: Joaquim Barreto Lima, que foi Deputado Estadual (1967/1970), Prefeito em duas gestões (1971-1974/1983-1988) e Vereador (1994/1995); César Barreto, Deputado Estadual (1986); e Francisco Ricardo Barreto Dias, Vice-Prefeito (1989-1992) e Prefeito (1993-1994).

---

338 *Correio da Semana*. Sobral, 26 de junho de 1965.

339 *Correio da Semana*. Sobral, 5 de junho de 1965.

340 *Correio da Semana*. Sobral, 12 de junho de 1965.

341 *Correio da Semana*. Sobral, 18 de abril de 1965.

342 *Correio da Semana*. Sobral, 01 de maio de 1965.



### 3.4 Jerônimo Prado e o “milagre econômico” em Sobral-CE

De acordo com estudo de Luís Prado, as bases para o “milagre econômico”<sup>343</sup> estavam montadas. Uma combinação virtuosa entre a política econômica e o substancial crescimento da economia mundial garantia a sustentação do regime e a repressão aos movimentos oposicionistas.<sup>344</sup>

Em Sobral, os resultados do projeto econômico, plantado nos primeiros anos do regime militar, apareceriam na administração de outro líder da ARENA, Jerônimo Medeiros Prado, quando várias indústrias foram instaladas na cidade. Dos eixos propostos pelo projeto, resultou a instalação de três importantes empresas na cidade: a *Companhia Sobralense de Material de Construção* (COSMAC-1965); *Lactínio Sobralense Limitada* (LASSA-1969) e *Industrial Cearense de Castanha de Caju* (INCASSA-1968) com o beneficiamento da matéria-prima regional:

Para cada três cruzeiros investidos no interior do Estado, um se destinava a Sobral. Deve-se enfatizar que todas as implantações realizadas neste período, em Sobral, creditaram-se ao patrocínio do PUDINE, e que, por si só, é um atestado do papel preponderante do Programa para a industrialização da região.<sup>345</sup>

Assim, o município contava, na década de 1960, com um parque industrial diversificado: aproveitamento dos produtos agrícolas e extrativos (algodão, mamona e oiticica); indústrias diversificadas (curtume, sandálias, móveis, molas, refrigerantes) e a implantação planejada. Me-

343 Segundo Damião Lima, a denominação “Milagre Econômico” para o período de 68/73 foi dada pelos próprios técnicos do governo, numa alusão ao desenvolvimento japonês e alemão que também tiveram essa denominação. LIMA, D. *Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)*. 2004. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 20.

344 PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 207.

345 ALMEIDA, Diego Gadelha de. *Indústria e Reestruturação Sócio-Espacial: A Inserção de Sobral (CE) na Divisão Espacial da Produção Calçadista*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008, p. 73.

rece destaque, ainda, o artesanato de chapéu de palha de carnaúba, que foi criada em 1910, chegando à década de 60 como principal produto exportado pelo município, vendido em escala internacional.<sup>346</sup>

A cultura desenvolvimentista disseminada em nível nacional pelo que se chamava de “milagre econômico”, propiciado pelo regime vigente, foi propagada em Sobral pelo jornal *Correio da Semana*. A instalação de indústrias, obras de infraestrutura, encontros desenvolvimentistas, tudo era noticiado nas páginas do semanário, que não fazia distinção entre as administrações Barreto e Prado, afinal, ambos eram da ARENA e, por sua vez, aliados ao projeto político do regime militar. O discurso desenvolvimentista propagado pelo *Correio da Semana* ficou evidente especialmente no ano de 1968, em que “*Sobral crescerá mais em 68*”, e “*Sobral, arrancada para o desenvolvimento*” foram lemas lançados pelo jornal. O número de 13 de janeiro de 1968 enumera um conjunto de indústrias que estava sendo instalado na cidade, assim como seu efeito na economia local:

### **INDÚSTRIA**

Sobral já dispõe de várias indústrias, porém ainda temos muito a expandir nesse campo inesgotável da nossa região – O Pudine projetou e está ajudando a instalar mais três, Lassa, Cosmac e Incassa – Indústria de lençóis é pioneira.

### **LASSA**

Laticínios de Sobral, S.A. é sem dúvida a maior dentre as demais que funcionarão em 1968. Seu capital será da ordem de mais de mil cruzeiros novos e seu funcionamento revolucionará a pecuária da região, desenvolvendo-a e tornando-a a mais rentável do Ceará [...].

### **COSMAC**

Companhia de material de construção – Aproveitando a boa matéria prima e um razoável mercado, eis que surgirá a nossa indústria propriamente dita de material de construção. [...]. Novas oportunidades de empregos, possibilidade de exportar para as demais cidades da Zona Norte é enriquecimento do nosso parque industrial.

---

346 *Ibid.*, p. 74.

## INCASSA

[...] Vemos com grande entusiasmo e confiança de melhores dias a instalação desta nova indústria de grande alcance social também. Sobral tem seus motivos de esperança para 1968.

[...]

### **Indústria de lenços também é progresso**

O Sr. Nelson Albuquerque, confia no espírito de todos os nossos comerciantes, no sentido de dar preferência aos seus produtos, bem como em todo o estado para que essa preferência seja sempre crescente para o seu desenvolvimento que será também o desenvolvimento de Sobral, do estado e do Nordeste<sup>347</sup> (Grifo nosso).

Percebe-se nesses textos uma euforia desenvolvimentista. Essas ideias se inseriam no conjunto discursivo que emanava do Governo Federal no intuito de criar uma cultura de desenvolvimento. Mesmo nos artigos em que são ressaltados os problemas econômicos, as críticas são sempre construtivas, incentivadoras ao governo e ao desenvolvimento local: “Sem energia de Paulo Afonso em Sobral não teremos fábrica de cimento. [...] Os líderes devem se movimentar e é bom que se verifique, se tudo corre dentro do prazo normal e hábil.”<sup>348</sup>

Além das obras de industrialização, o *Correio da Semana* enumera várias outras obras executadas durante a administração de Jerônimo Prado na cidade, tais como: a Fundação da Universidade Vale do Acaraú – UVA (1968); a construção do Estádio Aderaldo Plácido Castelo (1968); a Casa de Saúde e Maternidade Perpétuo Socorro – Hospital Dr. Estêvam (1970); a conclusão do Aeroporto de Sobral (1971); a Rodovia Sobral-Fortaleza (1968); os grupos escolares nos distritos; a Fábrica de Cimento Portland (1968); o Distrito Sanitário da 2ª Região de Sobral, entre outras.

O governador do estado era Plácido Castelo (1967-1971), que, embora não tivesse a patente nem o prestígio dos coronéis, não fugiu da indicação do regime militar. Segundo Parente, foi um governo difícil

347 *Correio da Semana*. Sobral, 13 de janeiro de 1968.

348 *Correio da Semana*. Sobral, 06 de janeiro de 1968.

devido à limitação de recursos, já que, na época, o Fundo de Participação dos Municípios ainda não havia sido criado, o que provocaria o atraso de salário do funcionalismo durante toda sua gestão. Contudo, lembra o autor, dentro do espírito do movimento político de 1964, ele fez obras grandiosas, como o Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS), a rodovia do Algodão, ligando Fortaleza a Crato, a rodovia litorânea ligando Fortaleza a Aracati, o estádio Castelão e o Palácio da Abolição.<sup>349</sup>

Há várias notas no jornal *Correio da Semana* dando conta da presença do governador na cidade ao lado de prefeito Jerônimo Prado. Durante a sua gestão, foi construído o Estádio Plácido Aderaldo Castelo em Sobral. As condições econômicas da cidade pareciam ser das melhores: “a implantação de novas indústrias em Sobral durante 1968, fará obviamente aumentar a nossa renda “per capita”, no momento a melhor do Ceará”.<sup>350</sup>

A indústria aparece como carro chefe nos investimentos locais:

Sobral crescerá mais em 1968

Jamais num só ano NOSSA CIDADE anunciou ao mesmo tempo tantos investimentos e realizações, que somados, representam força suficiente para impulsionar de uma vez por todas a economia local.

**Fábrica de Cimento – Indústria de Laticínios – Companhia de Material para Construção e Beneficiamento da castanha de caju, somam Ncr\$ 9. 995.316,50. Teremos Energia de Paulo Afonso – Agência do Banco da Bahia e Inaugurações de Grupos Escolares.**

Um cinturão de asfalto fará sensível alteração na periferia da cidade, quando da realização da Avenida do Contorno que desviarão o tráfego de carros pesados do centro.

**Existe a possibilidade da inauguração ainda este ano do Estádio Municipal. Enquanto a conclusão do asfaltamento Sobral-Fortaleza é ponto Pacífico.**

[...] Aumentaremos mais ainda este ano a nossa exportação e arrecadação. Teremos dezenas de oportunidades de emprêgos e as novas estradas nos ligarão com outras mais longínquas e comercializáveis. Sobral será mais Sobral.<sup>351</sup> (Grifo do autor)

349 PARENTE, Josênio C. O Ceará e a modernidade. In: *A Era Jereissati*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 401-402. O estádio foi concluído no governo Virgílio Távora.

350 *Correio da Semana*. Sobral, 06 de janeiro de 1968.

351 *Correio da Semana*. Sobral, 13 de janeiro de 1968.

Outras manchetes ainda indicam aumento nas exportações, sendo o principal produto o chapéu de palha, acompanhado dos tecidos.<sup>352</sup>

Mantendo a sua liderança na exportação de Sobral, o chapéu de palha foi finalmente o produto mais exportado do ano que passou. Foi perseguido de perto pelo tecido que em meses passados ameaçou seriamente a sua posição de líder. Porém a venda de tecido caiu verticalmente, enquanto o chapéu de palha ficava definitivamente na liderança chagando ao fim do ano com uma grande margem sobre os demais produtos exportáveis sobralenses.

[...]

Enfim, nossa esperança da criação de novos mercados e novas vitórias.<sup>353</sup>

O desenvolvimento da cidade aparece também na propaganda do IBGE. Num artigo que objetivava apresentar as novas instalações da instituição e sua importância para a cidade, o diretor destaca os esforços da instituição no sentido de aperfeiçoar os números que demonstram o desenvolvimento sobralense, informando, quase que diariamente, as fontes de que dispõe e “as perspectivas promissoras da gente sobralense”.<sup>354</sup>

Além da indústria, a montagem de uma infraestrutura de serviços se consolidou na administração de Jerônimo Prado. O gestor se destacou nos investimentos em educação e modernização do espaço urbano da cidade. Foi da sua gestão a implantação do ensino ginasial (5ª a 8ª série) nas escolas municipais, a criação da Universidade Vale do Acaraú - UVA (1968), a inauguração do Museu Diocesano (1971) e a elaboração do primeiro Plano Diretor de Sobral (1967).<sup>355</sup>

---

352 Valor das exportações: Chapéu de palha – NCr\$ 2.038.024,00 e tecidos – NCr\$ 1.147.541,74. *Correio da Semana*. Sobral, 13 de janeiro de 1968.

353 *Correio da Semana*. Sobral, 13 de janeiro de 1968.

354 MACAMBIRA, José do Egito. As Estatísticas e Sobral. *Correio da Semana*. Sobral, 13 de janeiro de 1968.

355 LIMA NETO, José. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. 2009. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE, 2009, p. 82.

### 3.4.1 A criação da Universidade Vale do Acaraú - UVA

Figura 19 - UVA - Campus da Betânia, anos 90



**Fonte:** Calendário Acadêmico 2011. Série História – UVA 43 anos.

A primeira proposta de nome para uma universidade que atendes-se a região norte do Ceará foi Universidade Regional Vale do Acaraú (URVA). Em pronunciamento em agosto de 1968, no Primeiro Encontro de Diretores das Faculdades de Filosofia do interior do Nordeste, realizado na cidade de Crato-CE, o padre Sadoc Araújo, então diretor da Faculdade de Filosofia Dom José, em Sobral, já anunciava a importância da criação de uma universidade para Sobral: “a história coloca diante de nós sobralenses esta alternativa: estagnar o processo desenvolvimentista ou marchar para a criação da URVA”.<sup>356</sup> Com o nome mudado para UVA, esta seria realidade naquele ano, numa reunião do Rotary Club de Sobral:

Acontecimento de mais alta expressão na cidade, foi a histórica assembléia Rotária, promovida [...] durante a qual o prefeito Jerônimo Medeiros Prado, sancionou a Lei nº 214 que cria a FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE VALE DO ACARAÚ - U.V.A - As mais representativas personalidade da terra [...] comparecem ao grande evento para aplaudir e cumprimentar o dinâmico Edil sobralense pela feliz, patriótica e oportuna iniciativa de dotar a Princesa do Norte, tão carente de estabelecimentos de ensino superiores, da UNIVERSIDADE VALE DO ACARAÚ, empreendimento que foi recebido com inusitado entusiasmo pela população de Sobral e de toda Zona Norte,

356 *Correio da Semana*. Sobral, 31 de agosto de 1968.

por significar grande e decisivo passo para o setor educacional da Região.<sup>357</sup>

A Lei nº 214 de 23 de outubro de 1968 determinava que, até adquirir recursos próprios, a Universidade deveria ser mantida pela Prefeitura Municipal de Sobral. A UVA nasceu com as seguintes unidades: Faculdade de Educação, Faculdade de Serviço Social, Faculdade de Ciências da Administração, Faculdade de Enfermagem, Faculdade de Ciências Contábeis, bem como os Institutos Centrais de Ciências Básicas, Ciências Humanas, Geociências, Letras e Artes.<sup>358</sup>

A criação da UVA foi considerada por Jerônimo Prado a sua grande realização. Para o historiador padre Sadoc de Araújo, que participou da criação da instituição e tornou-se o primeiro reitor, a fundação da UVA para Sobral poderia ser comparada à emancipação política do município. Ele afirma que, com a Universidade, a cidade alcançou a maturidade cultural:

Há na história de Sobral dois marcos miliários, que, assinalam os dois dias mais memoráveis de toda evolução diacrônica da cronologia da cidade: 5 de julho de 1773 e 23 de outubro de 1968. A primeira data relembra a criação do município, que lhe trouxe a independência política, e a segunda, festeja a criação da Universidade, que lhe trouxe a maioria cultural.<sup>359</sup>

No livro intitulado: *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*, produzido por ocasião do falecimento desse líder político, são lhe feitas homenagens, especialmente por sua atuação na educação: “Honras sejam prestadas ao Prefeito Jerônimo Prado pela sua visão antecipadora de oferecer ensino médio municipal<sup>360</sup> e superior no estado do Ceará de então, em período ainda nem sonhado pelos prefeitos do Ceará [...]”.<sup>361</sup>

357 *Correio da Semana*. Sobral, 26 de outubro de 1968.

358 *Correio da Semana*. Sobral, 26 de outubro de 1968.

359 ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Jerônimo Prado o herói da UVA*. In: SOARES, José Teodoro (Org.). *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003, p. 15.

360 É provável que o autor tenha se enganado ao falar de ensino médio. Prado ofertou na verdade, o ensino ginásial, que hoje corresponde ao Fundamental II.

361 SOARES, J. T. *Jerônimo Prado e Ensino Superior em Sobral*. Sobral: Edições UVA, 2003, p. 24.

A interiorização do ensino superior no Ceará foi um processo tardio. Segundo Angélica Ramos, a Lei 5.540 de 1960 serviu para remover os entraves burocráticos à criação de instituições de ensino superior no país. Para a autora, o governo militar achava mais segura a abertura de faculdades nas pequenas cidades interioranas, onde poderiam ficar submetidas facilmente ao controle social das oligarquias locais, forças leais às determinações do Governo, constituindo o que ela chamou de *autoritarismo desmobilizador*. A criação da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (1968), localizada na região leste do estado (Vale do Jaguaribe), também foi resultado desse projeto político.

Desse modo, a interiorização do ensino superior, ao mesmo tempo em que contribuía como incremento cultural às pequenas cidades, desmobilizava os focos de resistência ao regime da época.<sup>362</sup> A fundação da UVA, nesse sentido, deveu-se à aliança de Jerônimo Prado com o regime militar. O depoente Francisco Prado, que acompanhou de perto a administração de Jerônimo Prado, afirma que o grande elemento de modernização da cidade foi a criação da Universidade Vale do Acaraú:

O Secretário de Educação da época era o Pe. Sadoc, que foi o que implementou, que foi o que fez tudo, tudo foi feito pelo Pe. Sadoc a cabeça mais pensante pra que aquela universidade fosse criada em Sobral. E ela foi criada através de uma lei municipal assinada pelo Jerônimo Medeiros Prado. Um homem de poucas letras, mais um homem que trouxe em si o não falar e o sempre agir. E devido isso, hoje, Sobral colhe frutos pela magnitude da cabeça do prefeito de então, a cidade pequena, mas ele se acobertou, por assim dizer, por pessoas que tinham o pensamento altivo para o futuro e criou a Universidade Vale do Acaraú.

[...] Que a época era aquela, porque Sobral estava começando a respirar um ar de educação. Sem educação não se cria nada, e daquela época então, Sobral passou a respirar um ar de desenvolvimento.<sup>363</sup>

362 RAMOS, Angélica *apud* FERREIRA NETO, Cicinato. *Estudos de História Jaguaribana*. Fortaleza: Premius, 2003, p. 554-5.

363 PRADO, Francisco. Advogado. Entrevista concedida à autora em 07 de agosto de 2006.



No ano de 1984, quase vinte anos depois de sua fundação, a UVA foi transformada em Universidade Estadual Vale do Acaraú pelo governo Gonzaga Mota.<sup>364</sup> Atas da Câmara Municipal de Sobral de 1987 se referem à instituição com a sigla UEVA.<sup>365</sup> Em 2003, com o falecimento do ex-prefeito Jerônimo Prado, o então reitor da UVA, José Teodoro Soares, determinou que fosse fundido um busto de Prado para ornar o *Panteão dos Fundadores*, ao lado de nomes como o bispo Dom José Tupinambá da Frota e o cônego Francisco Sadoc de Araújo.<sup>366</sup> As outras duas universidades estaduais do Ceará foram criadas na década de 1970, a *Universidade Estadual do Ceará* (UECE- 1973), com sede em Fortaleza, e a *Universidade Regional do Cariri* (URCA- 1974), localizada no sul do estado.

A criação da UVA, portanto, compôs o conjunto de práticas modernizadoras empreendidas sob a chefia de Jerônimo Prado, que deveria mudar o cenário urbano sobralense, e, ao mesmo tempo, manter sob controle os questionadores do regime. Contraditoriamente, a Universidade acolheu as discussões sobre as quais foi pensado o desenvolvimento da cidade, mas, como espaço de troca de ideias, também serviu aos opositores do regime: o movimento estudantil, os festivais de música e os debates em torno das eleições e da constituinte, principalmente na década de 80, tiveram lugar nas instalações da UVA, repetindo as experiências de diversas universidades brasileiras.

### **3.4.2 O Plano Diretor de 1967**

O plano diretor do município foi outro vetor da administração de Jerônimo Prado. Elaborado em 1967, foi anterior ao de São Paulo.<sup>367</sup> Na apresentação do plano, os idealizadores afirmam que o plano esteve

364 Lei nº 10.933 de 10 de outubro de 1984. Fonte: SOARES, J. T. *Jerônimo Prado e Ensino Superior em Sobral*. Sobral: Edições UVA, 2003, p. 57.

365 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 49ª Sessão Ordinária* da Câmara Municipal de Sobral. Sobral, 27 de outubro de 1987.

366 Resolução nº 13/2003. SOARES, J. T. *Jerônimo Prado e Ensino Superior em Sobral*. Sobral: Edições UVA, 2003, p. 66.

367 O Primeiro Plano Diretor de São Paulo foi elaborado em 1970.

em consonância com o III Plano Diretor da SUDENE e com o Plano de Ação Integrada do Estado (PLAIG). Um Conselho de Desenvolvimento foi criado para acompanhar a execução do plano. O Plano Diretor juntamente com o Código de Edificações, a Lei de Loteamentos Urbanos e o Código Tributário, tinham o intuito de disciplinar o espaço urbano e, principalmente, de racionalizar as políticas públicas para a cidade.<sup>368</sup>

Jerônimo Prado, ou as “cabeças pensantes”<sup>369</sup> da sua administração, tinha consciência do significado do PD para inserção da cidade neste novo tempo. Na apresentação do Plano, ele o caracteriza como “um facho de luz que iluminaria o futuro de Sobral, melhor abalizado pela ciência e pela técnica”. Ele ressalta, ainda, o papel da administração na concretização do plano como contribuição a um esforço regional para recuperação, até mesmo, do Nordeste.<sup>370</sup>

Segundo o arquiteto Herbert Rocha, o Plano Diretor de 1967 foi, na verdade, uma iniciativa do governo do estado, que deu ao prefeito Jerônimo Prado a oportunidade de nortear sua administração levando em conta diretrizes básicas para cada setor da cidade. O autor não explora a implementação do plano pelo prefeito, mas deixa claro que “*sem contar com o acompanhamento e as atualizações necessárias, caiu no abandono, tão logo assumiu o prefeito seguinte*”.<sup>371</sup>

A geógrafa Maria de Carmo Alves faz duras críticas ao Plano:

O plano, simplesmente, narra os aspectos sociais e físicos do município, sem fazer nenhuma análise. Não trata das políticas, apenas descreve a situação de cada uma, identificando nos objetivos melhorias em cada um dos setores. Contudo, nada se propõe de forma clara, apenas se prevê

368 LIMA NETO, José. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. 2009. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE, 2009, p. 50.

369 Ouviu-se em diversos momentos que muito do mérito da administração de Jerônimo Prado era do Advogado Luciano Arruda e do padre Sadoc, as verdadeiras cabeças pensantes da gestão.

370 PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Plano Diretor de Sobral - 1967-70*. Sobral-CE, 1967, p. 01.

371 ROCHA, Herbert. *O lado esquerdo do rio*. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e Turismo, Sobral: Escola de Formação de Saúde da Família Visconde de Sabugosa, 2003, p. 220.

que medidas devem ser tomadas. No plano está explícito que não existia controle tributário ou físico. Afora isso, ele é confuso, retórico, apresenta características de forma vaga, o que perpassa todo o documento.<sup>372</sup>

Um plano nessa data pode realmente caracterizar uma ideia inovadora, já que a obrigatoriedade desse instrumento no Brasil só se dá com a Constituição de 1988, contudo, a não efetivação do Plano Diretor em Sobral não era novidade. A literatura sobre o tema deixa claro que, em todo Brasil, os planos diretores não tiveram os efeitos esperados. Alguns autores inclusive defendem que é ilusão achar que os Planos Diretores trariam algumas mudanças para o desenvolvimento urbano, pois, em muitos casos, eles foram produzidos por empresas privadas ou instituições públicas alheias ao poder político local, o que quase sempre distanciava o projeto da realidade.<sup>373</sup>

Ainda de acordo com a geógrafa Maria do Carmo Alves, não se sabe por que o Plano não foi aplicado. A única certeza era que a concretização de um plano diretor em Sobral só ocorreria em 2000 com a elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), revisado em 2006/2008.<sup>374</sup> Todavia, foram encontradas, ainda na década de 70, informações sobre a elaboração e conclusão de um estudo de planejamento urbano para Sobral, na administração de Joaquim Barreto, que deveria abranger um prazo de dez anos.<sup>375</sup>

Jerônimo Prado não concorreu diretamente a nenhum outro cargo público, mas a sua liderança continuaria a intervir na história política sobralense por mais algumas décadas, como assessor direto do seu filho José Parente Prado, eleito prefeito por duas gestões (1975-1976/ 1989-1992), e Deputado Estadual em três legislaturas, bem como da candidatura do neto Marco Prado, que continua atuando na política local.

---

372 ALVES, Maria do Carmo. *Planejamento urbano e formação territorial* – Sobral e suas contradições. Campinas-SP: Edições Territorial, 2011, p. 175-176.

373 *Ibid.*, p. 175-176.

374 *Ibid.*, p. 175-176.

375 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de outubro de 1974.

### 3.5 Espírito desenvolvimentista

Durante as décadas de 1960/1980, *desenvolvimento* era a palavra-chave na região de Sobral, tornando-se pauta permanente de seminários locais e regionais, tanto em momento de crescimento como de crise. O tema era colocado em evidência pelo Conselho de Desenvolvimento de Sobral (CODESO), que existiu durante quase três décadas, organizando eventos ou solicitando recursos para superação das crises econômicas temporárias.

Em fins de 1968, ocorreu o *1º Encontro Desenvolvimentista de Sobral*, que teve por objetivo discutir a distribuição de energia elétrica, o crédito rural e pecuário, a instalação de serviço de esgoto, a indústria nos distritos, a intensificação do sistema escolar, a assistência ao trabalhador rural, além da melhoria geral das condições da cidade e do planejamento de seu desenvolvimento.<sup>376</sup> Dados econômicos do período indicam que a exportação local bateu o recorde e que os principais produtos foram: o chapéu de palha, o algodão em pluma e os tecidos.

Em 1969, encontramos informações de um telegrama do CODESO<sup>377</sup> ao Banco do Nordeste do Brasil (BNB) solicitando ajuda para uma crise econômica temporária<sup>378</sup> naquele ano. Assinam o documento o bispo, o prefeito, o Clube dos Dirigentes Lojistas (CDL), o Rotary Club, a Câmara Municipal, a Câmara Júnior, o Lions Clube e a Associação Comercial.<sup>379</sup> Essas instituições aparecerão a todo momento na promoção ou apoio aos eventos em prol do desenvolvimento da cidade.

Em 1974, num único mês, ocorreram três eventos, intitulados como *Seminário Sobre o Desenvolvimento da Microrregião de Sobral*. Segundo nota do *Correio da Semana*, o evento teve a direção do Conselho de Desenvolvimento da Microrregião de Sobral (CODEMIS). O primeiro

376 *Correio da Semana*. Sobral, 14 de dezembro de 1968.

377 Não se sabe a periodicidade do Conselho de Desenvolvimento já que a sua criação é citada em vários momentos: 1967 (Plano Diretor), em 1969 (*Correio da Semana*, 10 de maio de 1969) e em 1986 (Documentos Diversos, 04 de março de 1986).

378 *Correio da Semana*. Sobral, 21 de julho de 1969.

379 *Correio da Semana*. Sobral, 10 de maio de 1969.

realizou-se na Serra da Meruoca. O segundo teve como sede o município de Ipu. A previsão era de que o terceiro, de maior porte, ocorresse em Sobral, nas dependências da UVA, e contasse com a presença de técnicos da Superintendência de Desenvolvimento do Ceará (SUDEC), da Secretaria de Planejamento e da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, responsáveis pela orientação dos seminários que tinham a duração de uma semana.<sup>380</sup> No ano de 1974, o Fundo Participação de Sobral foi o maior do interior<sup>381</sup>, e o município deu à Secretaria da Fazenda do Estado a segunda maior arrecadação, pelo segundo ano consecutivo.<sup>382</sup>

No ano seguinte, a Associação Comercial de Sobral promoveu um encontro para discutir o desenvolvimento do município entre as lideranças sobralenses e os políticos votados no município nas últimas eleições. O evento realizado no Hotel Municipal teve duração de um dia e contou com a presença de vários deputados.<sup>383</sup>

Um documento do governo do estado indica que, em 1977, ocorreu em Sobral o *I Seminário sobre o Desenvolvimento da Região Norte*. A Secretaria de Planejamento do Estado elaborou um documento para subsidiar o evento, em que constava um esboço de oportunidades de investimentos industriais para região. Entre as principais perspectivas de investimento, destacou-se a agroindústria do coco, de frutos tropicais, calcário, material para construção civil, entre outras. Os promotores do evento foram: o governo do estado, por meio da SEPLAN, a UVA, a Associação Comercial de Sobral, os Clubes de Serviços (Lions e Rotary) e as prefeituras municipais da região.<sup>384</sup> O segundo seminário aconteceria em 1984.<sup>385</sup> Nesse período, alguns sobralenses assumiam cargos no governo do estado sob a direção de Adauto Bezerra: Josias Ferreira Gomes, Paulo Lustosa da Costa e Evandro Ayres de Moura.

380 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de janeiro de 1974.

381 *Correio da Semana*. Sobral, 15 de dezembro de 1974.

382 *Correio da Semana*. Sobral, 18 de janeiro de 1975.

383 *Correio da Semana*. Sobral, 22 de fevereiro de 1975.

384 CEARÁ. Secretaria de Planejamento e Coordenação. Sobral, 1977. 27p. A indústria nordestina cresceu mais que a nacional. *Correio da Semana*, 09 de junho de 1979.

385 *Correio da Semana*. Sobral, 13 de outubro de 1984.

Além disso, no Governo Federal, o Coronel Luciano Tebano Barreto Lima era chefe de assessoria do Ministério da Saúde.<sup>386</sup>

Esse espírito desenvolvimentista tinha no jornal *Correio da Semana* o seu principal propagador. Eventos, obras, projetos, tudo tinha espaço nas páginas desse semanário que não fazia distinção entre os diversos grupos políticos que, em momentos diferentes, ocupavam a chefia do poder municipal.

Na contramão desta tese, a historiadora Giovana Girão defende que a cidade de Sobral vivenciou entre as décadas de 1960 até meados de 1990 um longo período de estagnação econômica, que teve como um dos fatores responsáveis a desativação da ferrovia Camocim-Sobral em 1977.<sup>387</sup> O historiador Carlos Santos, ao falar da desativação da ferrovia e de seu impacto econômico na região, não faz nenhuma referência a Sobral, pelo contrário, ele afirma que, desde a década de 1950, a ligação ferroviária de Sobral com Fortaleza já havia diminuído sobremaneira o comércio de importação e exportação entre Sobral e Camocim.<sup>388</sup>

Acredita-se que a tese da historiadora não se aplica a Sobral, pois a sucessão de eventos acima elencados demonstra que, se havia alguma crise econômica em andamento, sem dúvida, havia, na mesma medida, uma iniciativa de discussão, planejamento e execução de políticas que garantissem a continuidade do desenvolvimento de Sobral. Essas ações contaram com a participação efetiva de instituições de caráter muito diverso e de grupos sociais, que, de algum modo, tinham interesse no futuro da cidade. Os clubes de serviços aparecem com frequência na promoção desses eventos.

---

386 *Correio da Semana*. Sobral, abril e 24 de maio de 1975.

387 GIRÃO, Glória Giovana Sabóia Mont'Alverne; SOARES, Maria Norma Maia. *Sobral história e vida*. Sobral: Edições UVA, 1997.

388 SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Entre o Porto e a Estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE (1920-1970)*. 2008. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p. 129.

### 3.5.1 Os Clubes de serviços

Os clubes de serviços *Rotary Club*, *Lions Clube* e *Câmara Júnior* aparecem constantemente nas fontes que descrevem as políticas de desenvolvimento da cidade de Sobral.

De acordo com estudo de Antonieta Bonito, o *Lions Club* surge nos Estados Unidos como clube de negócios para proteger os interesses de seus membros. Depois, se estende a outras nações com a pretensão de ajudar a todos “desinteressadamente”, sendo reconhecido como Clube de Serviços. Durante a Guerra Fria, ele assumiu a defesa do Capitalismo, identificando-se com seus princípios. Dada a influência americana, a América Latina é a região com maior presença do clube.<sup>389</sup>

No Brasil, o Clube foi fundado na década de 1950. A ação desse grupo é classificada pela autora como filantropia e grupo de pressão ideológica: “Tudo faz parte de um projeto cuja preocupação maior é a salvaguarda do Estado Liberal; subtraindo do Estado a obrigação da assistência à população carente e colocando-a nas mãos de particulares transforma-se um direito em “doação meritória”.”<sup>390</sup>

A autora afirma que, criando “ilhas de contentamento”, as ações filantrópicas reduzem as formas de solidariedade a fim de suprimir o risco de insurreição e da dependência econômica.<sup>391</sup> Para ela, se o século XIX assistiu a batalha entre a caridade e a filantropia, o século XX assiste a vitória da filantropia como forma de assistência, embora o Lions não assuma sua ação como filantrópica.<sup>392</sup>

As ideias e práticas de clubes como o Lions e o Rotary se alinhavam perfeitamente ao pensamento autoritário que inspirou o golpe de 1964 e, por sua vez, a instalação do regime militar. Na Lei de nº 5.575 de 1969, o presidente Garrastazu Médici reconhece “[...] de utilidade

389 BONITO, Maria Antonieta. *Lions Clube – Serviço e poder*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Campinas, Campinas-SP, 1994, p. 30.

390 *Ibid.*, p. 37.

391 *Ibid.*, p. 39.

392 *Ibid.*, p. 40.

pública o Lions bem como o Rotary, que comprovadamente promovem a educação e exercem a atividade de assistência social”.<sup>393</sup> A autora cita um estudo de caso na década de 1960, em São Paulo, onde o Lions e o Rotary contribuíram para a cassação de prefeitos da cidade de Itaipava, considerados aliados dos comunistas. Entre as ações praticadas pelos clubes em São Paulo, estava a organização da *Marcha da Família com Deus e pela Democracia*.<sup>394</sup> Ela assim conclui sua análise:

O Lions, “clube de serviço, voltado para comunidade”, revela-se neste trabalho como um grupo de pressão complexamente organizado, que já por suas origens, seu embasamento filosófico e pelas diretrizes de sua ampla atividade assistencial, exerce considerável influência sobre setores-chave da sociedade. O controle sobre os grupos menos favorecidos, facultado pela filantropia vigilância contra comportamentos ou doutrinas políticas “ameaçadoras” e, por fim, a estreita relação com o poder econômico e institucional, garantem – muito mais que o “bem-estar da comunidade” – a salvaguarda do poder sócio-político de seus membros.<sup>395</sup>

A história do Rotary Club não é muito diferente. Partindo de uma matriz teórica semelhante à de Maria A. Bonito, Águeda Uhle afirma que o Rotary é comprometido com o capitalismo e que, na sua história, interfere na política como grupo de pressão e por meio de ações filantrópicas. A indústria e o comércio são pensados pelo clube como serviço social, o que significava que para eles negócio e serviço eram sinônimos.<sup>396</sup>

A autora afirma que, embora tenha tido muitos problemas com a Igreja Católica, pela semelhança de objetivos, o clube sempre primou pela boa relação com a instituição, especialmente com os setores mais

---

393 Lei nº 5.575, Brasília, 17 de dezembro de 1969. In: SILVA, Z. C. *As leis do leonismo*, 1989 apud BONITO, *Op. cit.*, nota 94, p. 176.

394 BONITO, Maria Antonieta. *Lions Clube – Serviço e poder*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Campinas, Campinas-SP, 1994, p. 107-114.

395 *Ibid.*, p. 120.

396 GRAMSCI, Antonio apud UHLE, Águeda Bernadete. *Comunhão Leiga: o Rotary Club no Brasil*. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de Campinas-SP, 1994, p. 21.



conservadores.<sup>397</sup> A tese da autora é a que o Rotary é uma associação internacional que visa contribuir para a reprodução das condições de expansão do capitalismo. O clube serve diretamente aos interesses da camada social que o compõe, embora se sirva da mistificação – prestação de serviço – para encobrir seus reais objetivos.<sup>398</sup> Assim como o Lions, o Rotary teria contribuído na campanha anticomunista e a favor da ditadura. De acordo com Uhle, muitos rotarianos foram alunos ou estagiários da Escola Superior de Guerra (ESG). Além disso, a sede do Rotary foi cedida para cursos da Escola.<sup>399</sup>

Em Sobral, esses clubes tiveram participação importante na política local. Eles estavam presentes nos conselhos de desenvolvimento, na organização das festividades de aniversário da cidade, nas festas da Igreja Católica, datas comemorativas, exposições agropecuárias e na fundação da UVA, que foi decidida numa reunião do Rotary, o que significa que ocuparam postos importantes nas esferas do poder local. Havia, inclusive, um jornal do Rotary em Sobral.<sup>400</sup> A partir da bibliografia acima analisada, pode-se constatar que o primeiro presidente do Rotary no Brasil, com sede no Rio de Janeiro, foi um sobralense, João Thomé Saboya e Silva, à época engenheiro, senador da República, ex-governador do Ceará e importador de acessórios para automóveis.<sup>401</sup>

No Plano Diretor de Sobral de 1967, os clubes de serviços são considerados ícones de desenvolvimento da cidade:

Atualmente aos processos tradicionais de crescimento (mudar de forma sem alterar o conteúdo) juntam-se positivos aspectos de mudança renovadora: novas implantações industriais com democratização de capital; filhos de fazendeiros e comerciantes que se lançam corajosamente, na indústria; **influência, bem acolhida, dos “clubes**

397 UHLE, Águeda Bernadete. *Comunhão Leiga: o Rotary Club no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Campinas, São Paulo, 1991, p. 102.

398 *Ibid.*, p. 121.

399 *Ibid.*, p. 176.

400 “está circulando o nº 38, ano 7 do interessante jornal de Rotary Club de Sobral, editado pelo rotariano Domingos Alves Melo, contendo o boletim das atividades daquele clube de serviços que se reúne todas as 4<sup>as</sup>. feiras, as 20h, no restaurante Sobral Country Clube.” *Correio da Semana*. Sobral, 24 de agosto de 1968.

401 UHLE, Águeda Bernadete. *Comunhão Leiga: o Rotary Club no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Campinas, São Paulo, 1991, p. 49.

**de serviços” (Lions e Rotary), admitindo no seu quadro social a entrada de pessoas de menos “tradição” na vida da cidade (profissionais liberais, comerciantes novos, etc).<sup>402</sup> (Grifo nosso).**

Há várias referências da atuação do Lions na vida política e religiosa da cidade. Havia em Sobral duas organizações do clube: o Lions Sobral Centro (1955) e o Lions Sobral Caiçara.<sup>403</sup> Um conhecido nome da política local foi governador do Distrito L-15 do Lions, o empresário Aurélio Ponte, que foi candidato a prefeito de Sobral nas eleições de 1982, pelo PDS 3, sob o apoio dos Ferreira Gomes, e que compôs o grupo que denunciou o prefeito Ricardo Barreto, em 1994.<sup>404</sup> Uma nota sobre os preparativos da Semana Santa informa que o Clube ofereceu seu coral para o evento: “Vale a pena lembrar que o coral do “Lions” é constituído de casais de nossas melhores famílias. Famílias cristãs que também nos estende a mão para um esforço de cristianização.”<sup>405</sup>

Nota-se que o clube gozava de muito prestígio na cidade:

Lions Clube comemorará aniversário sexta-feira.  
Como todo sobralense sabe, muitos benefícios já tem prestado a nossa sociedade, os clubes de lions, principalmente nos momentos de maior necessidade de nossa comunidade, sendo portanto certa a participação da comunidade sobralense na programação de aniversário daquele clube.<sup>406</sup>

A estreita relação entre clubes de serviços e política é ainda evidenciada numa nota de 1974 sobre a Convenção Estadual do Lions em Fortaleza, que contou com a presença do governador do estado. Em outros municípios da região Norte, também havia sede do clube, ou

402 PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. Plano Diretor de Sobral. Sobral, 1967, p. 2.16.

403 Há uma referência a um terceiro grupo: Lions Domingos Olímpio. *Correio da Semana*. Sobral, 04 de janeiro de 1975.

404 “- Leonismo: regressou de Juiz de fora, Minas Gerais, o sobralense Aurélio Ponte, governador do distrito L-15, do Lions Internacional, onde participou de importante Reunião Leonística.” *Correio da Semana*. Sobral, 03 de fev. de 1974.

405 *Correio da Semana*. Sobral, 09 de fev. de 1974.

406 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de outubro de 1974. O Lions fará vinte anos e o presidente é José Ribamar Coelho.

seja, sob a roupagem da prestação de serviços pelo ato da beneficência, diversos setores da sociedade atuavam na vida política local, intervindo diretamente nos destinos da cidade.

### **3.6 A modernização do espaço urbano – energia, água, comunicações e habitação**

O processo de urbanização dos centros regionais nordestinos, entre as décadas de 1960 e 1980, é resultado tanto da implantação de novas indústrias como de uma estrutura de serviços, embora haja divergência entre os geógrafos sobre a ordem de importância de cada uma delas.<sup>407</sup> No Plano Diretor de Sobral de 1967, a concepção da primazia dos serviços no desenvolvimento local é evidenciada: “A situação geográfica, redes de comunicações e concentração de serviços fazem de Sobral um centro regional de primeira categoria no estado.”<sup>408</sup>

Energia, água e telefonia eram serviços essenciais que deveriam ser oferecidos por um polo regional. Entre os anos de 1960 e 70, existiam, no Ceará, quatro empresas de distribuição de energia elétrica. A Companhia Centro-Norte de Eletrificação do Ceará (CENORTE), que atendia a região Norte do estado, foi contratada pela prefeitura de Sobral em 1968 para atender a eletrificação do município, viabilizando a energia de Paulo Afonso: “Sobral está em festa, a energia de Paulo Afonso está aí, um sonho que parecia irrealizável. Algo de irreal e que por passos de mágica tornou-se real, concreto, palpável, estuante de força”.<sup>409</sup>

Para o jornalista Ribeiro Ramos, o mérito foi principalmente de Virgílio Távora, que se consagraria como referencial da eletrificação do Ceará, embora ele não deixasse de ressaltar a iniciativa do prefeito Jerônimo Prado e o apoio do ministro das Minas e Energia, o cearense

407 JUNIOR, Marta Maria. *Cidades Médias: uma abordagem da urbanização cearense*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2003, p. 58.

408 PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. Plano Diretor de Sobral. Sobral, 1967.

409 *Correio da Semana*. Sobral, 06 de setembro de 1968 *apud* LIMA NETO, José. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. 2009. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE, 2009, p. 59.

Coronel Costa Cavalcante, representante do presidente Artur da Costa e Silva no evento de inauguração da obra.

Em 1971 foi criada a Companhia de Eletricidade do Ceará (COELCE) que incorporou as quatro companhias regionais, passando a fornecer energia da hidrelétrica de Paulo Afonso para todo estado.<sup>410</sup> Na elaboração do Plano Diretor do Distrito Industrial, em 1975, a estrutura de energia de Sobral foi considerada satisfatória.<sup>411</sup>

O sistema de abastecimento de água de Sobral estava sob a responsabilidade do Sistema Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), criado em 1961. No entanto, de acordo com o historiador José Lima Neto, até 1967, o serviço era fornecido de forma precária, dado os poucos recursos revertidos para o SAAE, o que tornava seu serviço bastante deficitário. A situação teria se modificado quando a prefeitura fez convênio com a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP), que passou a reger a administração, a operação e a manutenção do sistema de abastecimento de água em Sobral até a retomada da autarquia pela Prefeitura em 2001.

Ainda em 1969, num convênio da Prefeitura de Sobral com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), foi construída uma adutora para trazer água do açude Aires de Souza<sup>412</sup> para Sobral, sistema ainda em funcionamento atualmente. A imprensa da época noticia esta como uma importante obra de serviço para a cidade:

Sem a menor dúvida, êsse será o maior serviço que a Sobral, prestará em sua gestão o atual prefeito Sr. Jerônimo Prado. Trata-se de realização de vulto muito reclamada pelas necessidades da cidade, a qual além de ser uma das maiores do interior cearense; experimenta no momento fase de grande expansão demográfica e animador progresso industrial. Bem inspirado andor o chefe do Executivo sobralense ao cuidar de resolver o mágnio problema, que se insere entre os primeiros de qualquer cidade civilizada.<sup>413</sup>

410 *Ibid.*, p. 59. Atualmente a COELCE se encontra privatizada.

411 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16), p. 25.

412 O açude situa-se no distrito de Jaibaras, próximo a cidade do Sobral.

413 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de abril de 1969. O investimento foi da ordem de 1 milhão e 800 mil cruzeiros novos. Transcrito do Jornal *Unitário*. Fortaleza, 02 de abril de 1969.

O mesmo periódico destaca a citada obra como exemplo do planejamento que caracterizava as políticas públicas naquele período:

[...] Vivemos à época das administrações planejadas, mesmo na esfera municipal. Acabou-se o tempo das improvisações, do emprêgo dos recursos públicos fora de uma escala de prioridades indicadas pela mão dos técnicos. Já é hora das nossas cidades maiores irem pensando em problemas básicos, agora que contam com maior soma de receitas. Planifiquem bem, planifiquem com acerto, que depois os recursos de fora serão mais fáceis de obter. Ficar de braços cruzados modorrando em rotina, sem nenhum arrôjo, é atitude condenável, porque as coisas não costumam cair do céu para serem colhidas sem trabalho.<sup>414</sup>

Nas comunicações, o sistema de telefonia, criado em 1954, foi ampliado em 1965 e melhorado em 1969, num convênio com a empresa *Siemens*, que ampliou o sistema para 200 terminais, melhorando a comunicação. De acordo com a imprensa, em 1975 o município foi o primeiro grande centro urbano do interior cearense a dispor do sistema DDD/DDI da Embratel: “as obras constarão de duas centrais: uma urbana com 3.000 terminais e outra de trânsito.”<sup>415</sup> A cidade sediava a central dos Correios e Telégrafos para a região, contava com três emisoras de rádio e recebia imagens das estações de televisão de Fortaleza.

De acordo com estudos do geógrafo Airton da Silva sobre a expansão urbana de Sobral, foram vários os investimentos em habitação popular entre as décadas de 1960 e 1990. Ele afirma que o primeiro Conjunto Habitacional de Sobral foi construído no bairro do Junco, com recursos do Governo Federal, por meio da Fundação Casa Popular (FCP), entre 1956-1960.<sup>416</sup> Com a criação do BNH, em 1964, e o Sistema Financeiro de Habitação, o

414 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de abril de 1969.

415 *Correio da Semana*. Sobral, 16 de agosto de 1975.

416 SILVA, José Airton da. *A expansão urbana de Sobral: agentes sociais, processos e formas espaciais da cidade (1960-1996)*. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2000 *apud* RODRIGUES, Antônia Helaine Veras. *Especulação imobiliária na cidade de Sobral, Ceará: um estudo dos loteamentos Morada do Planalto e Rosário de Fátima*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

Governo Federal, em parceria com o estado em vários municípios cearenses, construiu alguns conjuntos habitacionais.<sup>417</sup> O conjunto habitacional de Sobral, com financiamento do BNH, foi construído no Bairro Sinhá Sabóia, pela Lei nº. 53/68 de 02 de janeiro de 1968. Um projeto de lei municipal foi aprovado para a construção de cerca de 470 casas, financiado pelo Banco Nacional de Habitação e executado pela prefeitura:

Medidas legislativas já adotadas por essa egréria câmara, possibilitaram a Prefeitura programar a construção de 470 (quatrocentos e setenta) casas populares no bairro “SINHÁ SABÓIA”, nesta cidade, cujo ante-projeto, elaborado pela COHAB-CE, já obteve aprovação do Órgão financiador do programa, no caso, o Banco Nacional de Habitação. Ocorre que, para aprovação definitiva do programa, se faz mister a adoção de providências que cabem a prefeitura, como seja: - elaboração de projetos de rede de abastecimento d’água e fornecimento de energia elétrica, assim como, a urbanização do terreno. Tais projetos exigem grandes recursos para serem executados. Porém o B.N.H os financia, a prazo de 5 (cinco) anos, possibilitando a prefeitura executa-los, o que não seria possível como recursos próprios. Quanto ao mérito do empreendimento, não se faz mister ressaltá-lo de vez que **salta a vista de quem quer que deseje o desenvolvimento de Sobral**. Face as considerações supra, solicito o exame e aprovação das providências constante desta mensagem, renovando a Egréria Câmara protestos de distinta consideração e maior apreço.<sup>418</sup>

Entre a aprovação do projeto e o início das obras, passaria quase um ano. O projeto foi enviado/aprovado em janeiro, e, em outubro, as obras de terraplanagem do terreno foram executadas.<sup>419</sup> Em 1969, o presiden-

---

417 RODRIGUES, Antônia Helaine Veras. *Especulação imobiliária na cidade de Sobral, Ceará: um estudo dos loteamentos Morada do Planalto e Rosário de Fátima*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012, p. 41.

418 Justificativa da Lei nº. 53/68. Mensagem nº. 01/68 do Prefeito Jerônimo Prado a Câmara Municipal de Sobral. 02 de janeiro de 1968 *apud* LIMA NETO, José. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. 2009. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE, 2009, p. 54. Há divergência nas informações sobre o número de casas construídas.

419 *Correio da Semana*. Sobral, 26 de outubro de 1968.

te da COHAB visitou Sobral para acompanhar as obras de habitações populares em vias de conclusão:

O Coronel Breno Vitoriano, presidente da Cohab, em recente estada na Princesa do Norte, visitou em Companhia do Prefeito Jerônimo Medeiros Prado, a construção de um núcleo de casas populares, em número de 475, em vias de conclusão, no Bairro Sinhá Sabóia. Referidas habitações, ao que ficou deliberado, deverão ser inauguradas em Junho próximo.<sup>420</sup>

Tudo indica que as obras foram concluídas em 1970, resultando em 500 casas no bairro COHAB I e 400 casas na COHAB II. Nos anos de 1980, foram criados os bairros Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes Júnior, Grajaú (1982) e Conjunto Habitacional Ursulita Barreto (1983). Na década de 1990, o Programa Municipal de Habitação criou o bairro Santo Antônio, com 150 casas e doação de 90 lotes, o Conjunto Habitacional Prefeito Cesário Barreto, com 300 casas, no bairro Betânia, e o Conjunto Habitacional Dom José, conhecido como COHAB III.<sup>421</sup>

### ***3.6.1 Crescimento sem equidade***

Evidentemente, os investimentos públicos nem sempre atenderam à maioria da população. Quando se afirma que a cidade recebeu muitos investimentos, não se quer dizer que a maioria da população tenha sido beneficiada por esses projetos. Os próprios documentos institucionais deixam claro essa situação, em que muitos setores da sociedade deixaram de ser beneficiados. Essas contradições são evidenciadas em documentos como o *Plano Diretor de Sobral de 1967* e o *Plano Diretor do Distrito Industrial de 1981*, quando estudos prévios foram elaborados para justificar a necessidade desses investimentos.

---

420 *Correio da Semana*. Sobral, 10 de maio de 1969.

421 RODRIGUES, Antônia Helaine Veras. *Especulação imobiliária na cidade de Sobral, Ceará: um estudo dos loteamentos Morada do Planalto e Rosário de Fátima*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012, p. 40-41.

Sobre o sistema de água, por exemplo, encontraram-se informações que, apesar dos investimentos no setor, parte da população ainda contava apenas com chafarizes, já que não podiam orçar com as despesas de instalação dos equipamentos nas suas casas. Não havia sistema de esgoto, apenas fossas sépticas ou secas. No setor elétrico, a zona rural praticamente não era atendida.<sup>422</sup>

Do ponto de vista das habitações, Sobral tinha problemas muito semelhantes à maioria das cidades nordestinas. As habitações de taipas representavam quase metade dos domicílios. A iniciativa da prefeitura de construir habitações populares em 1965 não rendeu o resultado esperado, já que não houve um plano urbanístico que desse suporte às obras. O número de residências construídas foi muito pequeno e não foram estabelecidos critérios básicos de distribuição nem um plano de aquisição da casa pelo usuário, fator de desestímulo à conservação do imóvel.<sup>423</sup>

Em depoimento, Osvaldo Aguiar denuncia que vários bairros populares foram constituídos a partir de ocupações incentivadas pelo próprio poder público. José Prado, Joaquim Barreto e mesmo José Euclides F. Gomes Júnior teriam incentivado a população a ocupar terras da prefeitura para construir suas habitações. No processo de instalação, as pessoas sempre recorriam aos administradores, requerendo material de construção, o que acabava por mantê-los dependentes dos favores políticos que garantiam a permanência desses grupos no poder.<sup>424</sup>

Mesmo com os investimentos do BNH, parece não ter se modificado o quadro habitacional de forma substancial, pois dados do Plano Diretor dizem que as 32 habitações construídas com recursos municipais apresentavam melhores condições, que as construídas pelo BNH.<sup>425</sup> Aliás, não foram poucas as críticas à ação do BNH em nível nacional, estadual

422 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16), p. 25.

423 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16), p. 3.4.9.

424 AGUIAR, Osvaldo. Entrevista concedida à autora em 14 de nov. de 2012.

425 Pesquisa Local Censitária - 1974. Distrito Industrial de Sobral. Plano Diretor. Sobral-CE, p. 33-34.



e municipal. O Plano Diretor de Sobral de 1967 diz ainda que, três anos após a fundação do BNH, não se alcançou a cifra de 30 mil habitações novas em todo território nacional para uma necessidade avaliada em 400 mil unidades.<sup>426</sup> Além da lentidão na execução das construções, constataram-se também que os programas não conseguiram atender as camadas sociais de baixa renda, que eram majoritárias. O documento conclui que o quadro poderia ser revertido, mas, ao que tudo indicava, as prefeituras não estavam aparelhadas para sua efetiva participação no plano nacional de habitação.<sup>427</sup>

É preciso salientar que, mesmo não tendo alcançado o resultado esperado, pois *crescimento* nem sempre é acompanhado de *equidade*, os investimentos do BNH chegaram a Sobral, o que significa que, de algum modo, a cidade estava sob a proteção do poder vigente. O aumento populacional de Sobral entre 1950 e 1990 foi acima da média do Ceará, com a população urbana superando a rural.<sup>428</sup>

**Tabela 2** - Sobral: crescimento populacional e taxa de urbanização

Ano	População Total	População urbana	População rural	Taxa de urbanização
1950	70,011	26,432	43,579	37,75%
1960	73,716	37,706	33,010	51,15%
1970	90,948	56,827	34,121	58,92%
1980	104,577	76,042	28,535	69,83%
1991	127,459	103,868	23,621	81,47%

**Fonte:** IBGE.

426 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16), p. 3.3.14.

427 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16), p. 3.3.15.

428 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16), p. 24-43.

### 3.7 E a crise econômica?

Os investimentos planejados continuavam a se efetivarem em Sobral, nos anos 70, apesar da crise econômica em nível nacional. Na divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas, realizada pelo IBGE em 1972, Sobral reforçava seu papel como centro regional, sendo definido como centro comercial e industrial no noroeste do Ceará.<sup>429</sup> No Plano Governamental do Estado do Ceará (PLAIG) para 1971-1974, definem-se, com base nesses estudos, quatro grandes regiões polarizadoras: Fortaleza, Sobral, Crato-Juazeiro do Norte e Iguatu.<sup>430</sup>

**Figura 20** - José Parente Prado, ex-prefeito de Sobral



**Fonte:** souchocolatenaodesisto.blog.spot.com. Acesso em: 27 de set. de 2012.

429 *Apud* HOLANDA, Virgínia C. Cavalcante. *Dinâmica sócio-espacial de uma cidade média/ Sobral-CE*. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2000, p. 52. Regiões funcionais urbanas foi uma denominação criada pelo IBGE em 1972, definido a partir do método de contagem de relacionamentos ou vínculos mantidos entre os centros urbanos em três setores de atividades: fluxos agrícolas, distribuição de bens e serviços, a economia e a população.

430 *Ibid.* p. 52.

José Parente Prado foi o sucessor de Joaquim Barreto na administração municipal. Filho do ex-prefeito Jerônimo Medeiros Prado, ingressou na política em 1972, como prefeito de Sobral (1973-1976). As práticas “populistas” lhe deram o título de *Zé dos Pobres*.<sup>431</sup> Na sua gestão, instituiu a festa do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral, bem como o brasão, o hino e a bandeira da cidade, no ano de 1973.<sup>432</sup> O evento foi uma grande exaltação da majestade sobralense e a palavra desenvolvimento ofuscava, a todo instante, qualquer manifestação de crise em andamento.

**Figura 21** - Cartaz da Festa do Bicentenário da Vila de Sobral – 1973



**Fonte:** Acervo Padre João Mendes Lira.

431 SOBRAL, Valério. Semana Bandeira Branca. Disponível em [souchocolateanaodesisto.blogspot.com](http://souchocolateanaodesisto.blogspot.com). Acesso em 27 de setembro de 2012.

432 BOLETIM DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Administração Moderna* – caminhando com o povo. Sobral, 1992, p. 33. Os símbolos do municípios foram pensados já na administração de Jerônimo Prado em 1970 (O Povo, 13 de fev. de 70. Acervo Pe. Lira). Ainda hoje o aniversário da cidade é comemorado pela data de fundação da vila e não pela data de emancipação política.

O evento, que tinha na comissão de honra o Presidente Garrastazu Médici e o governador César Cals de Oliveira Filho, ganhou as páginas dos maiores jornais da capital (*O Povo*, *Diário do Nordeste*, *Correio do Ceará*, *Tribuna do Ceará*) e do *Correio da Semana*, dos quais muitos criaram um caderno especial para a comemoração.<sup>433</sup> No caderno do jornal *O Povo*, há duas páginas dedicadas à história do crescimento econômico sobralense, reproduzida do jornal *Correio da Semana*. Em ambas, é possível perceber uma perspectiva promissora de continuidade do desenvolvimento local:

Com o advento dos incentivos 34/18, a chegada da energia farta de Paulo Afonso e o apoio financeiro oferecido pelo BNB, nova fase vem de ser marcada na economia sobralense, a partir da década de 60 deste século: a civilização industrial sobralense. Dessa nova geração, é a Indústria Sobralense de Castanhas de Caju S.A (INCASSA), [...]; a Cia Sobralense de Material de Construção (COSMAC), [...]; a Cia Cearense de Cimento Portland (CCCP), primeira fábrica de cimento do Ceará e uma das mais modernas do Nordeste; a Laticínios Sobralense S.A (LASSA), [...]; para citar apenas as mais importantes. Resta, apenas, a criação do nosso Distrito Industrial, que não tardará muito como consequência da própria conjuntura.<sup>434</sup>

Na *Tribuna do Ceará*, é dada ênfase nas ações do governo do estado na cidade, tanto que uma frase do governador César Cals ganhou destaque: “Sobral é parcela viva no desenvolvimento cearense”.<sup>435</sup> O encontro regional que levava o governo aos municípios fora programado para Sobral, coincidindo com as comemorações do Bicentenário.<sup>436</sup> Mesmo com um evento dessa natureza, não deixam de aparecer as contradições dessa tão majestosa princesa. O artigo de Edmundo de Castro, na *Gazeta de Notícias* dá algumas alfinetadas:

Sobral de muitas igrejas, de palácio e museus, de gente humilde nos bairros pobres, de muitas lavadeiras nas margens dos rios Acaraú e Jaibaras. De duas câmaras municipais, uma vez

433 Cf. Acervo Padre Lira. Museu Dom José. Sobral, 1973. O monumento ao Eclipse de 1919 foi inaugurado durante as comemorações do Bicentenário da Vila.

434 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de julho de 1973.

435 *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 05 de julho de 1973.

436 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de julho de 1973.

por outra, de algumas anormalidades e outros tantos contrastes. Sobral que constrói a mais moderna estação de tratamento de água do Estado e que deixa cair o centenário Teatro São João. Sobral dos mocambos do Sumaré, de onde se avista o conjunto da Cohab com cerca de quatrocentas casas desocupadas.<sup>437</sup>

O discurso desenvolvimentista continuava em pauta. Em 1974, há registros de um plano de desenvolvimento para a cidade, realizado numa parceria entre a SUDENE, a SUDEC e a Prefeitura de Sobral, conforme matéria de capa do jornal *Correio da Semana*:

*Primeira etapa do estudo para o plano urbanista(sic) já foi concluído*

O Dr. Jorge Neves, encerrou na última sexta-feira a primeira etapa dos estudos que realiza em Sobral, desde o início da semana que se finda, para elaboração definitiva do Planejamento Urbano de Sobral, para um prazo de dez anos.

Aquele conceituado técnico do nosso Estado, está retornando à Fortaleza, muito embora aqui permaneçam os demais integrantes da equipe, a fim de darem prosseguimento aos trabalhos que deverá ficar encerrado nos próximos dias.

O Planejamento Urbano de Sobral é um convênio entre a Sudene, Sudec e Prefeitura de Sobral a exemplo do que acontecem em outras grandes cidades e que dará condições a nossa cidade, de nos próximos dez anos, crescer ordenadamente, o que aliás, não acontece no momento.

O Plano de aproveitamento do Tamarindo em melhores condições, já estudado pela Prefeitura de Sobral, constará do planejamento urbanístico de Sobral, segundo adiantou o Dr. Jorge Neves.<sup>438</sup>

No final de 1974, o estudo foi concluído, e em entendimento com as autoridades municipais, com empresários e com o corpo docente da Universidade Vale do Acaraú, a equipe dirigente do projeto traçou as linhas gerais de aplicação do plano, ainda na administração de José Prado, devendo sua implantação ser feita mediante convênio da Prefeitura de Sobral com a SUDEC, que prestaria toda a assistência técnica.<sup>439</sup> Tais estudos visavam à implantação do Distrito Industrial de 1981, uma

437 *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 01 de julho de 1973.

438 *Correio da Semana*. Sobral, 20 de julho 1974.

439 *Correio da Semana*. Sobral 19 de outubro de 1974.

das últimas intervenções estruturais no município sob a égide dos coronéis no Ceará: “César Cals, nos últimos dias do seu governo lançou a pedra fundamental do Parque Industrial de Sobral, uma das bases do atual desenvolvimento de nossa terra”.<sup>440</sup>

Nas eleições de 1976, José Prado elegeu seu sucessor José Euclides Ferreira Gomes Júnior (1977-1982), com o slogan *de Zé pra Zé, do jeito que o povo quer*. Foi a única vez, durante o regime militar, que uma facção política local fez seu sucessor. Pouco depois da eleição, Ferreira Gomes rompeu com Prado e criou a terceira agremiação política – a ARENA 3. Há várias notas na imprensa acerca das divergências entre o prefeito e o vice, noticiada, inclusive, pela televisão,<sup>441</sup> todavia, a volta de Virgílio Távora ao governo do estado trouxe novos investimentos para Sobral, o que significava que as divergências em nível local não chegaram a tisonar a boa relação do município com o estado. Virgílio Távora teria sido o conciliador que acabou com a contenda entre o prefeito e o vice-prefeito.<sup>442</sup>

**Figura 22** - José Euclides Ferreira Gomes Júnior



**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sobral. Boletim. 27 de out. 1999.

440 *O Debate*. Órgão das Alunas do Ginásio Santana. Sobral, março de 1975.

441 *Correio da Semana*. Sobral, 14 de junho de 1980.

442 *Correio da Semana*. Sobral, 06 de dezembro de 1980.

O ano de 1979 teve como marco a *Operação Sobral I*. O projeto era parte do segundo plano do governo do estado (PLAMEG II), posto em prática no segundo mandato de Virgílio Távora (1979/1982). A Operação previa investimentos em educação, indústria, auxílio ao homem do campo, comunicação e transportes, além de obras de urbanização, que totalizavam um investimento de cinco milhões de cruzeiros (Cz\$ 5.0000,00).<sup>443</sup> Várias matérias do governo foram publicadas em páginas inteiras do jornal *Correio da Semana*:

Somente a asfaltagem da cidade, justificaria a gratidão dos sobralenses, mas são tantas as benfeitorias que se processam em Sobral que nos permitem antecipar um muito obrigado ao Sr. Virgílio Távora.

As obras do Estádio do Junco já em fase de conclusão, a estrada em solo asfáltico ligando Patriarca a Sobral, que por sinal beneficia 50 por cento da Estrada Sobral Santana do Acaraú, a Perfuração de poços, a iluminação pública, a construção de prédios como DELEGACIA DE EDUCAÇÃO, ESCOLAS, AEROPORTO e mais uma gama de outras providências, aí estão para provar a eficiência da *Operação Sobral I*. É bem verdade que muita coisa ainda há por fazer, mas nada esta fora do prazo.<sup>444</sup> (Grifo nosso).

Considerada um dos três centros polarizadores do estado, ao lado de Fortaleza e Crato-Juazeiro, a cidade de Sobral foi contemplada no planejamento do estado com a implantação do distrito industrial:

O presente documento constitui a primeira tentativa que se promover no Ceará com vistas à implantação de Distritos Industriais nas cidades consideradas pólos de desenvolvimento econômico do Estado. [...] O Plano Diretor do DI de Sobral integra um das metas do Programa de Industrialização do Ceará, estabelecido no PLAMEG II.<sup>445</sup>

443 *Correio da Semana*. Sobral, 04 de agosto de 1979.

444 *Correio da Semana*. Sobral, 21 de dezembro de 1979. Cf. *Correio da Semana* de 04 de agosto de 1979 e 08 de dezembro de 1979.

445 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16), p. 9.

A escolha de Sobral para sediar tais empreendimentos, segundo a fonte acima, deve-se, entre outros fatores, ao fato de ela influenciar uma área geográfica que representava 34% do território cearense e 26,4% de sua população. Outro importante fator considerado foi a arrecadação. Dados econômicos indicavam que a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) no município, na década de 70, representava uma participação de 3% sobre a arrecadação do estado, e que, entre 1972 e 1974, teve crescimento acima da média do Ceará.<sup>446</sup>

O papel do governador Virgílio Távora no processo de modernização de Sobral foi descrito numa série de outras matérias, já que ele era reconhecido até pelos críticos, como político modernizador.<sup>447</sup> Segundo Josênio Parente, a ideologia da modernização, identificada com a industrialização, foi facilmente assimilada pelas elites políticas cearenses:

Távora plantou naquele primeiro momento – 1962-66 –, as bases desse processo que culminará numa industrialização mais intensa. A obra estrutural mais significativa nesse primeiro governo foi ter trazido energia de Paulo Afonso para o Estado. No seu retorno ao governo (1979-1982), ele toma um conjunto de iniciativas que consolidará o processo de industrialização. Concretizada a infra-estrutura de transporte, habitação entre outros, para a instalação do distrito industrial do município Maracanãu, na grande Fortaleza, houve o empenho pessoal para a provação de projetos privados pela Sudene, no sentido de dar vida àquele empreendimento, até estimulando a instalação de empresas do Sudeste, naqueles setores tradicionais e mais identificados com a vocação industrial cearenses, como grupo Gerdau, Vicunha, Têxtil Machado, Artex, entre outras.<sup>448</sup>

De acordo com Rejane Carvalho, foi na eleição de 1962 que Távora se consolidou como grande chefe político, que, para ela, combinava

446 CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16), p. 117-119; 124.

447 CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: A Era Jereissati. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 17.

448 PARENTE, F. J. O Ceará dos coronéis (1945-1986). In: SOUZA, S. de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 398.



duas importantes virtudes: “a de artífice de acordos políticos selados com o reconhecimento de sua autoridade e a de modernizador, devido à introdução da idéia de planejamento nas ações administrativas estaduais, norteadas por pretensões desenvolvimentistas.” A autora diz que mudar o perfil econômico do Ceará assentado em uma agricultura vulnerável às secas, para uma economia predominantemente industrial, era o sonho obstinado de Virgílio. Para isso, ele teria lutado pela implantação de condições de infraestrutura, como a inclusão do estado no programa de eletrificação da CHESF e a defesa de incentivos fiscais para instalação de um parque industrial moderno.<sup>449</sup>

Segundo Parente, na década de 1970, com o fracasso do II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), o presidente Ernesto Geisel implementou uma política de diversificação do desenvolvimento, tirando de São Paulo o predomínio hegemônico da industrialização. No Ceará, a escolha de Virgílio Távora para o governo do estado teve esse objetivo, que foi atingido com sucesso<sup>450</sup>, portanto, Virgílio seria o principal referencial da elite cearense que se apropriou da modernização como meio de sobrevivência no contexto político local, o que, segundo Parente, a diferenciaria de outras elites nordestinas.<sup>451</sup>

Não foram poucos os elogios a Távora em Sobral. Uma nota do *Correio da Semana* em 1980 descreve o perfil do governador como *Autêntico e Líder*:

A autenticidade de um homem pode facilmente ser reconhecida pela maneira como ele se apresenta ao povo, a cabeça erguida, permitindo que cada rosto revele respeito e prazer de tê-lo como líder ou chefe comum.

A liderança é notada pela maneira taxativa como se determina e ordena e a forma como o povo recebe e aceita suas ordens e orientações. No Ceará há um caso bastante

449 CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: *A Era Jereissati*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 18-19.

450 PARENTE, Josênio C. O Ceará e a modernidade. In: *A Era Jereissati*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 136.

451 *Ibid.*, p. 125-143.

notado, o Governador Virgílio Távora, somente vai a imprensa para anunciar fatos e mostrar resultados dos seus trabalhos, nunca para revelar sonhos mirabolantes, que se não forem concretizados, são responsabilizados terceiros pelos fracassos.

Sem usar expedientes poucos recomendáveis para se promover, Virgílio cresce a passos largos na sua trajetória de homem público e nobre.<sup>452</sup>

O crescimento da cidade continuava a ser noticiado pela imprensa: “O crescimento de Sobral é simplesmente um recorde. Loteamento, edifícios de apartamentos em construção ou na prancheta, [...], tudo isto é uma realidade concreta em nossa urbs. Quem foi que disse que Sobral está parada?”<sup>453</sup>

Na coluna “Nossa História”, escrita regularmente no *Correio da Semana*, o padre João Mendes Lira faz uma retrospectiva do desenvolvimento da cidade nos últimos cinco anos e constata: “Três arrojadas iniciativas transformaram por completo a parte urbana de Sobral a tal ponto de o sobralense ficar totalmente desconhecido sobretudo se há cinco anos não visita sua terra.” A construção da Estação Rodoviária, da Prefeitura, do Mercado Público, da Avenida do Contorno e do bairro da Colina são apontados pelo autor como importantes obras que fizeram da cidade uma Nova Sobral, a partir das ações do ex-prefeito José Parente Prado, do prefeito José Euclides F. Gomes Júnior e do padre José Linhares: “Três amores, três idéias, três filosofias, três personagens alargaram mais as fronteiras da cidade em cinco anos do que todo o seu percurso andado nos últimos cinquenta anos.”<sup>454</sup>

Nota-se que nesse artigo o historiador reproduz uma prática muito típica do jornal *Correio da Semana*, elogiando os diferentes administradores como se eles formassem um único grupo. Parece que o propósito é sempre o de exaltar a grandiosidade da cidade, pois se vê que o terceiro nome citado sequer foi prefeito da cidade, embora tenha tido interferência na política local.

452 *Correio da Semana*. Sobral, 04 de abril de 1980.

453 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de abril de 1980.

454 *Correio da Semana*. Sobral, 29 de novembro de 1980.

A família Ferreira Gomes não era nova na arena política sobralense. O avô de José Euclides F. Gomes Júnior foi o primeiro prefeito de Sobral (após a proclamação da República) e o pai foi vereador e presidente da Câmara, tornando-se prefeito interino e deputado estadual. José Euclides F. Gomes Júnior foi advogado, professor universitário e defensor público. A obra mais impactante da sua administração foi o prédio da Prefeitura Municipal, construído em 1979: “... o primeiro prédio com 5 andares, à época um desafio para engenharia da região Norte do Ceará”.<sup>455</sup>

A formação universitária, juventude e disciplina de José Euclides Ferreira Gomes Júnior o creditariam como um nome diferente na história da administração pública municipal, conforme essa passagem no jornal:

Ninguém pode negar a excelente atuação do Exmo. Snr. Prefeito Municipal, Dr. José Euclides Ferreira Gomes, sobretudo quando fez uma verdadeira “virada de mesa” na Prefeitura, moralizando tudo, pagando tudo rigorosamente em dia, construindo um prédio para o poder Municipal e tantas outras coisas, por isso mesmo é que sabemos que não estamos gritando no deserto – o Homem é sério.<sup>456</sup>

Era muito tênue a linha que separava novos e velhos administradores na política sobralense naqueles tempos. Apesar de romper com os Prado, José Euclides Gomes Júnior continuava a ser membro da ARENA e ter boas relações com Virgílio Távora, de quem os Barreto eram fiéis aliados. Contudo, as eleições de 1982 mostrariam que a chefia dos Ferreira Gomes ainda não estava forte o suficiente para andar com as suas próprias pernas. Seu candidato ao poder municipal, o empresário Aurélio Ponte teve uma votação inexpressiva naquelas eleições. A disputa foi descrita por moradores da cidade como uma das mais acirradas, já que os dois principais concorrentes, Joaquim Barreto e José Prado, tinham características muito semelhantes. Ambos eram considerados “políticos populares”, pelas suas práticas de tomar cachaça nos botecos com os eleitores, comer panelada no mercado e galinha caipira no sertão.

455 INFORMATIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. Sobral, 27 de outubro de 1999, ano III. Edição especial. O prédio foi reformado em 1999 na administração de Cid Ferreira Gomes, filho de José Euclides F. G. Júnior.

456 *Correio da Semana*. Sobral, 28 de julho de 1979.

**Tabela 3** - Eleições Municipais de 1982: Município de Sobral

CANDIDATOS	VOTOS	PARTIDO	% DOS VOTOS
Joaquim Barreto Lima	17.108	PDS-2	39,39
José Parente Prado	16.361	PDS-1	37,67
Aurélio Cavalcante Ponte	5.773	PDS-3	13,29
Rildson Magalhães Martins	2.297	PMDB	5,28
José Valmir Linhares	73	PT	0,16

**Fonte:** LIMA, César Barreto. *Estórias e História de Sobral*. 2ª ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004, p. 98.

José Euclides F. Gomes Júnior não voltaria a assumir cargos públicos, mas a construção da chefia dos Ferreira Gomes, na política local, teria continuidade na atuação dos filhos Ciro e Cid Ferreira Gomes nas décadas posteriores. Algumas obras foram erguidas para consolidar a memória do patriarca na história da cidade: o bairro Cidade Doutor José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos), criado na sua administração; uma escola municipal, localizada na zona urbana; uma escola de Ensino Médio no distrito de Jordão; uma praça no bairro Pedrinhas; e uma das pontes que liga a cidade à Fortaleza. Apesar de ser referendado em várias fontes como um administrador sério, que pôs ordem no município, a aprovação das suas contas desencadeou muitos conflitos entre as facções políticas com representação na Câmara Municipal.

O revezamento de Prado e Barreto continuava a acontecer. O cesarista Joaquim Barreto Lima foi eleito prefeito de Sobral no último pleito do regime ditatorial (1983-1988). Quinca, como era conhecido, foi deputado estadual (1967/1970), prefeito em duas legislaturas (1970/1974; 1982/1988) e vereador (1994/1995). Era comerciante de bebidas do grupo Chagas Barreto.<sup>457</sup> De acordo com o cronista César Lima, era notória a habilidade de Quinca em ganhar eleição, visto que driblava os mais astutos políticos locais. Na eleição de 1966, foi eleito deputado estadual apenas com os votos de Sobral, além de ter sido o primeiro sobralense eleito prefeito por duas vezes.<sup>458</sup> Ainda segundo o cronista, ele era extremamente criativo e introduziu novidades na campanha eleitoral de 1982:

457 Chagas Barreto era pai adotivo de Joaquim Barreto.

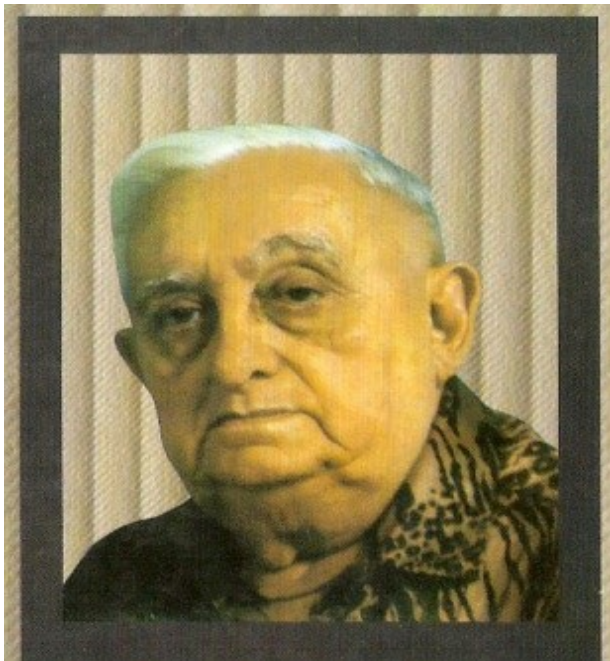
458 LIMA, César Barreto. *O homem é o Quinca*. Fortaleza: Premius, 2011. 156p. il. p. 97-98.

Joaquim Barreto, o famoso Kincão, numa outra jogada de mestre e de conhecedor de *marketing* político, encomendou de uma gravadora no Rio de Janeiro, 2000 discos compactos simples, da paródia da música campeã do carnaval carioca de 1982, o sucesso da Escola de Samba Império Serrano, “Bum-bum baticubum, prucurundum”, que virou febre nacional.

Cesário Barreto e o candidato a vice na chapa do Kincão, Antônio Félix Ibiapina, quando avistaram ao longe um grande carro de som cruzando o posto da Polícia Rodoviária Federal, quase infartaram. Era o Trio Elétrico do Kincão, com a orquestra do famoso poeta popular Darley, já devidamente instalada na carroceria do caminhão, e o famoso Kincão ao lado de três moças seminuas, que ficaram conhecidas na campanha como as “kinketes”.

Os adversários pegos de surpresa, demoraram para absorver o duro golpe aplicado com a jogada de mestre do Kincão. Anestesiados, perderam tempo e ficaram com suas campanhas totalmente abaladas.<sup>459</sup>

**Figura 23** - Joaquim Barreto Lima, ex-prefeito de Sobral



Fonte: LIMA, C. B. 2011.

As músicas de campanha o referendavam como político generoso. Quando prefeito, reservava um dia da semana para atender à população em seu gabinete, oportunidade em que autorizava doação de remédios, alimentos, passagens entre outras benesses pagas pelo orçamento público. O segundo mandato aconteceria num momento muito delicado: a transição da ditadura para a Nova República. Sobreviver à mudança de regime político exigiria mais do que criatividade desse líder político, conforme será visto no capítulo seguinte.

**Figura 24** - Capa do disco compacto com as músicas da campanha eleitoral de 1982



**Fonte:** Acervo da autora.

Se a crise do milagre econômico foi retardada, no município, com a implantação do Distrito Industrial, entre outras obras, o mesmo não se pode dizer da crise política. Os limites do bipartidarismo já apareciam em Sobral. Vários líderes arenistas manifestaram a necessidade da criação do terceiro partido para congregar a diversidade de interesses dentre os aliados do governo.<sup>460</sup> O crescimento do MDB começava a ameaçar o reinado da ARENA. Em 1975, o MDB tinha um forte candidato à eleição

<sup>460</sup> *Correio da Semana*. Sobral, 18 de janeiro, 1975.

para presidência da Câmara Municipal de Sobral, e o partido também tinha representação em pelo menos vinte e três municípios da região.<sup>461</sup>

### 3.8 Os questionamentos ao projeto autoritário.

De acordo com a historiadora Maria Paula Araújo, os anos decorridos de 1974 a 1985 foram caracterizados pela luta democrática contra o regime militar, marcada por dois polos: de um lado, o projeto de abertura do Governo Federal, “lento, gradual e seguro”, e, de outro, a atuação de um movimento político de oposição, reunindo amplos setores da sociedade e apresentando forte presença dos partidos e de organizações de esquerda, que procuravam alargar e romper com os limites do projeto de “abertura” do governo.<sup>462</sup>

A autora afirma que essas ideias foram manifestadas por meio de diversas revistas e jornais que circulavam no período, dentro e fora do Brasil. A partir daí, começava a se delinear uma cena política legal, pública, que procurava romper os limites da clandestinidade e tornar visível o movimento de oposição à ditadura.<sup>463</sup> Nesse novo cenário, alguns atores passaram a se destacar, entre eles, o MDB, a Igreja Católica e o movimento estudantil.

O semanário católico *Correio da Semana* foi o veículo por meio do qual as críticas ao regime eram expressas em Sobral. Quase sempre transcrevendo matérias publicadas em jornais de circulação nacional ou regional, dentre os temas mais frequentes estavam anistia, liberdade de expressão, fim da repressão, defesa da democracia e reforma agrária.<sup>464</sup>

No artigo *A CNBB e a Anistia*, a igreja assim se manifesta:

Para a Igreja, a anistia é um ato cristão de reconciliação, pois não existe outra base para convivência humana que não seja o amor. Nos últimos quinze anos, o País enfren-

461 *Correio da Semana*. Sobral, 31 de maio de 1975.

462 ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In: REIS, Daniel Aarão *et al.* (Orgs.). *O golpe militar e a ditadura – 40 anos depois* (1964-2004). São Paulo: Edusc, 2004, p. 161-162.

463 *Ibid.*, p. 167.

464 *Correio da Semana*. Sobral, 27 de outubro; 27 de novembro; 15 de dezembro de 1979.

tou numerosas crises que agora poderão ter um fim com a anistia, pois ela criará um clima novo para a vida nacional”. Assim se expressou o vice-presidente em exercício da CNBB, Com Clemente Isnard, logo que o Presidente da República encaminhou dia 27 último ao congresso o projeto de anistia. “A iniciativa do presidente anistiando os que foram punidos pela Revolução – acrescentou Dom Clemente – corresponde a um desejo bastante antigo da CNBB, manifestado pelo nosso ex-presidente Dom Aloisio Lorscheider e referendado pela Assembléia Geral dos Bispos em abril deste ano.”<sup>465</sup>

Ainda sobre a anistia, é válido ressaltar que o MDB critica o insucesso do projeto presidencial de finalização da ditadura militar de modo ‘lento, gradual e seguro’, conforme se lê no texto *Anistia pela Metade*:

Enquanto houver preso político – asseverou o deputado Roberto Freire (MDB-PE) – a Oposição continuará sua luta pela anistia. Em princípio porque a conciliação nacional assim o exige e, de outra parte, porque existem fatos que, apesar das promessas oficiais, demonstram a insensibilidade e injustiça com que são tratados os direitos a que faz(*sic*) jus os presos políticos brasileiros, mesmo na legislação excepcional.

Ilustrou o parlamentar sua assertiva com casos de presos políticos de Pernambuco [...] que tiveram seus pedidos de livramento condicional negados pelo Conselho Penitenciário do Estado, apesar de terem cumprido dois terços da pena.<sup>466</sup>

Outros artigos sobre a postura do MDB apelam para a abertura da participação popular por meio de eleições diretas em todos os níveis, como meio de conter ondas de violência, além da quebra da ordem pública.<sup>467</sup>

A crítica mais contundente da Igreja em relação à ditadura era dirigida a repressão. Uma nota sobre a igreja de São Paulo reproduz a reação da arquidiocese paulista sobre a repressão policial à greve operária ocorrida em novembro de 1979. De acordo com a nota, a instituição protestava de forma veemente contra a repressão aos operários em

465 *Correio da Semana*. Sobral, 14 de julho de 1979.

466 *Correio da Semana*. Sobral, 27 de outubro de 1979.

467 *Correio da Semana*. Sobral, 27 de outubro de 1979.



greve, considerando absurda a invasão da Igreja do largo do Socorro, onde os operários se encontravam pacificamente reunidos, reafirmando a solidariedade da Igreja de São Paulo à justa luta dos operários.<sup>468</sup>

Outro tema apresentado na pauta do jornal *Correio da Semana*, sobre o estado de São Paulo, foi o da campanha em torno da revogação da Lei de Segurança Nacional (LSN). De acordo com o semanário, um tribunal foi constituído em São Paulo para simular o julgamento da LSN, chamado de *Tiradentes*. O tribunal contou com representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Associação Brasileira de Imprensa (AIB) e representantes do movimento estudantil e sindical, que condenaram a Lei de Segurança Nacional.<sup>469</sup>

Os conflitos em torno da luta pela terra foram bastante evidenciados no semanário católico sobralense, ao longo da década de 80. Neste artigo de 1984, intitulado *Respeito à vida*, há uma denúncia contundente contra um deputado sobralense, envolvido em práticas de violência no campo:

O Jornal “O POVO” do dia 14 do corrente em manchete: “Bispos: deputado é mandante do crime” torna público a nota conjunta em que o Cardeal Dom Aloisio Lorscheider e os Bispos Dom Geraldo Nascimento, D. Mauro Ramalho, D. Pompeu Bessa, D. Timóteo Cordeiro, D. Antônio Frago, 6 sacerdotes, 1 Pastor, 106 pessoas assinam a nota de “repúdio ao assassinato de José Amaro Mecena, cometido pelo pistoleiro Ferreira, contratado pelo Deputado Francisco Figueiredo de Paula Pessoa para aterrorizar os trabalhadores...” (Transcrevo textualmente os termos da nota).<sup>470</sup>

Embora deixe claro que reproduziu a nota do jornal *O Povo*, a Igreja de Sobral assume o apoio aos signatários do artigo da denúncia, em favor da justiça no campo. Há ainda várias notas sobre o tema da reforma agrária e da violência no campo, como a ida do presidente da CNBB ao palácio do Planalto para discutir o assunto.<sup>471</sup> Sintomaticamente, cons-

468 *Correio da Semana*. Sobral, 24 de novembro de 1979.

469 *Correio da Semana*. Sobral, 11 de junho de 1983.

470 *Correio da Semana*. Sobral, 16 de junho de 1984.

471 *Correio da Semana*. Sobral, 06 de outubro de 1984

tatou-se a existência de sindicatos de diversas categorias de trabalhadores em várias cidades da zona norte do Ceará, sendo a maioria deles trabalhadores rurais.

Os discursos proferidos por ocasião das comemorações de datas como a da Independência e a da Proclamação da República, até então elogiosos, assumiram um tom de crítica:

[...]

Ao comemormos a independência do Brasil em pleno **7 de setembro de 1984**, todos os brasileiros ainda alimentam plenamente os anseios de independência econômica, política e social dos longínquos 7 de setembro de 1822. Creio que não há exageros em nossa afirmação, pois, politicamente ainda vivemos sob um regime que não é plenamente democrático apesar das repetidas promessas de nosso presidente João Figueiredo, que faria do Brasil um país democrático. [...] <sup>472</sup> (Grifo nosso)

#### **15 DE NOVEMBRO – PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA.**

Ontem como hoje, ideais permanentes no crescimento da Nação: livre, independente e democrática.  
Ordem e Progresso, Liberdade, Independência. <sup>473</sup>

Outra mudança nessa linha foi a da perspectiva de a disciplina de Filosofia voltar para o currículo escolar, que também é discutido pelo seminário católico. Ou seja, o espírito de um *novo tempo* estava sendo cultivado nos “corações e mentes”, pois a Filosofia bem servia para a ocasião.

A política dos coronéis no Ceará, até então em voga, precisava adaptar-se àqueles novos tempos. Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals não conseguiram um consenso quanto ao candidato para as eleições de 1982. O impasse foi resolvido no gabinete presidencial, no chamado “*Acordo de Brasília*”. O nome aprovado foi o do técnico Luis Gonzaga da Fonseca Mota, ex-secretário do governo Távora, considerado um nome “neutro” – um técnico, não um político. Bezerra seria o candidato a vice-governador, Távora candidato ao senado e Cals lançaria o filho

---

472 *Correio da Semana*. Sobral, 08 de setembro de 1984.

473 *Correio da Semana*. Sobral, 17 de novembro de 1984.

candidato à prefeitura de Fortaleza. O projeto coronelista no Ceará sobreviveria apenas até as eleições de 1986. O governo Mota revelava a fragilidade dos coronéis, que, sem a proteção contundente do Governo Federal, perdia espaço com o pluripartidarismo para os jovens empresários congregados em torno do Centro Industrial do Ceará (CIC), que constituía um grupo mais organizado e coeso, com condições de ser a alternativa política após essa transição para um ambiente democrático.<sup>474</sup>

Não tardaria a Mota romper com a imagem de técnico e criar uma facção política: os “gonzaguistas”.<sup>475</sup> O governo de Mota se deu num momento de muitas crises, as quais foram: uma grande seca entre os anos de 1979-1984, provocando o colapso do algodão e da pecuária; o avanço industrial; a eleição da candidata do Partido dos Trabalhadores, Maria Luiza Fontenele, à prefeitura de Fortaleza, em 1985; e o rompimento de Mota com o presidente Figueiredo, em favor da candidatura de Tancredo Neves pela “Aliança Democrática” (PDS/PMDB), contribuindo com algumas rupturas e favorecendo a ascensão de novas forças políticas.

Além do mais, Gonzaga Mota estava na fronteira entre os coronéis e os empresários, portanto não tinha nem o prestígio dos primeiros nem os recursos dos segundos. Em Sobral, ele não tinha o apoio do poder municipal, que se mantinha leal a Távora, apoiando a candidatura de Paulo Maluf à presidência, muito menos o da oposição, que se ressentia da falta de recursos, tradicionalmente carregados para a cidade:

Finalmente o Governador do Estado descobriu ou informaram-lhe que no norte do Estado existe um município que até dá boas rendas ao estado e que se chama Sobral. [...]

Cultuando a autoridade legitimamente constituída estamos prestando uma homenagem a Deus Todo Poderoso. Afastemo-nos do servilismo interesseiro, que é vil, para recebê-lo com dignidade e respeito. E tanto quanto basta para que S.Exa. não nos faça injustiças naquilo a que temos direito. Nada mais queremos de S.Exa. do que justiça.<sup>476</sup>

474 PARENTE, José C. O Ceará e a modernidade. In: *A Era Jereissati*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 137.

475 FARIAS, Airton de. *História da Sociedade Cearense*. Fortaleza: Livro Técnico, 2004, p. 448-449.

476 *Correio da Semana*. Sobral, 07 de julho de 1984.

Esse ressentimento expresso pelo irônico texto acima, em torno do que se considerava o abandono da região pelo governo estadual, foi manifestado na proposição da criação do estado da Ibiapaba - *Cearanorte*, que teria a cidade de Sobral como capital. A ideia não foi muito longe, mas indicava que a edificada parceria entre o poder local e o estadual começava a ruir.<sup>477</sup>

As posturas de um “outro tempo” chegavam a Sobral.<sup>478</sup> A Câmara Municipal congratulava deputados, como Paulo Lustosa da Costa e Lúcio Alcântara, por terem votado a favor da *Emenda Dante de Oliveira*, que propunha eleições diretas em âmbito federal.<sup>479</sup> Isso significava que a crítica ao regime militar começava a assumir proporções maiores na cidade. A vitória de Tancredo Neves na última eleição indireta da história do Brasil, com o apoio do governador do Ceará, Gonzaga Mota, enterrava, pelo menos teoricamente, o “tempo dos coronéis” no Ceará. Em Sobral, apesar de não apoiarem o projeto da Nova República, Barreto e Prado sobreviveriam ainda por quase dez anos no poder municipal. As razões dessa proeza é o que se pretende esclarecer.

Historiadores, Geógrafos e Sociólogos são unânimes em afirmar que, no Ceará, apesar da inovação trazida pela introdução da ideia de planejamento na administração pública, os planos executados não geraram os resultados econômicos esperados, dado o fato de que não foi elaborado um projeto de transformação estrutural, que seria o ponto nevrálgico deste modelo de política levada a cabo pelos governos locais por mais de duas décadas, nos mesmos moldes do ocorrido em plano nacional sob o regime militar. Contudo, ninguém discorda de que as sementes da modernização foram plantadas naquele período.<sup>480</sup>

477 *Correio da Semana*. Sobral, 16 de junho de 1984.

478 Nota sobre a reprovação da Emenda Dante de Oliveira. *Decisão, consenso e negociação*. *Correio da Semana*. Sobral, 02 de junho de 1984.

479 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. Ofício nº 057/84 Sobral, 03 de abril de 1984.

480 Cf. LEMENHE, M. A. Família, tradição e poder – o (caso) dos coronéis. São Paulo: Annablume/Edições UFC, 1995; TEIXEIRA, F. J. S. CIC: a “razão esclarecida” da FIEC. Fortaleza: 1994 (mimeo); HOLANDA, *op. cit.*, p. 106-107.

Conclui-se que a análise das administrações municipais nas duas décadas em que vigorou o regime militar revela que o projeto político e econômico da ditadura foi executado na cidade de Sobral, por meio de vários investimentos em indústria e serviços, que alavancaram o desenvolvimento do município, especialmente, no período de vigência do “milagre econômico” entre 1968 e 1974.<sup>481</sup> Barreto, Prado e Ferreira Gomes, apesar de opositores em nível local, foram todos aliados dos coronéis, o que permitiu que eles barganhassem recursos que garantiram substanciais investimentos no espaço urbano sobralense, mesmo nos momentos de crise. Acredita-se que a implantação do Distrito Industrial de Sobral em 1981, por Virgílio Távora, tenha retardado o efeito da crise econômica dos anos de 1980 na cidade, constituindo-se na última cartada do regime nesse município para a sobrevivência dos aliados locais da ditadura militar.

---

481 *Correio da Semana*. Sobral, 18 de maio de 1968.



## 4 A NOVA REPÚBLICA E A SOBREVIVÊNCIA DOS “VELHOS CHEFES”

A tese de que os anos de 1980 foi uma década perdida, para a historiadora Lucília Neves, é uma visão pouco abrangente da realidade, pois, na verdade, a década comportou uma crescente pressão pela democratização do país. Acontecimentos, como o retorno ao pluripartidarismo, as eleições diretas para governadores de estado, a campanha *Diretas-Já*, a eleição, pela via indireta, de um presidente civil após 15 anos de rotatividade de generais à frente da presidência da República, a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte, a promulgação de nova Constituição e as eleições diretas para presidente da República,<sup>482</sup> confirmam a pertinência da tese da autora.

Em Sobral, embora novos grupos tenham emergido à cena política, os representantes do que foi o regime de exceção continuavam a comandar o poder municipal mesmo depois de 1985. O objetivo deste capítulo é investigar como os grupos políticos Prado e Barreto permaneceram no poder local, apesar de não terem apoiado o projeto de transição para a Nova República, bem como entender quais as consequências dessa permanência para o desenvolvimento da cidade e para a ascensão de uma nova cultura política.

482 DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Diretas Já: vozes da cidade*. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 421.

## 4.1 Sinais da Nova República em Sobral

A Nova República, do ponto de vista institucional, não tem quase nada de novo. Muitos analistas defendem que o regime ditatorial instalado no Brasil, em 1964, só terminou com as eleições diretas para presidente em 1989. A Aliança Democrática que lançou a candidatura de Tancredo Neves e José Sarney foi nada menos do que uma negociação entre os militares e setores conservadores civis para uma transição “lenta, gradual e segura” dos grupos que se mantinham no poder, há vinte anos.

Essa morosa caminhada de transição vinha ladeada pela pressão articulada por diversos setores da sociedade civil organizada, a qual ganha consistência em meados dos anos 70. Mesmo não sendo determinante no processo de abertura política, essa pressão de setores sociais exerceu um papel importante para a consolidação de uma nova cultura política, que tinha em pauta a defesa da liberdade, da democracia e da justiça social.

Mesmo com a permanência dos velhos chefes no poder municipal em Sobral, os sinais de outro tempo apareciam nos discursos e práticas experimentadas por setores da Igreja Católica, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), das artes, da imprensa e dos novos partidos políticos, questionando o autoritarismo e propondo uma nova sociedade.

Os dilemas dos primeiros anos do fim do regime militar são evidenciados, no jornal *Correio da Semana*, como momento de crise política e econômica. O semanário critica a permanência de velhas práticas e chama a atenção para a necessidade de esperança em um novo tempo. Era muito obscura a fronteira entre o Regime Militar e a Nova República, mas o espírito do Novo era diariamente aludido pela imprensa local. Num periódico estudantil, professor e aluno de uma escola católica exaltavam Tancredo Neves como *Mártir da Democracia*:

A TANCREDO  
Morre Tancredo,  
Desaparece o Conciliador  
[...]



Teu martírio ficará marcado na História do Brasil  
 Teu sofrimento alimentará 130 milhões de brasileiros  
 [...] <sup>483</sup>

**Tancredo: o MARTIR da Democracia.**

Hoje o povo brasileiro chora a perda desse seu filho ilustre. O Presidente Tancredo se foi, mas o seu exemplo, a sua mensagem ficou: o exemplo do mártir da democracia. <sup>484</sup>

As eleições de 1986 e a Constituinte eram pauta de discussão permanente, principalmente da Igreja Católica, que expressava grande expectativa pela Constituição em vista, por meio das páginas do seu semanário. A comemoração da Independência em 1989 ganhava contornos muito diferentes dos anos anteriores: “*Comemoração da independência em país dependente?*” <sup>485</sup> Um articulista e advogado, nos seus textos semanais, naquele periódico católico, reforçava esse anseio de mudança presente no cotidiano citadino:

Precisamos dar o nosso grito de independência, e já, com as mudanças que já estão aí na cara dos antigos, somos a partir de agora os pilares da construção da democracia em nosso meio, não deveremos recuar mais, faremos a história desta terra, pois somos os protagonistas a partir de hoje, mãos a obra e fé no futuro, e em nossos ideais democráticos. **Vamos salvar Sobral destes vinte longos e tantos anos de insolência político administrativa** (grifo nosso). <sup>486</sup>

O jornal *Coluna da Hora* também contribuiu como formador e informador de opinião nesse tempo tão ambíguo de esperança e de dúvida. No editorial de 1986, ele diz: “A praça exibia a coluna e seu relógio... Tombou a coluna e a hora se fez tempo novo.” <sup>487</sup> Em 1987, num artigo intitulado *Carta a Sarney* o articulista desabafa:

483 Professor Melo. *O Debate*. Sobral: Colégio Santana, 1985.

484 MOREIRA, Edmilson (2º científico A). *O Debate*. Sobral: Colégio Santana, 1985.

485 *Correio da Semana*. Sobral, 13 de setembro de 1989.

486 *Correio da Semana*. Sobral, 29 de novembro de 1986.

487 *Coluna da Hora*. Sobral, março de 1986.

A nação chorou a morte de Tancredo Neves, o Pai da Nova República. Cá com meus botões, acho que ele foi inteligente até para morrer. Parece que ele presentiu que sua criação já nascia envelhecida e cheia de vícios, e isso não era bom. Então ele resolveu, mineiramente retirar-se de cena. E o que vemos agora, é que realmente a Nova República está velha e viciada. Também pudera, pois nela não há nada novo; nem nomes e nem o que é pior, nem idéias.<sup>488</sup>

Vários festivais de música aconteceriam ao longo desta década. Na coluna *Panorama Cultural*, do *Correio da Semana*, de autoria de Edílson Silva, eram notificados vários festivais de música em Sobral e região. O *I Festival Universitário de Música e Poesia da UVA* aconteceu em 1985, e o segundo, dois anos depois.<sup>489</sup> Em 1986, aconteceram o *I Festival de Música de Camocim*, que ficou muito famoso no estado, e o *II Festival de Música da Ibiapaba*.<sup>490</sup> Em 1987, ocorreu o *I Festival de Música Popular*, promovido pela COELCE.<sup>491</sup> Em 94, o *II Festival Canta Sobral* aconteceu.<sup>492</sup> Esses eventos tinham uma participação muito assídua da juventude, que via nesse canto à vida um símbolo da esperança em um novo tempo, nascido com a retirada dos militares no poder.

No teatro, o mesmo ocorria. De acordo com o historiador Edilberto dos Santos, o teatro sobralense, nas décadas de 1980 e 1990, caracteriza-se pelo engajamento político, fase já superada pelo movimento teatral em outras regiões do país. Com raízes na Teologia da Libertação, por meio das CEBs e pastorais de juventude, como também pelos partidos de esquerda PT e PC do B, as peças denunciavam a violência no campo, a repressão política, a luta pela democracia, dentre outras temáticas presentes na pauta dos movimentos sociais, desde a década de 1970.

Em 1987, o grupo teatral *Reluz* exibiu o espetáculo *Tumulto Negro*, que discutia a repressão à Guerrilha do Araguaia. A expressão dessas ideias não ficava restrita a um pequeno público. No caso desse espetá-

488 *Coluna da Hora*. Sobral, abril de 1987.

489 *Correio da Semana*. Sobral, 07 de dezembro de 1985; *Correio da Semana*. Sobral, 20 de dezembro de 1986.

490 *Correio da Semana*. 28 de junho de 1986 e 25 de outubro de 1986, respectivamente.

491 *Correio da Semana*. Sobral, 27 de dezembro de 1986.

492 *Correio da Semana*. Sobral, 24 de dezembro de 1994.

culo citado, sem recursos para divulgação, o grupo fez pichações pela cidade: “*Tumulto negro* vem aí”. Segundo Santos, a propaganda causou certa tensão na cidade recém “liberta” do autoritarismo. A última expressão dessa geração de artistas ficou gravada na peça “*O Entra e Sai no reino dos Sobrados*”, de 1995, que retrataria a desagregação final da geração Prado e Barreto.

A Universidade Estadual Vale do Acaraú, que nasceu sob a égide dos coronéis, também contribuiu com a produção da nova cultura. Em 1986, a instituição vivenciou uma greve pela regularização da situação funcional dos professores.<sup>493</sup> A Universidade foi palco de muitos debates sobre as eleições<sup>494</sup> e a constituinte<sup>495</sup> e de um importante grupo de Teatro. Em 1988, há uma coluna intitulada “Notícias da UVA”, em que eram difundidas informações sobre as disputas políticas na instituição. Uma dessas matérias era intitulada *Autonomia da UVA violada*.<sup>496</sup> Junto com os grupos ligados à Igreja Católica, a Universidade constituiu as bases para o nascimento de partidos políticos de esquerda como o PT, PC do B e PSB, que iriam engrossar as fileiras da luta pela redemocratização. Manifestações, como a criação do *Movimento Por Uma Nova Sobral* e o *voto de pesar* da Câmara Municipal de Sobral, pelo falecimento do comunista João Sales, em 1987<sup>497</sup>, davam indícios de que uma nova cultura política começava a ganhar espaço no cenário sobralense.

## 4.2 A ascensão dos empresários ao poder do Ceará

No Ceará, o poder político dos aliados do regime militar mostrava fortes sinais de enfraquecimento desde a eleição de 1982. Os coronéis

493 *Coluna da Hora*. Sobral, março de 1986.

494 “Debate político na UVA”. Belinha Parente foi candidata a deputada. O debate foi organizado pelo Diretório Acadêmico e o jornal *Coluna da Hora*. *Correio da Semana*. Sobral, 11 de outubro de 1986.

495 UVA debate Constituinte. *Correio da Semana*. Sobral, 25 de outubro de 1986.

496 *Correio da Semana*. Sobral, 31 de março de 1988. A autonomia só seria conquistada em 1990 com o decreto nº 20.685 de 20/04/90. *Correio da Semana*. Sobral, 19 de maio de 1990.

497 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 4ª Sessão Ordinária*. Sobral, 17 de março de 1987. Voto de pesar pela morte de João Sales requerido pelos vereadores Euclides Carmo Gomes e Abdelmoumen Melo. Sales é considerado um dos símbolos da resistência à ditadura na cidade.

Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals não conseguiram um consenso quanto ao candidato do seu grupo, e a decisão foi tomada numa reunião intermediada pelo Palácio do Planalto, no chamado “acordo de Brasília”.<sup>498</sup> Luiz Gonzaga Mota, embora partilhasse das ideias de Távora, rompeu seu acordo com os coronéis, aliando-se mais tarde ao grupo dos jovens empresários ligados ao Centro Industrial Cearense (CIC), sob a liderança política de Tasso Jereissati.

Para Josênio Parente, ao escolher Gonzaga Mota como seu representante ao governo do estado, Virgílio lavrou um acordo com os coronéis para que os seus respectivos grupos políticos tivessem sobrevida. O ciclo dos coronéis cearenses já estava no final, e a implantação do pluripartidarismo revelava fragilidade, uma vez que as bases de sustentação eram a indicação do governo da União. Naquele contexto, o CIC constituía o grupo mais organizado e coeso, com condições de ser alternativa política após a transição para um ambiente democrático, com participação política.<sup>499</sup>

A socióloga Linda Gondim<sup>500</sup> aponta os fatores que contribuíram para as transformações ocorridas na sociedade e na política cearense, que trouxeram à cena política esses “novos atores”. O primeiro fator foi a criação do Banco do Nordeste (BNB), em 1952, o qual seria a mola propulsora do pensamento voltado para estudos, pesquisas e planejamento da região nordestina. O BNB teve papel destacado na formação de novas elites, cedendo técnicos especializados para ocupar altos cargos na administração estadual.

O segundo foi a pioneira experiência em planejamento estratégico, realizada na primeira gestão de Virgílio Távora (1962-1966), fortaleci-

---

498 O Acordo de Brasília foi um pacto entre os coronéis em que cada um dos três teria um terço da administração pública, restando a Gonzaga Mota, o papel burocrático. Fonte: BRUNO, A.; FARIAS, A. de; ANDRADE, Demétrio. *Os Pecados capitais do Cambeba*. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2002. 204p. (digital), p. 10.

499 PARENTE, Josênio C. O Ceará e a modernidade. In: *A Era Jereissati*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 136-137.

500 GONDIM, L. M. P. *Clientelismo e modernidade nas políticas públicas* – os “governos das mudanças” no Ceará (1987-1994). Ijuí-RS: Editora UNIJUÍ, 1998 (Coleção Outros Diálogos), p. 30-31.

da no segundo mandato (1979-1983). Távora mantinha boas relações com os jovens empresários do CIC, afirma a autora.

A reativação do CIC, em 1978, teve a direção de jovens empresários como Tasso Jereissati, que fez da instituição importante fórum de debates, trazendo à Fortaleza grandes nomes do empresariado brasileiro e economistas, promovendo eventos de grande repercussão, como o seminário *O Nordeste no Brasil (1981)* e o encontro com os governadores eleitos em 1982.<sup>501</sup>

A transição dos *coronéis* para os *empresários* não se deu de forma abrupta. De acordo com o livro *Os pecados capitais do Cambeba*, organizado por Artur Bruno e outros,<sup>502</sup> os jovens empresários apoiaram o Coronel Virgílio Távora nas eleições indiretas de 1979, e Gonzaga Mota, nas eleições diretas de 1982.<sup>503</sup> À medida que os empresários adentravam o sistema vigente, visualizavam fraquezas e plantavam as sementes de superação. Ainda de acordo com o livro, os empresários estimularam o governador Gonzaga Mota a romper com seus “padrinhos”, fundaram o *Comitê Pró-diretas Já (1983-1984)*, no Ceará, e com a impossibilidade das eleições diretas, apoiaram a candidatura de Tancredo Neves para presidente, enquanto as facções políticas dos coronéis apoiaram Paulo Maluf.<sup>504</sup>

Apesar de romper com os velhos chefes, Mota reproduziu os vícios dos antecessores, como clientelismo, empreguismo, desorganização da máquina pública, dentre outros problemas, que marcaram sua administração. A todo momento, explodiam escândalos nos diversos órgãos do Estado. Somado a isso, o Ceará vivenciava a mais longa seca do século XX (1979-1984), como sempre, marcada por fome, saques e violência que abalaram a economia local, levando ao atraso do pagamento dos servidores por vários meses.<sup>505</sup>

501 *Ibid.*, p. 31. Os economistas foram Conceição Tavares e Celso Furtado.

502 BRUNO, A.; FARIAS, A. de; ANDRADE, Demétrio. *Os Pecados capitais do Cambeba*. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2002. 204p. (digital), p. 9.

503 BRUNO, A.; FARIAS, A. de; ANDRADE, Demétrio. *Os Pecados capitais do Cambeba*. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2002. 204p. (digital).

504 *Ibid.*, p. 10.

505 *Ibid.*, p. 11.

Mota ainda teria buscado um acordo com os coronéis para as eleições de 1986, mas não houve consenso quanto ao nome que encabeçaria a chapa. Cogitou-se o nome de Mauro Benevides, pelo PMDB, que também não teve êxito, por falta de recursos financeiros e por carregar a mesma marca do tradicionalismo. Bruno diz que, por intervenção do Presidente José Sarney, o nome aprovado para concorrer às eleições estaduais pelo PMDB foi o do empresário Tasso Jereissati.<sup>506</sup> Assim, o acordo nacional feito entre o PMDB e o PFL para eleger Tancredo Neves foi quebrado no Ceará nessas eleições de 1986, quando o PFL se juntou ao PDS, lançando Aduino Bezerra com o apoio dos coronéis, para se opor à candidatura de Tasso Jereissati. A disputa entre Tasso Jereissati contra o também empresário Aduino Bezerra foi apresentada como o embate entre o moderno e o tradicional, com muita ênfase na imprensa nacional, que via com estranheza o Ceará aparecer com a face da modernidade, afinal, o estado carregava o estigma de ser o “mais encarniçadamente oligárquico entre os estados nordestino.”<sup>507</sup>

O projeto político do *Movimento Pró-mudanças*, iniciado com a eleição de Jereissati, teve continuidade no governo do sobralense Ciro Ferreira Gomes (1990-1994), que no pleito seguinte foi sucedido pelo segundo mandato de Tasso Jereissati (1995-1998). A falta de sintonia entre os novos governos e os prefeitos de Sobral traria muitos entraves ao desenvolvimento da cidade.

### **4.3 A sobrevivência do projeto tradicional em Sobral.**

O fim da ditadura e a ascensão dos empresários no Ceará obrigaram as velhas agremiações sobralenses a se reorganizarem. Prado foi para o Partido da Frente Liberal (PFL) e Barreto para o Partido Democrático Social (PDS), juntando-se pela primeira vez na campanha eleitoral de 1986 para apoiar a candidatura do Coronel Aduino Bezerra ao governo

---

506 *Ibid.*

507 PARENTE, Josênio C. O Ceará e a modernidade. In: *A Era Jereissati*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002, p. 139.

do estado,<sup>508</sup> mesmo não tendo conseguido a vice-governadoria para Sobral, como esperavam.<sup>509</sup>

Os historiadores Bruno, Farias e Andrade afirmam que derrotar os coronéis no Ceará foi uma tarefa muito fácil para os empresários,<sup>510</sup> mas há controvérsias. No estudo sobre os empresários no poder, Isabela Martin diz que, de acordo com depoimentos dos próprios empresários, era muito incerta a eleição de Jereissati, tanto que nem mesmo os cor-religionários acreditavam na sua vitória.<sup>511</sup>

Em Sobral, os aliados dos coronéis estavam otimistas quanto à eleição de Aduato Bezerra. Sequer aparecia no jornal *Correio da Semana* a notícia da candidatura de Tasso Jereissati. A única referência feita no jornal foi a candidatura de Mauro Benevides no lugar de Jereissati, pois acreditava-se que Benevides perderia para Bezerra. Somente após o resultado das eleições foi que Tasso Jereissati virou matéria de capa do *Correio da Semana*: “Tasso e o povo dão um basta aos coronéis – também em Sobral. Tasso – 14.012 de maioria”.<sup>512</sup>

Um articulista disse que o resultado foi surpreendente, pois se esperava uma vitória mais modesta em virtude de uma mentalidade de prestígio consolidada ao longo dos vinte anos de poder dos coronéis, dos quais não se podem esquecer as grandes obras de estrutura por eles executadas. O articulista pediu cautela sobre o que viria: “[Se] esta foi a solução para os problemas do Estado, só a médio prazo, vamos ter a constatação.” Concluiu dizendo que, se Tasso Jereissati e seus cor-religionários realizassem 50% do que foi prometido, o Ceará ficaria plenamente satisfeito, porque o estado seria transformado na terra da promessa!<sup>513</sup>

508 União político partidária. *Correio da Semana*. Sobral, 18 de janeiro de 1986.

509 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de abril de 1986; *Correio da Semana*. Sobral, 14 de junho de 1986.

510 BRUNO, A.; FARIAS, A. de; ANDRADE, Demétrio. *Os Pecados capitais do Cambeba*. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2002, p. 11.

511 MARTIN, Isabela. *Os Empresários poder – o projeto político do CIC (1978-86)*. Fortaleza: Secretaria de Desporto do Estado do Ceará, 1993.

512 *Correio da Semana*. Sobral, 22 de novembro de 1986.

513 *Correio da Semana*. Sobral, 22 de novembro de 1986.

Quase uma década depois, o colunista sobralense Raimundo Araújo, reforça a leitura sobre a dificuldade de derrotar os coronéis:

A idade dos velhos caciques e a falta de liderança entre os herdeiros diretos, facilitaram o trabalho do grupo de jovens que conquistou o poder em 1986. Chagaram com linguagem diferente, propostas de limpeza, argumentos fincados em dados científicos. Os coronéis não sabiam o que era marketing, não acreditavam em pesquisas e subestimavam o poder da mídia. Possuíam recursos financeiros, mas não havia um esquema de grandes empresas para financiá-los. Mesmo assim, a época ninguém de bom senso acreditava que eles pudessem ser derrotados.<sup>514</sup>

Essas opiniões indicam que mesmo com outro projeto político em ascensão, alcançando maioria eleitoral, como foi o caso da eleição de Jereissati, o projeto tradicional encontrava espaço na vida política citadina, entretanto o novo momento requereria outras práticas para que se mantivessem harmônicas as relações entre as diferentes esferas de poder.

#### **4.3.1 “Uma Princesa sem Príncipe”**

As relações entre município e estado, no Ceará, não eram mais as mesmas. A falta de sintonia entre essas esferas de poder era evidente. Há várias reclamações na imprensa local de que Tasso Jereissati sequer veio agradecer a expressiva votação recebida em Sobral.<sup>515</sup> Ao longo da segunda metade dos anos de 1980, foram muitas as críticas à perda gradativa do prestígio da cidade frente ao estado e à União. Apesar da popularidade de que sempre gozara o prefeito Joaquim Barreto, a continuidade da sua administração não foi fácil. Além da falta de aliados em nível estadual e federal, a década de 1980 foi marcada por uma grave crise financeira, que teve reflexos na cidade de Sobral. Artigos como “*Repensando Sobral*”,<sup>516</sup> “*Uma princesa sem príncipe*”,<sup>517</sup> “*Uma prin-*

514 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de novembro de 1994.

515 *Correio da Semana*. Sobral, 16 de setembro de 1987.

516 *Correio da Semana*. Sobral, 22 de março de 1986.

517 *Correio da Semana*. Sobral, 29 de março de 1986.



*cesa sem encanto*”,<sup>518</sup> “*Progresso nunca mais*”,<sup>519</sup> davam sinais de uma crise em andamento. Só a sonegação de impostos no período chegava a setenta por cento (70%).<sup>520</sup>

Alguns investimentos do Governo Federal foram feitos no sentido de amenizar os problemas. Em março de 1986, a Câmara Municipal aprovou a Lei 002/86, que criava o Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sobral (CODES), o qual autorizava o prefeito a criar o Instituto Regional de Desenvolvimento Comunitário (IDEC).<sup>521</sup> O CODES era um órgão consultivo sob a tutela do prefeito que tinha verba federal para funcionar. O IDEC era um empreendimento para dinamizar o desenvolvimento da zona norte do Ceará, com sede em Sobral. O ministério da Desburocratização, sob a chefia do sobralense Paulo Lustosa, enviou ao município um técnico do Governo Federal, o professor Rubens Portugal, que assumiu a tarefa de instalar o órgão na cidade. O objetivo era promover o aperfeiçoamento cultural e desenvolver a prática da cidadania<sup>522</sup>, mas houve denúncia de que a verba enviada para a instalação do Instituto foi utilizada para outros fins, inviabilizando a execução dos projetos a que os recursos foram destinados:

Verba de 3 milhões de cruzados para implantação do Instituto de Desenvolvimento Comunitário da Zona Norte, foi utilizada indevidamente pela Prefeitura Municipal de Sobral. Agora o prefeito alega dificuldade em repor o dinheiro e o instituto fica sensivelmente prejudicado. Tomamos conhecimento de que o CODES, órgão administrativo do Instituto, está empenhado em resolver o caso. Apela ao prefeito para que, pelo bem de Sobral e de toda zona norte, use o bom senso e “devolva” o dinheiro para aplicação nos trabalhos do Instituto.<sup>523</sup>

518 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de abril de 1986.

519 *Correio da Semana*. Sobral, 10 de maio de 1986.

520 *Correio da Semana*. Sobral, 02 de setembro de 1987.

521 *Correio da Semana*. Sobral, 25 de julho de 1987.

522 *Correio da Semana*. Sobral, 12 de abril de 1986.

523 “Sumiu” a verba do Instituto de Desenvolvimento Comunitário da zona norte. *Correio da Semana*. Sobral, 26 de abril de 1986.

Em nível local, as relações com o Legislativo também não eram das melhores. As atas de 1987 registram tensas discussões entre Fernando Solon, líder do prefeito e Euclides Carmo Gomes, líder da oposição. Em 31 de maio de 1987, a oposição conseguiu a aprovação de um requerimento pedindo ao Conselho de Contas dos Municípios uma auditoria, com afastamento prévio do prefeito Joaquim Barreto, baseado no artigo 56 da Constituição do Estado e no artigo 111 de Lei 9.457.<sup>524</sup> A proposição não se efetivou<sup>525</sup>, embora o prefeito continuasse sob a mira da oposição.

A popularidade de Joaquim Barreto começava a ser comprometida com o atraso nos salários dos servidores,<sup>526</sup> mas as estratégias ainda não tinham acabado. Um artigo em defesa de Barreto foi publicado em matéria de página inteira no jornal *Correio da Semana*, com o slogan, *Retorno ao Progresso*:

Após superar uma grave crise político-financeiro dentro da Prefeitura Municipal de Sobral, o prefeito Joaquim Barreto Lima diz sentir-se tranqüilo para, como ele mesmo expressou, “Continuar o ritmo de obras que nós temos feito desde o início de nossa administração”.<sup>527</sup>

Entre as metas, aparecem a conclusão do mercado (Centro Comercial Chagas Barreto), da Escola Monsenhor José Gerardo, de dez grupos escolares na zona rural, a construção de 200 casas para os moradores que vivem as margens do rio Acaraú, a continuação das obras de saneamento dos bairros Sinhá Sabóia, Alto do Cristo e Sumaré, além de pretender deixar todos os bairros calçados. Na zona rural, a promessa era instalar telefones, correios, policiamento e transporte para os estudantes.<sup>528</sup>

Outro artigo havia sido publicado no jornal da capital, *Tribuna do Ceará*, fazendo elogios a sua administração:

---

524 *Correio da Semana*. Sobral, 23 de dezembro de 1987.

525 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 22ª Sessão ordinária*. Sobral, 05 de maio de 1987.

526 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 13ª Sessão ordinária*. Sobral, 30 de março de 1987.

527 *Correio da Semana*. Sobral, 26 de agosto de 1987.

528 *Correio da Semana*. Sobral, 26 de agosto de 1987.

Causou repercussão nos meios políticos locais o artigo publicado no jornal “Tribuna do Ceará”, de autoria do editor do interior daquele confrade, jornalista Dutra de Oliveira que enalteceu a administração e a pessoa do prefeito municipal de Sobral Joaquim Barreto Lima. O artigo foi lido na sessão da Câmara pelo vereador Fernando Solon e só foi contestado pelo vereador Euclides Carmo Gomes.<sup>529</sup>

A nomeação de Cesário Barreto para Secretaria de Administração parecia acalmar os ânimos, já que o líder ainda contava com credibilidade junto à opinião pública. Uma nota no *Correio da Semana* dá mérito ao prefeito nas áreas de educação e cultura. Ele é exaltado por ter triplicado o número de salas de aulas, ter reformado o teatro, ter dado apoio aos grupos teatrais<sup>530</sup> e, especialmente, por ter criado a Fundação Cultural de Sobral (FCS).<sup>531</sup>

Sobreviver na Nova República não seria uma fácil tarefa aos velhos chefes sobralenses. A situação do Partido Democrático Social (PDS), representado pelos Barreto não era das melhores. A convenção de 1988 revelava a fragilidade do partido:

### Quase Morrendo

Sem o brilho das convenções de anos anteriores, o Partido Democrático Social – PDS realizou sua convenção municipal em clima de total apatia e desolamento; cumprindo apenas uma exigência da justiça eleitoral. Para aquele que já foi o maior partido do ocidente, realizar convenções “capengas” como as que aconteceram em Sobral e na maioria dos municípios cearenses, é o sinal mais evidente de sua completa decadência. Um segredo: Há eleitores que pensam que o PDS teve seu fim com as eleições de 1985. Acreditamos que depois das eleições deste ano, só ficarão no Partido, o senador Virgílio Távora e o prefeito Joaquim Barreto.<sup>532</sup>

529 *Correio da Semana*. Sobral, 26 de agosto de 1987. O slogan do Joaquim Barreto era *Para o povo como o povo gosta*.

530 *Correio da Semana*. Sobral, 31 de março de 1988.

531 *Correio da Semana*. Sobral, 11 de junho de 1988. A Fundação Cultural de Sobral foi criada pela Lei nº 047/88.

532 *Correio da Semana*. Sobral, 16 de abril de 1988.

Ao longo da vida política, Joaquim Barreto sempre se declarou “soldado de Cesário Barreto”. Segundo um cronista, Barreto nunca tomava decisões importantes sem consultar o líder. Na eleição para o senado em 1978, por exemplo, teria ajudado a eleger José Lins de Albuquerque, numa disputa muito difícil, já que o candidato tinha um alto índice de rejeição no interior do estado. Mesmo assim, Joaquim Barreto deu o mérito a seu primo, Cesário Barreto. Do mesmo modo, apesar das boas relações com o governador Gonzaga Mota, em nenhum momento manifestou apoio político ao governo, pois Cesário Barreto era fiel aliado do opositor Virgílio Távora.<sup>533</sup> A lealdade nos acordos políticos foi uma prática que mantiveram unidos, por várias décadas, Távora e Barreto.

A possível aliança entre Prado e Barreto para a disputa municipal de 1988 era tema polêmico, pois embora partilhassem de uma ideologia muito semelhante, havia nas bases eleitorais um estranhamento muito pertinente. Não foram poucos os correligionários que resistiram a aceitar um acordo dessa natureza, porém, em março de 1988, a aliança era sinalizada:

### **Prados e Barretos**

A cada dia que passa circula ainda mais rumores de que os Prados e Barretos se coligarão para garantir o Paço Municipal. Fala-se inclusive em um acordo já assinado. Com certeza esse jogo de informação deverá permanecer até ser dada a largada, por volta de maio a junho. Com a união das duas famílias o PMDB (leia-se *Ciro Gomes*), fica sem muita opção para fazer aliança. Sobra seu outro PMDB (leia-se *Alexandre Figueredo*) para companheiro de trincheira. Por fora da disputa principal estão os pequenos partidos (PT, PSB, PC do B e PDT) que devem ficar muito atentos para os possíveis erros das oligarquias e neo-oligarquias.<sup>534</sup>

De acordo com o colunista, o médico Ricardo Barreto estaria desgostoso com a possível aliança, já que havia investido na sua candidatura, contudo o articulista defende que os Barreto não tinham saída. O grupo estava muito fragilizado, e perder a eleição seria o fim do grupo:

533 LIMA, C. B. *O Homem é o Quinca*. Fortaleza: Premium, 2011, p. 76-77.

534 *Correio da Semana*. Sobral, 09 de março de 1988.

o apoio que o grupo político de Cesário Barreto está dando a candidatura de José Parente Prado, é uma das mais experientes cartadas da política municipal. Pois irá conservar o prestígio dos Barretos e tirar vantagens ‘políticas’. É claro.<sup>535</sup>

A primeira proposição de chapa que representaria a aliança tinha José Parente Prado como prefeito e o suplente de deputado César Barreto como vice-prefeito, mas não foram poucas as chacotas em torno da coligação:

Depois de confirmada a aliança Prado/Barreto e como nenhum outro grupo forte se apresentou [...] a vitória está garantida. Surge agora uma preocupação: Com a aliança já selada e com a vitória José Prado, ele não poderá demitir nenhum funcionário que atualmente trabalha na Prefeitura, que foi admitido por indicação dos Barretos. E onde José Prado irá colocar os seus? No atual palácio Municipal? Impossível! Só existe uma saída. Construir um prédio anexo para funcionar a Prefeitura dos Prados. Uma sugestão: Este novo prédio bem que poderia ser construído no distrito de Jaibaras, às margens do açude. O habitat mais propício para os “galinhas d’água”.<sup>536</sup>

Os tempos já não eram mais os mesmos. Embora com ideias e práticas muito semelhantes, a união de Prado e Barreto, depois de mais de vinte anos de disputas, era sintoma de que eles não detinham mais a hegemonia do poder local, e outros atores ganhavam espaço na cena pública. A reação dos correligionários de ambos os lados à aliança sugeria que a proposição fugia à “normalidade” cidadina.

#### **4.4 Por outra Sobral**

A conjuntura de crise de liderança dos velhos chefes abria espaço para entrada em cena de novos atores políticos. O questionamento ao autoritarismo, ao clientelismo e à improbidade administrativa começava a reunir grupos e pessoas de origem diversas em torno de um projeto

535 *Correio da Semana*. Sobral, 31 de março de 1988.

536 *Correio da Semana*. Sobral, 16 de abril de 1988.

de mudança na liderança do poder local. Os partidos de esquerda e os Ferreira Gomes foram alguns desses personagens.

#### ***4.4.1 Os partidos de esquerda***

No início dos anos 80, vários jovens sobralenses que voltavam de estudos em Fortaleza, trouxeram consigo os ideais e as propostas do movimento de esquerda nacional que resultaram na fundação do PT, do PC do B, do PDT e do PSB em Sobral. Muitos deles foram estudantes do Colégio Sobralense nos anos 60 e 70, onde participaram de movimentos questionando a ditadura, prática que foi amadurecida na capital, ajudando na reativação de diretórios e centro acadêmicos nas Universidades públicas em que se formaram.

Segundo o professor Gilvan Azevedo Ferreira, um dos fundadores do PC do B em Sobral, a ação de um movimento de esquerda sobralense, nos anos de 1980, deve-se principalmente à criação do Centro Acadêmico de Pedagogia da UVA, por volta do ano de 1981, o qual ele ajudou a fundar. Ferreira afirma que o PC do B se encontrava na ilegalidade, por isso seus militantes usavam codinomes para escapar dos militares. O periódico *Classe Operária*, de circulação nacional do partido, era bastante vendido no município. O professor Gilvan Ferreira deixa claro que a proteção da Igreja e a aliança com o MDB constituíam elementos substanciais para a atuação dos movimentos de esquerda na cidade.<sup>537</sup>

A célula municipal do PT foi criada em 1982. O primeiro presidente foi o sindicalista ferroviário Vicente José de Sales. Segundo depoimento do Professor Osvaldo Aguiar, presidente do PT em Sobral no ano de 1987, o partido nasceu da influência do movimento católico o Dia do Senhor, do Movimento de Educação de Base, da pastoral de juventude e dos sindicatos de trabalhadores rurais, sob a orientação da Teologia da Libertação. A atuação do partido, no município, foi principalmente no campo, embora também tenha atuado nos movimentos urbanos, dentre eles, na fundação do Centro Acadêmico do curso de História da UVA e nas eleições municipais ao longo dos anos 80 e 90.

---

537 FERREIRA, Gilvan Azevedo. Entrevista concedida à autora em 17 de agosto de 2010.

O PDT foi fundado em 1986, tendo dois nomes de referência, o médico Francisco José Fontenele Azevedo e o engenheiro da REFESA José Lins dos Santos, um dos fundadores da célula do partido na cidade, que, em diversos momentos, fez parceria com os outros partidos de esquerda na oposição ao poder vigente. O PSB, em nível local, também teve dois nomes de destaque, o arquiteto e professor da UVA Francisco Edilson Ponte Aragão e o engenheiro e também professor da UVA, José Luciano Pontes Linhares. Ambos assumiram mandatos legislativos municipais entre os anos 80 e 90, contribuindo para a ascensão de uma nova cultura política.

Embora não constituíssem um grupo coeso, esses partidos estiveram juntos em diversos momentos levantando a bandeira da liberdade, da democracia e da transparência na administração pública e no exercício da cidadania, o que significava serem opositores dos grupos Prado e Barreto, que comandavam o exercício do poder local há pelo menos duas décadas.

As eleições de 1982 foram a primeira disputa em que esses partidos se uniram para concorrerem. O PC do B, o PDT e o PSB se juntaram ao PMDB, apoiando Rildson Martins para prefeito e Clodoveu Arruda (PC do B) a vereador, que, embora sendo o terceiro mais votado, não se elegeu, devido à legenda pequena. O PT participou, lançando candidato próprio, José Valmir Linhares.<sup>538</sup> O candidato dos Barreto, Joaquim Barreto saiu vitorioso. Essa seria apenas a primeira de uma longa jornada que esses partidos empreenderiam para mudar a história política da cidade com a qual as suas mentes juvenis não poderiam mais compactuar.

#### ***4.4.2 Os Ferreira Gomes***

Além dos partidos de esquerda, outro grupo disputava o poder municipal. Os Ferreira Gomes, entre os anos de 1960 a 1980, foram aliados dos Prado em diversos pleitos eleitorais, organizados numa das sublegendas da ARENA. No período da ditadura, ambos puderam contar com a influência do General Josias Ferreira Gomes, junto às Forças Armadas,

---

538 Cf. Quadro eleitoral no capítulo terceiro.

para solução de conflitos locais. Em 1977, José Euclides Ferreira Gomes Júnior assumiu o poder municipal como candidato dos Prado, com quem rompeu logo depois e fundou sua própria agremiação. Com o fim do bipartidarismo, o grupo Ferreira Gomes foi para o Partido Democrático Social (PDS-3). A atuação dessa família teve continuidade com a carreira política do advogado e professor Ciro Ferreira Gomes e do Engenheiro Civil Cid Ferreira Gomes, filhos de José Euclides F. Gomes Júnior.

Ciro Gomes iniciou a vida política como suplente de Deputado Estadual pelo PDS, em 1982. Participou do *Movimento Pró-mudanças*, que elegeu Tasso Jereissati governador do Ceará e o elegeu Deputado Estadual em 1986, desta vez pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), numa coligação com o PCB e o PC do B. Filiou-se ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que o elegeu Prefeito de Fortaleza, em 1988.

Ao lado de Prado, Barreto e Figueiredo, o grupo Ferreira Gomes garantiu um lugar para Sobral no cenário político brasileiro nas eleições de 1986. Na Assembleia Legislativa, as três facções – Barreto, Prado e Ferreira Gomes – tinham representação. José Parente Prado (PDS) foi o mais votado, seguido por César Barreto Lima (PFL), Ciro Ferreira Gomes (PMDB) e Alexandre Figueiredo (PDC). De acordo com a imprensa, Sobral contava com a segunda maior bancada na Assembleia Legislativa em 1987, tendo o sobralense Ciro Gomes como líder do governo. Em nível federal, dois sobralenses assumiram ministérios no governo José Sarney: Paulo Lustosa da Costa, no *Ministério da Desburocratização e modernização administrativa*, e o Almirante Henrique Sabóia, no *Ministério da Marinha*. No mandato de ministro, Paulo Lustosa ajudou na criação do *Instituto de Desenvolvimento da Região Norte do Ceará*,<sup>539</sup> como também na dotação de verba para a Santa Casa de Misericórdia de Sobral, sob a administração do padre José Linhares, líder ligado ao grupo Ferreira Gomes.<sup>540</sup>

539 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de abril de 1986.

540 *Correio da Semana*. Sobral, 12 de abril de 1986. O Conselho de Desenvolvimento (CODES) foi criado pela prefeitura municipal e aprovado pela câmara para trabalhar junto com o instituto regional (IDEC).



Mesmo com representação na Assembleia, não foi tranquila a continuidade das administrações de Prado e Barreto, porque diferentemente dos períodos anteriores, não eram os prefeitos que obtinham prestígio junto ao governo estadual e o federal, e sim os seus concorrentes, que naquele momento começavam a ganhar autonomia política.

A história da ascensão política do grupo Ferreira Gomes tem elementos muito semelhantes à história dos empresários que chegaram ao poder no Ceará: jovens lideranças construídas dentro das velhas estruturas, que romperam com seus “padrinhos” e constituíram uma nova agremiação, pautada no discurso do equilíbrio orçamentário, na eficiência da máquina pública e na probidade administrativa. A diferença é que, em Sobral, essa ascensão só aconteceria uma década depois do fim da ditadura.

Apesar do distanciamento entre o projeto da Esquerda e o do grupo Ferreira Gomes, ao longo dos primeiros dez anos da Nova República, ambos foram críticos ferrenhos das administrações Prado e Barreto, contra os quais disputaram incansavelmente o poder municipal.

#### ***4.4.3 Movimento Por uma Nova Sobral***

As condições materiais em que se encontrava a cidade e a ascensão de novos partidos, ideias e líderes ensejaram a criação de um movimento suprapartidário intitulado *Movimento Por Uma Nova Sobral*. De acordo com ex-membros do grupo, o movimento tinha a participação de militantes do PT, PC do B, PSB, PDT e outros cidadãos, que, embora não se identificassem com nenhum partido político, queriam discutir os problemas da cidade. O Movimento atuava por meio de um programa de rádio, com o mesmo título, que ia ao ar ao meio-dia, na Rádio Iracema, atual Rádio Regional. Funcionava como uma roda de conversa com espaço livre para quem quisesse debater sobre os temas da cidade. Ainda de acordo com os depoentes, o programa tinha um alto nível de audiência.<sup>541</sup>

541 AGUIAR, Francisco Osvaldo. Entrevista concedida à autora em 14 de novembro de 2012; AZEVEDO, Francisco José Fontenele. Entrevista concedida à autora em 29 de novembro de 2012 e ARAGÃO, Francisco Edilson Ponte. Entrevista concedida à autora em 30 de novembro de 2012.

Além do espaço radiofônico de discussão, o movimento atuou na elaboração do orçamento participativo, quando fez parceria com o Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sobral (CODES) e o Instituto Regional de Desenvolvimento Comunitário (IDEC), no chamado *Conselhão*:<sup>542</sup>

### O “Conselhão” para o Orçamento do Município.

De repente o prefeito não decide mais sobre a obra que vai realizar primeiro. Nem a que vem depois. Quem decide é o povo. O povo que habita nos bairros e nos distritos povoados da zona rural.

[...]

Por uma feliz coincidência, em 1987 surgiu o **Movimento Por uma Nova Sobral**. Movimento espontâneo e suprapartidário.

A partir de maio de 1987 o CODES, O IDEC e o Movimento Por uma Nova Sobral passaram a trabalhar em regime de cooperação a fim de identificar os pólos comunitários urbanos e rurais do município.

Aos poucos reuniões foram acontecendo com expressiva presença dos moradores. Através de votação secreta foram sendo escolhidos Representantes e Vice-Representantes para cada bairro e para cada núcleo rural.

Em julho de 1987 realizar-se-á a primeira reunião plenária do “Conselhão”. A coordenação está entregue ao CODES e o **Movimento Por Uma Nova Sobral**. O IDEC deverá secretariar os trabalhos oferecendo os primeiros “cadernos” informativos sobre o ORÇAMENTO MUNICIPAL DE SOBRAL.<sup>543</sup>(Grifos nossos)

Outra luta encampada pelo Movimento foi em torno da Siderúrgica do Nordeste (SINDINOR ou SIDNOR): “Outro fato que sem dúvida marcou o ano político em Sobral foi [...] a criação do movimento por uma Nova Sobral, que apesar de ter tido uma vida atuante muito curta, marcou pela luta desenvolvida em torno da sindinor.”<sup>544</sup>

Para vários ex-militantes do grupo, concretamente, o movimento rendeu para Sobral a mobilização de um número significativo de pes-

542 Lei nº 002/86 de 4 de março de 1986. *Correio da Semana*. Sobral, 25 de julho de 1987.

543 *Correio da Semana*. Sobral, 25 de julho de 1987.

544 *Correio da Semana*. Sobral, 23 de dezembro de 1987.

soas interessadas em discutir os problemas da cidade, e isso, por si só, justificava o movimento, que resultou na ascensão de novas lideranças que disputariam o poder local nos pleitos seguintes.<sup>545</sup>

As eleições de 1988 tiveram a atuação direta do Movimento. A candidatura de José Linhares Pontes/Cid Gomes para prefeito e vice, contou com o apoio da maioria dos membros do Movimento, que lançou vários candidatos ao mandato de vereador. O Partido dos Trabalhadores mais uma vez lançou candidato próprio.<sup>546</sup> Segundo Osvaldo Aguiar, presidente do PT à época, e funcionário da Santa Casa, sob a direção de José Linhares, o partido não via no administrador uma esperança para a cidade. Apesar de considerar o Movimento interessante, não via nele uma base social consistente nem segurança ideológica, por isso resolveram lançar, como candidato a prefeito, o funcionário da Receita Federal Pedro Fernandes e Osvaldo Aguiar, para vereador.<sup>547</sup>

Para o arquiteto Edilson Aragão, candidato a vereador pela *Frente Popular por Uma Nova Sobral*, José Linhares, apesar de não ser político, era respeitado por vários membros do Movimento, devido à sua atuação como diretor do Colégio Sobralense nos anos 60, por onde passaram muitos dos jovens militantes. Cid Ferreira Gomes era filho do ex-prefeito José Euclides Ferreira Gomes Júnior, que, apesar do histórico de aliança com o grupo Prado, na sua administração em 1977-1982, tinha ensaiado um modelo de gestão menos tradicional, mais tecnicista, creditando a Ferreira Gomes o apoio do movimento.<sup>548</sup> Ou seja, o grupo Ferreira Gomes não fez parte do *Movimento*

545 *Correio da Semana*. Sobral, 23 de setembro de 1995. Entrevista concedida ao *Correio da Semana* por Luciano Linhares que participou dos movimentos na UVA e foi membro do Movimento por Uma nova Sobral ao lado de outros nomes como, Edilson Aragão, Odécio Magalhães, João Conrado, Sérgio Linhares, Haroldo Linhares, Francisco Azevedo e Osvaldo Aguiar.

546 AGUIAR, Francisco Osvaldo. Entrevista concedida à autora em 14 de novembro de 2012. Para Osvaldo Aguiar o grupo perdeu o rumo com a candidatura de José Linhares. O rumo dado ao movimento recebeu outras críticas: “O impulso que tomou nos primeiros meses o “Movimento Por Uma Nova Sobral”, parecia que seria imbatível em sua caminhada. Hoje observa-se que o movimento não é tão de base como se esperava e está vivendo apenas do que pensa seus cabeças” Fonte: *Correio da Semana*. Sobral, 22 de setembro de 1987.

547 AGUIAR, Francisco Osvaldo. Entrevista concedida à autora em 14 de novembro de 2012.

548 ARAGÃO, Francisco Edilson Ponte. Entrevista concedida à autora em 30 de novembro de 2012.

*Por uma Nova Sobral*, mas recebeu o apoio do grupo no momento em que ensaiavam sua independência dos Prado.

Durante a década de 1980, a superação daquela geração de gestores, identificada com o tradicional, era pauta permanente de debate na cidade. O colunista do *Correio da Semana*, Chico Prado, que foi um crítico ferrenho da administração de Joaquim Barreto (1983-1988), propôs a criação de uma Frente Única, formada por pequenos partidos, para fazer frente às velhas agremiações da política local nas próximas eleições municipais:

Já estava na hora de uma virada nova, de idéias, de razões, de filosofias, e até de ações integradas na busca de um condicionamento diferente na política nossa de cada dia. A sorte está lançada, agora vamos a guerra fria da política barata, da venda, da troca, e do desperdício do voto. Tudo agora dependerá de você eleitor, vamos mudar essa farsa de opiniões diversas, para isso estará nascendo um grupo também novo em prol de Sobral, e de seu povo. Tal grupo criado em favor das mudanças, será chamado de GRIPS – Grupo de Renovação Independente da Política Sobralense.<sup>549</sup>

Não foi encontrada nenhuma outra referência ao grupo proposto por Chico Prado, mas a proposição era sintomática da pressão sobre o poder vigente. A hegemonia dos velhos chefes começava a correr riscos; a disputa eleitoral não seria fácil. A aliança parecia inevitável.

## 4.5 A aliança Prado e Barreto

As proposições em torno das eleições municipais de 1988 evidenciavam a fragilização do poder de Prado e Barreto em detrimento de novos líderes. Numa aliança histórica, esses dois grupos se uniram lançando a chapa José Parente Prado /Francisco Ricardo Barreto Dias (PDS), em oposição à candidatura do Padre José Linhares/Cid Ferreira Gomes (PMDB), que contava com o apoio do PSB, do PDT e do PC do B.

---

549 *Correio da Semana*. Sobral, 16 de abril de 1988, p. 2.

A proposta de aliança entre Prado e Barreto não era uma ideia nova, visto que, nas eleições de 1972, isso já havia sido cogitado, embora não tenha se efetivado. Os estremecimentos entre as duas facções se davam essencialmente entre as bases eleitorais. Já entre os líderes, o embate era mais ameno, pelos menos fora das campanhas eleitorais. Mesmo assim, os depoentes são unânimes em afirmar que foi muito tensa a definição da aliança em 88, bem como a própria campanha eleitoral.

**Tabela 4** - Eleições Municipais de 15 de novembro 1988: Município de Sobral

CARGO	NÚMERO	SITUAÇÃO	CANDIDATO	VOTOS
PREFEITO	25	ELEITO	José Parente Prado	24205
VICE-PREFEITO	-	-	Francisco Ricardo Barreto Dias	-
PREFEITO	15	Não eleito	José Linhares Pontes	22639
VICE-PREFEITO	-	-	Cid Ferreira Gomes	-
PREFEITO	13	Não eleito	Pedro Fernandes Corrêa	258
VICE-PREFEITO	-	-	Rivana Maria Rocha Moura	-
PREFEITO	22	Não eleito	Maria da Conceição A. Nobre	69
VICE-PREFEITO	-	-	Maria Elza Silvino	-

**Fonte:** TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO CEARÁ. Secretaria de Informática. Coordenação de estatística e Informações eleitorais. Seção de Estatísticas. Eleições Municipais de 15 de novembro de 1966, 1970, 1972, 1976, 1982 e 1988. Município de Sobral.

A vitória foi apertada. Zé Prado assumia o seu segundo mandato como prefeito. De acordo com Valério Sobral, no blog de Marco Prado, a eleição de 1988 foi a campanha mais difícil da carreira de Zé Prado. O slogan de campanha do *azul* contra o *verde* era: *É Zé contra Zé. É Zé Prado que o povo quer*. Segundo o blog, as pesquisas de intenção de votos davam maioria para o padre Zé. Para avançar, Zé Prado teria visitado até a casa de eleitores adversários. As campanhas, das quais participou, são lembradas como momentos gloriosos com a presença da *charanga*, um carro ocupado por um cantor, acompanhado de sanfona, zabumba, pandeiro e triângulo. As músicas de campanha eram compostas pelo amigo e compadre de Zé Prado, o Pedro Lavandeira,<sup>550</sup> que

550 Pedro Oliveira Filho, poeta, cantor e compositor ficou conhecido pela composição das músicas de campanha da família Prado. Foi enterrado no mesmo jazigo de Zé Prado (26/11/1935-05/07/2003). Disponível em [Jornalcorreiodasemana.com](http://Jornalcorreiodasemana.com). Acesso em 27 de setembro de 2012; SOBRAL, Valério. *Semana Bandeira Branca*. [souchocolatenaodesisto.blogspot.com](http://souchocolatenaodesisto.blogspot.com). Postado em maio de 2012. Acesso em 27 de setembro de 2012.

comandava o *Pipocão*, nome dado ao carro de som dos Prado. Sua capacidade de comover as massas ao longo das campanhas é comparada à de padre Palhano de Sabóia, prefeito da cidade na década de 1950.<sup>551</sup> Nas honras à morte de José Prado, em 1999, um jornalista traça o perfil:

Criticado pelo seu jeito de ser íntimo da pobreza, o que para alguns cheirava a demagogia, Zé Prado não largava seu jeito de matuto, suas qualidades de homem simples, de comedor de carne de bode seca e rapadura, que não dispensava suas sandálias japonesas, quando chegava da lida das ruas.<sup>552</sup>

Era o Zé Cachaça, o Zé à Pé, o Zé dos Pobres, o Zé pra Zé...<sup>553</sup>

Conta-se que, nessa eleição, numa infeliz declaração, o grupo Ferreira Gomes afirmou que, do lado de lá, só estava a “bagaceira”. Estrategicamente, Zé Prado se colocou com o representante dessa “bagaceira”, que seriam os mais pobres, lançando um boletim único chamado *a Bagaceira*, conquistando um grande número de adeptos à campanha. *Administração Moderna, caminhando com o povo*, foi o slogan da administração com Ricardo Barreto.<sup>554</sup>

Zé Prado recebeu muitas críticas ao longo dessa segunda gestão. Na área da cultura, ele foi acusado de desarticular o movimento teatral com a mudança de gestores da secretaria, bem como pela expulsão dos artistas do Teatro, que foi reformado e ganhou a cor azul (cor da campanha de Zé Prado). O novo Secretário de cultura recebeu o apelido de Prego, da comunidade artística, que criou o movimento *Deu o Prego na Cultura*, questionando a falta de apoio do poder municipal às práticas culturais. Numa mobilização com os movimentos sociais e alguns parti-

551 Política em fatos. *Capital Norte*. Sobral, 29 de maio de 1999.

552 Adeus Zé dos Pobres. *Capital Norte*. Sobral, 29 de maio de 1999.

553 Política em fatos. *Capital Norte*. Sobral, 29 de maio de 1999.

554 SOBRAL, Valério. *Semana Bandeira Branca*. [souchocolateanaodesisto.blogspot.com](http://souchocolateanaodesisto.blogspot.com). Acesso em 27 de setembro de 2012. Há três anos, o autor do blog criou a *Semana Bandeira Branca*, que consiste na publicação de imagens, músicas e informações sobre a atuação política de Zé Prado, na semana do seu aniversário de morte. Bandeira Branca, segundo o blog, era a música sempre pedida pelo político para acalmar os ânimos quando o clima da campanha esquentava: “Bandeira branca amor, é a paz que a gente quer; com a bênção de Deus e a proteção de Dom José”.

dos de esquerda, uma Casa de Cultura foi improvisada próxima a igreja da Sé, para abrigar a prática artística.

Segundo o historiador Edilberto Santos, depois de muitos protestos, o prefeito contratou um ator da Rede Globo para ministrar cursos teatrais, o que permitiu a rearticulação do movimento teatral na cidade. A reinauguração do teatro aconteceu com a apresentação da peça *O Auto de Lampião no além*, espetáculo que trouxe um público significativo à plateia do teatro, mas essa maré de prosperidade não teria continuidade, dado os conflitos entre artistas e gestores municipais.<sup>555</sup>

Apesar das críticas, Zé Prado recebeu vários prêmios, dentre eles, o de melhor prefeito do Ceará, 1989, 1990 e 1991, e o Troféu Imprensa Municipalista aos Melhores Prefeitos do Brasil, 1991, pela Imprensa Municipalista de São Paulo.<sup>556</sup> Grandes mudanças físicas foram projetadas para a cidade em sua gestão, como a Avenida Azul, hoje a *Pericentral*, e a Avenida Beira-Rio, a atual *Margem Esquerda*, mas nenhuma delas chegou a ser executada na sua administração.

De acordo com os depoimentos de ambos os lados, Zé Prado e Ricardo Barreto conseguiram manter-se unidos por todo o mandato, inclusive se tornaram bons amigos. Nas propagandas da administração, a família Barreto aparece na lista da equipe: Ricardo Barreto Dias (Vice-prefeito), Cesário Barreto Lima (Secretário de Planejamento) e Silvia Maria Barreto Dias Gomes (Diretora da Secretaria de Educação).<sup>557</sup>

#### ***4.5.1 As eleições estaduais de 1990***

As divergências dentro do *Movimento por Uma Nova Sobral* em torno da eleição de 1988 desestabilizaram as bases do Movimento, que perdeu força enquanto grupo. Todavia, a semente de outra So-

555 SANTOS, Edilberto Florencio dos. *Existir - fazendo, atuando: o movimento teatral na cena sobralense (1983-1996)*. 2012. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2012, p. 88-89.

556 INFORMATIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. Administração Moderna – Caminhando Com O Povo. Sobral, 1992.

557 INFORMATIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. Administração Moderna – Caminhando Com O Povo. Sobral, 1992.

bral havia sido plantada. O mandato de vereador de Edilson Aragão (PSB) fortaleceria o projeto da Esquerda, enquanto o grupo Ferreira Gomes se lançava na disputa estadual.

Na fala dos saudosistas, as eleições estaduais de 1990 apontavam como uma luz no fim do túnel para que Sobral pudesse recuperar seu prestígio do tempo de Chico Monte, José Sabóia e Dom José.<sup>558</sup> Sobral indicou dois candidatos a governador em 1990: Ciro Ferreira Gomes/Lúcio Alcântara (PSDB/PDT/PDC) e Paulo Lustosa da Costa/Luiza Távora (PFL/PMDB/PDS)<sup>559</sup>, além de dois candidatos a deputado Federal e nove a Estadual. Foram muitos os apelos para que o município recuperasse seu prestígio,<sup>560</sup> embora tenha sido bastante conflituosa a campanha eleitoral.

Na coluna de Chico Prado, intitulada *A vez da zona norte*, ele fez a seguinte afirmação:

Sobral tem duas histórias, antes de Dom José e depois, só que antes, Sobral tinha gabarito político, e homens que amavam seu torrão natal, hoje em dia o descrédito é absoluto na classe política, que vaga no ostracismo de voto, e na demagogia de encher os seus bolsos às custas da pobreza já morta. [...].

Já está na hora da virada, Ciro ou Paulo, serão o sal de nossa terra prometida de progresso, a princesa do norte, de Região já quase falida de homens e promettimentos demagógicos. Tenho dito.<sup>561</sup>

A disputa política estadual tinha representação das principais agremiações locais. A imprensa afirmou que a aliança entre Prado e Barreto foi desfeita nessas eleições de 1990,<sup>562</sup> mas o que se constatou foi que tanto Prado como Barreto apoiaram Paulo Lustosa da Costa para governador. Lustosa era um velho aliado do grupo Prado, e Luiza Távora,

558 *Correio da Semana*. Sobral, 28 de abril de 1990. Candidatos a deputado Federais, José Linhares Pontes e Joaquim Barreto. Estadual: César Barreto, Jocely Dantas Filho, Nonato Prado, Cid Gomes, Alexandre Figueiredo, Moésio Loiola, José Ricardo Prado e Clodoveu Arruda.

559 *Correio da Semana*. Sobral, 28 de abril de 1990.

560 *Correio da Semana*. Sobral, 12 de maio de 1990.

561 *Correio da Semana*. Sobral, 12 de maio de 1990.

562 *Correio da Semana*. Sobral, 29 de setembro de 1990.



candidata a vice, recebia o apoio do grupo Barreto pela fidelidade da agremiação ao ex-governador Virgílio Távora. Vicente Fialho e José Ricardo Prado foram os candidatos a deputado dos Prado, enquanto o grupo Barreto lançaria Joaquim Barreto e César Barreto, Federal e Estadual, respectivamente. O resultado das eleições expressou a vitória de mais uma batalha do grupo Ferreira Gomes, do qual foram eleitos: Ciro Gomes (Governador); José Linhares Ponte (dep. Federal); Moésio Loiola, Cid Gomes, Alexandre Figueiredo, José Ricardo Prado e Nonato Prado (deputados estaduais). Diante dos bons resultados, o articulista do *Correio da Semana* lança o desafio:

Sobral e toda zona estavam esquecida, abandonada em total marasmo. Agora chegou a vez dos seus filhos eleitos modificarem essa situação. Não queremos injustiças para com as restantes regiões do Estado. Queremos apenas que façam conosco o que foi feito para região sul do Estado; nos façam justiça! Um Governador sobralense, o 1º do século, 1 deputado federal, após 20 anos e 5 deputados estaduais, unidos representam por sem dúvidas, uma grande força e prestígio político para a zona norte que deve ser explorada.  
[...] Para frente Sobral!<sup>563</sup>

Quase dez anos após o fim do regime militar e do poder dos coronéis no Ceará, a sobrevivência dessas, que foram as principais agremiações políticas sobralenses por três décadas, parecia já ter ido longe demais. A década de noventa consumava a crise dos velhos chefes e afirmava a ascensão dos novos.

#### 4.6 A última cartada dos “velhos chefes”

Mesmo moribundos, os velhos chefes não se davam por vencidos. Separados novamente, Prado e Barreto disputaram as eleições de 1992. Foram três candidatos, Prado se uniu a Ferreira Gomes para apoiar o candidato José Pimentel Gomes/Jerônimo Prado Neto. Barreto lançou

<sup>563</sup> *Correio da Semana*. Sobral, 20 de outubro de 1990.

Francisco Ricardo Barreto Dias/Aldenor Façanha Júnior, e a Esquerda lançou o ex-vereador Edílson Aragão/Francisco Iweltman Mendes, pelo Partido Socialista Brasileiro.

Os laços entre os “velhos” e os “novos” líderes ainda não tinham sido rompidos. Além de contar com o apoio do prefeito José Prado e do governador Ciro Gomes, Pimentel Gomes tinha na sua campanha a participação dos patriarcas Jerônimo Prado e José Euclides Ferreira Gomes Júnior.

**Tabela 5** - Eleições Municipais de 15 de novembro 1992: Município de Sobral<sup>564</sup>

CARGO	NÚMERO	SITUAÇÃO	CANDIDATO
PREFEITO	25	ELEITO	Francisco Ricardo Barreto Dias
VICE-PREFEITO	-	-	Aldenor Façanha Júnior
PREFEITO	15	Não eleito	José Pimentel Gomes
VICE-PREFEITO	-	-	Jerônimo de Paula Pessoa Neto
PREFEITO	40	Não eleito	Francisco Edílson Ponte Aragão
VICE-PREFEITO	-	-	Francisco Iweltman Vasconcelos Mendes

**Fonte:** Elaborada pela autora a partir de fontes diversas.

O grupo Barreto foi vitorioso. O ex-prefeito Ricardo Barreto afirma que a vitória foi uma grande surpresa, já que ele se elegeu apenas com o apoio da família e “contra todas as forças políticas de Sobral”,<sup>565</sup> mas, na verdade, ele também contou com um apoio de peso. Ainda hoje circula pela cidade o boato de que o apoio de Zé Prado à candidatura de Pimentel Gomes foi apenas parcial, visto que, na prática, ele teria contribuído efetivamente para a eleição de Barreto, com direito a agradecimento público no último comício da campanha. Tanto o grupo Barreto quanto o Prado desmentem essa informação. Ricardo Barreto afirma que inexplicavelmente Zé Prado foi apoiar Pimentel Gomes. Marco Prado diz que a explicação foi um acordo feito entre Zé Prado e o então governador Ciro Gomes nos últimos anos do mandato de Prado (1991-1992). O governador teria garantido verba para uma série de obras no município em troca do apoio à candidatura de Pimentel Gomes nas eleições de 92. Uma situação era certa, o Deputado Federal José Linhares, após ter rompido com o grupo Ferreira Gomes, por ter seu nome subs-

<sup>564</sup> Os dados dessa eleição não foram encontrados no site do TRE-CE.

<sup>565</sup> DIAS, Francisco Ricardo Barreto. Entrevista concedida à autora em 06 de janeiro de 2012.

tituído pelo, então, deputado Pimentel Gomes, apoiou a candidatura de Barreto às eleições municipais.

**Figura 25** - Francisco Ricardo Barreto Dias, ex-prefeito de Sobral (1993-1994)



**Fonte:** Acervo da autora.

A falta de apoio do governo do estado, aliada ao fato de que o prefeito eleito também não conseguiu eleger a maioria dos vereadores da sua agremiação para o legislativo, tornaria sua administração bastante complicada. Os partidos com representação na Câmara Municipal na gestão 1993/1996 foram sete: PPR, PDS, PFL, PMDB, PSDB, PT e o PSB, sendo os quatro primeiros aliados, e os três últimos, oposição. O lugar ocupado por essas agremiações variava dependendo da conjuntura, ora a favor, ora contra. O PT e o PSB foram os únicos oposicionistas permanentes ao longo da gestão.

Já nos primeiros noventa dias da administração, as críticas eram expressas no legislativo e as rádios da cidade socializavam esses conflitos com a sociedade. Durante todo o ano de 1993, foram inúmeras as sessões em que se registraram tensões entre os aliados e os opositores da administração. O líder do prefeito, o vereador Ismerino Arruda, do

PMDB, estava sempre em evidência, pressionado por todos os lados, submerso pela enxurrada de denúncias que os vereadores da oposição despejavam semanalmente nas sessões da Câmara. Falta de apresentação de um plano de desenvolvimento para a cidade, demissões irregulares, contratação de funcionários fantasmas e baixos salários foram algumas das denúncias mais frequentes.<sup>566</sup>

O Vereador do PT, José Clodoveu Arruda Coelho Neto e José Luciano Pontes Linhares (vice-presidente da Câmara) do PSB eram considerados a oposição radical. Vinham deles as críticas mais contundentes, que por sua vez eram os mais atacados pelo executivo. A atuação dessa dupla resultou, ainda no primeiro ano de administração, no pedido de investigação do executivo pelo Tribunal de Contas dos Municípios. Tal investigação ensejou a proposição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI. A aprovação dos dois requerimentos foi tão tensa que o impasse foi decidido pelo voto do presidente da casa, que só o faz em caso de empate. A oposição conseguiu aprovar a instalação da CPI, mas o líder do prefeito na Câmara pediu exoneração da sua função de líder, para compor a dita comissão de investigação no cargo de Relator.

Há, nas atas da Câmara, reclamação do PSDB se recusando a participar da CPI, alegando que a maioria dos membros da Comissão era aliada ao prefeito.<sup>567</sup> A mesma reclamação de outros partidos da oposição podia ser percebida nas entrelinhas. O relatório da CPI concluiu que nada foi provado contra o prefeito.

[...] chegaram a conclusão de que o prefeito de Sobral, é realmente, o homem a quem o povo sobralense deve continuar confiando até o final do mandato. [...] afirma o prefeito Ricardo Barreto que este episódio é mais de ordem política, quando se sabe que seus adversários jamais o perdoarão pelo privilégio da vontade do povo com respaldo das urnas nas eleições do dia 3 de outubro passado.<sup>568</sup>

566 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 3ª sessão ordinária*. Sobral, 08 de fevereiro de 1993; *Ata da 4ª Sessão Ordinária*. Sobral, 09 de fevereiro de 1993, entre outras.

567 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 41ª sessão ordinária*. Sobral, 02 de agosto de 1993.

568 “CPI da Câmara inocenta prefeito de Sobral”. *Correio da Semana*. Sobral, 13 de novembro de 1993 *apud* SANTOS, Edilberto *Op. cit.*, p. 99.

Falida a Comissão, a oposição fez a denúncia na Procuradoria de Justiça do Estado, e uma comissão da Secretaria da Fazenda foi enviada a Sobral para analisar documentos do Executivo municipal, relativos ao caso das notas frias que ganhou as páginas da imprensa da capital.<sup>569</sup>

O PMDB, que constituía a base de apoio do prefeito Ricardo Barreto, parecia esforçar-se para salvar a administração. Em agosto de 1993, o partido elaborou, junto a outros cidadãos sobralenses, um manifesto propositivo ao executivo, com vista a sanar os problemas enfrentados pela administração municipal,<sup>570</sup> contudo a oposição continuava na ofensiva, pedindo a quebra do sigilo do prefeito e da prefeitura, que, no entanto, não foi aprovado pelo legislativo, naquele momento.<sup>571</sup>

As disputas foram ficando cada vez mais acirradas e a violência parecia voltar à cena política. Os vereadores Clodoveu Arruda Neto e Luciano Linhares, no uso da tribuna legislativa, fizeram várias denúncias sobre ameaças sofridas por eles e por suas famílias, resultantes de suas atuações políticas.<sup>572</sup> Na quinquagésima sétima sessão ordinária da Câmara Municipal, o edil Luciano Linhares citou uma entrevista transmitida por uma rádio local, em que o prefeito Ricardo Barreto afirmava que a oposição deveria ser tratada como na época de Chico Monte, à bala.<sup>573</sup> Na sessão seguinte, Clodoveu Arruda denunciou agressão física a ele, impetrada pelo vereador Antônio Linhares Pontes, o Jóia.<sup>574</sup> A presidência da Câmara penalizou o vereador denunciado com censura pública e instauração de inquérito.<sup>575</sup> No início do ano, já havia denúncia de que vereadores compareciam às sessões armados.<sup>576</sup>

---

569 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 44ª sessão ordinária*. Sobral, 10 de agosto de 1993.

570 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 47ª Sessão Ordinária*. Sobral, 23 de agosto de 1993.

571 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 56ª sessão ordinária*. Sobral, 19 de outubro de 1993.

572 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 58ª Sessão Ordinária*. Sobral, 26 de outubro de 1993; *Ata da 59ª Sessão Ordinária*. Sobral, 08 de novembro de 1993.

573 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 57ª Sessão Ordinária*. Sobral, 25 de outubro de 1993.

574 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 2ª Sessão Extraordinária*. Sobral, 26 de outubro de 1993.

575 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 59ª Sessão Ordinária*. Sobral, 08 de novembro de 1993.

576 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 21ª Sessão Ordinária*. Sobral, 19 de abril de 1993.

Há registro de que o prefeito entrou com mandado de segurança para impedir a sessão da Câmara, o qual não foi atendido.<sup>577</sup> As articulações para a cassação seguiram nas sessões posteriores. O Requerimento nº 283/94 pedia intervenção do governador em Sobral, com base no parecer da procuradoria especial junto ao Tribunal de Contas dos Municípios, já que uma liminar do PMDB impedia a cassação.<sup>578</sup> Finalmente, no dia 12 de abril de 1994, na Décima Sexta Sessão Ordinária (16ª) a denúncia foi oferecida por três populares, Alexandre Linhares, Aurélio Pontes e Edilson Aragão e dois vereadores, Clodoveu Arruda e Luciano Linhares, pelo decreto 201/67. A denúncia foi aceita por onze votos contra oito. O prefeito Ricardo Barreto foi afastado por noventa dias, por onze votos contra nove, criando-se a Comissão Processante, composta por três vereadores para elaborar o parecer.<sup>579</sup> Os populares, de algum modo, já eram nomes conhecidos da política sobralense. O Advogado Alexandre Linhares, era irmão do vereador Luciano Linhares, do PSB, Aurélio Pontes era empresário e foi candidato do grupo Ferreira Gomes, nas eleições de 1982, e Edilson Aragão, que era militante do Partido dos Trabalhadores, tinha sido vereador em 88, e disputou a vaga de prefeito nas eleições de 1992, pelo PSB.

Afastado o prefeito, assumiu o vice Aldenor Façanha Júnior, e o seu mandato receberia o nome de *Operação Noventa Dias*. O novo líder do prefeito na Câmara era um antigo aliado dos Barreto, José Crisóstomo Ibiapina.<sup>580</sup> O líder do prefeito afastado acusou o governador Ciro Gomes de perseguir o prefeito Ricardo Barreto.<sup>581</sup> De acordo com alguns ex-colaboradores de Barreto, ele não era bom na arte da política e, mesmo após as eleições, continuou a ser oposição ao governo do estado, o que dificultava sobremaneira a sua administração.

577 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 12ª Sessão Ordinária*. Sobral, 28 de março de 1994.

578 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 12ª Sessão Ordinária*. Sobral, 29 de março de 1994 (Embora o número da sessão seja repetido, esta ocorreu em outra data).

579 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 16ª Sessão Ordinária*. Sobral, 12 de abril de 1994.

580 *Correio da Semana*. Sobral, 04 de fevereiro de 1994. De acordo com o jornal, descartado da disputa pela presidência da Câmara, o vereador desligou-se do grupo dos Barreto e migrou para o PSDB, conseguindo eleger-se presidente da Câmara Municipal para a gestão 1995-96.

581 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 18ª Sessão Ordinária*. Sobral, 25 de abril de 1994.

**Figura 26** - Aldenor Façanha Júnior, ex-prefeito de Sobral (1995-96)



**Fonte:** sobralemrevista.blogspot. com. Acesso em 07de janeiro de 2012.

O afastamento definitivo de Ricardo Barreto ainda demoraria. As disputas judiciais se estenderiam por todo o mandato.<sup>582</sup>

#### ***4.6.1 “A Saga de Entra e Sai”***

Em momento algum, Ricardo Barreto se acomodou na condição de prefeito afastado. O inimigo direto naquele momento era o legislativo. A primeira reação de Barreto foi questionar judicialmente a legitimidade do poder daquela instituição para tomada da decisão de afastamento. No mês seguinte àquela denúncia, ele entrou com liminar contra a decisão da Câmara sobre seu afastamento. Dos 14 juízes, 13 votaram contra o pedido.<sup>583</sup> Em outubro, Barreto foi derrotado em mais uma tentativa.<sup>584</sup>

582 Ricardo perde mais um round. *Correio da Semana*. Sobral, 22 de outubro de 1994.

583 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 24ª Sessão Ordinária*. Sobral, 16 de maio de 1994.

584 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 55ª Sessão Ordinária*. Sobral, 18 de outubro de 1994.

As sessões da Câmara ficavam cada vez mais tensas. Todo o processo de cassação foi marcado por muita agressividade. Aos poucos, membros do PMDB, que até então constituía a base de apoio do governo municipal, aderiram ao movimento pela cassação. Numa sessão no mês de maio, o rompimento dos vereadores Gerardo Vasconcelos, Humberto Liberato e Francisca Oliveira foi comemorado pela oposição<sup>585</sup>, e se seguiram várias denúncias de ameaças, sofridas pelos dissidentes, dada a mudança de postura.<sup>586</sup>

Na opinião do professor Odécio Magalhães, manifestada anos depois, essa disputa era antiga:

Acredito que a guerra pelo Poder Municipal em Sobral tenha começado antes das eleições de 1992, quando o Grupo dos Ferreira Gomes fecha acordo com o Prefeito José Parente Prado, para dar apoio a Pimentel Gomes. Com a derrota do candidato Pimentel Gomes, que tiveram que engolir a seco, e não satisfeitos foi preparado o desmanche da administração Ricardo Barreto, que mal assessorado, caiu no laço administrativo e politicamente, com aliciamento de vereadores.<sup>587</sup>

Os partidos aliados pela cassação foram o PT, o PSB, o PSDB e parte do PMDB, entretanto, assim como a CPI, a Comissão Processante parecia não ter funcionado a contento. As atas da Câmara deixam claro que o parecer da Comissão foi reprovado por 13 vereadores, já que o mesmo representava a opinião de apenas um vereador.

A relação de força entre os grupos em disputa era muito equilibrada. O colunista do jornal *Correio da Semana*, Apoliano descreve os aliados de Barreto:

[...] Nos últimos anos, o ex-prefeito José Parente Prado tem dado as cartas. O “modus operandi” varia de acordo com as circunstâncias. Ele pode ajoelhar-se aos pés de um desgarrado e pedir perdão. Pode declarar-se arrependido

585 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata 26ª Sessão Ordinária*. Sobral, 23 de maio de 1994.

586 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata 33ª Sessão Ordinária*. Sobral, 14 de junho de 1994.

587 *Correio da Semana*. Sobral, 13 de abril de 1996.



de alguma desatenção. Pode fazer-se de vítima, dizendo que os inimigos querem liquidá-lo. Pode simplesmente balançar a cuia. O efeito é sempre devastador. Nesse episódio da Prefeitura de Sobral a Velha Raposa volta a dar um “show” de esperteza, sua especialidade. Quando tudo parecia caminhar para a cassação do Dr. Ricardo, Zé Prado deu o bote e decretou uma reviravolta no caso. Exerceu o domínio sobre o obediente vereador Elivar e a balança voltou a pender a favor do prefeito afastado.<sup>588</sup>

Para o colunista, terminado o prazo de afastamento, que seria 15 de julho, Barreto reassumiria o posto, graças às articulações de Zé Prado e José Linhares. O recurso da intervenção, embora não fosse descartado, era pouco ameaçador, uma vez que as eleições para o governo estadual, naquele momento, exigiriam cautela de Ciro Gomes, que era o governador, e de Tasso Jereissati, que era seu candidato ao governo.

Mais uma vez, há controvérsias sobre o apoio de Prado a Barreto. Em depoimento Marco Prado dá outra versão para essa história. Ele afirma que os Prado não apoiaram Ricardo Barreto. A postura do vereador Francisco Elivar Araújo da sua agremiação foi a de *voto de minerva*, contribuindo para o afastamento de Barreto. Uma nota no jornal *Nova Meta* reforça essa informação.<sup>589</sup>

O resultado dessa contenda era muito obscuro. Somente quase nove meses depois do afastamento, o prefeito Ricardo Barreto conseguiu autorização judicial para reassumir a prefeitura, no dia 12 de janeiro de 1995.<sup>590</sup> A decisão foi ratificada pelo Tribunal de Justiça do Estado.<sup>591</sup> Sua volta foi comemorada com foguetório entre os correligionários.

Não foram poucas as críticas à instabilidade política no cotidiano sobralense. Os jornais expressavam o descontentamento geral: “Cidade sem norte”, “Aonde vamos?”, “A Gangorra volta a girar”, “Nova velha mudança”, “Instabilidade administrativa”. Assim como na briga das

588 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de julho 1994.

589 *Nova Meta*. Sobral, 26 de abril de 1996.

590 *Correio da Semana*. Sobral, 14 de janeiro de 1995.

591 *Correio da Semana*. Sobral, 04 de março de 1995.

Duas Câmaras em 68, recaía sobre o judiciário a responsabilidade para a solução do conflito. A incerteza era tanta, que era comum o jornalista concluir seu artigo com a expressão: “*Até o fechamento dessa edição, Ricardo Barreto era o Prefeito*”.<sup>592</sup>

Numa entrevista ao *Correio da Semana*, no retorno ao poder municipal, Ricardo Barreto acusou o antecessor de ter desfalcado os cofres públicos: “Secretários do Prefeito Ricardo Barreto afirmam que este ao retornar à Prefeitura encontrou déficit de 1 milhão e 600 mil reais. Esse rombo estaria reduzido hoje a 235 mil.”<sup>593</sup> A acusação de falta de lisura de Façanha Júnior no exercício administrativo já havia sido feita pelos vereadores do PT e PSB, que o acusaram de ter adulterado o orçamento do município.<sup>594</sup>

Diante dessa constatação, os respectivos vereadores intensificavam a reivindicação de intervenção do estado no poder local como forma de solucionar o conflito; ou seja, nem Barreto nem Façanha Júnior:

“[...] não está de todo descartada a possibilidade de intervenção, em Sobral, pelo governo do estado. É muito necessário que, o Tribunal de Justiça acate a denúncia da procuradoria”. Se isto acontecer, conforme Arruda, pode ocorrer o fenômeno “provimento da denúncia”, abrindo a possibilidade para intervenção estadual.<sup>595</sup>

A cidade não voltava à normalidade, novo secretariado era nomeado, assim como novos funcionários. Foram muitas as acusações sobre um jogo de poder para conseguir aliados. É comum nos depoimentos sobre esse período a expressão: “Em Sobral vereador tinha preço”. Num artigo intitulado *Exceções sem regras* o jornalista critica a bajulação de

592 *Correio da Semana*. Sobral, 14 de janeiro de 1995.

593 *Correio da Semana*. Sobral, 08 de abril de 1995.

594 “Os vereadores Clodoveu Arruda e Luciano Linhares pregam e praticam a independência. Tiveram participação efetiva no afastamento do Dr. Ricardo Barreto (que voltou). Agora acusam o Vice, Façanha Júnior, de ter adulterado o orçamento do município. Júnior disse que vai provar que não cometeu nenhuma irregularidade. Promete processar os acusadores por calúnia.” *Correio da Semana*. Sobral, 18 de fevereiro de 1995.

595 *Correio da Semana*. Sobral, 25 de fevereiro de 1995.

alguns vereadores, que mantinham seu gabinete na prefeitura como forma de ficar mais próximo do executivo, prestando-se, inclusive, a posto de motorista do prefeito.<sup>596</sup>

Em repetidas sessões, foi apresentado requerimento de vários vereadores cobrando agilidade no parecer da justiça sobre as denúncias contra Barreto, que parecia “andar sobre tartaruga preguiçosa”. Até que, em março de 95, foi oficializada a decisão do desembargador, que suspendeu liminar que impedia a Câmara de afastar Ricardo Barreto.<sup>597</sup>

Estabilidade era uma palavra que não cabia na descrição do contexto local. A volta de Façanha Júnior era noticiada antes mesmo do julgamento de Barreto, que, em 27 de abril, era afastado novamente pelo Tribunal de Justiça do Estado. Enquanto Barreto apelava para o Superior Tribunal de Justiça, tentando reverter a decisão do Tribunal cearense, era surpreendido por mais um afastamento pela Câmara de vereadores.<sup>598</sup>

O novo afastamento foi provocado pela denúncia do advogado Francisco Jefferson Aragão, Presidente da subsecção da OAB em Sobral, de infração político-administrativa cometida pelo prefeito Ricardo Barreto. A decisão da Câmara tornaria cada vez mais difícil o retorno do prefeito afastado. De acordo com a imprensa, uma nova lei (001/94) do legislativo sobralense, de autoria do vereador José Maria Félix, do PSDB, credenciava a Câmara a afastar prefeito e vice-prefeito, quando denunciados, pela maioria absoluta, que correspondia, no caso de Sobral, a apenas onze vereadores. Dos vinte e um vereadores, onze teriam acatado a denúncia e dez, o afastamento temporário. O autor conclui que, apesar dos vereadores aliados a Barreto tentarem suspender a sessão, essa ocorreu tranquilamente, e a maioria da população só ficou sabendo do novo afastamento no dia seguinte.<sup>599</sup>

596 *Correio da Semana*. Sobral, 28 de janeiro de 1995.

597 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 7ª Sessão Ordinária*. Sobral, 06 de março de 1995.

598 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 23ª Sessão Ordinária*. Sobral, 02 de maio de 1995.

599 *Correio da Semana*. Sobral, 27 de maio de 1995. Os vereadores Clodoveu Arruda e Luciano Linhares se abstiveram da votação que acatou a nova denúncia contra Barreto. CÂMARA MU-

Esse segundo afastamento foi homologado pelo Decreto nº 003/95, de 23 de maio de 1995:

**A Câmara Municipal de Sobral** [...] considerando:  
Haver o Plenário da Câmara recepcionado denúncia contra o senhor Francisco Ricardo Barreto Dias, Prefeito afastado de Sobral, pela prática de infrações político-administrativas tipificadas no art. 40, inciso VII, VIII e X do Decreto-Lei nº 201/67;

Ser imprescindível a normalidade do Processo Administrativo, ora instaurado principalmente a colheita de provas, a manutenção do afastamento daquela autoridade, já decretado pelo poder judiciário em outro processo.

**Decreta:**

Art. 1º - Fica impedido do exercício do cargo de Prefeito Municipal de Sobral, o senhor Francisco Ricardo Barreto Dias;

Art. 2º - Esse impedimento perdurará até a conclusão do Processo, observando-se os prazos fixados no Decreto-Lei nº 201/67 e na Lei Complementar Municipal nº 001/94.

[...] <sup>600</sup>

Há menos de um mês do segundo afastamento pela Câmara Municipal, por decisão do Juiz de Sobral, Ricardo Barreto reassumiu o mandato no dia 20 de junho, e, segundo a imprensa, voltava a contar com o apoio dos Prado.<sup>601</sup> Oito dias depois, por decisão do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, Aldenor Façanha Júnior, era reempessado no exercício do executivo sobralense, pela Câmara Municipal.<sup>602</sup>

A volta de Ricardo Barreto ao executivo municipal ficava cada vez mais difícil. O resultado dessa novela aparecia no estado físico e emocional da cidade que vivia um presente conturbado e vislumbrava um futuro nebuloso.

---

NICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 29ª Sessão ordinária*. Sobral, 23 de maio de 1995.

600 *Correio da Semana*. Sobral, 27 de maio de 1995.

601 *Correio da Semana*. Sobral, 24 de junho de 1995.

602 *Correio da Semana*. Sobral, 01 de julho de 1995.

#### 4.6.2 “E Sobral virou Geni...”

O ano de 1993 foi especialmente difícil para a cidade de Sobral. Uma grave epidemia de cólera em plena seca levou a prefeitura a decretar Estado de Calamidade Pública no município.<sup>603</sup>

De acordo com o geógrafo Diego Almeida, depois de toda a década de 80 sem investimentos privados na cidade de Sobral, Ciro Gomes, quando assumiu a chefia do governo do estado (1991-1994), tentou reestruturar a economia sobralense. Houve uma tentativa de implantação de um novo distrito industrial, numa parceria com o Núcleo de Tecnologia (NUTEC), a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e o SEBRAE, mas o projeto não teve êxito.<sup>604</sup> O último investimento significativo no período foi a instalação da empresa calçadista Grendene, em 1993, que tem a memória da sua vinda disputada pelo prefeito Ricardo Barreto e o governador Ciro Gomes.<sup>605</sup>

A prefeitura deu o terreno, estrutura, acesso, instalação elétrica, rede elétrica na frente, que era uma empresa grande. A prova é que a matriz da Grendene hoje é em Sobral. Eles tiveram uma surpresa porque a previsão de ampliação da segunda fábrica era prevista em cinco anos, e eles tiveram a ampliação com dois anos. Por quê? Primeiro pela mão de obra, porque as pessoas tiveram, vamos dizer assim, uma facilidade em se adaptar ao sistema de produção da fábrica. E outra, mão de obra barata, enquanto eles pagavam o dobro no Rio Grande do Sul, aqui em Sobral era a metade. A ampliação da fábrica foi estupenda, eles conseguiram fazer sete fábricas num período de dez anos. E eles queriam fazer uma a cada cinco anos.<sup>606</sup>

A imprensa afirma que a empresa veio pelas mãos de Ciro Gomes e Tasso Jereissati. Pode ser que a interferência desses dois líderes na vinda da Grendene para Sobral tenha ocorrido durante a ampliação da

603 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 12ª Sessão Ordinária*. Sobral, 22 de março de 1993.

604 Sobral perdeu a Sidnor. *Correio da Semana*. Sobral, 06 de setembro de 1989. Foram boas as possibilidades da Siderúrgica do Nordeste (SIDNOR) vir para Sobral.

605 Projeto de Lei nº 065/93. CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata da 5ª Sessão Extraordinária*. Sobral, 27 de dezembro de 1993; *Correio da Semana*. Sobral, 14 de dezembro de 1996.

606 DIAS, Francisco Ricardo Barreto. Entrevista concedida à autora em 06 de janeiro de 2012.

empresa, anos depois da sua instalação. Em 1993, Barreto e o governador Ciro Gomes eram inimigos políticos e Tasso Jereissati foi acusado por diferentes líderes locais de nunca ter retribuído os votos recebidos de Sobral desde a sua primeira eleição em 1986.

A princípio, a empresa foi instalada no distrito industrial já existente desde 1981 e, em 1994, construiu sua sede própria, com seis unidades. No entorno, vários bairros operários foram se constituindo com a migração de trabalhadores das cidades vizinhas atraídos pela possibilidade de um emprego na nova fábrica<sup>607</sup>. Ou seja, a Grendene, que ainda hoje é uma importante empresa na economia local, foi instalada no último mandato dos Barreto.

Diego Almeida conclui que, apesar de todo esforço do governo Ciro Gomes na industrialização de Sobral, as empresas que mais contribuem para a arrecadação municipal, atualmente, com exceção da Grendene, são as instaladas nas décadas de 1960-1970, ou seja, foram as instaladas por Prado e Barreto. Se considerarmos que a instalação da Grendene em Sobral foi autorizada na administração de Ricardo Barreto, pode-se afirmar então, que os investimentos econômicos feitos durante as administrações Prado/Barreto trazem resultados positivos na economia sobralense ainda hoje.

No ano de 1994, a crise política parecia ofuscar qualquer sinal de ganho econômico, fato causado pelo primeiro afastamento do prefeito e pelo início da saga do entra e sai. Colunistas diversos faziam, nos periódicos locais, duras críticas ao estado em que a cidade se encontrava, mesmo sem defender um ou outro administrador. Os títulos dos textos dão o tom da crítica: “*E Sobral virou Geni...*”; “*E agora José para onde...*”; “*um luxo e um lixo.*”<sup>608</sup>

Vejam um desses textos:

607 ALMEIDA, Diego Gadelha de. *Indústria e reestruturação sócio-espacial: a inserção de Sobral na Divisão Espacial da Produção Calçadista*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceara, 2008, p. 92-94.

608 *Correio da Semana*. Sobral, 15 de outubro de 1994; 03 de dezembro de 1994; 10 de dezembro de 1994.

O ano de 1994 começou acirrado com articulações entre grupos políticos, no sentido de afastar o prefeito Ricardo Barreto, suspeito de corrupção e até de uma provável intervenção no município.

[...]

Assume Júnior Façanha com maioria na Câmara, com apoio do governo, do PT, PSB e PFL, com discurso moralizador. A população até aplaudiu, foi contra, ficou em dúvida mas tudo caminhou, lançou slogan **um ano em 90 dias**, e até hoje se segura no poder por artifícios jurídicos. Mas o que vemos é decepcionante. Sobral não merece o descaso, falta de compromisso, suas ruas invadidas de lixo, material de construção, praças abandonadas, [...]. E a Câmara onde se encontra não ver o descaso, o que ocorre ou está compactuando com o estatus dominante. Parece que a profecia de Dom José está para se realizar: **quarenta anos de atraso.**<sup>609</sup> (Grifos nossos)

O *Correio da Semana* publicava tanto elogios ao novo prefeito, quanto críticas à administração. Algumas vezes, as críticas e os elogios vinham no mesmo número do jornal.<sup>610</sup>

O grupo Ferreira Gomes continuava a subir os degraus da calçada do poder. Em 1994, quando Ciro Gomes assumiu o Ministério da Fazenda, o *Correio da Semana* dedicou uma edição extra ao assunto com as congratulações de instituições e prefeituras da região.<sup>611</sup> A ascensão do grupo Ferreira Gomes, cada vez mais, aparecia como um alento para que Sobral recuperasse o prestígio da época de D. José, José Sabóia e Chico Monte, dos anos 30 e 50:

Antigamente as decisões importantes no Ceará eram tomadas na Serra da Meruoca”... Frase insistentemente repetida nos últimos anos. Os saudosistas relembram o prestígio do Doutor José Sabóia e do Coronel Chico Monte que tinha cacife para indicarem e em alguns casos elegerem candidatos ao Governo do Estado e ao Senado da República. Nessa época também estava em plena atividade Dom José Tupinambá da Frota, cujo nome era

609 *Correio da Semana*. Sobral, 03 de dezembro de 1994.

610 *Correio da Semana*. Sobral, 10 de dezembro de 1994; “E Sobral virou Geni... *Correio da Semana*. Sobral, 15 de outubro de 1994.

611 *Correio da Semana*. Sobral, 10 de setembro de 1994.

respeitado além-fronteiras, por sua força de trabalho e por sua grande liderança.

[...]

Quem sabe os velhos irão matar as saudades dos anos 30 e 50 quando o Ceará subia a serra da Meruoca para ouvir a opinião dos sobralenses.<sup>612</sup>

O lixo se acumulava pela cidade. No artigo intitulado *Princesa suja*, o autor anuncia que mesmo parecendo redundante, não se furtará a manifestar sua indignação. Diz que a cidade está feia, com crianças pedindo esmolas, prostitutas circulando pela cidade, o que, na opinião dele, são componentes básicos da pobreza moral e física que assola a vida cidadina, e reclama: “onde estão as pias, clubes de serviços, órgãos públicos ou ordem de qualquer ordem?”<sup>613</sup>

A falta de preservação do patrimônio também aparecia na pauta das reclamações. Ordem, distinção, nobreza, os adjetivos que Sobral carregara ao longo da história pareciam tornar-se invisíveis na fala desse articulista:

Sobral! Onde está tua nobreza de que tanto te orgulhava? A honradez de tua elite? A inteligência de tua classe média? A coragem de teu povo? [...] Nada de digno sobreviveu ao imediatismo do lucro, ao suborno político, ao interesse individual e a indiferença da justiça?<sup>614</sup>

Com prefeito “plantonista”, a cidade acabava sem direção, nada funcionava:

[...] a estagnação impera de modo lógico deformando o perfil administrativo. A prefeitura, por essa razão, fica impossibilitada de dispor de crédito no comércio local, já que os comerciantes temem vender para um prefeito e não receberem do outro. Estão prejudicados também os setores de saúde e educação, onde os funcionários não encontram sossêgo em suas atividades; ninguém tem estado de espírito para trabalhar com segurança.<sup>615</sup>

612 *Correio da Semana*. Sobral, 01 de outubro de 1994.

613 *Correio da Semana*. Sobral, 17 de dezembro de 1994.

614 E Sobral virou Geni... *Correio da Semana*. Sobral, 15 de outubro de 1994.

615 *Correio da Semana*. Sobral, 03 de junho de 1995.



O aniversário de 222 anos de Sobral foi bem diferente dos anos anteriores. Os discursos românticos eram substituídos por apelos, reclames e lamentos como estes: “*Sobral urgente!*” e “*As lágrimas da Princesa*”. Os autores lamentam a cidade perdida e conclamam a sociedade civil organizada a buscar a sobralidade perdida, para um futuro sem conflitos.<sup>616</sup>

O embate entre prefeitos chegou à imprensa nacional. A Revista *Veja* publicou matéria sobre o assunto, na edição de 18 de outubro de 1995, sob o título: “*Quiproquó cearense – Sobral troca de prefeito sete vezes em um ano e meio e torna-se um símbolo das picuinhas no poder municipal*”:

Os 140.000 moradores de Sobral, no interior do Ceará, não suportam mais ouvir notícias sobre cerimônias de posse na prefeitura. Nos últimos dezoito meses, a cidade trocou de prefeito sete vezes, um recorde entre os 5 000 municípios brasileiros. [...] Com novo prefeito a cada dois meses e meio em média, o município cearense virou um pandemônio. Em cada troca, mudam também os oito secretários municipais, uma centena de funcionários que ocupam cargos em comissão, todas as diretoras, vices e secretárias de 87 escolas, além de chefes e subchefes de seis maternidades mantidas pela prefeitura. Um prefeito nunca paga a conta do outro, e há dezenas de obras paradas no município.<sup>617</sup>

O artigo de duas páginas descreve os embates entre os dois grupos, a posição da Câmara e os prejuízos à cidade e conclui afirmando que a população está dividida em três grupos: os que defendem Barreto, aqueles que apoiam Façanha Júnior e os que querem os dois afastados. A autora cita uma pesquisa realizada pela UFC, que diz que o terceiro grupo constitui 76% dos entrevistados.

O drama da vida sobralense inspirou ainda a peça do dramaturgo, poeta e historiador Francisco Dênis Melo, dirigida por Rogênio Martins, intitulada *A Saga de Entra e Sai no reino dos Sobrados*. Ela conta a história da disputa do trono do Reino dos Sobrados por dois príncipes:

616 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de julho de 1995.

617 DAL BOSCO, Silvania. Quiprocó cearense - Sobral troca de prefeito sete vezes em um ano e meio e torna-se um símbolo das picuinhas no poder municipal. Revista *Veja*. 18 de outubro de 1995, p. 63-64.

Entra e Sai. Como o Rei morrera antes de anunciar o herdeiro, os príncipes lutam na justiça pelo trono.

De forma bem humorada, o espetáculo satiriza o contexto político vivenciado por Sobral naquele período. O estampido de foguetório anunciava a troca de monarca, obrigando a população a manter-se atenta ao novo reinado. O rei assumia, acompanhado do bobo conselheiro, que representava os inúmeros bajuladores, repetidamente denunciados pela imprensa. A prioridade do seu plano de governo era “contratar os demitidos e demitir os contratados.”

Figura 27 - Cartaz da peça A saga de Entra e Sai no Reino dos Sobrados



Fonte: Acervo da autora.

A duração do poder de cada monarca era sempre curta, decidida pela justiça, que deixava obscuras as razões que determinavam as decisões, ora a favor de *Entra*, ora a favor de *Sai*. Ambos requereram a escrita da sua história como forma de ficar impresso na memória da cidade. A multidão assistia e aplaudia seus líderes na esperança de que um dia fosse diferente.<sup>618</sup>

618 SANTOS, Edilberto Florencio dos. *Existir - fazendo, atuando: o movimento teatral na cena sobralense (1983-1996)*. 2012. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Esta-

De acordo com Edilberto Santos, a peça foi apresentada na Universidade, no teatro e em vários pontos da cidade e é considerada uma das maiores produções do grupo de Teatro da UVA, tornando-se um marco na história do teatro sobralense.<sup>619</sup> A peça foi exibida ainda em março de 1996, por ocasião do Dia Internacional do Teatro, quando Dênis Melo e Rogênio Martins foram premiados com a placa cultural Domingos Olímpio.<sup>620</sup>

O que estava em julgamento não era apenas a administração de Ricardo Barreto, mas o projeto político que ele representava. Não havia mais tolerância para continuidade de tais práticas naquele contexto. Se ele não foi o menos correto dos administradores de Sobral, com certeza foi o mais vigiado.

Ao longo do entra e sai de prefeito, foram muitos os discursos saudosistas de que, na época de Dom José, José Sabóia e Chico Monte, a cidade jamais passaria por essa situação vexatória; e de que eles deviam estar se “remexendo no túmulo” de tanto desgosto do que fizeram com a cidade que eles construíram. Entretanto outra “obra de arte”, escrita pelo professor Odécio Magalhães, sob o título *Incidente em Sobral*, questiona essa tese do passado glorioso e harmonioso na política sobralense:

Depois de tantas cambalhotas realizadas pelos bodegueiros nas Instituições Públicas do Município e pelos pedidos e lembranças fervorosas dos habitantes de Sobral, eles estão voltando.

O senador Paula, retornando, resolveu fazer visita a seu ex-sobrado na atual Avenida Dom José, ficou perplexo, revoltado quando deparou-se com os escombros, a demolição total, que vergonha. Dom José que chegava no momento, viu o desespero do senador Paula e convidou-o para hospedar-se no seu palácio, ali em frente. Batendo a porta, atende um funcionário e de imediato perguntam o que desejam, Dom José educadamente pergunta pelo administrador, o funcionário diz que o Estado é o tutor do Museu e dar boas vindas aos dois ilustres visitantes.

---

dual Vale do Acaraú, Sobral, 2012, p. 103-104.

619 Elenco da Peça: Ana Nery, Alberto Lima, Antonio Brasil, Denis Melo, Frank Terranova, Erandir Rocha, Iara Regia, Jaqueline Menezes, Rogéria Nogueira, Rogênio Martins, Edil Nogueira, Sérgio Plesley, Telma Mendes, Valdelice Costa. Fonte: SANTOS *Op. cit.*, nota 139, p. 101.

620 *Correio da Semana*. Sobral, 30 de março de 1996.

Andando pelo museu, observam o abandono, o descaso dos poderes pela obra tão suada construída por ele. Os dois lamentam o abandono de dois patrimônios históricos e resolvem procurar hospedagem num hotel qualquer da cidade, menos o da DonDom.

A comitiva começa a engrossar. Chega José Sabóia, Padre Palhano, Chico Monte, Dr. Plínio Magalhães, Deolindo Barreto, o comunista João Sales, Dr. Guarani, Mons. Aluísio, Dona Bila Joaquim Vaes, Luzia Homem e outros desenganados pela sociedade, Solda Carniça, Mutamba, Bola Sete, etc. A população entra em polvorosa principalmente quem tem contas a prestar com os mortos vivos, mas a meninada gosta, acha espetacular os trages, as fisionomias pálidas e frias. Alguns dizem: já chegou o carnaval. As emissoras de rádio traçam grandes coberturas. Os donos de jornais, Sérgio do Correio, Chico Tibúrcio da Folha, e até Chiquinho Prado do Jornal “O Beco”, procuram o melhor para suas reportagens, tudo se agita... Os mortos vivos realizam assembleia nos escombros do antigo cinema operário, perto da Câmara Municipal, fazendo concorrência com os grandes edis sobralenses. Tudo é pânico, mas no final da noite, sai documento de reivindicação dos mortos vivos e como também aprovação Padre Palhano para presidente do grupo, e passeata pelas principais ruas da cidade.

[...]

As principais reivindicações são:

- Reconstrução e reforma do patrimônio histórico (Museu, Sobrado Paula Pessoa, Casa do Sindicato dos Trabalhadores, Pça. da Sé, das Igrejas Abandonadas, Cristo Redentor, Arco do Triunfo), proposta feita por todo o grupo.
- Moralização da coisa pública, proposta feita por Padre Palhano, Chico Monte, Zé Sabóia, Dr. Plínio Magalhães.
- Reconstrução do partido comunista e expulsão dos traidores da causa, proposta feita pelo comunista João Sales.
- Definição de quem é o prefeito legítimo de Sobral, proposta aprovada por todo o grupo.
- Melhor empenho e qualidade da Câmara Municipal, proposta aprovada por todo o grupo.
- Melhores condições de vida para os desamparados de Sobral, proposta feita pelo soldado Carniça, Mutamba, Bola Sete, etc.
- Justiça social para todos, proposta aprovada por todo o grupo.

[...]

Pela segunda vez na história mortos voltam para salvar um cidade acabada pela ganância e falta de respeito de alguns.<sup>621</sup>

O texto sugere que as feridas da “Princesa” eram muito mais profundas. Ao contrário do que se postulava, de que os mortos poderiam fazer Sobral renascer das cinzas como uma fênix, as mazelas da vida política sobralense não eram uma invenção do presente, pelo contrário, as “cenas fortes” sempre foram características da cidade de Sobral. Os mortos não poderiam salvar a cidade, porque eles também foram responsáveis pelo que ela se tornou.

#### 4.6.3 “E agora José, para onde...?”

A situação ficava insustentável. A pressão era direcionada à Câmara de Vereadores e à justiça. A impaciência do cidadão foi expressa com muita propriedade no artigo *A Instabilidade administrativa*:

As sucessivas trocas de prefeitos, em Sobral, antes de se tornarem até certo ponto, brincadeira de mau gosto da Justiça, são altamente prejudiciais à vida político-administrativa do Município, uma vez que geram uma série de fatos desagradáveis em todos os segmentos administrativos. Estamos no terceiro ano de um mandato de revezamento, sem que a justiça, por mais soberana que se mostre, tome uma posição definida. No caso de Sobral, o que se observa é a falta de determinação do Poder Judiciário, que permite a extensão da problemática, provocando uma parafernália na vida da população que, de forma estarrecedora, não sabe quem é na verdade o prefeito municipal. [...]

Continuamos na posição de que Ricardo Barreto e Façanha Júnior estão no seu plano [pleno] direito de lutarem na justiça pela permanência no cargo. O que não está direito em toda essa controvérsia é a falta de firmeza do judiciário, inocente, inoperante e desregulado, no trato do caso de Sobral, gerando uma completa instabilidade administrativa, que nos dão uma clara paisagem negra de um perdido período de três anos.<sup>622</sup>

621 MAGALHÃES, Odécio. Incidente em Sobral. *Correio da Semana*. Sobral, 15 de janeiro de 1995. O autor é engenheiro e professor da UVA e participou do *Movimento por Uma nova Sobral*.

622 *Correio da Semana*. Sobral, 03 de junho de 1995.

A semelhança com o episódio das *Duas Câmaras* em 1968 não é uma mera coincidência. Novamente, nem a justiça conseguia resolver o conflito, porque, assim como em 1968, situação e oposição eram grupos fortes na mesma medida. Se Façanha Júnior contava com o apoio do grupo Ferreira Gomes, da base aliada do governador Tasso Jereissati, Ricardo Barreto contava com o apoio dos Prado e do deputado federal José Linhares, que não mediram esforços para garantir sua permanência no executivo.<sup>623</sup>

Nos primeiros momentos de afastamento de Ricardo Barreto, era possível visualizar apenas dois grupos, os opositores e os aliados do prefeito. À medida que Façanha Júnior assumia o exercício do poder, ele ganhava aliados, que o instigava a continuar a disputa pelo poder. Porém, a condição de prefeito o colocava sob vigilância, tanto dos aliados de Barreto como dos vereadores da “ala socialista”, que protagonizaram o processo de cassação. As denúncias sobre a falta de lisura nas práticas do prefeito em exercício,<sup>624</sup> obrigavam a “ala socialista a também investigá-lo,” sob pena de serem acusados de incoerentes. A partir desse momento, entrou em cena o terceiro grupo, que uniu os partidos de esquerda, setores da Igreja e da UVA, além de cidadãos engajados na luta pela resolução do quiproquó.

A posição do terceiro grupo era a de que Barreto e Façanha Júnior representavam o mesmo projeto, portanto a solução seria o governo do estado intervir, criando as condições para um novo pleito. Contudo, segundo o ex-vereador Edilson Aragão, Ricardo Barreto se isolou e Façanha Júnior buscou o apoio do governador Tasso Jereissati, que tentou apaziguar os conflitos mantendo Façanha Júnior no poder. A criação do Conselho Comunitário, que já funcionava em outros municípios, teria sido uma tentativa de legitimar o prefeito em exercício. Lideranças ligadas ao governador Tasso Jereissati e à UVA defendiam que, se Façanha Júnior quisesse se legitimar, seria por meio do Conselho Comunitário.

623 PONTES, José Linhares. Entrevista concedida à autora em 23 de novembro de 2012.

624 CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ata 56ª Sessão Ordinária*. 02 de outubro de 1995.

O Conselho Comunitário de Sobral é uma entidade informal sem personalidade jurídica, composta de cidadãos sobralenses que voluntariamente se reúnem em data previamente combinada, sob a coordenação do Chefe do poder Executivo Municipal, para tomarem conhecimento dos programas e projetos administrativos da Prefeitura de Sobral, opinando sobre os mesmos e/ou sugerindo alterações, tendo como objetivo obter um governo operoso e transparente para Sobral.<sup>625</sup>

No *Manifesto ao povo de Sobral*, o conselho sintetizava a indignação da sociedade sobralense diante do vergonhoso entra e sai de prefeito, que deixava a cidade sem rumo, criticava a postura da Câmara e apelava para que a justiça solucionasse a contenda.<sup>626</sup> A reação da Câmara foi imediata. Dezoito vereadores responderam com o manifesto intitulado *Fariseus de ontem e de hoje*. Os dois vereadores da “ala socialista”, Luciano Linhares e Clodoveu Arruda, foram os únicos que não assinaram o documento de reação, porque tinham sido citados no manifesto, como exceção na inoperância da Câmara. Apesar da estreita relação entre o Conselho e o prefeito em exercício, a crítica ao manifesto recaiu sobre a UVA, acusada de se autopromover sob a carapaça do Conselho, resultando numa intensa contenda entre as duas instituições.<sup>627</sup> O Reitor José Teodoro Soares chegou a pedir apoio ao deputado Cid Gomes, do PSDB, para que intercedesse no conflito.<sup>628</sup> Em nota publicada na imprensa, o Sindicato dos Docentes do Ensino Superior do Ceará (SINDESP) se solidarizava com a instituição.<sup>629</sup>

Na avaliação do ex-vereador Edilson Aragão, os grupos políticos na cidade estavam divididos: de um lado se alinhavam à UVA, que se constituía numa tribuna de expressão de um determinado pensamento político; e, de outro, aos partidos de direita e a Câmara.

---

625 *Correio da Semana*. Sobral, 10 de junho 1995.

626 *Correio da Semana*. Sobral, 10 de junho 1995.

627 *Correio da Semana*. Sobral, 17 de junho de 1995.

628 *Correio da Semana*. Sobral, 24 de junho de 1995.

629 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de julho de 1995.

Falida a possibilidade de intervenção, a saída encontrada pelos partidos de esquerda, por grupos da Igreja e pelos movimentos sociais foi aliar-se a UVA na ideia do Conselho:

As histórias que aconteciam, principalmente naquele momento, mas em momentos anteriores, outras legislações, era de que vereador tinha preço, era mercadoria de negociação. Essa era a história que se tinha. Então, nós estávamos correndo o risco de fazer todo o movimento, toda a mobilização e ter na câmara todo aquele movimento bloqueado porque um vereador ou dois, três vereadores venderam-se, e a situação estaria resolvida de acordo com os interesses menores e não os interesses da sociedade. E aí a Câmara reage como é de se esperar. O organismo, a corporação acaba reagindo. Era evidente que os vereadores que estavam legitimando o Conselho tinham que reagir daquela forma.<sup>630</sup>

Desde o início do entra e sai, a Câmara virou alvo de críticas. O jornal *O Beco*, por diversas vezes, reclamou da falta de pulso da instituição na solução do conflito. Enquanto a justiça não resolvia a contenda, o prefeito Façanha Júnior conclamava a população a ajudá-lo no resgate do município, prestando contas dos diversos momentos em que administrou a cidade.<sup>631</sup>

---

630 ARAGÃO, Francisco Edilson Ponte. Entrevista concedida à autora em 30 de novembro de 2012.

631 *Correio da Semana*. Sobral, 12 de agosto de 1995.



**Figura 28 - 1ª Passeata Cívica por uma Sobral melhor**

**Fonte:** *Correio da Semana*. Sobral, 19 de agosto de 1995.

A imprecisão era tanta, que o colunista diz que só os jogadores compulsivos apostavam quem seria o próximo prefeito, os espertos e bem informados, não arriscariam um palpite para semana seguinte.<sup>632</sup> Impaciente com tal situação, em agosto de 1995, a Igreja Católica de Sobral organizou uma grande passeata, implorando para que a justiça solucionasse o problema de falta de direção da cidade. O evento que recebeu o título de *1ª Passeata Cívica por uma Sobral Melhor* foi encabeçado pelo Monsenhor Sabino Loiola, pelo padre João Batista, pelo arquiteto e ex-vereador, Edilson Aragão, por inúmeros líderes de movimentos e pela associação de jovens empresários da cidade.

<sup>632</sup> *Correio da Semana*. Sobral, 15 de julho de 1995.

A manifestação, com a presença de mais de 2000 pessoas, que saiu da Praça São João em direção à Prefeitura Municipal, foi marcada por vários incidentes. De acordo com as fontes, durante a manifestação, os correligionários de Ricardo Barreto se somaram à passeata, portando cartazes que pediam a volta do administrador, numa apropriação indevida de um movimento que se pretendia neutro. Xingamentos e atirada de ovos também marcaram o evento.<sup>633</sup> Os organizadores argumentavam que o propósito do movimento não era um grito pela intervenção, pela saída de Façanha Júnior nem pelo retorno de Ricardo Barreto, mas um apelo ao governo do estado e à justiça para que a cidade voltasse à normalidade político-administrativa. A passeata terminou com um abraço simbólico no prédio do executivo sobralense. Monsenhor Sabino foi o único orador. O padre, na década de 1960/70, fora um forte defensor do regime militar além de crítico ferrenho dos movimentos contestatório na cidade de Sobral.<sup>634</sup>

No seu “plantão” na prefeitura, sob o slogan, *SOBRAL aqui construímos o futuro*, Façanha Júnior atuou por meio de dois projetos, o Encontro de Integração e Informação e o Pacto de Cooperação. O mutirão intitulado *Encontro de Integração e Informação aqui construímos o futuro*, consistia num conjunto de ações que levavam as secretarias municipais aos bairros para, durante uma semana, desenvolver suas atividades, que iam desde a limpeza do bairro até palestras sobre saúde, direito, dentre outros assuntos. Nesse projeto, o poder municipal percorreu oito áreas da cidade, entre bairros e distritos.<sup>635</sup>

Paralelamente, o Pacto de Cooperação de Sobral viabilizava a busca de solução de problemas, como recursos hídricos, modernização da agricultura, segurança, industrialização e geração de emprego e renda.<sup>636</sup> O Pacto existia em Sobral há três anos, quando o então reitor da UVA estimulou a criação de um braço do pacto que já existia em Fortaleza. Em 1995, o prefeito em exercício, Façanha Júnior, retomou as atividades do pacto reunindo diversos setores da sociedade para discutir

---

633 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de agosto de 1995.

634 *Correio da Semana*. Sobral, 19 de agosto de 1995.

635 *Nova Meta*. Sobral, 03 de maio de 1996.

636 *Nova Meta*. Sobral, 08 de março de 1996.

os principais problemas do município. O Pacto, sob a coordenação da Associação Comercial e Industrial de Sobral, contratou engenheiros da empresa Personal para organizar, orientar e criar projetos para o desenvolvimento do município. O acordo contou com o apoio logístico do prefeito, da associação comercial e outros segmentos da sociedade, como a Câmara de Vereadores, que discutiu e encaminhou algumas ações para impedir o fechamento da Fábrica de Tecidos Ernesto Diocleciano e da Curtimasa, que, se fechadas, deixariam trezentas pessoas desempregadas, causando grande impacto na economia local.<sup>637</sup> O Pacto promoveu ainda um fórum de debate sobre a segurança no município, trazendo à cidade o Secretário de Segurança do Estado.<sup>638</sup>

Façanha Júnior teve o jornal *Nova Meta* como grande aliado. Seus projetos tiveram muito espaço nas páginas desse periódico, que não lhes poupou elogios:

Aldenor Façanha Júnior depois que criou o Pacto de Cooperação e os Encontros de Integração e Informação, colhe melhores resultados em sua administração. Segundo ele, os tempos atuais não permitem mais a centralização do poder. Assim sendo, a prefeitura tem que viver mais ligada as comunidades, buscando atender a contento suas reivindicações mais justas.<sup>639</sup>

O jornal divulgava duas importantes ações do governo municipal, o aumento de 50% nos salários de servidores, há muito reivindicado e a criação do Código de Posturas do Município.<sup>640</sup> Participação e transparência eram pontos chave da retórica da administração Façanha Júnior. O periódico chama atenção para o fato de o prefeito em exercício publicar a prestação de contas da administração um dia antes do julgamento do processo de Barreto no Tribunal de Justiça do Estado.<sup>641</sup>

---

637 *Nova Meta*. Sobral, 23 de abril de 1996.

638 *Nova Meta*. Sobral, 11 de maio de 1996.

639 *Nova meta*. Sobral, 08 de março de 1996.

640 *Nova Meta*. Sobral, 09 de fevereiro de 1996.

641 *Nova Meta*. Sobral, 15 de março de 1996.

Os partidários de Barreto continuavam otimistas, tanto que chegavam a comemorar o resultado antecipadamente, diz o jornal. No início de 1996, a situação do prefeito ainda não tinha sido resolvida. De acordo com o jornal *Nova Meta*, quinta-feira era o dia em que ocorriam as sessões do Tribunal de Justiça do Estado. Nesse dia ninguém fazia nada em Sobral, apreensivos pelo resultado do julgamento.

Em março de 96, já desanimado, Barreto esperava pela sessão que aconteceria depois da Semana Santa para dar rumo à sua vida, quando, em abril de 1996, o Tribunal de Justiça do Estado decidiu por manter Aldenor Façanha Júnior no exercício de Prefeito Municipal de Sobral. Estava selado o afastamento de Ricardo Barreto.<sup>642</sup>

## 4.7 A sucessão municipal

A campanha para as eleições de 1996 era o espelho que revelaria o lugar ocupado por cada grupo envolvido nos conflitos políticos em andamento na cidade. A filiação do prefeito em exercício Façanha Júnior ao PSDB revelava a assistência que ele recebera do grupo Ferreira Gomes na disputa pelo executivo, conforme matéria da *Veja*:

Rompeu com Barreto, aliou-se ao PSDB e ao clã mais poderoso do município, a família do ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes. [...]. A primeira providência de Façanha Júnior, toda vez que assume o posto, é pendurar atrás da cadeira uma foto de Ciro Gomes.<sup>643</sup>

De acordo com Façanha Júnior, seu ingresso na vida política deu-se na década de 70, quando apoiou o grupo Prado. Depois de eleito vice-prefeito em 1992, tornou-se secretário de governo de Barreto, discordando de algumas ações do prefeito, afastou-se da administração, voltando, apenas, quando foi convocado para assumir a gestão no primeiro afastamento do prefeito. Embora não tenha tido nenhum embate com

642 *Nova Meta*. Sobral, 19 de abril de 1996.

643 *Revista Veja*. São Paulo, 18 de out. de 1995.

Barreto, achou melhor sair do partido, pelo qual ambos foram eleitos, migrando para o PSDB, do grupo Ferreira Gomes. Na disputa eleitoral de 1996, ele diz que apenas apoiou a candidatura do partido sem interferir ou propor qualquer nome. Embora a imprensa do período tenha ventilado seu interesse em compor a chapa do próximo pleito, Façanha garante que não tinha nenhuma pretensão na disputa.<sup>644</sup>

As análises prévias apontavam algumas lideranças de peso para a disputa. Cid Ferreira Gomes, Deputado José Linhares Pontes, José Parente Prado e Edilson Aragão eram os nomes em torno dos quais deveriam se estabelecer as coligações. Quanto ao candidato do PSDB, circulou na imprensa, por vários meses, a dúvida entre Cid Gomes, nome mais evidente, e o deputado Pimentel Gomes, sob a justificativa de que, só após uma pesquisa junto ao eleitorado, o partido tomaria a decisão.

A grande tensão realmente ficou em torno do grupo de José Linhares e dos Prado. Lançar seu filho Marco Prado na disputa era um desejo do qual o experiente Zé Prado não pretendia abrir mão. Padre José Linhares, embora tenha sido um aliado dos Ferreira Gomes nas eleições de 1988, grupo com o qual se estranhou nas eleições de 1992, quando seu nome foi trocado pelo de Pimentel, resolveu juntar-se à deputada Candida Figueiredo, do PDT, descendente de uma família de tradição política, os Figueiredo. Muitos analistas reconheciam o crescimento do grupo Ferreira Gomes, daí os vários conselhos para que Padre Zé e os Prado se aliassem para enfrentar Cid Gomes.<sup>645</sup>

Quanto à esquerda, não foram menos tensas as discussões entre lançar candidato próprio, sem chance de vitória, e aliar-se a Cid Gomes. Segundo o ex-petista Osvaldo Aguiar, não foi unânime a decisão do PT em aliar-se a Ferreira Gomes. Uma ala do partido indicava o lançamento de candidatura própria com o nome de Clodoveu Arruda, mas Ciro Gomes negociou diretamente com a direção nacional do partido, que impôs a aliança ao diretório municipal, prática já recorrente em ou-

644 *Correio da Semana*. Sobral, 13 de janeiro de 1996; FAÇANHA JÚNIOR, Aldenor. Entrevista concedida à autora em 13 de dezembro de 2012.

645 *Correio da Semana*. Sobral, 13 de abril de 1996.

tros municípios. Sem opção, a direção local concordou com o tratado, desde que o nome para vice fosse o de Clodoveu Arruda (Veveu). No entanto, de acordo com o depoente, o chefe dos Ferreira Gomes, o ex-prefeito José Euclides F. Gomes Júnior, mesmo enfermo, determinou que o nome fosse o de Edilson Aragão<sup>646</sup>, e a sua ordem foi cumprida. O periódico *Nova Meta* reforça a tese de que Edilson Aragão era o preferido do PSDB, enquanto, no PT, Vevveu era o nome mais cotado.<sup>647</sup> Embora acreditasse na sua autossuficiência, o PSDB via na Esquerda uma importante aliada para a eleição de Cid Gomes, segundo a análise do articulista Apoliano na coluna do jornal *Correio da Semana*:

[...] Os tucanos trabalham em cima de um arco de alianças que abrangeria todos os partidos de esquerda. Uma prova de humildade. O PSDB está muito bem posicionado, mas, seguro morreu de velho. A esquerda não tem cacifê para caminhar sozinha. Mas, tem vitamina para fortalecer a musculatura de qualquer candidatura. De um lado, uma militância atuante e com disposição para a luta. De outro, uma classe média formadora de opinião.<sup>648</sup>

Uma pesquisa do Ibope apontava que o maior concorrente do PSDB era o deputado José Linhares, que só definiu a chapa muito próximo das eleições. Aliás, a única candidatura apresentada com antecedência foi a de Marco Prado, do PFL. A candidatura de Cid Gomes só foi confirmada depois de uma pesquisa encomendada pelo seu partido para escolher entre ele e o deputado Pimentel Gomes, tendo Cid Gomes obtido maioria na preferência do eleitorado. Depois de muitas negociações, as chapas ficaram assim definidas: Cândida Figueiredo/José Linhares, com o apoio dos Barreto; Marco Prado/José Prado, e Cid Gomes/Edilson Aragão, assistido pelo prefeito Façanha Júnior e pelos partidos de esquerda. De forma jocosa, as candidaturas eram assim identificadas: “as próximas eleições terão três candidatas: um da Igreja, um da bíblia e outro da Nestlé.”<sup>649</sup>

646 AGUIAR, Francisco Osvaldo. Entrevista concedida à autora em 14 de novembro de 2012.

647 *Nova Meta*. Sobral, 22 de dezembro de 1995.

648 *Correio da Semana*. Sobral, 25 de maio de 1996.

649 *Nova meta*. Sobral, 23 de março de 1996. O candidato da Igreja era Padre Zé, o da Bíblia Cid Gomes, já que era apontado como salvador e o da Nestlé era Marco Prado que carregava o apelido de Chocolate.

Ao contrário do que sugeria os analistas, não houve a aliança das forças Prado/Barreto/Zé Linhares e Figueiredo – nomeadas por Cid Gomes de “Forças do atraso” – para enfrentar o grupo Ferreira Gomes. Ciro Gomes foi o mais eficiente cabo eleitoral do irmão: “Ciro Gomes, se mudará de mala e bagagens para encabeçar a política eleitoral de seu mano Cid, a prefeito de Sobral”.<sup>650</sup> O slogan apelava para retórica da esperança: *Sobral tem jeito*. O resultado não foi outro, Cid Gomes e Edilson Aragão foram eleitos com maioria absoluta.<sup>651</sup>

**Tabela 6** - Eleições Municipais de 1996: Município de Sobral

CARGO	PARTIDOS	SITUAÇÃO	CANDIDATO	VOTOS
PREFEITO	PSDB/PT/PC do B/PSB/PTB	ELEITO	Cid Ferreira Gomes	41.605
VICE-PREFEITO		-	Edilson Aragão	
PREFEITO	PDT/PPB/PMDB	Não eleito	Cândida Maria Saraiva de Paula Pessoa	16.680
VICE-PREFEITO		-	José Linhares Ponte	
PREFEITO	PFL/PL	Não eleito	Marco Antonio Barroso Prado	6.756
VICE-PREFEITO	-	-	José Parente Prado	

**Fonte:** *Correio da Semana*. Sobral, 05 de outubro de 1996.

Passadas as eleições, a administração de Façanha Júnior voltava a enfrentar dificuldades. A tensão se estabelecia na relação entre Executivo e Legislativo. O repasse do Fundo de Participação dos Municípios sofreu sucessivos bloqueios, por solicitação do presidente da Câmara, José Crisóstomo Barroso Ibiapina. Na primeira vez, o executivo foi acusado de controlar o orçamento do legislativo, ferindo a autonomia da Casa. A questão foi levada ao judiciário.<sup>652</sup> Na segunda vez, o recurso foi bloqueado para saldar dívida com empresa contratada para o serviço de limpeza pública, pelo prefeito, há dois anos, quando da *Operação Resgate da Cidade em 90 dias*. Um artigo na imprensa critica o desequilíbrio das finanças públicas, já que o prefeito propagava o equilíbrio financeiro como mérito da sua administração.<sup>653</sup>

650 *Nova Meta*. Sobral, 04 de maio de 1996.

651 *Correio da Semana*. Sobral, 05 de outubro de 1996.

652 Moralização do legislativo. *Correio da Semana*. Sobral, 23 de novembro de 1996.

653 Novo bloqueio do dinheiro da prefeitura. *Correio da Semana*. Sobral, 21 de dezembro de 1996.

Até o final de 1996, com o novo prefeito já eleito, Ricardo Barreto ainda não tinha sido julgado.<sup>654</sup> Em 2012, a Justiça Federal o absolveu no processo da PLANURB por falta de provas, e devolveu à Justiça Estadual da Comarca de Sobral o processo perpetrado pela Fundação Nacional de Saúde, a qual competiria apurar o crime que trazia prejuízo apenas ao Patrimônio Municipal.<sup>655</sup>

Na opinião de Ricardo Barreto ele foi vítima de perseguição política:

O prefeito, por exemplo, que não tem a Câmara, qualquer denúncia seja ela verdadeira ou não, se o prefeito não tiver a maioria e a oposição quiser afastar ela afasta. Aí pra você provar dentro daquele processo... aí demora. E principalmente na época quando eu fui prefeito, por isso que eu compute isso, por que o Ciro era governador, ele perdeu a eleição pra mim, ele com Zé Prado prefeito, ele como governador e com os deputados, todas as forças políticas eram contra mim. Então, acho que isso foi uma coisa que magoou, e sei que por causa disso houve um jogo de interesse muito grande. Comenta-se até que um dos meus vereadores foi vendido... Eu realmente só consegui governar dois anos. Com a fragilidade do poder judiciário, você conhece tanto quanto eu no Brasil, então é difícil. Você não pode admitir que um desembargador seja afastado por corrupção e depois volte a ser presidente do tribunal. Então, isso realmente é doloroso. Isso é uma coisa que não existe em país sério, mas existe no Ceará.<sup>656</sup>

Embora tenham conseguido continuar no poder municipal depois de 1985, quando a maioria dos aliados já tinha saído do poder, Prado e Barreto não tinham o que o sociólogo Josênio Parente chamou de fator externo. A Nova República e os jovens empresários não assistiam aos velhos chefes, e Tasso Jereissati, mesmo sendo aliado do grupo Ferreira Gomes, parece não ter investido em Sobral. Foram muitas as reclamações da falta de assistência do governador, nas duas gestões, ao município de Sobral, para o qual devia muitos votos. Sem prestígio e sem

654 *Correio da Semana*. Sobral, 30 de novembro de 1996.

655 PODER JUDICIÁRIO. Justiça Federal. Processo nº 94.0013880-6. Ação Criminal. Ministério Público Federal/ Francisco Ricardo Barreto Dias e outros, 19 de julho de 2002.

656 DIAS, Francisco Ricardo Barreto. Entrevista concedida à autora em 06 de janeiro de 2012.



recursos, Prado e Barreto não conseguiram manter a cidade no mesmo patamar de desenvolvimento. Embora não tenha sido tão brusca a mudança dos velhos para os novos chefes, os “novos” tempos pareciam cobrar novos atores.

Relembra-se, assim, a tese de Josênio Parente sobre a peculiaridade da cultura política cearense ao longo do séc. XX. Elites que se fortaleceram internamente, grupos coesos que se sobrepuseram uns aos outros por mais de uma década, sem, no entanto, terem relação de continuidade entre si. Mesmo com características semelhantes às velhas oligarquias nordestinas, a sua ascensão deve-se a fatores externos, *a interferência do poder da União*.<sup>657</sup>

A tese de Parente se aplica ao caso de Sobral. As três gerações de elites política sobralense, Dom José/José Sabóia/Chico Monte (1920-1962), Prado/Barreto (1962-1994) e Ferreira Gomes (1997 até os dias atuais) não têm relação de continuidade entre si. Os grupos Barreto e Prado conseguiram manter-se no poder por meio de duas facções da ARENA. Sendo ambos aliados da ditadura, garantiram recursos para o desenvolvimento da cidade entre 1963 e 1985, contudo não constituíam oligarquias. Apesar da presença familiar nos cargos eletivos, só em raros momentos fizeram um sucessor. Com o fim do período ditatorial, desapareceu o *fator externo*, ao qual Parente se referiu, o apoio do estado e da União, e, apesar de sobreviverem por mais uma década, o poder político dessas facções foi paulatinamente diminuindo.

Paralelamente, uma terceira facção foi se fortalecendo sob o apoio de novos representantes do estado (os empresários) e da União (a Nova República). Mais adequados ao processo de modernidade política e econômica perpetrado pelo PSDB e os partidos de esquerda, os Ferreira Gomes passaram a constituir a nova elite política, promovendo o enterro do último exemplar do projeto dos coronéis em Sobral, com a eleição de Cid Gomes e Edilson Aragão, em 1996. Para o ex-petista Osvaldo Aguiar, a esquerda criou as condições para a ascensão do grupo Ferreira

657 PARENTE, Josênio C. O Ceará e a modernidade. In: A Era Jereissati. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.p. 128.

Gomes.<sup>658</sup> Para o petista Edilson Aragão, a esquerda tinha consciência de que Ferreira Gomes não partilhava do projeto político da esquerda e tinham hegemonia nessa aliança, todavia reconhecia neles os líderes que mais se afastavam da direita.<sup>659</sup>

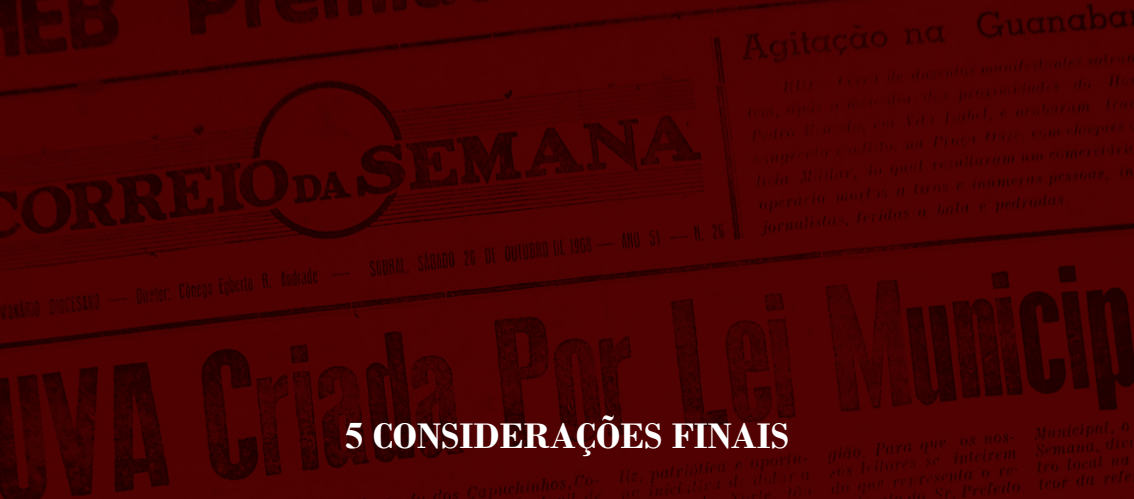
As proposições de Serge Bernstein acerca da cultura política, responde as inquietações desta tese sobre as razões do declínio do poder político de Prado e Barreto em Sobral. O autor diz que, na cultura política elaborada e difundida, a escala de gerações é um corpo vivo que continua a evoluir. Alimenta-se e se enriquece com as contribuições das outras culturas políticas, quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do presente e a evolução da conjuntura, não podendo, em nenhum momento, sobreviver a uma contradição demasiada forte com as realidades.<sup>660</sup> No contexto histórico de Sobral, em meados dos anos 80 e 90, a cultura política da geração de Prado e Barreto não encontrava mais alimento para manter-se viva, enquanto outra cultura política, que vinha sendo elaborada e difundida em paralelo, começava a ganhar coesão na coletividade cidadina.

---

658 AGUIAR, Francisco Osvaldo. Entrevista concedida à autora em 14 de novembro de 2012.

659 ARAGÃO, Francisco Edilson Ponte. Entrevista concedida à autora em 30 de novembro de 2012.

660 BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p 357.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período entre os anos de 1962 e 1996, quando a geração Prado e Barreto administrava o município de Sobral, a receita do município era ainda exígua e a sonegação de impostos atingia taxas elevadíssimas. Gerir uma cidade naquelas condições exigia dos “chefes” políticos muita habilidade para barganhar recursos em outras esferas do poder.

A filiação à ARENA, partido do Regime Militar, mesmo que fragmentado em sublegendas, foi um caminho frutífero que viabilizou recursos necessários para a execução de obras infraestruturais: o Distrito Industrial de 1981, a energia de Paulo Afonso, a adutora do açude Jai-baras, obras de saneamento e de comunicações, os conjuntos habitacionais Cohab I, II e III, investimento educacionais, como o ensino ginasial nas escolas municipais e a fundação da UVA. Além disso, criou as condições para instalação da Grendene, que é responsável pela maior arrecadação municipal atualmente.

As relações pessoais, mediadas pela parentela com postos nas forças armadas, no executivo federal e no poder judiciário, também foram muito úteis, principalmente para apaziguar os conflitos mais tensos entre *Arena Um*, de Prado, e *Arena Dois*, de Barreto, no episódio das *Doas Câmaras*, em 1968, e no afastamento de Ricardo Barreto em 1994.

Nepotismo, clientelismo, paternalismo, autoritarismo e assistencialismo deram o espírito e a matéria para esses grupos políticos, ou seja, compuseram a cultura política das suas administrações. O público e pri-

vado não se distinguiam. A residência e a prefeitura eram ambas local de trabalho. Não havia hierarquia entre o indivíduo e a coletividade. O voto era moeda de troca, material e moral/sentimental. Passado o mandato do chefe, o emprego, o prestígio moral e a assistência desapareciam com naturalidade, fato que fazia parte das regras do jogo, aceita quase sempre sem contestação: “na próxima eleição a gente volta”. Ser amigo do rico e defensor do pobre era o lema difundido por ambos os grupos.

Nas décadas de 1960 e 1970, essas práticas renderam resultados positivos para o desenvolvimento da cidade, porque estavam em perfeita sintonia com as esferas do poder estadual e federal, as quais requeriam apoio. Somente quando o contexto mudou, o elo se quebrou, e elas entraram em crise. Com o fim do regime militar e a ascensão da Nova República, em meados da década de 1980, houve uma desaceleração do desenvolvimento urbano, que ocorreu por diversos fatores.

A década de 80 foi marcada por uma grave crise econômica que afetou todo o país. Sem aliados no Governo Estadual e Federal, que era o que sustentava o município, não havia recursos. Acrescente-se a isso a entrada de novos atores na cena política, as esquerdas e a ascensão do grupo Ferreira Gomes. Esse último, embora não fosse novo, apropriou-se, com muita competência, da retórica da redemocratização, da Nova República, profissionalizando a administração pública e estando, portanto, mais bem sintonizados espiritualmente e materialmente com o novo momento.

O último representante da geração Prado/Barreto, o prefeito Ricardo Barreto, não carregava nem a habilidade política dos seus ancestrais nem a competência técnica dos seus concorrentes. A saga do entra e sai simbolizava esse embate entre o velho cansado e o novo bem disposto. É evidente que a Nova República e seus adeptos não constituíam uma geração propriamente nova, mas pretendiam apresentar uma “nova cultura política”, que era posta à prova. Mesmo não sendo efetivamente experimentada, o momento requeria novas ideias, novos atores que apontassem para a construção de outra história.

O grupo Ferreira Gomes e as esquerdas, apesar das divergências de projetos, identificaram-se a retórica dessa nova cultura política. Os primeiros, cautelosos, mais moderados, puderam contar com uma sólida base da tradição e do aparato financeiro. Os segundos, mais ousados, menos equipados, arriscaram experimentar. A aliança entre o grupo Ferreira Gomes e a esquerda foi um trunfo importante para ambos, embora o primeiro estivesse em vantagem.

A cultura política que embasou o exercício do poder de Prado e Barreto em Sobral se evidencia no perfil dos líderes das duas facções, traçado por diversos depoentes. Quando indagados sobre a existência de uma identidade política da geração de Prado e Barreto, os entrevistados foram enfáticos em afirmar que ambos compartilharam da mesma cultura política. Se há alguma diferença, não é entre uma facção e outra, mas dentro delas. Vários depoentes afirmaram que a primeira geração, comandada por Cesário Barreto (1963-1966) e Jerônimo Prado (1967-1970), foi a mais eficiente se comparada às que os sucederam. Mesmo dentro dessa primeira geração, é dada ênfase à liderança de Cesário Barreto, reconhecido, até mesmo pelos Prado, como grande administrador do Executivo Municipal.

Conclui-se que a afirmação de que Prado e Barreto promoveram três décadas de atraso na história de Sobral é uma leitura pouco abrangente da realidade, uma vez que se observam apenas as gestões de meados dos anos 1980/90, quando o projeto político já estava em crise. Esses grupos não foram uma exceção na história política de Sobral, eles apenas deram continuidade a uma cultura política em andamento na história da cidade, com os instrumentos e as estratégias do seu tempo.

Diante das imensas dificuldades enfrentadas na construção de uma primeira versão desse momento histórico de Sobral, se esse trabalho tiver conseguido apresentar um panorama inteligível da história política do município nessas três décadas, ele terá cumprido seu objetivo - criar as condições para que versões mais consistentes dessa instigante história venham a ser construídas.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. G. *Indústria e reestruturação sócio-espacial: a inserção de Sobral (CE) na divisão espacial da produção calçadista*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

ALVES, M. C. *Planejamento urbano e formação territorial – Sobral e suas contradições*. Campinas: Edições Territorial, 2011.

ARAÚJO, M. P. N. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Orgs.). *Revolução e democracia: 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (Coleção as esquerdas no Brasil, v. 3).

ARAÚJO, M. P. N. A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In: REIS, D. A.; RIDENTE, M.; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). *O golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.

ARAÚJO, F. S. Jerônimo Prado o herói da UVA. In: SOARES, J. T. (Org.). *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003.

BARROS, J. D. *Cidade e história*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BERNSTEIN, S. A cultura política. In: RIOUX, J.; SIRINELLI, J. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BEZERRA, V. P. *Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo: o MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

BEZERRA, V. P. *Memória política de Sobral: ditadura militar em foco (1963-1970)*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2005.

BOBBIO, N. *Direita e esquerda*. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1995.

BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

BONITO, M. A. *Lions Clube – Serviço e poder*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Campinas. São Paulo, 1994.

BRITO, F. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? *Revista de estudos históricos – Cultura e História Urbana*, Rio de Janeiro, n. 16, Ano 1995/2.

BRUNO, A.; FARIAS, A.; ANDRADE, D. *Os pecados capitais do Cambeba*. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2002. 204p. (digital).

CARVALHO, J. M. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. *Revista brasileira de história*, São Paulo, n. 2, 1997.

CARVALHO, R. V. A. Virgílio, Adauto e César Cals: a política como arte da chefia. In: PARENTE, J.; ARRUDA, J. M. (Org.). *A Era Jereissati: modernidade e mito*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

CARVALHO, R. V. A. Coronelismo e neocoronelismo: eternização do quadro de análise política do Nordeste? *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 3, n. 3, p. 193-206, jul./dez., 1987.

CARVALHO, F. P. M. *Memórias do movimento estudantil em Sobral: a Ditadura Militar em Foco (1964-1970)*. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2010.

CASTRO, W. *No tom da canção cearense – do rádio e tv, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979)*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

CAVALCANTE, A. H. *Sociedade sobralense vultos em destaque*. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004.

COSTA, L. *Clero, nobreza e povo de sobral*. Brasília: Senado Federal, 1987.

COSTA, L. *Sobral, cidade de cenas fortes*. Rio- São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003.



DEL RIO, V. Os anos 60: contexto para mudanças disciplinares. In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.

DELGADO, L. A. N. Diretas já: vozes da cidade. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FARIAS, A. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007.

FARIAS, A. *História da sociedade cearense*. Fortaleza: Livro Técnico, 2004.

FERREIRA NETO, C. *Estudos de história Jaguaribana*. Fortaleza: Premium, 2003.

FERREIRA, J. *Revolução e democracia – 1964...* RJ: Civilização Brasileira, 2007

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista brasileira de História*. São Paulo: ANPUH. n° 47. Jan.-Jun., 2004.

FREITAS, N. A. *Sobral: opulência e tradição*. Sobral-CE: Edições UVA, 2000.

GIRÃO, G. G. S. Mont`Alverne. *As transformações sócio-culturais em Sobral (1870-1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE, 2001.

GIRÃO, G. G. S. Mont`Alverne. SOARES, M. N. M. *Sobral história e vida*. Sobral: Edições UVA, 1997.

GONDIM, L. M. P. *Clientelismo e modernidade nas políticas públicas – os “governos das mudanças” no Ceará (1987-1994)*. Ijuí-RS: Editora UNIJUÍ, 1998 (Coleção Outros Diálogos).

GRINBERG, L. Uma memória política sobre a Arena: dos “revolucionários de primeira hora” ao “partido do sim, senhor”. In: REIS, D. A.; RIDENTE, M.; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). *O golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004.

HOLANDA, H. *Os festivais de música e a musicalidade dos professores*. Monografia (Pós-Graduação em Música). CEFET, Fortaleza-CE, 2008.

HOLANDA, V. C. C. *Modernizações e espaços seletivos no nordeste brasileiro. Sobral: conexão lugar/mundo*. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HOLANDA, V. C. C. *Dinâmica sócio-espacial de uma cidade média/ Sobral-CE*. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2000.

IGGERS, G. History and the challenge of postmodernism. In: IGGERS, G. *Historiography in the Twenty Century: from scientific to the post-modern Challenge*. Hanover; London: Wesleyan University Press, 1997, p. 97-146.

JUNIOR, M. M. *Cidades médias: uma abordagem da urbanização cearense*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Fortaleza-CE, 2003.

LEMENHE, M. A. *Família, tradição e poder: o (caso) dos coronéis*. São Paulo: UFC, 1995 (Selo Universidade: 44).

LIMA NETO, J. *Sobral e a administração de Jerônimo Medeiros Prado*. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2009.

LIMA, C. B. *O Homem é o Quinca*. Fortaleza: Premium, 2011.

LIMA, C. B. *Estórias e História de Sobral*. 2.ed. Sobral: Imprensa Oficial do Município, 2004. 245p.

LIMA, C. F. *A construção do Ceará – temas de história econômica*. Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2008.

LIMA, D. *Impactos e repercussões sócio-econômicas das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)*. 2004. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAIA JÚNIOR, E. A. *Memórias de luta: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969)*. Fortaleza, UFC, 2008.

MARTIN, I. *Os empresários poder – o projeto político do CIC (1978-86)*. Fortaleza: Secretaria de Desporto do Estado do Ceará, 1993 (Série monografias, 1).

MARTINS FILHO, J. R. O movimento estudantil nos anos 1960. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Orgs.). *Revolução e democracia – 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

- MENDES, R. A. S. *Visões das direitas no Brasil (1961-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2003.
- MONTENEGRO, A. T. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MOTA, A. *História política do Ceará. 1947-1966*. Rio-São Paulo – Fortaleza: ABC editora, 2005.
- MOTTA, R. P. S. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Orgs.). *Revolução e Democracia – 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (Coleção As Esquerdas no Brasil, v 3).
- MOTTA, R. P. S. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*: Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MUNIZ, A. C. *Movimento estudantil e Estado Novo*. s.n.t. 24p.
- NAPOLITANO, M. Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968). In: REIS, D. A.; RIDENTE, M.; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). *O golpe militar e a ditadura: 40 anos depois*. São Paulo: Edusc, 2004.
- OLIVEIRA FILHO, J. G. *A cidade e as mulheres de Sobral no jornal correio da Semana*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2005.
- OLIVEIRA, F. de. Ditadura militar – a redundância autoritária. In: REIS, D. A.; RIDENTE, M.; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). *O golpe militar e a ditadura: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru-SP: Edusc, 2004.
- OLIVEIRA, J. E. *Nem um dia sem uma linha: a oficina de trabalho do Padre Osvaldo Carneiro Chaves*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.
- PARENTE, F. J. O Ceará dos coronéis (1945-1986). In: SOUZA, S. de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- PARENTE, F. J. O Ceará e a modernidade. In: PARENTE, F. J. *A era Jereissati*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.
- PESAVENTO, S. J. História e história cultural. *Revista de Estudos Históricos*. Cultura e História Urbana. Rio de Janeiro: CPDOC, 1995.
- PRADO, L. C. D.; EARP, F. S. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973).

In: PRADO, L. C. D. *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura. FERREIRA, Jorge Ferreira; DELGADO, Lucília de A. (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RABELO FILHO, J. V. *Uma Sobral, muitas cidades: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966)*. Monografia (Licenciatura em História), Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2009.

RAMALHO, B. *Foi assim! O movimento estudantil no Ceará (1928-1968)*. Rio-São Paulo-Fortaleza: ABC Editora, 2002.

REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. *O Século XX – o tempo das crises*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, V. 2.

REMOND, R. Do político. In: REMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

RIBEIRO, P. M. *Da Santa Maioria à Taperuaba: um breve estudo da oligarquia Barreto no distrito de Taperuaba (1962-1992)*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2001.

ROCHA H. *O lado esquerdo do rio*. São Paulo: Hucitec, 2003.

RODRIGUES, A. H. V. *Especulação imobiliária na cidade de Sobral, Ceará: um estudo dos loteamentos Morada do Planalto e Rosário de Fátima*. Fortaleza: UECE, 2012.

ROSANVALLON, P. Por uma história conceitual do político, p. 12. In: *Revista Brasileira de História*. v. 15, n. 30, p. 9-22, São Paulo, 1995.

ROUANET, S. P. *Razões do iluminismo*. São Paulo: São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RYKWERT, J. *A sedução do lugar*. A História e o futuro da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, C. A. P. *Cidade Vermelha*. A militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE (1927-1950). Fortaleza, 2007 (Coleção Mundos do Trabalho).

SANTOS, C. A. P. *Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE (1920-1970)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

- SANTOS, E. F. *Existir -fazendo, atuando: o movimento teatral na cena sobralense (1983-1996)*. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2012.
- SANTOS, M. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SCHMITT, R. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000 (Coleção Descobrimdo o Brasil).
- SERRA, G. *Urbanização e centralismo autoritário*. São Paulo: / EDUSP, 1991.
- SILVA JÚNIOR, A. S. *Cidades sagradas: a Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009.
- SILVA, J. A. *A expansão urbana de Sobral: agentes sociais, processos e formas espaciais da cidade (1960-1996)*. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Sobral, 2000.
- SILVEIRA, E. M. *Naufração de uma cidade*. Franca, SP: UNESP, 2000.
- SOARES, J. T. (Org.). *Jerônimo Prado e o Ensino Superior em Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2003.
- SOARES, J. T. *A idéia de modernidade em Sobral*. Fortaleza: Edições UFC/Edições UVA, 2000.
- TEIXEIRA, F. J. S. *CIC*. A “razão esclarecida” da FIEC. Fortaleza: 1994 (mimeo).
- UHLE, Á. B. *Comunhão Leiga: o Rotary Club no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Campinas, São Paulo, 1991.
- VENTURA, Z. *1968 - o ano que não acabou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.



## FONTES DOCUMENTAIS

### Periódicos

*Correio da Semana*. Sobral, 1964, 1965; 1966; 1967, 1968, 1969, 1970, 1973, 1974, 1975, 1979. NEDHIS-UVA, Sobral-CE; Acervo Tancredo A. Brito.

*Correio da Semana*. Sobral, 1980. Acervo Jornal Correio da Semana. Diocese de Sobral-CE.

*Correio da Semana*. Sobral, 1983, 1984, 1985, 1986. NEDHIS-UVA, Sobral-CE.

*Correio da Semana*. Sobral, 1987, 1988, 1989, 1990, 1993, 1994, 1995 e 1996. Acervo Jornal Correio da Semana. Diocese de Sobral-CE.

*Correio do Ceará*. Fortaleza, 1975. Acervo José Maria Soares. MUSEU D. JOSÉ. Sobral-CE.

*Nova Meta*. Sobral, 1995 e 1996. NEDHIS-UVA, Sobral-CE.

Revista *Veja*. São Paulo, 18 de out. de 1995. Disponível em: [www.veja.abril.com.br/acervodigital](http://www.veja.abril.com.br/acervodigital).

*Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 1973 e 1978. Acervo José Maria Soares. Museu Dom José. Sobral-CE.

*O Debate*. Órgão das Alunas do Ginásio Santana. Sobral, 1975; 1985. NEDHIS-UVA, Sobral-CE.

*Coluna da Hora*. Sobral, 1986; 1987. NEDHIS-UVA, Sobral-CE.

*A Tesoura*. Órgão da 1ª série de 2º grau do Colégio Sobralense. Encarte da Tribuna do Ceará produzido por estudantes do Sobralense, 1975. NEDHIS-UVA, Sobral-CE.

*Risadinha*. Revista crítica, humorística, noticiosa e literária (1979-1981). Sobral, 12 de out. de 1979. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

*Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 1968; 1973. Acervo Maia Jr.

*Mensagem*. Periódico para notícias da família Barreto e afins. Sobral, 1975. NEDHIS-UVA, Sobral-CE.

*Capital Norte*. Sobral, 29 de maio de 1999. Acervo da autora.

*Diário do Nordeste*. Fortaleza, 1999; 2003; 2004; 2005.

*O Povo*. Fortaleza, 1967; 1968; 1976; 1977. Acervo Biblioteca Nacional. RJ; Biblioteca Municipal Menezes Pimentel, Fortaleza-CE; Acervo José Maria Soares. MUSEU DOM JOSÉ. Sobral-CE.

## Entrevistas

AGUIAR, Francisco Osvaldo. Entrevista concedida à autora em 14 de novembro de 2012.

ARAGÃO, Francisco Edilson Ponte. Entrevista concedida à autora em 30 de novembro de 2012.

CHAVES, Osvaldo. Entrevista concedida à historiadora Viviane Bezerra Prado e em 23 de julho de 2004

CONSTÂNCIO, Raimundo. Entrevista concedida à autora em 27 de fevereiro de 2011

DIAS, Francisco Ricardo Barreto. Entrevista concedida à autora em 06 de janeiro de 2012.

FAÇANHA JÚNIOR, Aldenor. Entrevista concedida à autora em 13 de dezembro de 2012.

FERREIRA, Gilvan Azevedo Ferreira. Entrevista concedida autora em 22 de fevereiro de 2011.

LOPES, Francisco. Entrevista concedida à historiadora Viviane Bezerra em 07 de julho de 2004.



LOPES, Vicente. Entrevista concedida à autora em 07 de dezembro de 2010.

MELO, João Abdelmoumen. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra em 2004.

MOURA, Edvar Pereira. Entrevista concedida à autora. Sobral, 26 de novembro de 2010.

PAIVA, João Ribeiro. Entrevista concedida à autora em 17 de agosto de 2010.

PONTES, José Linhares. Entrevista concedida à autora em 23 de novembro de 2012.

PRADO, Marco Antonio Barroso. Entrevista concedida à autora em 10 de dezembro de 2012.

SABÓIA, Francisco. Entrevista concedida à autora em 03 de novembro de 2006.

SALES, Paulo Graco. Entrevista concedida à autora em 15 de setembro de 2010.

VAN 'OOL, Pedro. Entrevista concedida à historiadora Viviane Prado Bezerra em 07 de julho de 2004.

## **Internet**

a) Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Secretaria de Informática. Coordenação de estatística e Informações eleitorais. Seção de Estatísticas. Eleições Municipais de 15 de novembro de 1966, 1970, 1972, 1976, 1982, 1988 – Município de Sobral. Disponível em [www.tre-ce.gov.br](http://www.tre-ce.gov.br). Acesso em 20 de junho de 2011.

b) Mapa de Sobral. Disponível em [www.sobral.ce.gov.br](http://www.sobral.ce.gov.br). Acesso em 30 de março de 2011.

c) *Comissão Especial de Anistia Wanda Rita Othon Sidou*. Disponível em [www.ceara.gov.br](http://www.ceara.gov.br). Secretaria de Justiça. Acesso em 19 de junho de 2011.

d) Biografia de Pedro Oliveira Filho. Disponível em [Jornalcorreiodasemana.com](http://Jornalcorreiodasemana.com). Acesso em 27 de setembro de 2012.

e) Biografia de José Parente Prado. Disponível em [souchocolatee-naodesisto.blogspot.com](http://souchocolatee-naodesisto.blogspot.com). Acesso em 27 de setembro de 2012.

f) Diário Oficial da União. Seção I – Parte I – *Ato Complementar nº 82* de 23 de abril de 1970. Suspende o recesso da Câmara de vereadores do município de Sobral, no estado do Ceará. Ano CVII – nº 76. Capital Federal – Sexta Feira, 24 de abril de 1970. Disponível em [www.gedm.ifcs.ufrj.br](http://www.gedm.ifcs.ufrj.br).

g) Biografia de Tito Alencar. Disponível em [www.torturanunca-mais-rj.org.br](http://www.torturanunca-mais-rj.org.br). Acesso em 19 de junho de 2011.

h) Biografia de Juarez Távora. Disponível em [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br). Acesso em 30 de março de 2011.

i) IBGE. Censo de 1970.

j) IBGE. Censo de 2010.

## Documentos do Poder Legislativo

a) CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Projeto de Lei nº 26/65*. Sobral, 28 de outubro de 1965.

b) CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Atas*. 1967, 1968, 1987, 1993, 1994, 1995. Acervo da Câmara Municipal de Sobral.

c) CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL. *Ofício nº 057/84*. Sobral, 03 de abril de 1984.

## Documentos do Poder Judiciário

a) Abaixo-assinado dos vereadores da Câmara Municipal de Sobral endereçado a 10ª Região Militar, datado de 22 de maio de 1964. Autos de Inquérito Policial Militar. Fortaleza, 11 de junho de 1964. Acervo *Associação Anistia 64/68* - Jurídico e memória. Fortaleza-CE.

b) Ministério da Guerra. IV Exército. 10ª Região Militar. Radiograma oficial solicitando ao Prefeito Municipal de Sobral – Cesário Barreto Lima depor em Inquérito Policial Militar no 23º BC. Fortaleza, 16 de junho de 1964. Acervo Associação Anistia 64/68, Fortaleza, Ce.

c) JUSTIÇA MILITAR. Departamento de Ordem Pública e Social. Secretaria de Polícia e Segurança Pública – SPSP. Seção de Inves-

tigação e Segurança Política – SISP. Dossiê do processo de Indenização de João Sales. Acervo Associação Anistia 64/68. Fortaleza-CE.

d) CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório de Viagens a Sobral*. 14 de dezembro de 1967. 5p.

e) CEARÁ. Secretaria de Polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. *Relatório*. Sobral, 23 de setembro de 1968. 3p Panfleto Anexo (Datilografado). Acervo APEC, Fortaleza-CE.

f) DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. Dossiê da Delegacia de Ordem Política e Social/Ceará-Sobral. *Inquérito nº 41*. Indiciado Francisco Alves de Oliveira. Início 10 de setembro de 1969. Acervo Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Fortaleza-CE.

g) PODER JUDICIÁRIO. Justiça Federal. Processo nº 94.0013880-6. Ação Criminal. Ministério Público Federal/ Francisco Ricardo Barreto Dias e outros, 19 de julho de 2002.

## **Documentos do Poder Executivo**

a) BOLETIM da Prefeitura Municipal de Sobral. Sobral, 27 de outubro de 1999, ano III. Edição especial. Acervo da autora.

b) INFORMATIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. Administração Moderna – Caminhando Com O Povo. Sobral, 1992. Acervo da autora.

c) CEARÁ. Secretaria de Planejamento e Coordenação. Sobral, 1977. 27p.

d) PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL. Plano Diretor de Sobral. Sobral, 1967.

e) CEARÁ. Companhia de Desenvolvimento Industrial. Plano Diretor do Distrito Industrial de Sobral. Fortaleza, 1981. 154p. Ilust. Tab. Graf. (Publicação CDI-CE, nº 16). Acervo da autora.

f) FILHO, Craveiro (Org.) *O Centenário* – álbum histórico comemorativo do 1º centenário da cidade de Sobral – 1841. Sobral, 1941. Acervo NEDHIS-UVA, Sobral.

g) Álbum do Bicentenário da Vila - 1973. Acervo Padre João Mendes Lira. Museu Dom José. Sobral-CE.

h) Acervo Virgílio Távora. Organização Partidária. Arena. Fortaleza, 1967/1978 (Documento sem nota tipográfica). Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC. Fortaleza-CE.

i) IBGE. Censo de 1970.

j) IBGE. Censo de 2010.

## Iconografia

1. Mapa de Sobral no Ceará.
2. Cesário Barreto Lima, ex-prefeito de Sobral (1962-66).
3. Jerônimo Medeiros Prado, ex-prefeito de Sobral (1967-70).
4. Vereadores da Câmara Baixa (Pradistas).
5. Vereadores da Câmara Alta (Cesaristas).
6. Foto de Cesário Barreto, ao lado dos ferroviários num movimento grevista vitorioso.
7. Cartaz de campanha eleitoral do ano 1962, na cidade de Sobral. Cesário Barreto, ao lado de seus correligionários políticos.
8. Dom Antonio Batista de Fragoso, bispo de Crateús-CE (1964-1984).
9. Mapa da Guerrilha no Ceará.
10. Capa do jornal de lançamento das matérias sobre a ditadura no *Diário do Nordeste*.
11. Matéria sobre o questionamento dos militares às reportagens do *Diário do Nordeste*.
12. Apoio de instituições sociais às matérias do *Diário do Nordeste*.
13. Convite de formatura dos Humanistas de 1967 do Colégio Sobralense.
14. Raimundo Constâncio, filho de Chagas Albertino, militante comunista em Sobral.
15. João Sales, militante do PCB.
16. Notícia da prisão de João Sales.
17. Cartaz do II Festival do Mandacaru, 1976.

18. Visita do Presidente Castelo Branco à Sobral, 1965.
19. UVA - Campus da Betânia, anos 90.
20. José Parente Prado, ex-prefeito de Sobral.
21. Cartaz da Festa do Bicentenário da Vila de Sobral, 1973.
22. José Euclides Ferreira Gomes Júnior, ex-prefeito de Sobral.
23. Joaquim Barreto Lima, ex-prefeito de Sobral.
24. Capa do disco com as músicas de campanha de Joaquim Barreto (1982).
25. Francisco Ricardo Barreto Dias, ex-prefeito de Sobral (1993-94).
26. Aldenor Façanha Júnior, ex-prefeito de Sobral (1995-96).
27. Cartaz da peça *A saga de Entra e Sai no Reino dos Sobrados*.
28. 1ª Passeata Cívica por uma Sobral melhor.



Este livro foi composto em fonte Times New Roman,  
em e-book formato pdf, com 292 páginas  
Setembro de 2021



# Sobral Crescerá Mais em 1968

## Sentido Uni

ENCONTRAM bispos, sacerdotes de conjunto, religião de redonda revisão tidos no ano que falhas observadas, melhor e mais rápido de Deus.

A maturidade zontes permitindo a forma estas aptidões universal e mais coevangelizar que é p

OS bispos saem de este momento diálogo existencial cristão tomar conselha o Bispo, Vigário pois porque estão ra num esforço de tre a hierarquia te salvação pela med entre os leigos que dentora, testemunh salvação pela med sentando o aspecto siondria.

DIALOGO por busca de roteiros n aspectos vocaciona possibilidades, na poder, de privilég Igreja não se deve Igreja local indepe parquia.

QUANTOS in setarismos, quest passado a imatur A Igreja ama contrair o sentido MULTIPLIQU a de Pacatuba.

Eu escrevi estes versos  
De maneira especial  
Falando um pouco da história  
Política de Sobral  
No tempo Prado e Barreto  
No seu comando geral

Situada a Noroeste do  
nosso cearázão  
Ao longo da sua história,  
sempre chamou atenção  
Estando entre as mais importantes  
Cidades da região

Sobral teve ditadura  
Mas também oposição  
Teve crise econômica  
E industrialização  
Teve entra e sai de prefeito  
E muita conciliação.

Visitar cidade boa é bom que a gente vá  
Bela Sobral, se eu pudesse estaria morando lá  
Que a UVA continue iluminando esse lugar.

A grande Edvanir Maia mora naquela cidade  
Professora e escritora, Deus lhe dê felicidade  
E continue contribuindo com toda a sociedade

Francisco Soares da Silveira – Poeta.

quica, para os sociólogos políticos desta Região.

A guisa de reflexão, como simples amador, sem nenhuma pretensão, ouso delatar a descoberta de alguns fatos constantes desta história de 222 anos.

Sem preocupação hierárquica, percebe-se que desde os seus primórdios, os habitantes da velha Caçara, traziam consigo o propósito de legar aos seus descendentes a educação, compreendendo-se com o termo não só a instrução, mas a formação do homem todo. As famílias de origem genuinamente sobralenses podem contar do esforço que seus maiores fizeram para educar seus filhos, não só com os recursos existentes no próprio meio, buscando também outros parâmetros com melhores condições para alcançar este intento.

de padronização de comportamento, e um certo comprometimento vazado no decoro, no respeito nas boas maneiras. Apoiando estes elementos, muito concorre a influência religiosa cristã, já que os maiores formadores educadores foram os pad

ISBN 978-856796048-7



788567 960487

de segurança, mas que ainda não tivemos nesta cidade. Para o despojo coletivo que lentamente se vai tornando um ridículo íronico de 1968, qual o prefeito de paratubos hora de debucamento das causas responsáveis a este fenômeno. Sobre qual a culpa? Onde se encontrar a viva da comunidade? Onde ficamos inertes, sem ações definitivas?

Não sabemos o que ainda nos aguarda certamente se não ganhamos o transe doloroso e as imposições que humilham a nossa Pátria.

Que este 5 de Julho seja uma chamada de alerta que acorde a população de Sobral.

Sinceramente, os últimos acontecimentos políticos envergonham a quem tem um mínimo de senso de cidadania. Em toda a história de Sobral, nunca a comunidade foi tão

Do. Teremos dezenas oportunidades de empregos e as notas extras das ligadas com as cidades mais longas e oscarizadas. Somos portadores da cidade do futuro emissor. Sobral será a Sobral.

anco de Sobral S/A  
stalará Agência em  
a dia- maior homem  
rio de gos abertos.

decisão d



tumulto da 1ª passeata c

o a desistência da participaviam confirmado presença missão cumprida. O único que não discursou forte e insistência do povo sobralense, depois de ter recusado de dar um apito fin

## CARTÓRIO PEDRO MENDES

Organização de...

## Dispositivo Para Elizabeth I

Dispo- lo DOPS Polícia Federal, Força Pública e a da Guarda Civil, além da Aeronáutica que garantirá o policiamento.